GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

CADERNO de PRÁTICAS

EDUCAÇÃO DO CAMPO

POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Caderno de Práticas da Educação do Campo e dos Povos e Comunidades Tradicionais

Vitória, 2024

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Caderno de Práticas

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Governador José Renato Casagrande
Vice-governador Ricardo de Rezende Ferraço

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO
Secretário Vitor Amorim de Angelo

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
Subsecretária Andréa Guzzo Pereira

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DO CAMPO, INDÍGENA E QUILOMBOLA
Gerente Aline de Freitas Dias
Subgerente Jania Aranda Correa Raimondi

ORGANIZAÇÃO
Andréa Guzzo Pereira
Aline de Freitas Dias
Jania Aranda Correa Raimondi

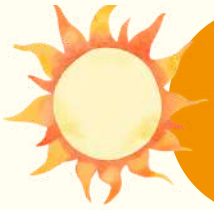
REVISÃO DA REDAÇÃO
Eloá Carvalho Pires
Marcia Helena do Nascimento
FOTOS
Juliana Romano

PRODUÇÃO GRÁFICA
Jorcy Foerste Jacob
Liliane Tesch

PRODUÇÃO PEDAGÓGICA - GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DO CAMPO, INDÍGENA E QUILOMBOLA

COLABORADORES
Alex Sandro Zorzal Vargas
Ana Paula Azevedo Moura Careta
Jorcy Foerste Jacob
Jorge Vinícius Monteiro Vianna
Juliana Romano
Liliane Tesch
Luanne Lima Ferreira
Marcia Helena do Nascimento
Monique Santiago de Carvalho
Sara Kaliana de Almeida Ferreira

Sumário



APRESENTAÇÃO

Apresentação 7



1. INTRODUÇÃO

Caderno de Práticas Educação do Campo 8



2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

História da Educação do Campo no Brasil: Lutas Sociais, Movimentos e Legislação 10



3. EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ESPÍRITO SANTO

Educação do Campo no Espírito Santo: Contexto Histórico e Normativas 15



4. PRÁTICAS RELACIONADAS A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Práticas relacionadas à Educação do Campo 20

4.1 PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DA REDE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO **21**

- *Metodologia Integrativa para o Ensino do Plantio de Cacau: Valorização da Cultura Local e Sustentabilidade* **22**
- *Instrumentos da Pedagogia da Alternância para recuperação da Aprendizagem dos(as) Estudantes* **28**
- *Reaproveitamento dos dejetos de bovinos e aves para produção de biofertilizante aeróbio* **34**
- *Da Ancestralidade para a atualidade* **40**
- *Prática Interdisciplinar em Etnomatemática no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Águia Branca* **46**
- *Bosque dos Ipês e Preservação de Nascentes* **52**
- *Avaliação Final: Uma Abordagem Prática para Desenvolvimento da Iniciação Científica* **58**
- *Agroecologia e Educação: A utilização dos Microrganismos Eficientes na Horta Escolar* **64**
- *Caminhos para Inclusão de Surdos em uma Escola de Assentamento* **70**
- *Revelando a Riqueza da Cultura Africana para Combater os Preconceitos Étnicos Raciais* **75**
- *Agrossonix: Ondas Ultrassônicas, a Física e a Pesquisa da Escola na Agricultura* **81**
- *Tarde Literária* **87**
- *Literatura em 1 Minuto* **93**
- *Projeto Leitura para Todas(os)* **99**
- *A Horta como Espaço de Aprendizagem* **105**
- *EcologicaMentes* **111**
- *(Re) Existência: Povos Negros e Originários* **117**
- *SER Brasileiro - Histórias do Brasil* **123**
- *Horta Escolar: Um espaço pedagógico interdisciplinar* **129**
- *Relatos das Memórias Culturais* **136**

5. PRÁTICAS RELACIONADAS AOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

5.1 POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO DA REDE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO **144**

- *Educação e Sustentabilidade: o papel das plantas medicinais na cultura e identidade dos povos originários com foco nas leis 11.645 e 10.639* **149**
- *Rosa dos Ventos Quilombola* **155**
- *Vivência para a Sustentabilidade com estudantes de uma comunidade pomerana* **161**
- *Soletrando Quilombola* **167**
- *A prática etnográfica na (re)construção social dos(as) educandos(as): imersão nos processos organizados Comunitários de um território quilombola como ação didática* **174**
- *Meliponicultura* **180**
- *O Som que Somos* **186**
- *Artes Nato* **193**



6.PRÁTICAS SUGERIDAS PELA GEACIQ

6.1 PRÁTICAS SUGERIDAS GEACIQ **201**

- *Forhexa (Enfeitiçar, Embruxar): Reencantando mundos através das mulheres pomeranas* **202**
- *Educação do Campo na valorização da Agricultura Familiar* **209**
- *Prática Educacional sobre Reflorestamento Ciliar* **215**
- *Prática Educacional sobre Criação de uma Economia Solidária* **221**
- *Prática Educacional sobre Pescadores(as) Artesanais e Ribeirinhos* **227**
- *Prática Educacional sobre Povos Indígenas* **233**
- *Prática Educacional sobre as Comunidades Quilombolas* **239**

Apresentação

Geaciq

> [Na palavra há] duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.
>
> Paulo Freire

É com muita alegria que nós, da Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (Geaciq), apresentamos o Caderno de Práticas da Educação do Campo e Povos e Comunidades Tradicionais. Esperamos que ele seja como a luz do sol que energiza as plantas e faz nascer sementes e flores. Sabemos que práticas exitosas e inovadoras são desenvolvidas cotidianamente nas escolas estaduais do Campo, por isso trazemos esse caderno com a pretensão não só de compartilhá-las e torná-las visíveis, mas também como forma de valorizar e reconhecer todo o trabalho das equipes envolvidas no processo de desenvolvimento das ações educativas.

Acreditamos que toda a educação escolar tem muito a aprender com as escolas do Campo, pois elas nunca foram feitas apenas de suas paredes, mas também construídas a partir da luta pela terra e por políticas públicas, realizadas pelos movimentos e organizações sociais do Campo no Brasil. Elas se sustentam no diálogo com a comunidade escolar, com a valorização dos saberes locais e da prática transformadora. Nessa perspectiva, as escolas do Campo destinam-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, indígenas, pomeranos, pescadores artesanais, extrativistas, ribeirinhos, entre outros.

Contemplando essa diversidade de práticas, produzimos nos capítulos iniciais uma abordagem histórica da Educação do Campo no Brasil e no Espírito Santo. Dedicamos também um capítulo para práticas produzidas com os povos e as comunidade tradicionais, conforme o inciso 2º do Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Além disso, ao final de cada prática, trazemos a sessão *Falando nisso!* na qual sugerimos outros materiais pertinentes à ação apresentada. E reservamos, para o último capítulo, um espaço para compartilhamento de práticas sugeridas pela Geaciq.

Esperamos que as ações aqui compartilhadas possam ser fonte de inspiração para novas práticas transformadoras nas escolas! Boa leitura!

Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola



1.Introdução ao Caderno de Práticas da Educação do Campo



Plante.
Prepare a terra com carinho, semeie com doçura,
regue com devoção,
proteja com amor, e sinta-se feliz em fazer tudo isto,
porque nesta vida a colheita nem sempre será tua,
mas a ação de plantar, em si,
é que consiste no verdadeiro bem.

Augusto Branco

O Caderno de Práticas é um material que busca sistematizar e compartilhar as experiências pedagógicas dos(as) professores(as) das escolas do Campo e inspirar os(as) educadores(as) capixabas. Esperamos que a leitura dele seja como o processo de preparação do solo para o plantio. O(a) professor(a), ao ler estas propostas de práticas, analisa o terreno do conhecimento, compreende suas possibilidades e desafios. Ele então "prepara" o espaço para suas ações pedagógicas, adaptando os ensinamentos ao contexto de atuação, como um agricultor que prepara a terra para receber as sementes. Como resultado, desejamos que brotem de maneira significativa, como uma plantação bem cuidada, frutos para o desenvolvimento e o aprendizado dos(as) estudantes.

Contextualização da Educação do Campo

A Educação do Campo faz parte do território do Campo. “No campo”, porque o povo tem direito de ser educado(a) no lugar onde vive, “do campo”, porque o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação. Logo, deve-se reconhecer as especificidades culturais, sociais, políticas e econômicas das comunidades camponesas e dos seus territórios. A Educação do Campo propõe práticas pedagógicas contextualizadas, voltadas para a autonomia e a valorização dos saberes locais. Nesse cenário, o Caderno de Práticas se apresenta como um instrumento para documentar e sistematizar essas abordagens, possibilitando que elas sejam conhecidas e replicadas por outros(as) educadores(as). Nesse sentido, o Caderno de Práticas visa consolidar ações pedagógicas que, ao mesmo tempo em que respeitam as particularidades do Campo, promovam uma educação crítica e transformadora.

Objetivos do Caderno de Práticas

Os principais objetivos do Caderno de Práticas são:

- Valorizar o saber docente, fortalecendo a identidade dos(as) professores(as) como agentes de transformação.
- Promover o compartilhamento de metodologias e estratégias de ensino entre os(as) educadores(as), contribuindo para a melhoria contínua da Educação no Campo.
- Sistematizar as práticas pedagógicas, de forma que possam ser replicadas ou adaptadas para outras realidades.



A Estrutura do Caderno de Práticas

O Caderno de Práticas é composto por práticas escolares, relatos, pesquisas e propostas pedagógicas já aplicadas pelos(as) professores(as) que atuam nas escolas do Campo. As práticas em si, estão divididas em três sessões temáticas que abordam a Educação do Campo, os Povos e Comunidades Tradicionais e as Práticas Sugeridas Geaciq.

Conforme a Resolução CEE N° 3.777/2014, que instituiu as Normas para o Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo, e a Resolução CEE-ES Nº 6.596/2022, que aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, são específicas e obrigatórias em todas as escolas do Campo as seguintes práticas educativas: Ciências Agroecológicas; Hortas Escolares; Pesquisa e Intervenção; Interdisciplinaridade; Tema Gerador; Economia Solidária e Autonomia. Com esta perspectiva, as práticas selecionadas abordam diversas áreas de conhecimento com o desenvolvimento de atividades que incentivam a vivência dentro e fora do espaço escolar. Os temas gerais são: Práticas Agroecológicas e Sustentáveis; Cultura, Identidade e Saberes Populares; Educação Ambiental e Conservação; Práticas de Alfabetização e Letramento no Campo e Pedagogia da Alternância.

Metodologia de Sistematização

A construção do Caderno de Práticas segue um olhar metodológico colaborativo, envolvendo a participação ativa dos(as) professores(as) que atuam nas escolas do Campo. Essa troca de experiências permite que o material reflita a diversidade de realidades presentes nas comunidades campesinas e as múltiplas formas de trabalhar a Educação no Campo na rede estadual do Espírito Santo.

Usamos a Inteligência Artificial (IA) para ampliações e resumos na aplicação das práticas trabalhadas neste material.

As práticas são descritas em tópicos para facilitar a análise e adaptação delas pelos(as) professores(as) leitores(as). Na introdução, é apresentado o contexto da escola, da comunidade e sua relação com o relato pedagógico. No outro tópico, são indicadas as áreas e os componentes curriculares (disciplinas) envolvidos. Em seguida, o tema integrador e/ou gerador e/ou temática do componente curricular. Também são apontadas as séries envolvidas e as palavras-chave que sintetizam ideias ou temas centrais de um texto. O próximo tópico ressalta as habilidades e o outros objetos do conhecimento, conforme o currículo do Espírito Santo. A metodologia também tem um item próprio, assim como a problematização, as considerações finais e as referências bibliográficas.

No *Falando Nisso!* a equipe pedagógica da Geaciq indica aprofundamentos e reflexões sobre as práticas abordadas, indicando vídeos, livros e práticas escolares. Dessa forma, o Caderno de Práticas se configura como um espaço de formação continuada, no qual os(as) professores podem se inspirar e repensar suas práticas pedagógicas.

Considerações Finais

Ao reunir as práticas pedagógicas dos(as) professores(as) que atuam no Campo, o Caderno de Práticas tem o potencial de fortalecer a identidade da Educação do Campo capixaba, promovendo uma educação mais significativa, que respeite as especificidades culturais e produtivas das comunidades campesinas. Além disso, ao documentar essas experiências, o material se torna uma fonte de inspiração e de apoio para novos educadores(as) que ingressam na rede de ensino, oferecendo-lhes referências concretas de práticas já consolidadas.



2.História da Educação do Campo no Brasil: Lutas Sociais, Movimentos e Legislação

Liliane Tesch
Jania Aranda C. Raimondi

Um rio não deixa de ser um rio quando ele conflui com outro rio. Ele continua em sua essência. Essa é a grandeza da confluência.
Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Com água regamos e molhamos nossa Educação do Campo, muitas águas passaram para chegarmos onde estamos hoje. A Educação do Campo no Brasil foi uma construção coletiva derivada das lutas dos movimentos sociais do Campo e de uma série de pressões políticas que culminaram no reconhecimento do direito à educação dos povos do Campo. Desde o final do século XX, essa educação emergiu como uma área que não apenas busca garantir o acesso formal à educação, mas também luta por uma educação crítica, popular e emancipada, capaz de transformar as realidades dessas comunidades camponesas.

No início do século XX, a educação oferecida no meio rural brasileiro era essencialmente urbana e descontextualizada das realidades locais. A população do Campo era relegada ao esquecimento e, quando tinha acesso à educação, ocorria em um formato excludente e deficitário, baseado no urbanocentrismo, um modelo voltado para as elites agrárias, que buscavam perpetuar seu domínio sobre o campo e os trabalhadores rurais.

O modelo atual de Educação do Campo tem suas raízes na França, na década de 1930, e foi introduzido no Brasil nos anos 1960. No Brasil, essa metodologia foi adotada inicialmente em estados como Espírito Santo e Paraná, tornando-se uma das experiências mais significativas de Educação do Campo, tanto pela sua estrutura diferenciada quanto pelo seu impacto nas comunidades locais.

No Espírito Santo, o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) se destaca como um importante ator na construção de práticas educativas voltadas para o Campo. Criado na década de 1960, o MEPES promove uma educação de caráter popular, voltada para a autonomia das comunidades.

> O MEPES é uma entidade que tem por finalidade a promoção integral da pessoa humana. Gratuitamente promove a educação e desenvolve a cultura, através da ação comunitária, numa ampla atividade ao interesse da agricultura, e principalmente no que concerne à elevação do agricultor do ponto de vista religioso, intelectual, técnico, sanitário e econômico (NOSELLA, 1977, p. 129).

Ao lado do MEPES, surgem as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), que utilizam a Pedagogia da Alternância, uma metodologia que alterna momentos de formação na Escola e no Campo. As EFAs oferecem uma proposta de educação integral, que valoriza o conhecimento prático e a inserção do(a) estudante no contexto produtivo familiar e da valorização da sua realidade.



> A história das Escolas-Família é antes de tudo a história de uma ideia, ou melhor, a história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, contra tudo e contra todos. Foi a convicção de um homem, filho de camponês, que por toda a sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior francês, compartilhando a mesma vida, carregando o mesmo passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões. Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico (NOSELLA, 2012, p.45).

As Casas Familiares Rurais e Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) são instituições educacionais que surgiram como resposta às necessidades formativas das populações do Campo, especialmente em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos. A principal particularidade dos CEFFAs é a Pedagogia da Alternância, além disso eles são caracterizados por uma gestão participativa, envolvendo as famílias dos(as) estudantes e as comunidades locais nas decisões pedagógicas das escolas. Esse modelo fortalece o vínculo entre a escola e a realidade do Campo, promovendo uma educação que valoriza os saberes das comunidades e contribui para o desenvolvimento rural sustentável, permeado pela agroecologia.

A partir das décadas de 1970 e 1980, as lutas por reforma agrária e direitos sociais ganharam força, particularmente com o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que, além da questão da terra, passou a defender também uma educação específica para os povos do Campo, a construção da territorialidade e do território. Nos anos 1980 e 1990, com o fortalecimento dos movimentos sociais, consolidaram-se as críticas ao modelo de educação rural tradicional, que era inadequado para as realidades do Campo. Esse modelo era visto como um instrumento de reprodução da marginalização das populações campesinas, pois não levava em conta suas especificidades culturais, sociais e econômicas.

> Resultado da luta e resistência dos Movimentos Sociais organizados que articulados com sindicatos rurais e universidades, deram início, em 1998, à luta e mobilização para a constituição de uma política de educação voltada à realidade e às necessidades dos povos do campo. (CALDART, 2008, p. 71)

Em resposta, esses movimentos passaram a articular uma proposta de educação que considerasse as particularidades do Campo, visando um processo educacional que não preparasse os(as) jovens a migrar para as cidades, mas que valorizasse suas raízes e promovesse o desenvolvimento sustentável das comunidades em que viviam, integrando uma valorização cultural, economicamente funcional e ecologicamente ativa. Foi a partir dessas concepções que surgiu a criação de escolas voltadas ao Campo, na busca de um currículo adaptado às realidades campesinas, além de uma participação ativa dos membros das comunidades na gestão escolar.

A partir dos anos 2000, a Educação do Campo ganhou força institucional, com a criação de políticas públicas específicas, como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Entre outros passos importantes como ressalta Cherobin:



> As discussões pautadas por esta temática originaram em 1998, à expressão "educação básica do campo" que posteriormente passou a ser denominada de "educação do campo". Segundo Caldart (2012), a definição de "educação do campo" como uma prática social não se compreende a partir dela mesma e nem pela exclusividade das questões educacionais. Para ela, seu significado se liga à luta dos movimentos sociais instituída pela história. Esta perspectiva pressupõe vincular à EdCa um projeto de desenvolvimento agrícola, ancorado na "agricultura camponesa, na agroecologia, no trabalho coletivo, na forma de cooperação agrícola em áreas de Reforma Agrária" (CALDART, 2012, p. 263 aput CHEROBIN, 2018, p. 3).

A Educação do Campo busca valorizar e preservar a cultura, as tradições e os conhecimentos das comunidades locais, enquanto também fornece uma formação que permita aos estudantes acessar oportunidades e recursos da construção integral humana. Assim destaca Caldart:

> A *formação humana* é o processo pelo qual cada pessoa vai se desenvolvendo, se transformando e pelo qual se realiza como ser humano. Ser natural e ser social. Ela acontece como vivência individual e coletiva de processos básicos de construção da própria *essência humana*, ou seja, o *ser h*umano que se realiza e se transforma nas relações, históricas e contraditórias, com o todo da natureza e da vida social de que é parte, em cada lugar, cada tempo (CALDART, 2023, p. 23 e 24).

Os encontros nacionais de Educação do Campo são marcos importantes na articulação de políticas e práticas educativas para essa construção dos povos do Campo. O I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), realizado em 1997, foi o primeiro grande fórum para discutir as demandas específicas da Educação do Campo no Brasil. Este evento consolidou a proposta de uma educação voltada para a realidade do Campo, articulando a educação escolar com a luta pela terra e pela reforma agrária.

A I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, em 1998, e a Portaria nº 10: Criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), a partir da Articulação Nacional por uma Educação do Campo, foram também eventos muito significativos, pois reforçaram a necessidade de diretrizes específicas para a Educação do Campo.

A II Conferência Nacional por uma Educação do Campo: Redação da Carta de Luziânia, consolidando o conceito e os fundamentos da Educação do Campo, realizada em 2004, reafirmou essas diretrizes e trouxe um fortalecimento da articulação entre o campo e a cidade na formulação de políticas públicas. Esses encontros foram fundamentais para ampliar o debate sobre a Educação do Campo no Brasil, trazendo novas perspectivas e consolidando a presença dos movimentos sociais na formulação das políticas educacionais.

Além disso, as conquistas por uma educação voltada para o Campo passaram por importantes marcos legais que consagraram o direito à educação para as populações campesinas. A primeira referência sobre a Educação do Campo se deu com a inclusão de suas especificidades na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996. Embora a LDB, inicialmente, não abordasse de forma específica a Educação do Campo, as demandas e lutas dos movimentos sociais do Campo pressionaram para que o Estado reconhecesse a importância de uma educação diferenciada para as populações do Campo.



A LDB, em seu artigo 28, trata da oferta da educação nas zonas rurais, destacando a necessidade de adaptação curricular às realidades do Campo. A legislação também estabelece que o calendário escolar deve ser ajustado às atividades econômicas e culturais da comunidade local, como as safras agrícolas, assegurando que a escolarização respeite as especificidades de vida e trabalho das populações do Campo.

A Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, que aprova as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, foi um dos primeiros documentos a reconhecer a necessidade de uma educação específica para as populações do Campo, integrando saberes tradicionais e práticas educativas. Resolução CNE/CEB Nº 1/2002: Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo.

A Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de abril de 2008, que estabelece as diretrizes para a formação de professores(as) para as escolas do Campo, é outro avanço significativo. Ela determina que os cursos de formação docente sejam voltados para as realidades e necessidades das populações do Campo, integrando saberes tradicionais e práticas educativas específicas. Resolução CNE/CEB Nº 2/2008: Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.

O Decreto Federal nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que institui a Política Nacional de Educação do Campo, consolida e regula as ações governamentais voltadas às populações do Campo. Ele assegura o direito à educação básica pública de qualidade, respeitando as características e princípios próprios das áreas rurais e promovendo a participação ativa das comunidades na gestão escolar. Decreto Nº 7.352/2010: Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. O decreto consolida o direito à educação básica e superior para os povos do Campo, promovendo políticas de formação docente e a expansão de universidades no interior.

A Resolução CNE/CP nº 1, de 16 de agosto de 2023, com as Diretrizes Curriculares para a Pedagogia da Alternância na Educação do Campo, é um marco na regulamentação da Educação do Campo no Brasil, especialmente no que diz respeito à Pedagogia da Alternância, estabelecendo os princípios e os principais elementos estruturantes do projeto pedagógico na perspectiva dessa Pedagogia. Além disso, a resolução estabelece diretrizes para a implementação desse modelo tanto na educação básica quanto na educação superior, conquistando, assim, um currículo que deve ser adaptado para integrar os saberes locais e as práticas camponesas, respeitando os ciclos produtivos e culturais das comunidades. Resolução CNE/CP Nº 1/2023: Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior.

Considerando a importância dos conteúdos curriculares incluírem temas relevantes para a realidade do Campo, como agroecologia, práticas agrícolas sustentáveis e economia solidária e outras especificidades dessa modalidade, a formação de professores(as) deve incluir uma preparação específica para a implementação de práticas, metodologias e diretrizes para a Educação do Campo, assim como para a Pedagogia da Alternância. Os(as) educadores(as) devem estar capacitados para lidar com as particularidades do método e para promover uma educação que valorize a experiência prática dos(as) estudantes.



A Educação Superior da Educação do Campo surge como uma importante conquista na luta dos movimentos sociais e de educadores(as) comprometidos com a transformação social e a valorização das populações campesinas. Voltada para atender às especificidades das comunidades do campo, indígenas e quilombolas, essa modalidade rompe com o modelo tradicional de ensino superior, que muitas vezes exclui esses sujeitos e seus territórios. Cursos como Licenciatura em Educação do Campo são estruturados com base na Pedagogia da Alternância, permitindo que os(as) estudantes articulem teoria e prática de maneira orgânica como tais métodos propõem.

A proposta pedagógica valoriza os saberes das comunidades, a agroecologia, a cultura e a história das populações do Campo, formando educadores(as) críticos(as) e comprometidos(as) com a permanência dos povos em seus territórios e com o fortalecimento da agricultura familiar e sustentável. A educação superior do Campo busca romper com a lógica do ensino homogêneo, formando profissionais que atuem como sujeitos políticos na defesa de uma educação emancipatória e de qualidade.

A Educação do Campo se consolidou como um direito fundamental das populações do Campo, com reconhecimento legal e políticas específicas que estruturam todas as possibilidades que a Educação do Campo produz - suas maneiras e práticas de fazer essa educação acontecer. No entanto, muitos desafios ainda persistem, como a precariedade da infraestrutura das escolas do Campo, a dificuldade de acesso à educação superior para jovens do Campo e a pressão da expansão do agronegócio sobre os territórios e modos de vida camponeses.

A Educação do Campo no Brasil é fruto da resistência, luta e organização dos movimentos sociais do Campo. Ela se constitui como conhecimento e prática que buscam valorizar a vida, a cultura e os modos de produção do Campo, em diálogo com a realidade dos(as) trabalhadores(as) campesinos. Sua consolidação como uma política pública é resultado de décadas de mobilização social, sendo um exemplo de educação emancipatória que luta por justiça social e o fortalecimento das comunidades do Campo.

Referências

ARROYO, Miguel. Gonzalez. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis: Vozes. 2007.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: Escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes. 2004.

_____. **Elementos para a construção de um projeto popular de educação no campo**. Brasília: Escola Nacional Florestan Fernandes. 2012.

_____. **Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

_____. **Sobre Educação do Campo**. In: SANTOS, Clarise Aparecida dos (org). Campo, Políticas Públicas e Educação: Por uma Educação do Campo nº 7. Brasília: INCRA: MDA, 2008.

CHEROBIN, Fabiana Fátima. **A Educação do Campo e sua normatização como Política Pública de Estado**. In: RELA Cult: Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 04, nº 01, janeiro/abril de 2018. Disponível em: http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/910/503. Acesso em: 16 de agosto de 2024.

MOLINA, Miguel C. **Educação do Campo: Políticas públicas e a luta pela formação docente**. Brasília: UnB. 2011.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo : origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória : EDUFES, 2012.

_____. **Uma nova educação para o meio rural**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FE/PUC-SP, 1977.



3. Educação do Campo no Espírito Santo: Contexto Histórico e Normativas

Jorcy Foerts Jacob
Liliane Tesch



Ninguém oferece flores
A flor, em sua fugaz existência
Já é oferenda
Talvez, alguém de amor
se ofereça em flor
Mas só a semente oferece flores.

Mia Couto

No poema de Mia Couto, as flores são algo transitório, enquanto as sementes carregam a promessa de continuidade e transformação. Nessa perspectiva, podemos pensar a história e as legislações da Educação do Campo como sementes que trazem o potencial de florescer nas escolas campesinas, mudanças profundas e duradouras, baseadas nos princípios agroecológicos. As sementes que foram plantadas no Espírito Santo e cultivadas até a atualidade na Educação do Campo capixaba são parte importante de um movimento mais amplo por direitos. Essas lutas emergem de um cenário de exclusão histórica dos camponeses ao acesso a uma educação de qualidade, e de uma necessidade urgente de contextualizar o ensino às realidades do território. As populações do Campo, formadas por agricultores(as) familiares, comunidades tradicionais, assentados(as) da reforma agrária, quilombolas, indígenas, pescadores(as) artesanais e outros grupos tradicionais, buscavam um modelo de educação que respeitasse suas identidades culturais e socioeconômicas.

A Educação do Campo no Espírito Santo possui uma trajetória histórica rica, singular e pioneira no desenvolvimento de iniciativas educacionais que atendem às demandas das populações campesinas. Conforme Paolo Nosella (2018, p. 18), isso se deve ao " fato de ser o Estado do Espírito Santo a sementeira das escolas em alternância no Brasil" através do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), que surgiu em 1969, em plena Ditadura Militar.

O MEPES foi inspirado por ideais de promoção social e justiça para as comunidades camponesas e nas experiências francesas e italianas de Escola-Família. No Brasil, sua fundação foi influenciada pelas ideias da Teologia da Libertação e pela obra de Paulo Freire, particularmente sua Pedagogia do Oprimido (1968), que defendia a educação como um instrumento de conscientização e libertação dos sujeitos. Inicialmente, o movimento focava em programas de alfabetização de adultos e em iniciativas de promoção social, mas rapidamente evoluiu para a criação de escolas com currículos voltados para as realidades agrícolas e do Campo.



A primeira Escola Família-Agrícola do Brasil é a de Olivânia, inaugurada em dia 9 de março de 1969, município de Anchieta. Alguns meses mais tarde, inaugura-se também a Escola de Rio Novo do Sul. Em março de 1971, nasce a Escola-Família de Campinho, em Iconha. Enquanto isso, outros passos foram dados, por meio do movimento pastoral da diocese de São Mateus, para a expansão das Escolas-Família ao Norte do Estado do Espírito Santo.

O movimento teve um impacto importante na Educação do Campo, promovendo não apenas a escolarização formal, mas também a capacitação técnica e a formação cidadã, integrando o trabalho agrícola ao currículo escolar. Esse modelo, que ficou conhecido como Pedagogia da Alternância, se mostrou fundamental para o desenvolvimento das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Essas escolas se caracterizam por um forte vínculo entre a instituição escolar, as famílias e a comunidade, e têm como objetivo formar jovens agricultores(as), promovendo a continuidade da integração com as atividades agrícolas. O modelo das EFAs é baseado na co-gestão, em que as famílias e a comunidade participam ativamente da administração e do desenvolvimento curricular das escolas, garantindo uma educação contextualizada e voltada para as necessidades do Campo.

> Com a Pedagogia da Alternância deixa-se para trás uma pedagogia plana para ingressar numa pedagogia no espaço e no tempo e diversificam-se as instituições, bem como os atores implicados. Os papéis destes não são mais aqueles da escola costumeira. O jovem (pré-adolescente, adolescente, ou jovem adulto) em formação, isto é, o "alternante", não é mais um aluno na escola, mas já um ator num determinado contexto de vida e num território (GIMONET, 2007, p.19).

Desse modo, há a articulação dos tempos e dos espaços da formação com atividades, como o plano de estudo, que garantem a continuidade na sucessão das micro rupturas que representa a passagem da escola para a comunidade. A alternância entre tempos de estudo e tempos de prática possibilita a vivência concreta de conteúdos abordados em sala de aula, tornando o processo educativo mais significativo.

As iniciativas do MEPES criaram abordagens pedagógicas que favorecem a formação integral dos(as) estudantes, influenciando outras instituições escolares, como o Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER), na década de 1980, no final da Ditadura Militar.

Os governos militares incorporaram, a partir dos anos de 1960, os elementos técnicos e os processos produtivos derivados da Revolução Verde. A mecanização do espaço rural, atrelado ao incentivo governamental da monocultura do café conilon e do eucalipto no norte do estado, geraram aumento dos conflitos agrários e êxodo rural. Logo, os Centros Educacionais, primeiramente em Boa Esperança, em 1982, e nos anos seguintes em Vila Pavão e Águia Branca foram criados pela Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU), em convênio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), para mitigar estes conflitos na região com educação formal para os filhos dos agricultores.

A efervescência dos movimentos sociais reverberou nos professores que assumiram as escolas, com uma leitura distinta sobre a terra, fora do contexto meramente agroexportador, como era a proposta dos governos militares. Os professores defendiam a sustentabilidade da comunidade a partir da agroecologia e da valorização dos saberes locais.



O CEIER é considerado, enquanto escola pública, pioneiro na modalidade da Educação do Campo. No início não havia uma proposta pedagógica e metodológica. Os centros receberam uma grade curricular composta por disciplinas da base comum e a parte técnica (zootecnia, agricultura e economia doméstica). Por isso, buscaram parcerias para trabalhar com Ensino Fundamental dos Anos Finais. Primeiro com a Escola Agrotécnica Federal de Colatina, do Espirito Santo. Conseguiram as ementas de conteúdos, mas o método convencional de uso de fertilizantes químicos na área técnica não era o que procuravam. A opção foi buscar conhecer as EFA's e adaptar algumas de suas metodologias de ensino nos CEIER's. Para fortalecer o trabalho entre os conhecimentos acadêmicos e os sabres populares, os centros optaram pelo trabalho interdisciplinar e com os temas geradores, tendo como filosofia principal a agroecologia. Essa proposta referenciada em Paulo Freire, realmente intensificou-se a partir de 1991, aproximando a Formação Geral da Formação Diversificada.

> Numa visão libertadora, não mais "bancária" da educação, o conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade (FREIRE, 2001, p. 102-103).

Dessa forma, nessas escolas, a realização de projetos pedagógicos parte das demandas locais, para desenvolvimento do Tema Gerador, integrando as ideias da agroecologia, do cooperativismo, da produção sustentável e da economia solidária. O centros referenciados, em sua prática educacional e em parceria com movimentos sociais, desenvolveram uma metodologia própria de trabalho interdisciplinar que tem como norte a formação integral com o método Ver, Julgar, Agir e Celebrar. As dimensões da aprendizagem dos estudantes são contempladas pelo Ver que corresponde à dimensão da sensibilidade, o Julgar corresponde à dimensão reflexiva, o Agir como práxis, como ação transformadora da realidade e, por último, o Celebrar é o momento de contemplar as conquistas e de perceber os limites a serem superados. A realização deste trabalho só é possível graças ao Ensino em Tempo Integral que é desenvolvido pela Unidade. Ela possibilita desenvolver as dimensões afetivas, artísticas, espirituais, os valores, a saúde, o corpo, através da prática de atividades, nos mais diversos espaços de aprendizagem. Diferencia-se por promover uma educação técnica integrada ao ensino médio, formando jovens para atuar no Campo de maneira integrada e sustentável.

Além do MEPES e do CEIER, as Escolas Comunitárias Rurais (ECORS), a Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo (RACEFFAES), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Espírito Santo (FETAES), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), da Educação Indígena, da Educação Quilombola, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento Eclesial de Base (MEB) também têm contribuído historicamente com o desenvolvimento da Educação do Campo no estado, principalmente com a Constituição de 1988. Nela, a educação se tornou um direito de todos e dever do Estado, independentemente de onde residirem.



Apesar de não se referir especificamente ao ensino rural no corpo da Carta, a educação como direito público subjetivo possibilitou às Constituições Estaduais e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - o tratamento da educação rural no âmbito do direito à igualdade e do respeito às diferenças. No âmbito do Espírito Santo, as legislações avançaram concomitantes com os avanços nacionais, principalmente após Resolução CEB/CNE Nº 1, de 03 de abril de 2002 e com a criação em 2004 de uma Coordenação Geral de Educação do Campo vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, que veio organizar as ações governamentais, articulando estados, municípios e diversas organizações e movimentos sociais em torno da modalidade.

Em 2007, aconteceu no estado um encontro de alguns movimentos sociais e da terra com o Ministério de Desenvolvimento Agrário. A partir dali foi constituído um Grupo de Trabalho com a incumbência de elaborar um documento referente e organizar um seminário estadual. Este ocorreu em dezembro de 2008, no qual foi constituído o Comitê de Educação do Campo do Espírito Santo (COMECES) integrado por instituições educativas, setores governamentais, organizações não governamentais e parlamentares, todos vinculados à educação do campo e/ou a questões ambientais e da terra.

Em 2014, houve a inclusão da educação dos povos do campo nas normas do Conselho Estadual de Educação, por meio da Resolução Nº 3.777. No mesmo ano, na Secretária de Educação Estadual, é criada a Gerência de Educação do Campo - GECAM - por meio do Decreto nº 3.616-R, de 14/07/2014. No Decreto Nº 4120-R, de 26 de Junho de 2017, alterou-se a denominação da Gerência de Educação do Campo para Gerência de Educação do Campo, Indígena e Quilombola e com o Decreto Nº 5588-R, de 29 de Dezembro de 2023 alterou-se a denominação para Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (GEACIQ).

Outro marco legislatório importante foi a Portaria Nº 148-R, de 09 de dezembro de 2020, atualizada pela Portaria Nº 075-R/2024, em que houve a regulamentação da formação de consórcios entre unidades escolares da rede pública estadual que possuem matrícula inferior a 100 (cem) estudantes e demais providências, possibilitando, assim, às pequenas escolas do campo a criação de Conselhos de Escolas para defender interesses da comunidade escolar, voltados para a melhoria da qualidade de vida local.

As Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo foram aprovadas na Resolução CEE-ES N°. 6596 de 2022, com o objetivo de sistematizar os princípios e as diretrizes contidos na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nas Resoluções CNE/CEB nº 01 de 2002 e nº 02 de 2008 e nos demais dispositivos legais, no âmbito do sistema estadual de ensino do Espírito Santo, nele incluídas as instituições educativas públicas e privadas de Educação Básica e as de Educação Superior mantidas pelo poder público estadual e municipal, com vistas a garantir o direito à educação de qualidade à população do campo, estimular a reflexão crítica e apontar indicativos para a elaboração, execução e avaliação de políticas públicas e de projetos das escolas do Campo.



O documento é dividido em quatro eixos principais. O Eixo I trata do direito à educação, abordando questões como acesso, permanência, qualidade social e a articulação da educação do campo com outras modalidades. O Eixo II foca na gestão da educação, incluindo a administração do sistema estadual de ensino e da gestão escolar. O Eixo III destaca a definição do currículo, com ênfase nas propostas pedagógicas, no currículo da educação infantil e na organização dos componentes curriculares do ensino fundamental e médio por áreas de conhecimento. Finalmente, o Eixo IV concentra-se na formação e valorização dos profissionais da educação, propondo políticas permanentes de formação continuada, com a colaboração entre os níveis de governo (estado, municípios e União).

A Educação do Campo no Espírito Santo, construída a partir das experiências de movimentos e instituições é um exemplo de resistência e criação pedagógica de novos olhares. Com base em uma metodologia participativa e emancipadora, e amparada por legislações que reconhecem as especificidades do Campo, temos contribuído para a formação de sujeitos críticos e comprometidos com suas comunidades e com o mundo. Além disso, o fortalecimento de parcerias entre o poder público e as organizações da sociedade civil, continua sendo essencial para o desenvolvimento de uma educação que seja, de fato, transformadora e inclusiva para as populações do Campo.

Com legislações específicas que reconhecem e regulamentam a Educação do Campo, o Espírito Santo tem o potencial de continuar a ser um exemplo de como a educação pode ser um instrumento de emancipação e envolvimento para os povos do Campo.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre:** Imagens e Auto-Imagens. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Educação do Campo:** Identidade e Políticas Educativas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra:** escola é mais que escola. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CASTAGNA, Mônica Molina. **A Alternância como Prática Educativa na Formação dos Jovens do Campo**. 1ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

JADEJISKI, Rainei Rodrigues; ANDRADE, Aléssio Coco de; FOERSTE, Erineu. **CEIERS – 40 anos**: memórias afetivas. Itapiranga: Editora Schreiben, 2023.

NOSELLA, Paolo. A Educação no Campo e o Projeto Político Pedagógico das Escolas. In: **Educação no Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Educação no campo:** origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória : EDUFES, 2012.



4. Práticas Relacionadas à Educação do Campo



4. 1 Práticas da Educação do Campo da Rede Estadual do Espírito Santo



Nossas árvores, as práticas educativas desenvolvidas na Educação do Campo no Espírito Santo, se destacam por sua abordagem contextualizada e alinhada às necessidades das comunidades do Campo, indígenas, quilombolas, pomeranas, ribeirinhas e outras. Essas práticas refletem a valorização dos saberes locais, da cultura e da sustentabilidade, além de promoverem uma formação integral e cidadã.

Gostaríamos de agradecer a cada professora e professor que se empenhou no envio e, principalmente, na realização dessas práticas "no chão da escola". Somos imensamente gratos a esses profissionais que tiraram um tempo tão importante para a escola para escreverem as práticas que estão neste Caderno. Aproveitamos para agradecer a cada escola que participou, pelo incentivo de possibilitar que essas práticas acontecessem e que os(as) professores(as) pudessem enviá-las. Destacamos aqui as Superintendências que participaram dessa ação para que as práticas e este Caderno de Práticas fossem possíveis: SRE. Afonso Cláudio com 4 práticas; SRE. Barra de São Francisco com 2 práticas; SRE. Cachoeiro de Itapemirim com 2 práticas; SRE. Colatina com 1 prática; SRE. Linhares com 2 práticas; SRE. Nova Venécia com 6 práticas; SRE. São Mateus com 9 práticas e SRE. Vila Velha com 1 prática.

Entre as práticas educativas, destacam-se atividades como a criação de hortas escolares agroecológicas que não apenas incentivam a segurança alimentar, mas também promovem a conscientização sobre a preservação ambiental e o uso sustentável dos recursos naturais. Projetos voltados para a ancestralidade, a história e a memória das comunidades, como o levantamento de tradições e narrativas locais, também integram o cotidiano das escolas do Campo, fortalecendo a identidade cultural dos povos camponeses, indígenas, quilombolas e pomeranos.

Além disso, no âmbito das políticas públicas, a Secretaria de Educação (SEDU), por meio da Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (GEACIQ), tem apoiado a formação de professores(as) e incentivado a produção de materiais didáticos contextualizados. Esses esforços visam garantir que os currículos das escolas do Campo reflitam as demandas e especificidades de suas comunidades.

Outro exemplo significativo é o uso de projetos interdisciplinares, como o desenvolvimento de práticas que articulam educação ambiental com a valorização da agricultura familiar e a preservação das tradições locais. Esses projetos possibilitam um aprendizado mais dinâmico e integrador, envolvendo estudantes, famílias e a comunidade em atividades práticas, como a produção de biofertilizantes, reflorestamento e a recuperação de nascentes.

A Educação do Campo no Espírito Santo se destaca, portanto, por seu compromisso com a formação cidadã e emancipadora, construindo um espaço educativo que transcende os limites da sala de aula. Por meio de suas práticas, busca-se o fortalecimento das comunidades do Campo e também a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.



Metodologia Integrativa para o Ensino do Plantio de Cacau: Valorização da Cultura Local e Sustentabilidade

EEEFM
Paulo Damião
SRE
Linhares

Amaro José de Oliveira Filho
Luana Evangelista Laurent
Luciara Almeida Cruz

A escola está situada em área de assentamento de reforma agrária no interior do município de Linhares, no Espírito Santo, uma região com uma rica tradição na cultura cacaueira e que se destaca como uma grande potência nacional na exportação de cacau. Neste contexto, onde o cultivo do cacau é a principal fonte de renda para as famílias, decidimos integrar esse tema ao currículo escolar, dada a sua importância econômica e cultural para a comunidade local.

Essa abordagem não apenas reforça o vínculo dos(as) estudantes com a realidade ao seu redor, mas também enriquece sua compreensão das dinâmicas socioeconômicas e ambientais que moldam seu cotidiano. Ao explorar o cultivo do cacau, os(as) educandos(as) têm a oportunidade de investigar uma ampla gama de componentes curriculares, incluindo ciências naturais, ciências humanas e ciências agropecuárias, de maneira interconectada e contextualizada.

A escolha do plantio de cacau como tema central no currículo está alinhada com os princípios pedagógicos de Paulo Freire. Segundo Freire, a educação deve estar profundamente enraizada na realidade vivida pelos(as) estudantes, promovendo uma aprendizagem que seja tanto significativa quanto crítica. Freire argumenta que a educação deve ser um processo de conscientização, no qual os estudantes são incentivados a refletir sobre suas próprias condições e a se engajar ativamente em transformações sociais.

Portanto, ao focar no cultivo de cacau, a escola não só oferece conhecimentos técnicos e científicos aos estudantes, mas também os estimula a desenvolver uma visão crítica sobre as questões sociais, econômicas e ambientais que afetam sua comunidade, proporcionando um aprendizado verdadeiramente transformador.



Fachada da EEEFM Paulo Damião Tristão Purinha. Fonte: Amaro Filho.2024

EEEFM Paulo Damião
SRE Linhares

Tema	Plantio e Valorização da Cultura Local
Componente (s) Curricular(es)	Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ciências Agropecuárias
Turma(s)/ Série(s)	1º ao 9º ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Cultivo de cacau; Aprendizagem significativa; Tradição local
Objetos de Conhecimento:	Processo brasileiro de regionalização; Cobertura vegetal, ciclo hidrológico e equilíbrio ambiental; Convivência e interações entre pessoas na comunidade; As plantas; A noção do "Eu" e do "Outro": comunidade, convivências e interações entre pessoas.
Tipo de Atividade:	Projeto interdisciplinar realizado entre 01/05/2024 até 12/07/2024
Habilidades:	**EF07GE03A/ES**: Conceituar região e entender seu uso no controle territorial. **EF05CI03/ES**: Identificar causas e efeitos sobre o equilíbrio ambiental relacionados à cobertura vegetal, selecionando argumentos que justifiquem sua importância para a manutenção do ciclo da água, a conservação dos solos, dos cursos de água e da qualidade do ar atmosférico, destacando a situação atual da região. **EF02GE02/ES**: Comparar costumes e tradições de diferentes populações do bairro ou comunidade, reconhecendo a importância do respeito às diferenças e compreendendo que as pessoas têm características físicas, formas de ser e modos de vestir distintos. **EF02CI06/ES**: Identificar as principais partes de uma planta (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e suas funções, analisando as relações entre as plantas, o ambiente e os demais seres vivos. Reconhecer o saber popular de diferentes regiões no uso das plantas para fins culinários e medicinais. **EF02CI05/ES**: Investigar a importância da água e da luz para a vida das plantas do bioma local e dos ecossistemas em geral. **EF02HI02/ES**: Identificar e descrever práticas e papéis sociais das pessoas em diferentes comunidades, valorizando a história oral e os conhecimentos da memória coletiva e individual dos povos e comunidades tradicionais do Estado.

EEEFM
Paulo Damião
SRE
Linhares

Metodologia:

- Abordagem integrativa e freiriana;
- Conhecimento das tradições: Visitas às plantações de cacau próximas à escola e interação com cacauicultores;
- Integração curricular entre as áreas de conhecimento;
- Palestras com profissionais;
- Atividade Prática: Plantio de mudas na escola;
- Elaboração de relatórios e registros das visitas e palestras;
- Apresentação dos estudantes sobre aprendizados e soluções propostas.

A metodologia adotada para abordar o tema do plantio de cacau e sua valorização na comunidade escolar foi centrada em uma abordagem integrativa que combina atividades práticas, teóricas e culturais. Essa abordagem visou proporcionar uma aprendizagem significativa e contextualizada, que permitisse aos estudantes compreender e valorizar a importância do cacau em sua região e enfrentar os desafios do seu cultivo de forma sustentável, alinhando-se aos princípios pedagógicos de Paulo Freire, que defendia uma educação contextualizada e baseada na realidade dos(as) estudantes.

Inicialmente, os estudantes conheceram as tradições locais e o histórico do plantio de cacau na região. Para isso, foram organizadas visitas às plantações de cacau próximas à escola, onde os(as) estudantes observaram de perto o processo de cultivo e interagiram com os(as) cacauicultores(as). Essas visitas permitiram que os estudantes compreendessem a importância cultural e econômica do cacau para a comunidade.

Os conteúdos sobre a cultura de plantio local serão integrados ao currículo escolar de forma interdisciplinar. Nas aulas de ciências da natureza, ciências humanas e ciências agropecuárias, foram abordados tópicos como a história e a importância do cacau na economia local, os aspectos botânicos e ecológicos do cultivo de cacau, as técnicas de plantio, manejo e controle de pragas, e a sustentabilidade e as práticas agrícolas inovadoras.

Para complementar o conhecimento teórico, foram organizadas palestras com cacauicultores(as) experientes da região. Esses(as) profissionais compartilharam suas vivências, desafios e práticas bem-sucedidas no cultivo de cacau, proporcionando uma visão prática e atualizada do setor. Os(as) estudantes tiveram a oportunidade de fazer perguntas e obter informações diretamente de quem lida diariamente com o plantio.

Como parte prática do projeto, os estudantes participaram ativamente do plantio de mudas de cacau na escola. Este projeto envolveu a preparação do solo, a seleção das mudas, o plantio e os cuidados contínuos com as plantas, o monitoramento do crescimento e o controle de pragas, e o registro e a análise dos resultados ao longo do tempo.

Durante todo o projeto, foram promovidos momentos de reflexão e discussão em grupo sobre os conhecimentos adquiridos e as experiências vivenciadas. Os(as) estudantes foram incentivados a analisar criticamente as práticas observadas e a propor melhorias que possam ser implementadas na comunidade.

A avaliação do projeto foi contínua: observação do envolvimento dos(as) educandos(as) nas atividades práticas; a elaboração de relatórios e registros das visitas e palestras; e a apresentação dos estudantes sobre o que aprenderam e as soluções propostas para os desafios do cultivo de cacau.

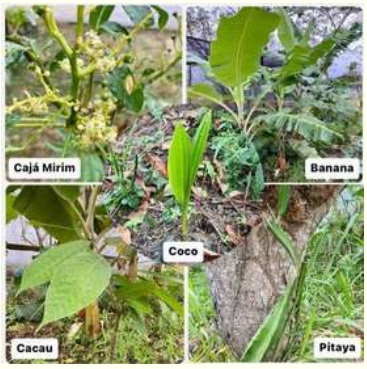
Essa metodologia busca não apenas o aprendizado teórico, mas também a aplicação prática e a valorização do saber local, promovendo uma educação integral e transformadora. Alinhada aos princípios de Paulo Freire, essa abordagem valoriza o contexto local dos(as) estudantes e possibilita se tornarem agentes de mudança em sua comunidade.

EEEFM
Paulo Damião
SRE
Linhares

Problematização:

A escola, localizada em um assentamento de reforma agrária, enfrenta uma série de desafios no cultivo de cacau, principal fonte de renda da comunidade. Esses desafios são: a morte das plantas após o plantio; informações erradas sobre técnicas inovadoras que possam aumentar a produção de cacau de forma sustentável.

A morte das plantas após o plantio é uma questão crítica. Esse problema pode estar relacionado a diversos fatores, como a qualidade do solo, condições climáticas inadequadas, práticas de plantio incorretas e doenças. A falta de conhecimento específico sobre os cuidados necessários durante e após o plantio contribui para a alta mortalidade das mudas de cacau.





Fotos sobre o projeto com cacau na escola. Fonte: Instagran da Escola

Além disso, os manejos inadequados das árvores cacaueiras são uma preocupação constante. Técnicas incorretas de poda, irrigação e adubação podem comprometer a saúde das plantas e reduzir significativamente a produção de cacau. A necessidade de treinar os(as) agricultores(as) locais em práticas de manejo mais eficientes e sustentáveis é evidente para garantir a longevidade e a produtividade das plantações.

O controle de pragas também se apresenta como um grande desafio. As plantações de cacau são frequentemente atacadas por diversas pragas que afetam a quantidade e a qualidade da produção. A dificuldade em identificar e aplicar os procedimentos corretos de controle de pragas, aliada à falta de recursos para adquirir produtos e equipamentos necessários, dificulta ainda mais a situação dos(as) agricultores(as).

A falta de acesso a informações inovadoras e atualizadas é um problema que permeia todas essas questões. A comunidade carece de recursos educacionais e técnicos que possam fornecer novas abordagens e tecnologias para o cultivo de cacau. Sem essas informações, os(as) agricultores(as) ficam presos a métodos tradicionais que podem não ser os mais eficientes ou sustentáveis.

Para abordar essas problemáticas, é crucial promover uma educação que conecte os(as) estudantes com as realidades e desafios de sua comunidade. Através de um currículo que integra o estudo do cacau com os componentes de Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ciências Agropecuárias, os(as) estudantes podem desenvolver uma compreensão crítica e prática dos fatores que afetam a produção de cacau.

Ao adquirir conhecimentos técnicos, científicos e sociais sobre o cultivo de cacau, estarão mais preparados(as) para propor e implementar soluções agroecológicas que aumentem a produção de cacau de maneira sustentável, beneficiando tanto o meio ambiente quanto a economia local.

Considerações Finais:



O projeto sobre o plantio de cacau e a valorização da cultura local, integrado aos componentes curriculares de Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ciências Agropecuárias, demonstrou ser uma abordagem eficaz e envolvente para a educação contextualizada e prática. Ao longo do desenvolvimento do projeto, observou-se um aumento significativo do comprometimento e da integração dos(as) estudantes, refletindo em vários aspectos do processo educativo.

A interdisciplinaridade permitiu que os(as) estudantes compreendessem o cultivo de cacau de maneira holística, relacionando conhecimentos teóricos com práticas reais. A participação em visitas às plantações e em palestras com cacauicultores(as) experientes foi um ponto alto do projeto. Essas experiências proporcionaram uma visão concreta dos desafios e das técnicas associadas ao cultivo de cacau, enriquecendo o entendimento dos(as) estudantes sobre a importância econômica e cultural dessa atividade.

A realização das palestras foi particularmente motivadora. Os(as) estudantes mostraram grande interesse e engajamento ao interagir com os(as) profissionais da área, formulando perguntas e buscando informações detalhadas sobre as práticas de cultivo e as inovações tecnológicas. Essa oportunidade de ouvir diretamente de especialistas permitiu que os(as) estudantes vissem a relevância prática dos conteúdos estudados e despertou um senso de conexão com a realidade da comunidade.

O envolvimento dos(as) estudantes no plantio de mudas de cacau na escola foi um dos aspectos mais impactantes do projeto. Participar ativamente das etapas de preparação do solo, seleção das mudas, plantio e cuidados contínuos proporcionou aos estudantes uma compreensão prática dos desafios do cultivo. O processo de monitoramento e análise dos resultados ao longo do tempo permitiu que os(as) estudantes aplicassem os conhecimentos adquiridos e desenvolvessem habilidades práticas em jardinagem e manejo sustentável.

A motivação dos(as) estudantes foi evidente na dedicação e no entusiasmo com que participaram das atividades. O projeto não só estimulou o interesse pela agricultura e pelo cultivo de cacau, mas também reforçou a importância do conhecimento local e das práticas sustentáveis. Os momentos de reflexão e discussão em grupo ajudaram os(as) estudantes a analisar criticamente o que aprenderam e a propor melhorias, evidenciando uma consciência crítica e uma atitude proativa em relação aos desafios enfrentados pela comunidade.

Em suma, a abordagem integrativa e prática adotada no projeto não apenas alcançou os objetivos educacionais, mas também fortaleceu o vínculo dos(as) estudantes com sua comunidade e com o contexto cultural local. A valorização do saber local e a aplicação dos conhecimentos em situações reais contribuíram para uma aprendizagem significativa e transformadora. Esse projeto exemplifica como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para conectar teoria e prática, promover a sustentabilidade e engajar os(as) estudantes de forma efetiva e motivadora.

Referências Bibliográficas:

FRIGOTTO, Gaudêncio; MASSETO, Marcos T.; ALMEIDA, Maria Luiza. **Educação e sociedade: a pedagogia de Paulo Freire em debate**. São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER, Silvia; GALLO, Daniel. **Educação, cultura e saberes locais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Mário. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

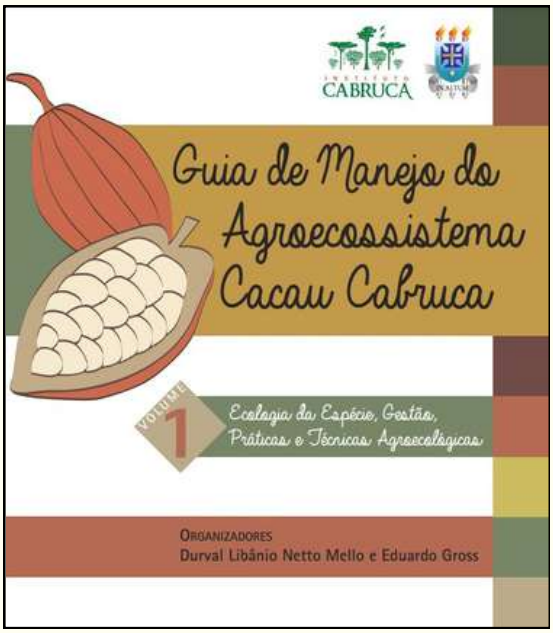
BENTO, Márcia; BRANCO, Rui. **Práticas pedagógicas e desenvolvimento sustentável**. Lisboa: Educa, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FALANDO NISSO...



O **Guia de Manejo do Agroecossistema Cacau Cabruca** apresenta recomendações com base em resultados de pesquisas participativas acerca do cultivo do cacaueiro na perspectiva de uma transição agroecológica em seu principal agroecossistema, conhecido como cacau-cabruca, além de outros sistemas agroflorestais. O livro é fruto do trabalho incansável de técnicos e comunidades envolvidas nos projetos e de tecnologias existentes que podem ser utilizadas na perspectiva de promover uma transição agroecológica e de sistemas de produção em conformidade orgânica.



Além do guia, o curta metragem Cacau Cabruca Orgânico, produzido pela Articulação Nacional de Agroecologia, retrata como agricultores(as) começaram a plantar cacau orgânico, juntamente com verduras e passaram também à criação de animais de pequeno porte. Desse modo, garantem a soberania e segurança alimentar, além de comercializarem os excedentes e produzirem o chocolate por meio de cooperativas.

Interessante também é a serie do *Canal Futura, Alimente-se bem*, em seu episódio *A história dos Alimentos: Cacau*. Pode ser utilizado em sala de aula, para tratar as questões históricas, sociais, geográficas e alimentares, permitindo um trabalho interdisciplinar.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4oKoPm8f-Rg

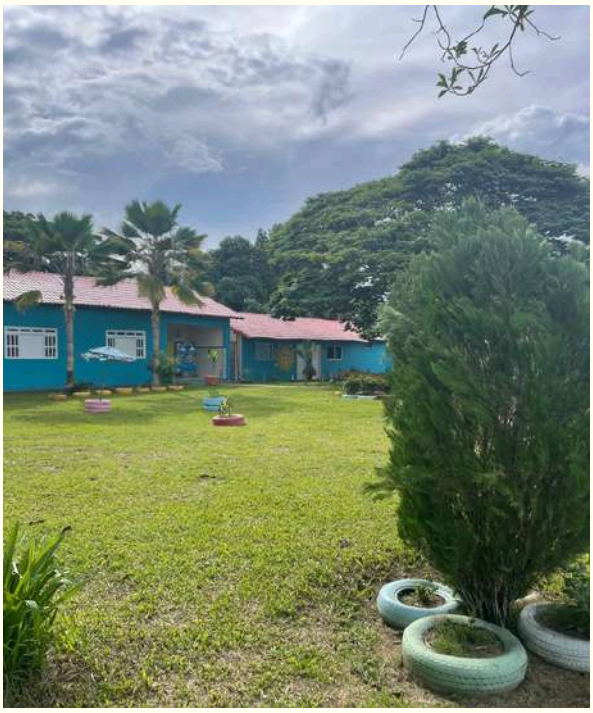
Práticas de acompanhamento para recuperação da aprendizagem dos(as) estudantes

EEEF
Três de Maio
SRE
São Mateus

Equipe de Professores da escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Três de Maio é uma escola localizada na área do Assentamento Castro Alves, tendo sido fundada em 1988, juntamente com o assentamento. A conquista da terra foi acompanhada pela conquista do direito à educação, assegurada pelo Estado. Inicialmente, a escola é atendia do 1º ao 5º do Ensino Fundamental. Na década de 1990, a comunidade local obteve a aprovação da oferta dos anos finais, abrangendo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Desde sua fundação, a EEEF Três de Maio adota a Pedagogia da Alternância, que propõe uma forma de ensino que abrange os diversos espaços de vida do sujeito, incluindo a escola, a casa e o ambiente de trabalho. Essa abordagem considera as vivências dos estudantes para além do espaço escolar. Ao longo dos anos, os princípios pedagógicos e as metodologias desta Pedagogia foram assegurados nas escolas de assentamento por meio de elementos como o Plano de Estudo, a Pasta da Realidade, a Auto-organização e as Visitas às Famílias. Vamos mostrar como o uso dessas mediações são importantes para a recuperação da defasagem de aprendizado.





Fachada da EEEF Três de Maio. Fonte: Arquivo da Escola

EEEF
Três de Maio
SRE
São Mateus

Tema	Horas Integração e Recuperação de Aprendizagem
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas; Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	1º ao 9º ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Horas Integração; Equidade; Aprendizagem
Objetos de Conhecimento:	Leitura, escrita e comparação de números naturais (até 100); Reta numérica; Números Naturais (Adição); Construção de fatos básicos da adição; Sistema de Numeração Decimal; Composição e decomposição de números naturais; Problemas envolvendo diferentes significados da adição e da subtração (juntar, acrescentar, separar, retirar); Reconstrução das condições de produção e recepção de textos Estratégia de leitura.
Tipo de Atividade:	Projeto de recuperação de defasagem de aprendizado, durante todo ano letivo.
Habilidades:	Competências socioemocionais: empatia, felicidade, autoestima, ética, paciência, autoconhecimento, confiança, responsabilidade, autonomia e criatividade. **EF06MA03:** Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora. **EF06MA24:** Resolver e elaborar problemas que envolvam as grandezas comprimento, massa, tempo, temperatura, área (triângulos e retângulos), capacidade e volume (sólidos formados por blocos retangulares), sem uso de fórmulas, inseridos, sempre que possível, em contextos oriundos de situações reais e/ou relacionadas às outras áreas do conhecimento. **EF04LP01:** Grafar palavras utilizando regras de correspondência fonema--grafema regulares diretas e contextuais. **EF02LP02/ES:** Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras. **EF02LP04/ES:** Ler e escrever corretamente palavras com sílabas CV, V, CVC, CCV, identificando que existem vogais em todas as sílabas. **EF15LP02:** Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

EEEF
Três de Maio
SRE
São Mateus

Metodologia:

- Metodologia da Pedagogia da Alternância e de Paulo Freire;
- Uso do Plano de Estudo como Metodologia de Investigação;
- Materiais necessário: Papel ofício, Data show, telefone celular, caneta, lápis, borracha, impressão, lápis de colorir, internet;
- Tema Gerador como eixo temático;
- Principio da Auto-organização;
- Horas Integração e auto-organização da equipe;
- Visita às Famílias;
- Tutoria.

O Plano de Estudo é uma metodologia de investigação e pesquisa da realidade, em que se desenvolve o Tema Gerador. Este eixo temático fundamenta-se na perspectiva de uma educação dialógica e dialética, que propõe pensar a educação a partir do diálogo com os sujeitos envolvidos, considerando as contradições inerentes à realidade. Desse modo, o Tema Gerador sensibiliza o olhar dos estudantes para criarem um sentido aos conteúdos. Não é o conteúdo para o estudante, é estudo de um conteúdo com o(a) estudante. Segundo Freire, no desenvolvimento do Tema Gerador de Estudo se desenvolve uma tutoria, voltada especificamente para o Tema em pesquisa.

Com o Plano de Estudo desenvolvemos também o princípio da auto-organização. Logo, o estudante não é preparado para ser inserido na sociedade, pois ele já faz parte dela, ele tem interesses, perspectivas de vida, problemas e desafios a serem enfrentados e essas situações não devem ficar longe da escola (Pistrak, 2018).

Partindo dessa premissa, o(a) estudante tem autonomia para construir os seus estudos, algo que é desenvolvido dentro da Auto-organização. Nesta mediação pedagógica todos(as) são divididos(as) em núcleos, com estudante de diversas idades e séries se juntando para desenvolver algumas atividades na escola nos momentos de intervalo e no momento do Componente Curricular Plano de Estudo e Auto-Organização.

Na auto-organização da equipe na EEEF Três de Maio, os(as) professores(as) são divididos em Setores – agropecuário, administrativo e pedagógico em suas Horas Integração. Esta é uma carga horária de cinco horas que todos(as) os(as) professores(as) possuem e são destinadas para o desenvolvimento dos princípios e métodos da Pedagogia da Alternância. Após a reunião de equipe, da discussão do Plano de Estudo – os setores se organizam para desenvolver algumas atividades na escola. No setor pedagógico por exemplo, discutimos as questões relativas à aprendizagem dos(as) estudantes e são os(as) professores(as) do setor pedagógico que planejam o reforço escolar ao longo da semana, o dialogo com as Famílias e a Tutoria.

Problematização:

EEEF
Três de Maio
SRE
São Mateus

Na escola, a educação se formaliza, mas a formação humana ocorre em todos os espaços, como em casa e na comunidade. Na realidade, a escola é um espaço em que a educação institucionalizada ocorre e garante que a formação humana esteja acessível a toda população, sem nenhuma distinção. Caldart (2023, p.33) salienta "que a escola é um espaço de materialização da educação, a escola é uma forma institucional das relações educativas, construção social e histórica em que se faz a educação, ou seja, se intencionaliza pedagogicamente a formação humana".



Prática da Tutoria Coletiva.
Fonte: Arquivo interno Geaciq .

Nesse sentido, a escola sempre se preocupou com a formação de seus estudantes, como garantir a equidade na aprendizagem. Após a pandemia, observamos que nossos estudantes possuíam uma discrepância muito grande nas habilidades de aprendizagem. Assim, em 2022 a equipe gestora e pedagógica com mais intencionalidade para a recuperação da defasagem de aprendizagem, apresentou a ideia para os(as) professores(as) na reunião de equipe, do uso mais intensificado das Horas Integração para acompanhamento da aprendizagem dos estudantes, juntamente com as famílias.

As Horas de Integração foram implementadas pela Secretaria Estadual de Educação como uma estratégia para que os(as) professores(as) desenvolvam e coloquem em prática os princípios da Pedagogia da Alternância, promovendo uma abordagem educativa mais integrada e contextualizada.

Desse modo, foi feito, com a a Equipe, um levantamento dos(as) estudantes que estavam com muita dificuldade, baseado na avaliação inicial diagnóstica elaborada pelo Estado e pela análise da trajetória do(a) estudante em nossa escola.

Como equipe escolar, partimos do princípio que a educação é interdimensional, que o(a) estudante deve ser entendido em toda sua complexidade, em sua trajetória. Portanto, o(a) estudante que necessite recompor sua aprendizagem, precisa ser acompanhado em sua racionalidade, como ele(a) pensa o mundo, bem como em sua afetividade, com o intento de desenvolver laços de confiança entre o(a) estudante e sua forma de agir e os(as) professores(as). Nessa perspectiva, elaboramos planos de estudos relacionados a estas defasagens e a estas realidades dos(as) estudantes, indo para além da perspectiva de seriação, pois eles(as) trabalham nos núcleos. Nestes espaços de Auto-organização, há estudantes de diversas idades e séries se juntando para a aprendizagem.

Os(as) professores(as) fazem um acompanhamento por meio da Tutoria – estas são realizadas mensal e trimestralmente. Existe a Tutoria Coletiva – realizada pelos(as) professores(as) líderes de sala - e a Tutoria individual - em que a equipe escolar procura o(a) estudante para dialogar sobre seus resultados, Projeto de Vida e análise da avaliação socioemocional.

Considerações Finais:

EEEF
Três de Maio
SRE
São Mateus

Como Escola entendemos que o diálogo e o acompanhamento vêm sempre contribuir para melhores resultados de aprendizagem. Às vezes, pode parecer que discutir aprendizagem seja algo menor diante de tantas situações vivenciadas pelo(a) educando(a). No entanto, devemos sempre nos atentar sobre a intencionalidade de nossas ações: quando se discute a aprendizagem, não significa que é desenvolvida apenas uma racionalidade instrumental, mas também uma racionalidade comunicativa voltada ao interesse de todos(as). Essa é a formação humana em sua completude, uma tarefa difícil, que faz a escola parecer o titã da mitologia grega, Atlas, que segura o mundo nos ombros por toda a eternidade, como castigo de Zeus. A escola não pode ficar com toda essa tarefa de formação humana, ela pertence a outras instituições também, como a família, porém, como afirma Freire (1978), se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.



Prática com Subtemas do Tema Gerador.
Fonte: Arquivo interno Geaciq .

Assim as Horas Integração, que permitem a realização da Pedagogia da Alternância, promovem momentos de convivência, compartilhamento de conhecimentos e integração entre os(as) estudantes e a comunidade escolar. Elas permitem construir um espaço de aprendizado coletivo, que vai além do currículo tradicional, proporcionando atividades que valorizem as experiências de vida dos(as) estudantes, suas práticas culturais e sociais, e os saberes locais. Além disso, incentivam, através do plano de estudo e auto-organização a cooperação e o trabalho em grupo, fortalecendo a formação integral dos(as) estudantes, bem como a recomposição de conteúdos perdidos.

Desse modo, fortalecemos os princípios da Educação do Campo, promovendo conhecimento coletivo e relacionado à realidade da comunidade escolar.

Referências Bibliográficas:

CALDART, Roseli Salete. **Sobre as Tarefas Educativas da escola e a Atualidad**e.1º ed. São Paulo: Expressão Popular: 2023.

ESPIRITO SANTO. Secretaria de Educação Básica. Organizações Curriculares do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação Básica. Organizações Curriculares do Ensino Fundamental Anos Finais.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1978.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia** . Campinas: Autores Associados, 2012.

PISTRAK, Moisey M. 1888-1940. **Fundamentos da Escola do Trabalho. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FALANDO NISSO...



A **Pedagogia da Alternância** representa uma transformação significativa na abordagem educacional, superando uma pedagogia tradicional e linear para se adotar um modelo que integra espaço e tempo, diversificando as instituições e os papéis dos envolvidos. Nessa nova perspectiva, o jovem em formação, o "alternante", deixa de ser apenas um estudante e passa a ser um ator ativo em seu contexto de vida e território.

Conforme Gimonet, no livro "**Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**", as finalidades dessa pedagogia são: por um lado, a formação integral do indivíduo, promovendo não apenas a educação, mas também a orientação e inserção profissional; por outro, o desenvolvimento do território onde é implementada.

A articulação entre os tempos e espaços da formação é essencial, permitindo a continuidade das experiências e a interação entre diferentes contextos. Isso garante que as transições entre atividades sejam coerentes e integradas, favorecendo um aprendizado mais significativo e conectado à realidade do jovem. Para ocorrer essa transição de forma significativa, existem as mediações ou instrumentos pedagógicos, tais como Caderno da Realidade, Plano de Estudo, Caderno de Acompanhamento, Visitas às Famílias, entre outros.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=euy5OtZmq1k&t=191s

Para conhecer um pouco mais da Pedagogia da Alternância, sugerimos o vídeo produzido e exibido pelo Jornal do Campo da TV Gazeta. Ele retrata a experiência da Escola Família Agrícola de Olivânia, a primeira Escola Família Agrícola do Espirito Santo e do Brasil.

Reaproveitamento dos dejetos de bovinos e aves para produção de biofertilizante aeróbio

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Carla Lidiane Oliveira de Souza
Gilvanete Lisboa Santos
Guilherme Alves Pereira

O Centro Estadual Integrado de Vila Pavão foi implantado em 8 de março de 1983. Nessa época, Vila Pavão pertencia ao município de Nova Venécia e demandava uma escola no "meio rural", que pudesse oferecer à população do Campo um ensino voltado à sua realidade econômica, social e cultural. Com base nessa necessidade, a Secretaria Estadual de Educação e Cultura do estado do Espírito Santo - atualmente SEDU/ES - se propôs a modificar o sistema de ensino de 1º grau, hoje Ensino Fundamental Anos Finais, por meio da implantação de um novo modelo de escola denominado "Centro Integrado de Educação Rural - CIER". O objetivo era oferecer uma formação com um currículo voltado para a habilitação profissional, de modo a dar condições aos filhos e filhas dos sujeitos do Campo de poder auxiliar no manejo de sua propriedade ou no aumento da produção do município sem ter que esperar pelo 2º grau, hoje Ensino Médio. Além disso, havia o objetivo de promover uma ação educativa que abrangesse todo o meio rural, contribuindo para sua melhoria e solidificação em contraponto ao meio urbano.

Em 2008, teve início o Ensino Médio Integrado Técnico em Agropecuária, oportunizando mais uma vez os filhos e filhas de pequenos(as) produtores(as) a terem acesso a uma formação técnica para que possam tanto seguir uma carreira acadêmica quanto aplicar os conhecimentos em suas propriedades

A Instituição prioriza uma filosofia de vida e produção dentro dos princípios agroecológico, trazendo a reflexão que a relação do ser humano com a natureza deve ser integrada e não somente objeto de exploração como se vê nos métodos convencionais de produção.

Nesse contexto, prioriza-se sempre o uso de práticas que causem o menor tipo de impacto possível ao meio ambiente, sendo ambiental, econômica e socialmente viável ao povo camponês, por meio do uso de tecnologias alternativas que integram os conhecimentos empíricos e científicos.



Fachada da CEIER Vila Pavão Fonte: Arquivo da autora, 2024

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Tema	Tema Gerador: Solo e Questões Agrária
Componente (s) Curricular(es)	Produção Animal, Produção Vegetal, Química e Biologia
Turma(s)/ Série(s)	8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio Integrado Técnico em Agropecuária
Palavras-chave	Agroecologia; Solo; Meio Ambiente
Objetos de Conhecimento:	Produção Vegetal: Solo e Nutrição das Plantas; Princípios de nutrição de plantas. Produção animal: Bovinocultura leiteira; Avicultura de postura. Biologia: Contribuições da biotecnologia e seus impactos em setores essenciais para o bem-estar humano, o meio ambiente e avanços científicos e tecnológicos. Química: Concentração das soluções; Diluição de soluções; Reações em solução.
Tipo de Atividade:	Projeto Interdisciplinar durante o Ano Letivo de 2022 e 2023

Habilidades:

Produção Vegetal: Identificar e relacionar as principais propriedades físicas e químicas com manejo do solo; Exercer cidadania e trabalhar os conceitos e práticas sustentáveis.

Produção Animal: Manejo sanitário na bovinocultura e avicultura, exercer a cidadania e trabalhar conceitos e práticas sustentáveis.

Biologia: **EM13CNT301:** Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações problema sob uma perspectiva científica.

Química: **EM13CNT206:** Discutir a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta.

Metodologia:

- Reaproveitamento de dejetos de bovinos e aves;
- Produção de Biofertilizante;
- Preparo e manejo da produção;
- Acompanhamento e processo de fermentação;
- Produto Final de Biofertilizante Aeróbio.

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

O reaproveitamento de dejetos de bovinos e aves para a produção de biofertilizante aeróbio é uma prática sustentável que transforma resíduos agropecuários em insumos agrícolas de alto valor. Esse processo envolve a decomposição aeróbia (com oxigênio) dos dejetos, resultando em um fertilizante rico em nutrientes, que melhora a fertilidade do solo e reduz a necessidade de fertilizantes químicos. Além disso, contribui para a gestão eficiente dos resíduos, diminuindo impactos ambientais e promovendo uma agricultura mais sustentável e integrada ao meio ambiente.

Para realizar a prática, foram utilizados os seguintes materiais: 8,5 kg Esterco bovino fresco, pois contém mais nutrientes; 4 kg de Cama de frango curtida, rico em nitrogênio atuando no crescimento das plantas; 4,5 kg de Farelo de algodão; 3,5 L leite, atuando como agente fermentador e água para diluir; Cinza (adicionada no momento da aplicação); Tambor de 100 L; Sombrite para evitar a entrada de insetos e outros animais.

Para o preparo do biofertilizante, foi feita a coleta dos materiais: com exceção do farelo de algodão, todos foram reaproveitados da área de produção animal da escola. Estes foram colocados em um tambor de 100 L e acrescentada água não clorada para diluição dos mesmos, após a mistura a “boca” do tambor foi coberta por um pedaço de sombrite para evitar a entrada de insetos. O processo de fermentação dura em torno de 60 dias. Toda semana é feita a mistura do biofertilizante com a ajuda de um pedaço de madeira. O biofertilizante produzido foi aplicado nas folhas basais do abacaxi, sendo utilizado 100 ml do produto por planta, no momento da aplicação foram adicionados 6 g de cinza. Os (as) estudantes acompanharam todo o processo de fermentação e produto final de biofertilizante aeróbio para utilização.



Coleta dos dejetos de bovino Fonte: Arquivo da autora 2024

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Problematização:

O experimento de produção de biofertilizante aeróbio visa utilizar recursos disponíveis na escola, como esterco bovino, esterco de aves, leite e matéria orgânica, destacando a importância de reciclar resíduos e promover a saúde do solo. A prática envolve o acompanhamento do processo de decomposição e liberação de nutrientes, integrando conhecimentos sobre o manejo sustentável e as características físico-químicas do solo. Além de ser uma alternativa acessível aos fertilizantes comerciais, o biofertilizante contribui para a fertilidade do solo e dissemina práticas de agricultura sustentável.





Separação dos insumos e preparo do biofertilizante. Fonte:Arquivo autora2024

A prática teve como objetivo produzir um biofertilizante aeróbio utilizando materiais disponíveis na escola, como leite, esterco bovino, esterco de aves e matéria orgânica, destacando a importância da reciclagem de resíduos orgânicos e a promoção da saúde do solo. É de suma importância que os(as) estudantes saibam como ocorre a decomposição de matéria orgânica e a liberação de nutrientes pelos microrganismos. A integração de manejo sustentável dos dejetos animais interligados com o conhecimento das características físico-químicas do solo, principalmente sobre práticas alternativas para melhorar a fertilidade do solo, possibilitam a realização desse experimento, em que os(as) estudantes podem, por meio de suas ações em campo, acompanhar todo o processo do manejo animal, coleta dos materiais e observação do processo de transformação até chegar ao produto final. Ademais, pode-se explorar conhecimentos tradicionais de agricultura sustentável, como compostagem e uso de biofertilizantes em culturas locais, valorizando, assim, os conhecimentos populares sobre práticas agrícolas. O fator econômico é outro ponto a ser destacado, pois o uso de adubos provenientes do mercado é um fator de oneração da atividade agrícola, enquanto a produção do biofertilizante é uma opção acessível, barata e sustentável do ponto de vista ambiental.

Considerações Finais:



O uso de biofertilizantes aeróbios produzidos a partir de dejetos de bovinos e aves é uma prática que alia sustentabilidade e economia, promovendo a reciclagem de resíduos orgânicos e a fertilidade do solo. Esse tipo de experiência educacional permite aos estudantes compreender os processos de decomposição e o papel dos microrganismos, enquanto aplicam técnicas de manejo sustentável e valorizam práticas agrícolas tradicionais. Dessa forma, contribui para a formação de futuros agricultores(as) mais conscientes e preparados para implementar práticas agroecológicas em suas comunidades.

A execução desta prática possibilita trabalhar junto aos estudantes conceitos estabelecidos nos componentes curriculares, além de os(as) estudantes vivenciarem uma prática agroecológica, uma vez que a agroecologia está estabelecida como filosofia desta escola. No entanto, para além das questões pedagógicas, a prática contribui para um elemento essencial do CEIER estabelecida no modelo da Educação do Campo, em que a prática e a teoria são construídas a partir do trabalho. Os(as) estudantes são parte estruturante, ou seja, eles são participantes da prática. Eles(as) fazem a coleta e separação para, posteriormente, misturar os produtos para a produção do biofertilizante. A partir desta ação pretende-se construir uma relação dos(as) educandos(as) com a propriedade para que entendam que tudo ali está interligado e nada precisa ser considerado descartável, uma vez que o biofertilizante é um produto cuja matéria-prima se encontra no curral, no "poleiro" das galinhas, no fogão à lenha. Além das vantagens ambientais, também é necessário tratarmos das vantagens econômicas, tendo os(as) estudantes acesso a este conhecimento, eles poderão difundir esta prática para suas famílias e comunidades, contribuindo, assim, para a sustentabilidade ambiental e econômica da sua localidade. Portanto, o uso de biofertilizantes aeróbios é uma alternativa à utilização de adubos químicos sintéticos, que além de caros, são danosos ao solo e águas subterrâneas.

Referências Bibliográficas:

ESPIRITO SANTO. Secretaria de Educação Básica. Organizações Curriculares do Ensino Fundamental Anos Finais.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação Básica. Organizações Curriculares do Ensino Médio.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia . Campinas: Autores Associados, 2012.

Projeto Político Pedagógico Ceier Vila Pavão

FALANDO NISSO...



Os **CEIERs (Centros de Educação Integral e Rural)** foram criados na década de 1980, no contexto do fim da Ditadura Militar e do êxodo rural. Em resposta à monocultura do café e ao plantio de eucalipto no Espírito Santo e, influenciados por movimentos sociais, educadores(as) buscaram uma abordagem pedagógica que promovesse a sustentabilidade através da agroecologia, em vez de métodos convencionais.



Livro com relato de práticas desenvolvidas pelos Centros.



Uma das cartilhas produzidas pelos Centros sobre as práticas de reflorestamento.

Inicialmente, sem uma proposta pedagógica, os centros firmaram *parcerias* com a Escola Agrotécnica Federal de Colatina, Escolas Familiares Agrícolas e a comunidade local para desenvolver uma formação integral própria. Desse modo, O CEIER desenvolve uma educação interdisciplinar através dos Temas Geradores, voltada para a sensibilização ambiental, utilizando o método Ver, Julgar, Agir e Celebrar, que abrange as dimensões da sensibilidade, reflexão, ação transformadora e celebração das conquistas.

Disponível: https://www.editoraschreiben.com/livros/ceiers-%E2%80%93-40-anos%3A-mem%C3%B3rias-afetivas

Como ferramentas pedagógicas para desenvolver os Temas Geradores, os CEIERs têm as Unidades de Demonstração, Experimentação e Produção (UDEPs). São grandes áreas agrícolas utilizadas como laboratórios, onde estudantes e professores(as) se unem para explorar alternativas viáveis à agricultura camponesa. Essas unidades valorizam o conhecimento dos "estudantes-agricultores" durante as atividades práticas, que incluem a fabricação de defensivos naturais, preparação de composto orgânico, plantio de leguminosas, manejo de suínos, criação de aves caipiras, manejo de Sistemas Agroflorestais (SAFs), consorciação de culturas, processos artesanais e agroindustriais, plantio de árvores e manutenção de bancos de sementes. Essas práticas agroecológicas foram compartilhadas com a comunidade em uma série de cartilhas produzidas por educandos(as) e educadores(as) no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000.

Da Ancestralidade à atualidade

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Gilvanete Lisboa Santos
Carla Lidiane Oliveira de Souza
Guilherme Alves Pereira

Fundada em 8 de março de 1983, a escola Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão(CEIER - VP), localizada no Córrego São Roque do Estevão, cerca de quatro quilômetros de distância da sede do município, desenvolve uma metodologia voltada para a Agroecologia, tendo como ponto de partida a realidade regional e orientada por um projeto de agricultura sustentável e de relação positiva com a natureza. O Centro oferta a educação básica e também educação profissional na modalidade de Educação do Campo em tempo integral abarcando turmas do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental Séries Finais e 1ª à 3ª Série do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária. Tem como filosofia a 'Agroecologia', com atividades que vão desde o desenvolvimento de uma agricultura alternativa, que utiliza recursos disponíveis na propriedade e que respeita a natureza, até uma extensa programação que envolve as comunidades de seu entorno" (CEIER, 2024, p. 12).

A valorização da cultura afro-brasileira é crucial para o reconhecimento do que o nosso país é hoje e das nossas heranças culturais. No contexto da Educação do Campo, essa valorização torna-se ainda mais importante, uma vez que é nas comunidades do Campo que muitos desses saberes ancestrais continuam a ser praticados e transmitidos. Entre os diversos elementos dessa herança, apresenta-se como destaque o cultivo e o uso da mandioca, prática presente na história das comunidades afrodescendentes e rurais. Nesse viés, a prática aqui descrita foi desenvolvida no CEIER de Vila Pavão, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP):

> Adota como princípios a valorização do ser humano, o respeito à liberdade intelectual, a cultura local, regional e de opinião, na interdisciplinaridade de ações e na busca dos avanços científicos e tecnológicos, comprometidos institucionalmente com a sociedade e sua qualidade de vida (CEIER, 2024, p. 6).

O PPP destaca também nas suas diretrizes pedagógicas a Educação Étnico-Racial e História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, enfatizando como ponto crucial que a escola deverá desenvolver, dentro de suas características individuais, pontos relacionados à questão étnico-racial. Com isso, a prática relatada emergiu a partir da eletiva "Empratando cultura e conhecimento". Ela buscou realizar um trabalho interdisciplinar embasado no currículo estadual, a fim de estudar os saberes ancestrais relacionados à mandioca, não apenas como um alimento, mas como um símbolo de resistência e adaptação cultural. No ambiente da Educação do Campo, esses conhecimentos tradicionais ganham uma dimensão ainda maior, pois representam a conexão entre as práticas agrícolas, as tradições culturais e a vida comunitária. A proposta foi mostrar como esses saberes, transmitidos de geração em geração, podem ser conectados com as tecnologias atuais, proporcionando uma visão integrada que respeita o passado e se adapta às gerações atuais.

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Tema	Educação para Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena
Componente (s) Curricular(es)	História, Língua Portuguesa, Produção Agroindustrial, Produção Vegetal
Turma(s)/ Série(s)	8º ano do Ensino Fundamental e 1° à 3° série do Ensino Médio Integrado Técnico em Agropecuária
Palavras-chave	Saberes Ancestrais; Cultura; Rural; Mandioca
Objetos de Conhecimento:	História: Patrimônio cultural afro-brasileiro e indígena no Brasil e no Espírito Santo. Língua Portuguesa: Gênero textual, escrita e oralidade. Produção Agroindustrial: Limpeza e sanitização: Técnicas de limpeza; Métodos de limpeza. Processamento de produtos de origem vegetal. Produção Vegetal: Culturas anuais: mandioca. Características botânicas. Cultivares. Época de plantio Ciclo da cultura Propagação. Plantio e Espaçamento. Tratos culturais
Tipo de Atividade:	Projeto interdisciplinar realizado entre 05 a 13 de agosto de 2024
Habilidades:	**EM13CHS107HIS/ES**: Conhecer o patrimônio cultural afro-brasileiro e indígena no Brasil e no Espírito Santo com vistas a atuar para sua valorização e preservação. **EF05LP09:** Ler e compreender, com autonomia, textos instrucional de regras de jogo, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. Produção Agroindustrial: Produtos de origem vegetal: Produzir com higiene dentro das BPF, mantendo a qualidade, com características nutricionais e sensoriais. Fazer a conservação dos alimentos. Conduzir o aproveitamento dos excedentes na propriedade rural agregando valor ao produto. Promover a BPF na agroindústria. Produção Vegetal: Aplicar e monitorar técnicas de produção, colheita e armazenagem. Exercer a cidadania e trabalhar os conceitos e práticas sustentáveis.

Metodologia:

- Roda de conversa sobre a cultura da mandioca;
- Pesquisa interdisciplinar;
- Entrevistas na comunidade;
- Colocação em Comum;
- Atividade prática: produção da goma de mandioca e do Beiju;
- Debate final e degustação.

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

A prática pedagógica aqui descrita foi um retalho da eletiva "Empratando cultura e conhecimento", desenvolvida no CEIER de Vila Pavão, no segundo semestre de 2024, com uma turma multisseriada composta por estudantes do 8º ano à 3ª série. Para o desenvolvimento da prática, iniciamos com uma roda de conversa sobre a cultura da mandioca, uso e processamento, a fim de realizar um diagnóstico dos saberes prévios sobre o assunto. A partir disso, foi solicitado aos estudantes que fizessem uma pesquisa sobre a cultura da mandioca (características, tratos culturais, utilização na culinária, importância histórica e cultural para as comunidades afro-brasileiras). Logo após, realizamos a colocação em comum do que foi pesquisado: como momento de troca de estudos, cada estudante foi relatando sobre o que chamou atenção a partir da pesquisa. Assim, foi proposto que construíssem durante a semana um roteiro para a realização de uma entrevista para pesquisa com a família ou membros da comunidade que possuíssem conhecimentos sobre o cultivo e processamento tradicional da mandioca.

Posteriormente realizamos a colocação em comum dos resultados das entrevistas, etapa fundamental para nosso momento de troca de saberes. Dando seguimento, foram expostos dois vídeos bem curtos sobre o processo de produção da farinha e da retirada da goma de tapioca utilizando técnicas ancestrais, e que até hoje ainda é realizado em algumas regiões do Brasil. Depois seguimos para a realização da atividade prática do processo de retirada da goma da tapioca de forma simples e caseira, desenvolvida junto ao professor a partir de orientações e demonstrações práticas, de acordo com os passos sequenciais: Colheita da mandioca produzida na própria escola, limpeza, retirada da casca, corte, higienização, processamento no liquidificador com água, coagem, separando a parte líquida, separada para uma decantação, (ficando na parte de baixo a goma de tapioca, a parte líquida foi descartada). Por sua vez, a parte da massa (sólida) que ficou no pano, foi separada para aproveitamento de outra prática, essa massa de mandioca pode ser utilizada para fazer beiju de massa ou bolos, separada para secagem da massa, acondicionamento e refrigeração, para futuramente utilizá-la. Já a goma, depois de decantada, retirou-se da panela, fazendo a quebra: secagem, processamento adquirindo uma consistência tipo pó fino; hidratação, que é assim que se encontra a tapioca no mercado.

Fizemos uma receita de beiju, como é chamado em algumas regiões, ou tapioca como é denominada em outros lugares. Antigamente, esse prato era comido sem nenhum recheio. Atualmente, ele foi gourmetizado e é muito comum fazê-lo utilizando vários recheios tanto doces quanto salgados. A nossa receita foi feita com recheio de frango com requeijão cremoso e alface (produzida na escola). Após a realização de toda atividade prática supracitada, foi realizado momento de degustação do prato elaborado, seguido de reflexão e discussão sobre os métodos tradicionais e modernos abordados, enfatizando a preservação dos saberes ancestrais e a importância das mudanças com algumas inovações tecnológicas.

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

Problematização:

A produção de goma de tapioca e beiju é uma prática histórica e culturalmente significativa para diversas comunidades do Campo brasileiro. No entanto, com a industrialização dos alimentos e o crescimento do mercado urbano, muitos(as) jovens que vivem no campo têm se distanciado dessas práticas e do seu valor cultural, econômico e nutricional.

Como podemos recuperar e valorizar esses saberes tradicionais, ao mesmo tempo que integramos essas práticas à formação escolar dos(as) estudantes? Quais são as implicações socioeconômicas de conhecer e dominar o processo de produção de alimentos artesanais para a autonomia dos(as) jovens no campo? Como a produção de goma de tapioca e beiju pode servir de eixo integrador para diferentes conteúdos curriculares e para a valorização da agricultura familiar?





Foto de mandioca colhida da área de UDEPs. Foto do processo de higienização da mandioca – Fonte: Arquivo da autora, 2024.

A situação problemática que se coloca é: como integrar, de forma significativa e transformadora, os saberes tradicionais afro-brasileiros com as metodologias e tecnologias atuais no currículo e contexto escolar? Como garantir que os estudantes compreendam a importância desses saberes não apenas como um resgate histórico, mas como parte ativa e relevante de sua formação cultural e científica? Para o desenvolvimento do projeto a partir da problematização, a prática foi embasada em uma abordagem interdisciplinar, em que diferentes componentes curriculares foram abordados, como História, Língua Portuguesa, Produção Vegetal e Produção Agroindustrial, dialogando de forma integrada. A proposta foi criar um ambiente de aprendizagem em que os saberes tradicionais e ancestrais, como o cultivo da mandioca, o processo de produção artesanal da farinha e a extração da goma de tapioca conversassem com os conhecimentos científicos e com as atualidades. O intuito era que a implementação desta metodologia permitisse uma reflexão crítica sobre a importância da cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo em que se exploram as possibilidades de inovação e adaptação dessas práticas ao mundo contemporâneo.

Considerações Finais:

CEIER
Vila Pavão
SRE
Nova Venécia

A proposta de trabalhar com a produção de goma de tapioca e beiju em uma escola do campo vai além de uma atividade prática: ela é um convite para a revalorização dos saberes tradicionais, muitas vezes marginalizados. Esse tipo de iniciativa conecta os(as) estudantes à história, à cultura, promovendo um aprendizado significativo que alia teoria e prática, fortalecendo a identidade coletiva.

Esta prática buscou destacar a importância dos saberes ancestrais afro-brasileiros, com foco no cultivo e uso da mandioca, integrando-os ao contexto contemporâneo e educativo da Educação do Campo. Por meio do trabalho de entrevista com as famílias e comunidades locais, das atividades práticas e da comparação entre métodos tradicionais ancestrais e tecnologias modernas foi possível não apenas resgatar práticas culturais valiosas, mas também promover uma reflexão crítica sobre sua aplicação e adaptação na atualidade. A conexão entre os saberes tradicionais e as inovações mostrou-se fundamental para que os estudantes compreendessem a riqueza cultural da mandioca e sua importância histórica. Essa integração permitiu a valorização dos conhecimentos ancestrais, não como algo do passado e ultrapassado, mas como práticas vivas e dinâmicas que continuam a ter importância nos dias de hoje. No contexto da Educação do Campo, a valorização desses saberes ganha uma dimensão especial, pois trata-se de um ambiente onde a tradição e a inovação podem se conectar de forma harmoniosa. Ao trabalhar com as raízes culturais e as práticas agrícolas tradicionais, os estudantes são incentivados a desenvolver um olhar mais crítico e consciente sobre suas próprias origens e sobre a importância da preservação cultural. É fundamental que essa prática pedagógica, que integra saberes tradicionais e conhecimentos escolares, continue sendo explorada e ampliada, contribuindo para uma educação mais inclusiva, diversa e conectada com as realidades rurais. Esperamos que a metodologia aqui descrita sirva de inspiração para outras instituições e contribua com futuros estudos sobre a temática.







Fotos do processo de retirada da goma da tapioca de forma simples e caseira – Fonte: Arquivo da autora, 2024

Referências Bibliográficas:

CEIER de Vila Pavão. **Projeto Político Pedagógico – PPP 2024.** Vila Pavão, 2024.

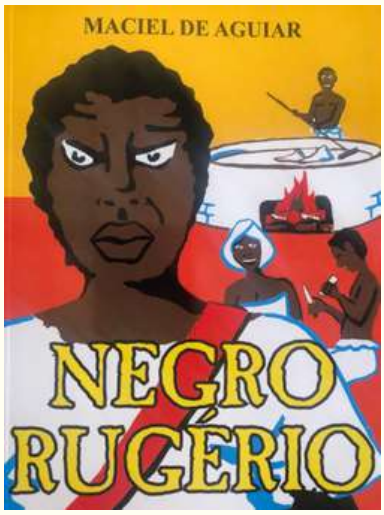
SEDU. **Currículo do Estado do Espírito Santo.** Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/> Acesso em 12 de agosto de 2024.

FALANDO NISSO...



A memória de resistência das **comunidades quilombolas do Sapê do Norte,** localizadas entre os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, tem uma forte relação histórica com o território e com a produção de farinha de **mandioca e beiju**. Essa prática remete tanto à ancestralidade negra quanto à resistência, à opressão histórica sofrida, sendo um símbolo de luta e sobrevivência diante da exploração e da marginalização social ao longo da história.

Essas comunidades quilombolas, que somam, atualmente, cerca de 23 certificadas pela Fundação Palmares, são responsáveis por preservar uma tradição agrícola secular. Além disso, elas cultivam uma ampla variedade de alimentos, como milho, feijão, melancia, abóbora, quiabo, maxixe, coco, manga, jaca, cajá e banana. Conservam espécies tradicionais e participam de feiras locais e regionais para comercializar seus produtos, promovendo trocas contínuas de sementes e saberes entre as comunidades.



Que tal trabalhar o livro de Maciel de Aguiar, "**Negro Rugério**" para entender como a mandioca colaborou com a resistência dos quilombolas no Espírito Santo? O livro conta a história deste personagem, chamado Negro Rugério, e da resistência à escravidão, no século XIX, no Vale do Cricaré. Ele se tornou líder quilombola ao fugir da fazenda de mandioca de D. Rita Cunha e formar o Quilombo do Morro. Além disso, negociou um acordo para a comercialização da farinha de mandioca no Porto de São Mateus. Veja também o vídeo O Quilombo do Negro Rugério.

Assista também ao vídeo Beiju do Sapé no Norte, da TVE Espírito Santo. Ele apresenta o beiju, uma iguaria produzida a partir da goma e da massa de mandioca, tradição nas comunidades quilombolas do Espírito Santo. Feita nos núcleos familiares, é uma fonte de renda e, principalmente, um símbolo de resistência e reafirmação da identidade.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=6RPN-M5C9js

Prática Interdisciplinar em Etnomatemática no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Águia Branca

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

Dailane Forza Mari
Ismael Lourenço de Jesus Freitas
Janacélia Andrade Lacerda Destefani

O CEIER "Centro Estadual Integrado de Educação Rural" de Águia Branca foi criado em 1983, na comunidade de São Pedro, pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura em convênio com o MEC – Ministério da Educação e Cultura e Prefeitura. O CEIER nasceu, na verdade, num contexto de efervescência dos movimentos sociais, de gestação de um novo sentimento de educação, de reforma agrária, de políticas públicas e de repensar questões importantes como o estado de direito, cidadania, relações de gênero e meio ambiente.

A Educação do Campo, como abordagem de estudos e práticas, provoca pesquisadores/as e educadores/as a refletirem sobre as aprendizagens para além das paredes da sala de aula, em meio a um cenário enriquecedor e desafiador que tenciona as fronteiras disciplinares ao confrontá-las com as práticas do dia a dia, permeadas pelas culturas, pelo trabalho e pela relação com a terra, que se apresentam como matrizes teóricas dos currículos da Educação do Campo (CALDART et al., 2012).

Nesse sentido, atividades interdisciplinares em sala de aula se apresentam como pontes que podem conectar diversos componentes curriculares, desafiando as fronteiras convencionais do conhecimento. A interdisciplinaridade, como perspectiva epistemológica, se apresenta nos debates no cenário educacional brasileiro a partir dos anos de 1990, com vistas à superação da fragmentação do conhecimento e à adoção de uma perspectiva mais holística que compreenda as relações entre sujeito, objeto e contextos, e demarca para as práticas educativas outros modos de organização de currículos, projetos e fazeres docentes (FAZENDA; GODOY, 2014; FERREIRA; SILVÉRIO; PILON, 2020; JAPIASSU, 2006).



Fachada da CEIER Águia Branca Fonte: Arquivo GEACIQ

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

Tema	Etnomatemática - uma Experiência no Manejo e Colheita do Açaí
Componente (s) Curricular(es)	Matemática , Produção Vegetal e Produção Agroindustrial
Turma(s)/ Série(s)	3º ano do Ensino Médio Integrado Técnico em Agropecuária
Palavras-chave	Etnomatemática; Educação do Campo; Interdisciplinar
Objetos de Conhecimento:	Números e Operações; Geometria, Grandezas e Medidas; Processamentos de Origem Vegetal; Agregação de Valores; Manejo e Colheita do Açaí.
Tipo de Atividade:	Projeto Interdisciplinar realizado no 1° Trimestre de 2023

Habilidades:

HCBEE: Trabalhar com porcentagens, reconhecer suas diferentes representações e utilizá-las para resolver problemas.

EM13MAT313: Utilizar, quando necessário, a notação científica para expressar uma medida, compreendendo as noções de algarismos significativos e algarismos duvidosos, e reconhecendo que toda medida é inevitavelmente acompanhada de erro.

Conhecer técnicas de produção, colheita e armazenamento.
Realizar diferentes técnicas de cultivo.
Relacionar as características encontradas em cada solo, alinhados com atividades agropecuárias.
Produzir com higiene dentro das boas práticas da educação.
Fazer a conservação dos alimentos.
Conduzir o aproveitamento excedentes da propriedade rural agregando valor ao produto.

Metodologia:



- Porcentagem: cálculo de taxas, índices e coeficientes;
- Noção de erro em medições;
- Importância econômica e social;
- Viabilidade econômica na formação de grãos e frutos no manejo fitossanitário da colheita;
- Custo e rendimento de produção e armazenamento;
- Limpeza e sanitização;
- Métodos de conservação de alimentos (despolpe e congelamento).

Para ilustrar a conexão dialógica entre os saberes etnomatemáticos e a Educação do Campo, destaca-se uma atividade prática específica e que tenha em vista a coleta de frutos de açaí presentes na reserva da escola. A realização dessa atividade prática envolveu um processo de planejamento, meticulosamente registrado no plano de ensino e detalhadamente delineado na sequência didática.

A atividade contou com a participação de uma turma composta por 19 estudantes, sendo 11 meninas e 8 meninos, todos matriculados na 3ª série do Ensino Médio no Curso Técnico em Agropecuária. Foi desenvolvida por docentes dos componentes curriculares de Matemática, Produção Vegetal e Produção Agroindustrial, que participaram conjuntamente de todo o processo. O desenvolvimento dessa prática visa valorizar os saberes prévios dos(as) estudantes em relação à colheita, além de possibilitar outros saberes presentes em uma atividade prática (a colheita do Açaí) que envolve vivências de estudantes com o processo (plantio, cuidados e colheita), bem como a articulação desses saberes com conhecimentos escolares, pautada na interdisciplinaridade.

As atividades envolveram um estudo das características da planta, incluindo sua origem, adaptação ao ambiente, técnicas de cultivo, momento apropriado para a colheita e as condições climáticas ideais para o crescimento frutífero; colheita e pesagem dos frutos *in natura* e, em seguida, dedicaram-se à pesquisa de todo o processo de beneficiamento, incluindo seleção, higienização, despolpamento por meio de uma despolpadora e envase, incluindo padrões de medida como litros ou quilogramas, além de estudo sobre métodos lucrativos e comparativos, como a venda de produtos *in natura* ou processados.

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

Problematização:

Na literatura da Educação do Campo, o ambiente rural é mais do que apenas um local para atividades agrícolas. Ele é compreendido como um espaço de diversificadas atividades, interações e conexões que ultrapassam os limites da agricultura e exercem um impacto marcante sobre a vida das comunidades que o habitam.



Foto Representativa. Fonte: livre do Canva

Nessa perspectiva, a matemática praticada nas escolas, frequentemente percebida como desprovida de contexto e excessivamente teórica, tem a possibilidade de ser enriquecida por meio da inserção de elementos provenientes da Educação Campo e da abordagem etnomatemática. Isso envolve a incorporação de situações do cotidiano rural no ensino, por meio de práticas matemáticas inerentes à componentes específicos da Educação do Campo.

O Campo, mais do que um perímetro não-urbano, é um local de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (BRASIL 2001). Dessa forma, a Educação do Campo, com sua ênfase nas realidades e desafios das comunidades do Campo, une-se à etnomatemática, que explora e valoriza as contribuições matemáticas originadas das vivências culturais, para oferecer um contexto educacional em que a matemática é intrinsecamente conectada à vida dos(as) estudantes. Esse enfoque não apenas reconhece a relevância das perspectivas locais, mas também potencializa a compreensão da matemática como uma ferramenta para resolver situações reais e cotidianas enfrentadas pelos habitantes do Campo.

Nesta narrativa, a Educação do Campo e a etnomatemática se entrelaçam a uma abordagem educativa que valoriza a vida de estudantes, estabelecendo uma conexão viável entre os conhecimentos tradicionais das comunidades do Campo e o conhecimento acadêmico, a partir de um contexto interdisciplinar em sua abordagem integradora no processo de ensino-aprendizagem.

Considerações Finais:



A prática desenvolvida coloca em evidência a importância dos conhecimentos matemáticos escolares contextualizados, as vivências e desafios enfrentados pelas comunidades do Campo, valorando saberes e práticas. Práticas interdisciplinares calcadas em experiências das comunidades localizadas na zona rural propiciam o engajamento de estudantes com o ambiente que os(as) cerca, instigando-os(as) ao desenvolvimento de habilidades de observação e potencializando a consciência, cuidado e valoração ambiental.

Nesse cenário, estudantes não apenas exploram os nexos entre a matemática e outras áreas de conhecimento, como também sondam como tais esferas se entrelaçam e se complementam mutuamente. É válido ressaltar que a abrangência das práticas exemplificadas pode se estender a um vasto conjunto de iniciativas na escola, cada qual oferecendo um olhar relevante e enriquecedor para os distintos componentes curriculares.

Aproveitar os recursos locais, compreendendo a vastidão de materiais e tecnologias disponíveis nas comunidades rurais, é um alicerce inestimável para o CEIER e o ensino de matemática a partir da realidade cotidiana do público atendido. A exploração engloba desde o uso de materiais naturais até ferramentas agrícolas e tecnologias elementares, agregando riqueza às práticas curriculares. Alinham-se, desse modo, não só conhecimentos matemáticos com contextos reais, estimulando habilidades como observação, coleta de dados, resolução de problemas e tomada de decisões, mas também valoram a cultura e os saberes das comunidades do Campo.

Por fim, destaca-se a importância de compartilhar os desdobramentos provenientes dessas atividades com a comunidade, fomentando uma fecunda interação de saberes e vivências entre estudantes e habitantes locais.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo 200**1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.

CALDART, Roseli. Salete. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf . Acesso em: 25 jul. 2023.

FAZENDA, Ivani. Catarina. Arantes. (Org.); GODOY, Hermínia. Prado. [Coordenadora Técnica]. **Interdisciplinaridade:** pensar, pesquisar, intervir. São Paulo: Cortez, 2014.

FERREIRA, Lívia Israel; SILVERIO, Thiago Cunha; PILON, Paulo. Interdisciplinaridade no CEIER/Águia Branca (ES): a cunicultura como instrumento pedagógico no curso técnico em agropecuária. In: FOERST, Erineu; JESUS, José Pacheco de. (Orgs.). **Educação do Campo:** 35 Anos dos Ceier's-Culturas, Saberes e Pesquisas - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2020. 359 p.; 23 cm (Educação & Culturas), p. 227-254.

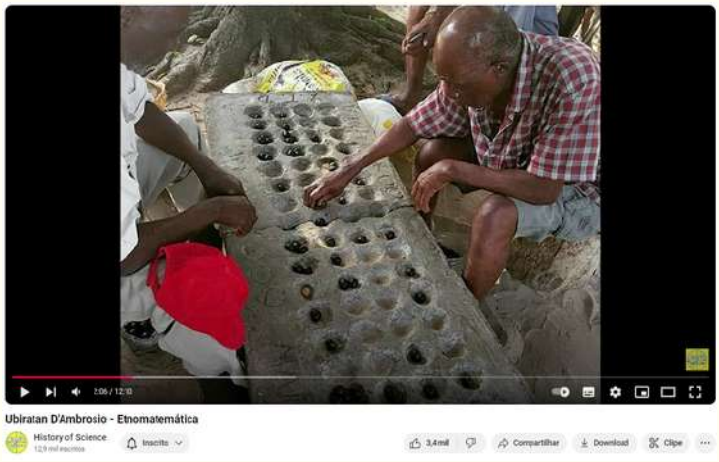
JAPIASSU, Hilton. O **sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago 2006.

FALANDO NISSO...



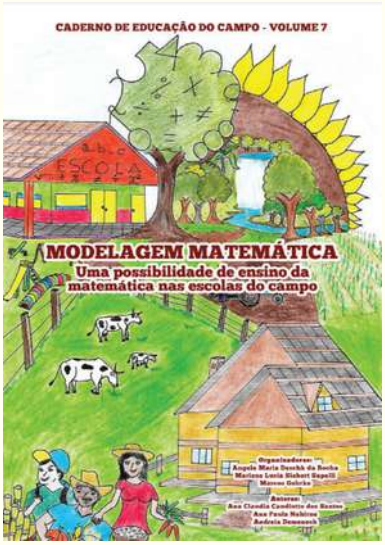
A **Etnomatemática** é uma abordagem metodológica que valoriza o conhecimento acumulado pelos(as) estudantes a partir de seu contexto social, cultural e econômico. Portanto, pode se relacionar especialmente com a Educação do Campo, que valoriza os conhecimentos do território. É possível desenvolver atividades que permitem analisar saberes matemáticos presentes nas práticas agrícolas, focando nas medidas agrárias de superfície. Isso possibilita identificar e sistematizar os procedimentos e cálculos utilizados pelos(as) agricultores(as), relacionando-os ao conhecimento formal do currículo de Matemática e promovendo uma conexão entre a matemática cotidiana e o ensino formal.

Veja o vídeo com o professor Ubiratan D'Ambrosio, um dos principais responsáveis pela introdução e desenvolvimento da Etnomatemática como um campo de estudo e prática. Ele propôs essa abordagem nos anos 1980, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar os saberes matemáticos que emergem das experiências culturais, sociais e econômicas de diferentes comunidades.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=kUCNDK7DeKs

Para pensar mais as relações com a Educação no Campo, indicamos também o artigo A Etnomatemática na Escola do Campo. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-uniaodavitoria_mat_artigo_elisa_lilian_rincao.pdf



A abordagem da **Modelagem Matemática** também é uma possibilidade para a Educação do Campo, conforme o caderno ao lado. Modelagem Matemática é o processo de representar situações do mundo real por meio de modelos matemáticos, permitindo a análise e a solução de problemas complexos. No contextos rurais, a Modelagem Matemática pode ser aplicada para otimizar práticas agrícolas, como o uso de recursos hídricos, a previsão de colheitas, a análise de custos de produção e a gestão de insumos. Por meio da modelagem, agricultores(as) podem simular diferentes cenários e tomar decisões informadas que impactam a produtividade e a sustentabilidade de suas propriedades. Essa prática também ajuda a integrar conhecimentos científicos e empíricos, promovendo uma agricultura mais eficiente e consciente.

Bosque dos Ipês e Preservação de Nascentes

Adenilza de Araújo Batista
Kaylan Alves Santos
Lediane Aparecida Silva Capucho

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

A Escola Estadual de Ensino Fundamental XIII de Setembro tem um marco histórico a partir do surgimento do Assentamento Córrego da Areia, localizado no Município de São Mateus, norte do Espírito Santo.

A Escola possui uma história de luta coletiva merecedora de uma alta reflexão sobre os resultados dela, que se relacionam em sua realidade e diversidade dentro dos aspectos cultural, social, econômico e que estão diretamente ligados ao debate na práxis educativa no contexto da escola do campo, além de debater sobre os reflexos no trabalho dos assentados na cultura camponesa.

A escola, sendo uma instituição de Educação do Campo, está profundamente conectada com o ambiente natural e as realidades socioeconômicas das comunidades campesinas. A Pedagogia do Campo, que orienta as práticas educacionais nesse contexto, valoriza o saber tradicional, a cultura local e a relação direta dos estudantes com a terra e o meio ambiente. O projeto Bosque de Ipês se alinha perfeitamente com os princípios dessa pedagogia, proporcionando uma oportunidade única de integrar educação, cultura e sustentabilidade. O projeto se insere nesse contexto ao resgatar e aplicar esses saberes na prática. Ao plantar e cuidar das árvores, os estudantes aplicam conhecimentos passados de geração em geração, como técnicas de plantio e cuidado com a terra, que são fundamentais para a sustentabilidade.

A Pedagogia do Campo enfatiza a importância de uma educação contextualizada, que respeite e dialogue com as especificidades do território. O projeto do Bosque de Ipês é uma expressão concreta dessa abordagem, pois parte das necessidades e desafios específicos da comunidade, como a degradação ambiental e a recuperação de nascentes. Através do reflorestamento, os estudantes não apenas aprendem sobre biologia e ecologia, mas também compreendem a importância dessas práticas para a sobrevivência e o bem-estar de suas próprias comunidades.

Um dos pilares da Pedagogia do Campo é a integração entre teoria e prática, permitindo que os estudantes aprendam fazendo. As atividades de plantio, cuidado e monitoramento das árvores proporcionam aos estudantes uma experiência prática que complementa os conteúdos teóricos abordados em sala de aula. Além disso, o projeto oferece a oportunidade de aplicar conhecimentos de diversos componentes, como ciências, matemática e história, de maneira prática e significativa.



Fachada da EEEFM XIII de Setembro. Fonte: Arquivo da escola

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

Tema	Educação Ambiental, Ética e Cidadania
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Agropecuária, Ciências Humanas, Códigos e Linguagens, Ciências da Natureza e Matemática.
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Ipê; Preservação; Nascente
Objetos de Conhecimento:	Agropecuária e Ciências da Natureza: Técnicas de plantio e cuidados; Matemática: Medida de comprimento; Tabela e gráfico de linhas Ciências Humanas: O ciclo da água; Hidrografia; patrimônios históricos e culturais. Base Nacional Comum: Forma de composição dos textos, Adequação do texto às normas de escrita.
Tipo de Atividade:	Projeto Interdisciplinar entre 01/07 á 06/12/2024
Habilidades:	**EF07CI07:** Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas **EF03LP26:** Identificar e reproduzir, em relatórios de observação e pesquisa, a formatação e diagramação específica desses gêneros (passos ou listas de itens, tabelas, ilustrações, gráficos, resumo dos resultados), inclusive em suas versões orais. **EF05LP09:** Ler e compreender, com autonomia, textos instrucional de regras de jogo, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. **EF06GE04:** Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. **EF03HI04:** Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados. **EF06MA24:** Resolver e elaborar problemas que envolvam as grandezas comprimento, massa, tempo, temperatura, área (triângulos e retângulos), capacidade e volume (sólidos formados por blocos retangulares), sem uso de fórmulas, inseridos, sempre que possível, em contextos oriundos de situações reais e/ou relacionadas às outras áreas do conhecimento. **EF06MA32:** Interpretar e resolver situações que envolvam dados de pesquisas sobre contextos ambientais, sustentabilidade, trânsito, consumo responsável, entre outros, apresentadas pela mídia em tabelas e em diferentes tipos de gráficos e redigir textos escritos com o objetivo de sintetizar conclusões.

Metodologia:

EEEFM XIII de Setembro
SRE
São Mateus

- O projeto visa promover a conscientização ambiental por meio do plantio de ipês, envolvendo todas as disciplinas e séries iniciais;
- Abertura com Mística e Explicação: Início com uma mística para engajamento, seguida pela explicação sobre a importância dos ipês e do reflorestamento;
- Visita a Áreas Reflorestadas: Observação de áreas reflorestadas e nascentes para entender a função ecológica das árvores;
- Plantio Individual: Cada estudante planta um ipê com uma placa identificativa, e o momento é registrado fotograficamente para compor um portfólio.

O projeto iniciará com a mística de abertura e em seguida explicação sobre a importância do reflorestamento, dos ipês e o objetivo do bosque. Os(as) educandos(as) visitarão uma área reflorestada e uma nascente para observar a importância da vegetação para a recuperação ambiental. Serão plantados ipês para cada estudante, que levará o seu nome com placa de identificação, com registro fotográfico de cada plantio. Será feito um portifólio de Registro de Dados: Nome do(a) estudante, ano de plantio e uma foto os quais serão armazenados em uma pasta, contendo também todos os registros para documentação. Cada componente curricular desenvolverá atividades citadas a seguir:

- Agropecuária: será feito um estudo das espécies de Ipês, durante o qual os estudantes aprendem sobre as diferentes espécies e suas características. Técnicas de Plantio e Cuidados: Oficinas práticas sobre plantio e manutenção das árvores. Escrever sobre os métodos, materiais e recursos utilizados para a realização da prática;
- Ciências da Natureza: será estudada a importância do Reflorestamento em aulas sobre ecossistemas, ciclos da água e do carbono, e a importância das árvores;
- Ciências Humanas: será abordada a questão de História e Cultura Local: pesquisas sobre a importância histórica e cultural das árvores na região e a conscientização Ambiental com discussões sobre responsabilidade ambiental e sustentabilidade;
- Ciências Exatas - cálculos de crescimento: medição e registro do crescimento das árvores, elaboração de gráficos e tabelas;
- Linguagens - criação de memórias escritas e ilustradas: redação de textos e criação de desenhos sobre a experiência de plantar e cuidar das árvores; - construção de Cápsula do Tempo, onde os estudantes escrevem cartas e fazem desenhos para serem guardados em cápsula, a ser aberta no futuro. Séries Iniciais (1º ao 5º ano) - contação de histórias: histórias sobre árvores e a natureza para motivar e engajar os(as) estudantes.

Problematização:

EEEFM XIII de Setembro
SRE
São Mateus

A nascente próxima à escola está secando, e o terreno ao redor, que antes era coberto por uma floresta, agora está quase totalmente desmatado. A ausência de árvores fez com que o solo ficasse mais exposto, o que contribui para a erosão e a diminuição da capacidade do solo em reter água. Se nada for feito, a nascente pode desaparecer completamente, afetando a fauna, a flora e a disponibilidade de água na comunidade.





Fotos da prática. Fonte: Arquivo da escola

A Pedagogia do Campo enfatiza a importância de uma educação contextualizada, que respeite e dialogue com as especificidades do Campo. Cada estudante será responsável por plantar e cuidar de uma árvore, e a turma trabalhará em conjunto para desenvolver práticas de reflorestamento e recuperação do meio ambiente.

A solução desse problema não só ajudará a revitalizar uma área degradada, mas também servirá como uma lição prática e multidisciplinar sobre sustentabilidade, unindo teoria e prática em prol de um objetivo comum.

Considerações Finais:

A prática relatada, ao se enraizar nos princípios da Pedagogia do Campo, vai além de um simples exercício de reflorestamento, ela se torna uma ferramenta poderosa de ensino que conecta os(as) educandos(as) às suas raízes, fortalece a identidade campesina e promove o desenvolvimento de uma consciência ecológica e cidadã. Dessa forma, a escola cumpre sua missão de formar indivíduos que não só conhecem e respeitam o ambiente onde vivem, mas também estão preparados para atuar ativamente na preservação e melhoria desse ambiente, garantindo um futuro sustentável para as próximas gerações.



Fotos da prática. Fonte: Arquivo da escola

Referências Bibliográficas:

CALDART, R. S**. Por uma educação do campo**: traços de uma identidade em construção. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOLEDO, R. F.; DE BEM, J. **A. Educação ambiental e sustentabilidade**: reflexões e práticas. 2012.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (Orgs.). **Educação do campo e pesquisa**: questões para o campo da educação. 2011.

FALANDO NISSO...



A preservação de nascentes é essencial para garantir a disponibilidade de água potável, a manutenção dos ecossistemas e o equilíbrio ambiental. Veja o vídeo a seguir em que agricultores transformaram o deserto em floresta no Semiárido brasileiro.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=MgknRntBFYo

Cuidar de nascentes envolve práticas como o reflorestamento com espécies nativas ao redor das áreas de recarga hídrica, a proibição de atividades agrícolas ou urbanas que causem erosão ou poluição e a conscientização das comunidades sobre sua importância.

Além de proteger a biodiversidade local, as nascentes desempenham papel crucial no abastecimento de rios e aquíferos, beneficiando não apenas as gerações atuais, mas também as futuras. Conservar as nascentes é um ato de responsabilidade ambiental e social.

Assista ao vídeo "Dia Mundial da Água - Como preservar as nascentes?"sobre a preservação de nascentes: passo a passo de como construir uma saída de nascente de forma ecológica para preservar e capitar água das nascentes.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=dQsI8DGZCl8



O **Geaciq Indica - Dia da Árvore** sugere atividades pedagógicas interdisciplinares com o objetivo de sensibilizar os estudantes sobre a importância das árvores e do bioma da Mata Atlântica. O material também indica vídeos, livros, músicas, textos e ações que podem ser trabalhados em sala de aula e na comunidade escolar.

Disponível: https://drive.google.com/file/d/1xGd20uDRi-wUgat936HC5pjTTVAYBM39/view?usp=drive_link

Avaliação Final: Uma Abordagem Prática para Desenvolvimento da Iniciação Científica

Edgar Soares dos Santos
Josiane Queiroz de Souza

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

A educação em escolas em área de assentamento tem um papel crucial na transformação social do educando, alinhando-se com os princípios filosóficos e pedagógicos que buscam a promoção da justiça social e dos valores humanistas e socialistas. Essas instituições educacionais estão inseridas em comunidades do Campo, muitas vezes enfrentando desafios e questões únicas que impactam diversos aspectos da vida cotidiana, incluindo a preservação ambiental, produção de alimentos, aprimoramento de técnicas agrícolas e o impacto das políticas públicas voltadas para a educação, segurança, saúde, esporte, lazer e cultura.

Os objetivos propostos para o ensino básico dentro da fundamentação da Educação do Campo ocorre por meio da relação "Trabalho e Vivência". Isso porque, nessa etapa, o jovem já adquiriu maior desenvolvimento do pensamento lógico e, por isso, acredita-se estar ele apto a observar, refletir, interpretar e lançar-se na busca de sua afirmação pessoal e definição profissional. O trabalho de pesquisa requer imaginação criadora e iniciativa individual, entretanto a pesquisa não é uma atividade feita ao acaso, ela deve ser planejada antes de ser executada, isto é, faz-se através de uma elaboração que se chama Projeto de Pesquisa.

O Projeto de Pesquisa da Avaliação Final visa investigar e analisar as problemáticas e potencialidades relacionadas à comunidade, promovendo a integração entre saberes tradicionais e escolares, a fim de fortalecer a participação ativa dos(as) educandos(as) nos processos de transformação social.

Nesse sentido, a Avaliação Final destaca a importância do papel do(a) educando(a) como pesquisador(a) na promoção de mudanças e na aquisição de habilidades e competências para o desenvolvimento pessoal e comunitário, tendo os(as) educadores(as) como orientadores(as) e mediadores(as).



Fachada EEEFM XIII de Setembro. Fonte: Arquivo da escola

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

Tema	Avaliação Final (Iniciação de Trabalho Científico)
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Agropecuária, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.
Turma(s)/ Série(s)	8º e 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Pesquisa Científica, Ação-reflexão, Trabalho e vivência.
Objetos de Conhecimento:	- Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais. - Leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas. - Planejamento e execução de pesquisa amostral e apresentação de relatório.
Tipo de Atividade:	Iniciação de Trabalho Científico realizado entre 12/08 a 13/12
Habilidades:	**EF69LP38:** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea. **EF09GE14:** Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais. **EF09MA23:** Planejar e executar pesquisa amostral envolvendo tema da realidade social e comunicar os resultados por meio de relatório contendo avaliação de medidas de tendência central e da amplitude, tabelas e gráficos adequados, construídos com o apoio de planilhas eletrônicas.

Metodologia:

- Pesquisa Bibliográfica;
- Pesquisa de Campo;
- Seminário.

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

O objetivo da Avaliação Final é explorar as problemáticas e potencialidades da comunidade e/ou da região, onde o(a) educando(a) está inserido, para entender melhor os desafios enfrentados.
A pesquisa de campo permite ao educando(a) coletar dados empíricos e avaliar a situação do território pesquisado a partir de entrevistas semiestruturadas com moradores e líderes comunitários, visitas a associações e cooperativas e observações diretas na comunidade.
Por sua vez, a pesquisa bibliográfica fornece ao educando(a) uma base teórica sólida sobre as questões levantadas, permitindo comparar os achados da pesquisa de campo com as teorias e práticas estabelecidas, identificando padrões e lacunas. Dessa forma, a consulta de fontes, como livros, revistas, sites, artigos acadêmicos entre outras, permite a contextualização dos dados coletados através da revisão de literatura.
As informações obtidas, apresentadas pelo(a) educando(a) em forma de seminário, permitem a sua interação com educadores(as) e a comunidade, promovendo um espaço para a reflexão crítica e propostas de ações para a formulação de políticas e práticas que promovam o desenvolvimento sustentável e o bem-estar da população do território pesquisado.





Fotos do Seminário de apresentações. Fonte: Arquivo da escola

Fotos do Seminário de apresentações. Fonte: Arquivo da escola

EEEFM XIII de Setembro
SRE São Mateus

Problematização:

A Avaliação Final busca analisar, de forma interdisciplinar, as problemáticas e potencialidades da comunidade, integrando saberes de diversas áreas para promover um diálogo entre conhecimentos escolares e populares. O objetivo é formar cidadãos críticos e reflexivos, alinhados aos princípios filosóficos e pedagógicos das escolas de assentamento, capacitando-os a entender as complexidades do seu contexto.





Fotos do Seminário de apresentações. Fonte: Arquivo da escola

As comunidades camponesas, frequentemente, enfrentam muitos desafios que podem afetar a qualidade de vida de seus habitantes. Entre esses desafios estão: infraestrutura da saúde e educação, segurança, acesso a recursos e serviços essenciais e questões socioambientais. No entanto, essas comunidades possuem potencial significativo, como práticas tradicionais de cultivo, forte coesão social, e riqueza cultural e religiosa.

Nesse sentido, a Avaliação Final é um projeto de pesquisa interdisciplinar que foca na análise das problemáticas e potencialidades da comunidade e/ou região onde o educando está inserido, utilizando conhecimentos das áreas de Ciências Agropecuárias, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática. Dessa forma, os componentes curriculares envolvidos incluem a compreensão de dinâmicas sociais e econômicas, práticas de ensino e metodologias participativas.

Esse estudo contribui para o conhecimento do(a) educando(a) ao integrar saberes escolares, tradicionais e populares, promovendo um diálogo enriquecedor entre essas perspectivas.

Além disso, o projeto visa à formação de um cidadão crítico e reflexivo, capacitando-o para enfrentar e compreender as complexidades do cotidiano, em consonância com os princípios filosóficos e pedagógicos das escolas de assentamento.

Considerações Finais:



A Avaliação Final permite ao educando atuar como pesquisador(a), desenvolvendo habilidades e competências ao compreender profundamente os desafios e potencialidades da comunidade. A participação ativa na pesquisa estimula o pensamento crítico.
Os(as) educadores orientam e medeiam o processo, ajudando na aplicação dos métodos de pesquisa e na análise dos dados, o que enriquece o conhecimento do educando e sua capacidade de promover transformação social.

Dessa forma, o projeto busca soluções práticas e sustentáveis a partir dos dados coletados, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional do(a) educando(a) e melhorando as condições de vida na comunidade. A atuação crítica do(a) educando(a), sob a orientação dos(as) educadores(as), assegura a eficácia dos objetivos propostos.
Com o desenvolvimento da Avaliação Final, o educando desempenha um papel como pesquisador, contribuindo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas habilidades e competências. A participação ativa na pesquisa promove uma compreensão profunda dos desafios, das problemáticas e das potencialidades da comunidade e/ou do campo de pesquisa, além de fomentar a capacidade crítica e reflexiva do educando.
Os(as) educadores(as) desempenham uma importante função na orientação e mediação, apoiando o(a) educando(a) na aplicação dos métodos de pesquisa e na análise dos dados e permitindo que o(a) pesquisador(a) conduza o processo de maneira independente. Esse envolvimento não só enriquece o conhecimento do(a) educando(a), mas também fortalece sua capacidade de contribuir efetivamente para a transformação social.
Neste sentido, a Avaliação Final permite ao pesquisador(a) compreender os desafios enfrentados pela comunidade investigada, buscando soluções práticas e sustentáveis baseadas na análise detalhada dos dados coletados. A participação ativa do(a) educando(a) como pesquisador(a) é essencial para o sucesso do projeto, promovendo seu crescimento pessoal e profissional e contribuindo para a melhoria das condições de vida na comunidade. Assim, a atuação crítico-reflexiva do educando, sob a orientação dos(as) educadores(as), garantirá a relevância e a eficácia dos objetivos propostos.

Referências Bibliográficas:

CARRILLO, Maria Isabel. **Educação e Desenvolvimento Sustentável**: Práticas e Desafios. XYZ: Rio de Janeiro, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2018.

MORAES, Ana Paula. **A Educação nas Escolas de Assentamento:** Entre Tradição e Inovação. Editora Definição: São Paulo, 2020.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Caderno de Educação n° 13.** Dossiê - MST Escola Documentos e Estudos 1990 – 2001. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Reforma Agrária: com Escola, Terra e Dignidade!. Coletivo Nacional da Educação, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Caderno de Educação N° 03**. O MST e a Pesquisa, Caderno do ITERRA, ano 01 outubro de 2001.

SILVA, João Carlos. **Desenvolvimento Rural e Políticas Públicas.** Editora ABC: São Paulo, 2019.

FALANDO NISSO...



O livro "**Metodologias da Pesquisa e da Formação na Educação do Campo**", de Carlos Brandão, Erineu Foerste e Janinha Gerke de Jesus reúne experiências teórico-metodológicas que refletem a prática da Educação do Campo, organizando-se em dois eixos temáticos: um dedicado às experiências nas escolas do Campo e outro à formação de educadores(as) do Campo. Os(as) autores(as) compartilham resultados qualitativos e problematizações crítico-reflexivas que visam fortalecer a luta pela Educação do Campo, ressaltando a importância de considerar os contextos locais e os saberes comunitários.

Indicamos também o vídeo sobre o projeto de extensão "Clube de Ciências do Campo", sob responsabilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo objetivo é promover a integração entre a universidade e as escolas do Campo, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais aprofundada das atividades e experiências desenvolvidas nos Clubes de Ciência. O projeto visa levar os(as) estudantes ao ambiente universitário e explorar as práticas de ensino e pesquisa que ocorrem nele. Além disso, busca entender os desdobramentos dessa parceria, como a promoção de metodologias inovadoras e a valorização do conhecimento local, contribuindo para uma educação mais contextualizada e relevante para os(as) estudantes do Campo.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=N2F1pMVMADs&list=PL5BHyrwBQcike2Gtxx4gSEQL-l02GvKsT&index=2

Agroecologia e Educação: A utilização dos Microrganismos Eficientes na Horta Escolar

EEEFM Marlene Brandão
SRE Afonso Cláudio

Higor Patrocinio Marques
Davi José Rodrigues Lins
Gleidi Mara Macette

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marlene Brandão, localizada na comunidade rural denominada Brejaubinha, no município de Brejetuba, na região serrana do Estado do Espírito Santo, oferta escolarização dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, distribuída em dois turnos diurnos. Os(as) estudantes, em sua maioria, são de famílias diretamente ligadas à agricultura, especificamente à produção cafeeira.

Compreendendo que a Educação do Campo surge da luta do povo do Campo pelo direito a uma educação que dialogue com as necessidades sociais dos sujeitos e das comunidades, faz-se necessário que a escola esteja articulada com a dinâmica de vida do território em suas práticas pedagógicas e organização. Sabemos que na prática isso não é uma tarefa simples, entretanto os dispositivos legais nacionais e estaduais (decretos, leis e diretrizes operacionais), alcançados nos últimos anos pela luta dos Movimentos sociais do Campo, têm contribuído nessa tarefa.

Ciente de seu compromisso com o território e com as pessoas que nele produzem suas vidas, a escola, apesar dos desafios da estrutura educacional, do currículo e dos objetivos e finalidades do ensino atuais, busca aproximar-se do conceito de Educação do Campo em suas práticas pedagógicas.

Aproximar-se do conceito de Educação do Campo é realizar um exercício de compreensão de seus princípios. Para isso, concordamos com Caldart (2015a, p. 5) quando este estabelece uma base de análise, considerando que a Educação do Campo é um fenômeno concreto, constituído "na tríade: campo, política pública e educação". Desse modo, considerando o pilar campo com todas as suas contradições, insere-se a prática apresentada nesse relato.



Fachada da EEEFM Marlene Brandão Fonte: Arquivo pessoal dos Autores (2023)

EEEFM Marlene Brandão
SRE Afonso Cláudio

Tema	Práticas Agroecológicas
Componente (s) Curricular(es)	Eletiva, Biologia e Química
Turma(s)/ Série(s)	1°, 2° e 3° séries do Ensino Médio
Palavras-chave	Educação do Campo; Agroecologia, Microrganismos Eficientes
Objetos de Conhecimento:	Níveis microscópicos de organização estrutural dos seres vivos; Ecologia; Microbiologia; Biodiversidade; Estrutura e propriedades de compostos orgânicos.
Tipo de Atividade:	Práticas interdisciplinares realizada entre 12/06/2023 à 23/06/2023

Habilidades:

EM13CNT206: Discutir a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta.

EM13CNT309: Analisar questões socioambientais, políticas e econômicas relativas à dependência do mundo atual em relação aos recursos não renováveis e discutir a necessidade de introdução de alternativas e novas tecnologias energéticas e de materiais, comparando diferentes tipos de motores e processos de produção de novos materiais.

EM13CNT109BIO/ES: Aplicar os conceitos básico de ecologia a situações cotidianas como a construção de terrários, hortas, ou mesmo as interações da espécie humana com as demais espécies de seu convívio diário, visando o desenvolvimento de interações mais saudáveis tanto em seu caráter alimentar como em outras formas de interação.

EM13CNT105: Analisar os ciclos biogeoquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.

EM13CNT110BIO/ES: Analisar e interpretar as interações ecológicas e a sua importância para a sobrevivência e o equilíbrio das populações e comunidades, sem esquecer que os seres humanos fazem parte do ambiente e se relacionam com outras espécies, para que assim possa propor formas mais harmônicas de interação da espécie humana com os demais seres vivos.

Metodologia:

- Pesquisa comparativa e conceitual;
- Prática e intervenção.

EEEFM Marlene Brandão
SRE Afonso Cláudio

Essa é uma ação interdisciplinar, mobilizada na disciplina de Eletiva “Agricultura e Natureza”, no ano de 2023, que contemplou estudantes do ensino médio da EEEFM Marlene Brandão. A eletiva tem como objetivo abordar temática relacionadas à agricultura numa perspectiva sustentável e de base familiar.

1º passo: problematização sobre o modelo de agricultura empregado na região.

2º passo: comparativo entre a agricultura praticada no passado e atualmente na comunidade.

3º passo: compreensão dos sistemas agroalimentares da comunidade e suas transformações.

4º passo: discussão sobre os agrotóxicos, a partir do documentário “O veneno está à mesa”.

5º passo: estudo sobre o conceito de agroecologia e algumas práticas.

6º passo: desenvolvimento da técnica de produção de microrganismos eficientes.

7º passo: utilização do biofertilizante na horta escolar e distribuição do material com os(as) estudantes para utilização em suas propriedades.



Foto da prática na horta. Fonte: Arquivo da escola.

EEEFM Marlene Brandão
SRE Afonso Cláudio

Problematização:

Partimos do pressuposto de que a identidade da escola do Campo não pode se limitar à sua localização geográfica nem à sua identificação legal como tal, mas o quão articulada está à realidade concreta do campo dos seus sujeitos. Nesse sentido, Marques (2021, p. 11), aponta que na Educação do Campo:

> Esse campo é o da agricultura familiar/camponesa, que produz alimentos saudáveis, conserva as águas, e a biodiversidade do território. Para este projeto de campo, a agroecologia como ciência, prática e movimento, conforme define Wezel et al. (2009), dentre outros elementos, propõe, ancorada nos saberes tradicionais, diversas práticas voltadas a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, os chamados agroecossistemas. Fundamentadas cientificamente, essas técnicas ou práticas agroecológicas, contrapõe a lógica dos pacotes tecnológicos da agricultura capitalista, ao buscar na própria natureza meio de viabilizar a produção agrícola, sem expropriá-la (MARQUES, 2021, p. 11).



Foto da prática na horta. Fonte: Arquivo da escola.

A partir dessa compreensão, considerando o potencial formativo da agroecologia insere-se a proposta da Eletiva "Agricultura e Natureza", com foco na produção de conhecimentos relacionados ao desenvolvimento de uma agricultura mais sustentável, visando sua aplicação prática. Dentre as práticas agroecológicas estudadas, está a utilização dos Microrganismos Eficientes. Conforme o CADERNO DOS MICRORGANISMOS EFICIENTES (E.M.), elaborado por pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa em 2020, 3ª ed.:

> Os microrganismos são minúsculos seres vivos. Apesar de extremamente pequenos e simples, exercem função importante, desde a captação de energia solar, até suas transformações na Terra. Dois grandes grupos de organismos são destaque: os microrganismos de regeneração, e os microrganismos degenerativos. Os microrganismos degenerativos produzem no seu metabolismo primário substâncias como amônia, sulfeto de hidrogênio, com ação prejudicial à planta e endurecem o solo. Consequentemente impedem o crescimento das plantas, pragas e doenças. Os microrganismos regenerativos produzem substâncias orgânicas úteis às plantas, e podem produzir hormônios e vitaminas. Melhoram as propriedades físicas, químicas e biológicas do solo. Estão nesse grupo os microrganismos que constituem o EM. O EM é formado pela comunidade de microrganismos encontrados naturalmente em solos férteis e em plantas. Esses microrganismos coexistem em meio líquido (ANDRADE.2020, p. 10).

Considerações Finais:

O desenvolvimento da prática de produção dos E.M mobilizou toda a escola, ainda que seja recurso simples, ao mesmo tempo a técnica foi inédita para a comunidade, o que provocou muito engajamento. Abaixo alguns registros do trabalho realizado, desde a captura ao produto pronto para uso na agricultura.









Fotos da práticas. Fonte: Arquivo da escola..

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, F. M. C; Caderno dos microorganismos eficientes (E.M.): instruções práticas sobre uso ecológico e social do EM. 3. ed. Viçosa - MG: UFV, IPPDS, 2020.https://bibliotecasemiaridos.ufv.br/bitstream/123456789/96/1/cartilha.pdf

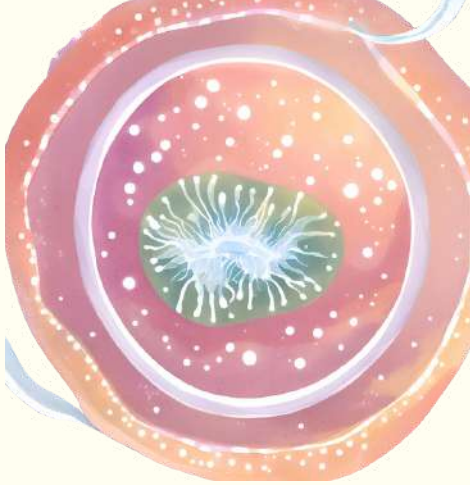
MARQUES, Higor Patrocinio. **Práticas agroecológicas de aproveitamento do lixo orgânico, desenvolvidas por estudantes de uma escola do campo em suas localidades**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Ensino de Ciências nos Anos Finais do Fundamental (C10). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

MARQUES. Higor Patrocinio. **Os Temas dos Complexos no Processo de Construção do Currículo em Alternância de uma Escola Pública do Campo**. 2022. 304 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento e Complexos de Estudo. In: SAPELLI, M. L. S.; FREITAS, L. C.; CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola 3** – Organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: ensaios sobre os complexos de estudo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015b, p. 19-66.

O VENENO ESTÁ À MESA. Direção: Silvio Tendler. Produção: Caliban. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8RVAgD44AGg&t=1685s. Acesso em: 02 mai. 2024.

FALANDO NISSO...



A apostila "**A Vida no Solo: A Comunidade dos Seres Escondidos**", produzida pela Universidade Federal de Viçosa, explora a biodiversidade e a importância dos organismos que habitam o solo. O material aborda temas como a composição do solo, os diferentes tipos de seres vivos presentes, como bactérias, fungos, insetos e minhocas, e suas funções ecológicas, incluindo a decomposição de matéria orgânica e a ciclagem de nutrientes.

Além de apresentar conceitos teóricos, a apostila inclui atividades práticas e sugestões de experimentos que incentivam a observação e a compreensão da dinâmica do solo. A obra visa promover uma educação ambiental consciente, ressaltando a importância da conservação do solo e dos seres que nele habitam para a manutenção dos ecossistemas e a sustentabilidade agrícola. Assim, a apostila se torna uma ferramenta valiosa para educadores(as) e estudantes interessados em ecologia e ciências ambientais.



Disponível: https://ctazm.org.br/bibliotecas/a-vida-no-solo-379.pdf



Disponível: https://bibliotecasemiaridos.ufv.br/bitstream/123456789/96/1/cartilha.pdf

O "**Caderno dos Microrganismos Eficientes",** publicado pela Universidade Federal de Viçosa, apresenta instruções práticas sobre o uso ecológico e social dos Microrganismos. O conteúdo aborda a importância de observar a natureza e compreender que a qualidade de vida está intimamente relacionada ao ambiente e ao consumo de alimentos saudáveis. A obra ressalta também a relevância da epigenética, que aponta como o ambiente pode ativar ou desativar genes.

A publicação é voltada especialmente para famílias agrícolas orgânicas agroecológicas que valorizam práticas sustentáveis e tecnologias apropriadas. Além disso, o caderno destaca práticas para diversos contextos urbanos, incluindo seu uso em aterros sanitários, no tratamento de água, na manutenção de casas e na gestão de resíduos.

Caminhos para Inclusão de Surdos em uma Escola de Assentamento

Fernanda da Silva Viana
Rosiane Muniz dos Santos

EEEFM Córrego do Cedro
SRE
São Mateus

A EEEFM Córrego do Cedro situa-se no Assentamento Paulo Vinha, distrito de Itaúnas, ficando 33 km do município de Conceição da Barra/ES. Em 1995, passou a funcionar na Fazenda Itaúnas, onde é hoje o Assentamento Paulo Vinha. Com a chegada das famílias à terra conquistada, a educação mudou totalmente nesta escola e região, a começar pela estrutura física, número de educandos(as) e educadores(as), reivindicações junto aos órgãos públicos, sobretudo o jeito de educar as crianças – sua pedagogia.

Este trabalho tem o intuito de apresentar os desafios e acertos encontrados na realização de oficinas de Libras em uma escola do Campo, especificamente em uma escola em área de assentamento. O objetivo é socializar as dificuldades, bem como os aprendizados adquiridos no processo ensino-aprendizagem durante as realizações das oficinas.

Entendemos a Educação Inclusiva como modalidade da educação capaz de acolher e incluir todas as características socioculturais e históricas dos sujeitos, entretanto, quando se trata de educação de surdos, sabemos que existem dificuldades ligadas às barreiras linguísticas. Segundo Kotaki e Lacerda (2018, p. 201):

> [...] pesquisas demonstram que, no que se refere à inclusão da criança surda, o direito à educação não é respeitado, uma vez que suas condições linguísticas e culturais não são atendidas e ficam à margem dos processos de ensino-aprendizagem.

Libras e Português são idiomas diferentes. Por isso, estudantes surdos(as), professores(as) e educandos(as) ouvintes possuem barreiras e dificuldades de comunicação, o que consequentemente coloca os surdo à margem dos processos de ensino-aprendizagem e de inclusão. Tendo ciência desses desafios, nossa escola se propôs a construir esta oficina para contribuir com a inclusão da nossa estudante surda no ambiente escolar.



Fachada da EEEFM Córrego do Cedro. Fonte: Arquivo Geaciq

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

Tema	Desenvolvimento da Comunicação Bilíngue: Interpretação e Compreensão de Sinais, Inclusão e Respeito à Diversidade
Componente (s) Curricular(es)	Interdisciplinar
Turma(s)/ Série(s)	1º ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Educação Inclusiva; Libras; Educação do Campo
Objetos de Conhecimento:	Estruturas e Regras da Libras: Objeto: Estruturas linguísticas e regras gramaticais da Libras; Práticas Pedagógicas Inclusivas: Objeto: Métodos e práticas pedagógicas que favoreçam a inclusão de estudantes surdos.
Tipo de Atividade:	Oficinas. Julho de 2023 até o presente momento
Habilidades:	Habilidade: Capacidade de se comunicar em Libras e em português. Habilidade: Interpretação e compreensão de sinais em Libras. Habilidade: Demonstrar respeito e promover a inclusão de pessoas surdas na escola e na comunidade
Metodologia:	• As oficinas de Libras ocorrem semanalmente com as turmas do 1º ao 9º ano, envolvendo estudantes, educadores, equipe gestora e, ocasionalmente, as equipes de limpeza e cozinha; • As oficinas contam com o apoio da escola, que colabora na liberação dos estudantes e nas atividades conduzidas pelas professoras e oficineiras; • Os recursos utilizados incluem: professora de AEE (DA), intérprete de Libras, estudante surda, projetor, notebook e materiais diversos.

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

As oficinas de Libras acontecem de maneira frequente, uma vez por semana, com as turmas do 1º ao 5º no período da manhã e do 6º ao 9º ano no período da tarde. Além da participação dos estudantes, participam também dos momentos da oficinas educadores(as), equipe gestora, equipe pedagógica e por vezes equipes da limpeza e cozinha. Demos início às oficinas no mês de julho de 2023 e continuamos até o presente momento.

A equipe escolar demonstra apoio e interesse nas realizações das oficinas, bem como contribuem nas liberações dos discentes e participação nas dinâmicas apresentadas pelas professoras e oficineiras da língua.

Problematização:

Apesar dos avanços na inclusão de estudantes surdos(as) nas escolas, a comunicação efetiva entre estudantes surdos(as) e ouvintes ainda enfrenta desafios significativos. Como promover um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e intercultural, onde a Libras seja valorizada e integrada em todas as práticas pedagógicas? A ausência de estratégias bilíngues limita a interação, gerando barreiras linguísticas e culturais que afetam o aprendizado e a socialização dos(as) estudantes.

A implementação de uma comunicação bilíngue exige mais do que a presença de intérpretes; requer a integração sistemática da Libras em todas as disciplinas e atividades escolares, fortalecendo o respeito pelas diferenças e promovendo a empatia. Como garantir que a escola, em sua totalidade, se torne um espaço que respeite e reconheça a diversidade linguística, assegurando que estudantes surdos(as) e ouvintes desenvolvam uma comunicação fluida e significativa?

Essa problematização levanta a necessidade de repensar as práticas educacionais para incluir métodos que contemplem tanto a Língua Portuguesa quanto a Libras em um contexto de interculturalidade, preparando estudantes e educadores para interagir de maneira equitativa e colaborativa.





EEEFM Córrego do Cedro Mística e Inclusão. Fonte: Arquivo Geaciq

Considerações Finais:



A história também pertence às pessoas com deficiência, que, frequentemente apagadas e esquecidas das narrativas históricas, também são perpassadas por conflitos e resistências, constroem a história e fazem parte dela, carregam consigo heranças culturais. Sendo assim, os surdos fazem parte da construção histórica, não só do passado, mas do tempo presente, do agora:

> [...] não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar" (GESSER, 2009, p 53).

Geralmente, as pessoas com deficiências são desassociadas dos processos de lutas e resistências, porém, a luta das pessoas com deficiências se constrói em diversos espaços e em diversas culturas, inclusive em populações do campo. Desta maneira entendemos que a história que construímos na nossa escola também é um ato de resistência e que estamos construindo caminhos para a inclusão através da oficina, por mais que tenhamos empecilhos no percurso, acreditamos que as oficinas fazem diferença e constroem pequenas mudanças.

Referências Bibliográficas:

GESSER, Audrei. **Libras que língua é essa?** Crenças e Preconceitos em torno da língua de Sinais e da Realidade Surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, Cristina; SANTOS, Lara (org.). **Tenho um estudante surdo e agora?** Introdução a libras e educação de surdos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2018.

FALANDO NISSO...



O livro **Educação Especial e Educação Do/No Campo – Sujeitos, Movimentos e Interfaces** aborda a questão do direito à educação escolar, destacando a presença de estudantes da Educação Especial nas escolas do Campo e a alarmante negação desse direito a muitas crianças, jovens e adultos. Enfatiza que a Educação do Campo é um direito fundamental para as famílias que dependem do trabalho rural, incluindo agricultores(as) familiares, pescadores(as) e povos tradicionais, muitos dos quais vivem com deficiência ou altas habilidades. A obra é essencial para educadores(as) críticos e para a formação de professores(as), servindo como referência para movimentos sociais que lutam por uma educação pública, inclusiva e de qualidade. Em um momento de reconstrução do país, o livro se torna uma contribuição relevante para a discussão sobre justiça educacional e direitos humanos.



Disponível: https://encontrografia.com/educacao-especial-e-educacao-do-no-campo-sujeitos-movimentos-e-interfaces-2/

A educação de surdos(as) deve garantir a inclusão, o respeito às especificidades linguísticas e culturais e a equidade no acesso ao conhecimento. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é essencial nesse processo, servindo como a principal ferramenta de comunicação e aprendizado. É fundamental promover ambientes bilíngues, onde Libras e a língua portuguesa coexistam, além de capacitar professores(as) e oferecer recursos adequados, como intérpretes e materiais acessíveis. A valorização da identidade surda e a integração da comunidade escolar são passos indispensáveis para construir uma educação inclusiva e transformadora.

Revelando a Riqueza da Cultura Africana para Combater os Preconceitos Étnico-Raciais

Edmauro Santana Pereira

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

O projeto tem o objetivo de favorecer o desenvolvimento da expressão corporal, oral, cultural e crítica dos(as) estudantes da EEEFM Córrego do Cedro, por meio de momentos de leitura, pesquisa, danças, músicas, capoeira, poesias e a valorização da arte negra, para a ampliação dos conhecimentos e formação de hábitos e atitudes em prol da diversidade e igualdade racial.

Segundo Beatriz Nascimento, "o racismo no Brasil é uma forma de opressão estrutural que se manifesta nas mais diversas dimensões da vida social, e a equidade racial só pode ser alcançada através da transformação radical dessas estruturas" (Nascimento, 1989, p.45), por essa razão, entendendo a relevância de propor intervenções, propõe-se conhecer alguns aspectos importantes do contexto de resistência da cultura negra, ressaltando os valores que impulsionaram e orientaram a vida e a formação de identidade no território quilombola Sapê do Norte, Conceição da Barra, no Espírito Santo.

Ao vivenciar e valorizar a cultura negra e quilombola dentro da escola através da cultura, da forma de identificação e resgate da autoestima do(a) estudante afrodescendente, através de atividades artísticas, da mística, busca-se desenvolver ações transformadoras, projetando o respeito como prática fundamental e essencial para mudar as pessoas e, consequentemente, a sociedade, estabelecendo vínculo entre os questionamentos que surgirem dos estudantes sobre o tema e a instigação provocada pelo projeto no intuito de avançar no conhecimento sobre o assunto.



Fachada da EEEFM Córrego do Cedro. Fonte: Arquivo Geaciq

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

Tema	Revelando a Riqueza da Cultura Africana para Combater os Preconceitos Étnico-Raciais
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas
Turma(s)/ Série(s)	6º ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Equidade Racial; Cultura Africana; Educação do Campo
Objetos de Conhecimento:	Educação e Desigualdades Raciais: Investigar as disparidades no sistema educacional e como políticas e práticas educacionais podem ser ajustadas para promover a equidade. Educação para a Diversidade: Desenvolver estratégias para educar sobre diversidade e inclusão, promovendo ambientes educacionais mais inclusivos e com mais representatividade.
Tipo de Atividade:	Projeto com debates, pesquisas, intervenções e culminância com evento escolar, no mês de novembro.
Habilidades:	Comunicação e Sensibilidade Cultural: Desenvolver habilidades de comunicação que respeitem e incluam diversas perspectivas raciais e culturais. Isso também envolve aprender a ouvir e a visibilizar as experiências e opiniões de pessoas de diferentes origens raciais.

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

Metodologia:

- Observações diretas na família e em seu entorno para entender a construção identitária quilombola da comunidade;
- Experimentações e leituras sobre a desigualdade racial para proposta de ações de equidade na escola;
- Músicas de raízes africanas, como samba, batucada e capoeira, serão tocadas durante os intervalos de lanche e almoço, criando um ambiente culturalmente imersivo;
- Atividades de pintura com giz de cera e papel panamá, inspirados na arte africana;
- Criação de poesias sobre a temática da cultura negra e interpretação teatral de textos relacionados à resistência africana, valorizando a expressividade e a linguagem artística;
- Ensaios e apresentações de danças e coreografias baseadas nas raízes culturais afro-brasileiras, como samba de roda e danças de capoeira;
- Exploração de conceitos geométricos presentes nos desenhos e artes africanas para trabalhar o raciocínio lógico e criativo.

A avaliação acontecerá em todos os momentos do processo educativo, de forma contínua e diagnóstica, com a intenção primordial de rever a própria prática docente, criando novas possibilidades para estimular os estudantes a desenvolverem suas potencialidades, levando em conta, principalmente, os avanços individuais dentro da coletividade e a participação no desenvolvimento das atividades (de acordo com as peculiaridades de cada estudante e turma).





EEEFM Córrego do Cedro. Fonte: Arquivo Geaciq

Problematização:

EEEFM Córrego do Cedro
SRE São Mateus

O racismo é estrutural e, portanto, faz parte do cotidiano e de uma coletividade, a ponto de se manifestar na escola através de discriminação e exclusão com base na raça ou etnia dos(as) estudantes e uma negação deles de sua própria origens. Isso impacta negativamente o bem-estar emocional e psicológico, resultando em baixa autoestima e desmotivação, o que pode prejudicar o desempenho acadêmico. A luta pela equidade racial exige enfrentar as desigualdades estruturais e implementar políticas educacionais que promovam a diversidade e o respeito. A escola deve adotar ações afirmativas e oferecer formação para todos, além de criar um sistema eficaz para combater práticas de racismo. O desenvolvimento do projeto será adaptado às necessidades da turma e abordará o tema por meio de atividades práticas e leituras ao longo do ano letivo.

Racismo é uma construção social que perpetua a falsa superioridade de um grupo racial sobre os demais. Na escola, isso se manifesta através de discriminação, preconceitos e atitudes prejudiciais baseadas na raça ou etnia dos(as) estudantes, como por exemplo, comentários ofensivos, exclusão, estereótipos depreciativos. Consequências para os estudantes: Impacto Emocional e Psicológico, - estudantes alvo de racismo podem sofrer com baixa autoestima, ansiedade, depressão e sentimentos de inadequação - além de negação da própria identidade negra, o que faz não se sentirem adequados para as políticas afirmativas, por exemplo.

A luta pela equidade racial envolve um enfrentamento direto das desigualdades e injustiças estruturais que afetam a população negra no Brasil, e essa luta deve ser uma prioridade para a construção de uma sociedade mais justa (Carneiro, 2007).

A discriminação racial pode afetar negativamente o desempenho escolar e a motivação dos(as) estudantes, criando um ambiente onde não se sentem valorizados ou apoiados. Entre os papéis da escola estão: ter sensibilização em implementar programas que promovam a educação para a diversidade, além de oferecer formação para professores e funcionários sobre preconceito racial, ter ações concretas contra a discriminação racial e um sistema eficaz para relatar e lidar com práticas de racismo.

O desenvolvimento do projeto estará em consonância com os blocos temáticos citados e será feito de acordo com as necessidades da turma e a realidade local, durante todo o período letivo do 1º, 2º e 3º trimestre, estabelecendo o problema e a proposta de conteúdo para a classe. O tema será desenvolvido na sala de aula por meio de atividades para a sua exploração, sistematização e para a conclusão dos trabalhos. Os(as) estudantes devem fazer observações diretas no entorno familiar, observações indiretas em ilustrações e/ou vídeos, experimentações e leituras.



Plano de ação da EEEFM Córrego do Cedro destacando a questão da Educação com equidade. Fonte: Arquivo Geaciq



Considerações Finais:

A equidade racial na escola é fundamental para garantir que todos(as) os(as) estudantes, independentemente de sua raça ou etnia, tenham acesso às oportunidades educacionais e um ambiente de aprendizado seguro e inclusivo.

A equidade racial na escola vai além da oferta de vagas e infraestrutura, ela é fundamental para criar um ambiente que respeite, valorize e celebre a diversidade racial e cultural de todos os(as) estudantes. Isso significa garantir que todos tenham as mesmas oportunidades educacionais e acesso a recursos, mas também implica enfrentar e desmantelar as práticas e estruturas que perpetuam a desigualdade.

Promover equidade racial é reconhecer que nem todos(as) partem do mesmo ponto de partida. Há um legado histórico de exclusão e marginalização que continua a afetar, de forma desproporcional, estudantes negros(as) e indígenas. Por isso, é necessário desenvolver políticas e práticas pedagógicas que não sejam apenas neutras, mas que ativamente busquem equilibrar essa balança, assegurando que todos(as) tenham chances justas de sucesso e desenvolvimento pessoal.
Para garantir a equidade racial, a escola deve assumir um papel ativo na desconstrução dessas barreiras. Isso começa pela implementação de práticas que valorizem e incluam as histórias e culturas de diferentes povos no currículo, o que ajuda a combater a invisibilidade e a promover uma visão de mundo mais ampla e inclusiva. Além disso, é crucial capacitar professores(as), gestores(as) e todo o corpo escolar para identificar e combater atitudes e práticas racistas, sejam elas explícitas ou sutis.
Quando a equidade racial é efetivamente implementada, o impacto é transformador. A presença de políticas inclusivas cria um ambiente onde os(as) estudantes aprendem a respeitar as diferenças e a conviver com a diversidade, o que resulta em um crescimento pessoal e social mais abrangente. Além disso, promove uma convivência escolar mais harmônica e um sentimento de pertencimento que é crucial para o desenvolvimento da autoestima e da identidade dos(as) estudantes.
Em suma, promover equidade racial não é apenas uma questão de justiça social, mas de qualidade educacional. Uma escola que se preocupa em ser equitativa e inclusiva é uma escola que prepara cidadãos críticos, conscientes e capacitados para atuar em uma sociedade plural e diversa.

Referências Bibliográficas:

Carneiro, S. (2007). **Racismo e Desigualdade**: Reflexões sobre a Política de Ações Afirmativas no Brasil." Revista Brasileira de Ciências Sociais.

Nascimento, B. (1989). **O papel das mulheres negras na resistência e na construção da identidade**. Revista Estudos Feministas.

FALANDO NISSO...



É fundamental refletir continuamente sobre as práticas de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) nas escolas. Essas ações não devem ser reduzidas a intervenções pontuais, pois têm como objetivo romper com práticas e formas de pensamento estruturais que perpetuam desigualdades. Devem, portanto, ser concebidas como atitudes cotidianas, integradas a projetos pedagógicos e procedimentos de ensino e aprendizagem planejados de forma processual, regular e contínua. É necessário que essas ações permeiem todo o ano letivo e sejam incorporadas a todos os componentes curriculares e a realidade comunitária do estudante, tais como campesinos, quilombolas, entre outros. Deve, promover uma abordagem ampla e consistente que valorize a diversidade e contribua para a transformação social.

Ao desenvolver trabalhos sobre as culturas e identidades afro-brasileira e indígena, é essencial evitar a reprodução de estereótipos. É preciso ir além da abordagem meramente "festiva", que muitas vezes reduz essas culturas a apresentações pontuais de capoeira, samba, maculelê ou atividades simbólicas, como pinturas corporais e arco e flecha. Essas práticas, embora bem-intencionadas, podem desvalorizar a profundidade e a riqueza histórica, social e cultural dessas comunidades, perpetuando uma visão simplista e descontextualizada.



No vídeo ao lado a cantora Iza, fala sobre padrões racistas de beleza e experiência que a marcou na escola.

Disponível:
https://www.youtube.com/watch?v=mcm2TK6feGA

Sobre os concursos de beleza e desfiles, práticas tão frequentes nas escolas, é fundamental questionarmos a validade dessas ações que promovem disputas para eleger "a mais bela". É necessário refletir sobre o impacto dessas iniciativas, que muitas vezes reproduzem uma mentalidade de competição e valorização de padrões estéticos (geralmente eurocêntricos, midiáticos e, para a maioria, inalcançáveis), que contribuem para o adoecimento emocional de mulheres, tanto dentro quanto fora dos muros da escola.

Quando falamos da beleza negra, em particular, sua valorização deve ser um exercício cotidiano, que combata o racismo de forma direta, prática e cotidiana. Restringir essa valorização a momentos pontuais, como desfiles, incorre no risco de expor os estudantes ao constrangimento ou reforçar a objetificação, especialmente das mulheres. Isso levanta uma questão crítica: até que ponto esses eventos, mesmo com boas intenções, não ecoam práticas históricas de racialização? Em determinados períodos da história do Brasil, mulheres e homens negros foram exibidos e escolhidos por características físicas para servir aos interesses de senhores escravocratas. Ao ressignificar essas práticas hoje, estamos realmente promovendo uma mudança ou apenas perpetuando dinâmicas problemáticas? Na página da revista eletrônica Geledés é possível encontrar muitas discussões sobre o tema.

Agrossonix: Ondas Ultrassônicas, a Física e a Pesquisa da Escola na Agricultura

Idolindo Gabrechi

EEEFM
Alto Jatibocas
SRE
Colatina

A EEEFM “Alto Jatibocas” tem seu início, segundo as atas escolares, em 1958, mas, segundo alguns moradores, a escola começou a funcionar antes dessa data, porém seus atos são posteriores, tendo o Ato de aprovação da Escola e de Criação dos Anos Iniciais com a Resolução CEE no 41/75 de 28/11/1975 e Publicação: 31/12/1975 e, assim, até 1986, havia apenas as primeiras quatro (antigas)séries do Ensino Fundamental na escola de “Alto Jatibocas”.

Nossa escola está localizada no meio rural, e a maioria dos(as) nossos(as) estudantes trabalham meio período nas lavouras, ajudando no sustento das famílias. A maior parte dos(as) nossos(as) estudantes são da agricultura familiar. A produção agrícola enfrenta muitos desafios, como o ataque de pragas e insetos, que exigem o uso intensivo de pesticidas. Esses produtos químicos aumentam o custo de produção e ainda podem intoxicar a população e causar danos ao meio ambiente. Diante desse cenário, surgiu a ideia de usar a Ondulatória para desenvolver uma solução tecnológica que possa repelir as pragas e insetos das lavouras. A proposta é usar ondas ultrassônicas de multifrequência que emitam um som irritante ao sistema auditivo para esses insetos.

Dessa forma, podemos aplicar os conteúdos da sala de aula em campo, em uma situação real. O alvo do nosso estudo foi encontrar soluções práticas e acessíveis para reduzir os danos causados por pragas agrícolas, sem recorrer a métodos nocivos como a monocultura e o uso de pesticidas. Para isso, propusemos o uso de ondas ultrassônicas, que são ondas mecânicas com frequências acima de 20 kHz, que podem repelir determinados grupos de insetos.



Fachada da EEEFM “Alto Jatibocas” Fonte: Arquivo pessoal dos Autores

EEEFM
Alto Jatibocas
SRE
Colatina

Tema	Ondas Ultrassônicas, a Física e a Pesquisa da Escola na Agricultura
Componente (s) Curricular(es)	Física
Turma(s)/ Série(s)	3° série do Ensino Médio - Matutino
Palavras-chave	Física; Pesquisa; Ondas e Tecnologia
Objetos de Conhecimento:	Espectro Eletromagnético - Ondulatória: Classificação das ondas; Elementos de uma onda; Equação fundamental da ondulatória; Conceitos sobre o Espectro eletromagnético; Conceitos de Acústica: Propriedades fisiológicas do som; Fenômenos sonoros: Reflexão, Refração, Difração, Interferência e Ressonância
Tipo de Atividade:	Projeto. Maio de 2023 a novembro de 2023
Habilidades:	**EM13CNT303FIS/ES:** Interpretar textos de divulgação científica que tratam da temática ondas eletromagnéticas, disponíveis em diferentes mídias, considerando as diversas possibilidades para o uso social identificando e comparando as diferentes opções em termos de seus impactos ambiental, social e econômico. **EM13CNT103:** Utilizar o conhecimento sobre radiações e suas origens para avaliar as potencialidades e os riscos de sua aplicação em equipamentos de uso cotidiano, na saúde, no ambiente, na indústria, na agricultura e na geração de energia elétrica. **EM13CNT205FIS/ES:** Relacionar as características da luz aos processos de formação de imagem e interpretar resultados e realizar previsões sobre atividades experimentais, fenômenos naturais e processos tecnológicos e comparar exemplos de utilização de tecnologia em diferentes situações culturais, avaliando o papel da tecnologia no processo social e explicando transformações de matéria, energia e vida.

Metodologia:

- A pesquisa envolve a revisão bibliográfica sobre o uso de ondas ultrassônicas para repelir insetos, analisando a eficácia de diferentes frequências e intensidades;
- Após investigar dispositivos comerciais e suas limitações, é construído um protótipo para teste em laboratório com grupos de insetos que atacam lavouras locais;
- Observação do comportamento dos insetos quanto à distância de fuga e padrões de atividade;
- No teste em campo, os protótipos são instalados entre as plantas, monitorando-se a população de pragas comparada a áreas sem o dispositivo;
- A análise final abrange eficácia na redução de pragas, custo-benefício e impacto ambiental.

A metodologia primeiro buscou uma revisão bibliográfica, ou seja, pesquisa de estudos científicos sobre o efeito de ondas ultrassônicas em diferentes espécies de insetos.
Fizemos uma análise quanto à eficácia de diferentes frequências e intensidades sonoras na repulsão de pragas; investigação quanto à existência de dispositivos comerciais similares e suas limitações.
Nas fases sequenciais, fizemos a construção do protótipo, teste em laboratório, selecionamos os principais grupos de insetos que atacam as lavouras na região.
Observamos o comportamento dos insetos em resposta às ondas ultrassônicas, como a distância de fuga, a velocidade de movimento e a alteração nos padrões de atividade.
Na etapa seguinte fomos para os testes em campo, instalação dos protótipos em diferentes pontos entre as plantas. Com monitoramento contínuo da população de pragas, comparamos os resultados com áreas de controle sem o uso de ondas ultrassônicas.
Nas análises dos resultados, observamos e avaliamos a eficácia do dispositivo na redução da população de pragas e dos danos causados às plantas.
Fizemos uma análise de custo-Benefício para comparar o custo de produção do dispositivo com os benefícios obtidos em termos de redução do uso de pesticidas e aumento da produtividade.
Por fim, avaliamos os impactos ambientais do uso de ondas ultrassônicas, considerando o potencial de perturbação de outros organismos.
Assim se deu a pesquisa, a construção, o desenvolvimento e as abordagens finais desse projeto de ondas ultrassônicas para repelir insetos.

Problematização:

EEEFM "Alto Jatibocas" SRE Colatina

O projeto "Agrossonix" surgiu dos(as) estudos sobre ondas na disciplina de Projeto de Pesquisa, respondendo a uma necessidade cotidiana. Foca nas ondas mecânicas, que são perturbações vibratórias que requerem matéria para se propagar, e abrange diferentes frequências do espectro sonoro: infrassom, som audível e ultrassom. A Física, muitas vezes complexa, é mais facilmente compreendida através de aulas práticas.

O projeto também aborda o conceito de Nexus: Água, Energia e Alimentos, destacando a interdependência entre esses recursos essenciais. Aumentar a produção de alimentos de forma eficiente é um desafio que requer um uso sustentável da água e da energia. Portanto, é crucial que o conhecimento sobre essa interdependência e tecnologias sustentáveis seja integrado ao currículo escolar, promovendo pesquisa e ciência no ambiente educacional.



Vídeo do projeto Agrossonix disponível no youtube.

A ideia do Projeto "Agrossonix" surgiu a partir dos(as) estudos da ondulatória, tema estudado no decorrer da disciplina Projeto de Pesquisa e de uma necessidade real do cotidiano. A ondulatória é o estudo das ondas, que podem ser de natureza eletromagnética ou mecânica. No nosso caso, o alvo principal de estudos são as ondas mecânicas. As ondas mecânicas são perturbações vibratórias que necessitam da matéria para se propagar. Quanto ao espectro sonoro, as suas escalas de frequências são classificadas em: infrassom, som audível e ultrassom. A Física aborda conteúdos complexos, que nem sempre são fáceis de serem assimilados pelos(as) estudantes, mas as aulas práticas e aplicabilidade vem superando esses obstáculos. O conceito de Nexus: Água, Energia e Alimentos se referem à interdependência entre os consumos desses três recursos essenciais para a vida humana. Aumentar a produção de alimentos de maneira eficiente é um desafio que envolve o uso racional da água e da energia. Por isso, é fundamental compreender essa interdependência e buscar soluções sustentáveis que não aumentem a exploração dos recursos naturais. Nesse sentido, o domínio de novos conhecimentos e tecnologias mais eficientes pode contribuir para aumentar a eficiência e a capacidade produtiva de alimentos. E o assunto deve estar nos bancos escolares, pois pesquisa e ciência devem ser produção da escola.

Considerações Finais:

O Projeto Agrossonix oferece uma alternativa sustentável e econômica para o controle de pragas agrícolas, evitando o uso de pesticidas químicos que prejudicam o meio ambiente e a saúde humana. Seus principais benefícios são: a sustentabilidade, pois não utiliza substâncias tóxicas; a eficiência, devido à eficácia das ondas ultrassônicas no controle de pragas; e a economia, já que apresenta um custo menor em comparação aos pesticidas. O projeto é facilmente replicável e pode ser aplicado em hortas escolares e na agricultura familiar, apresentando grande potencial para revolucionar o manejo de pragas na agricultura.

O Projeto tem o potencial de trazer diversos benefícios para a agricultura. O uso de pesticidas químicos pode causar danos ao meio ambiente e à saúde humana, principalmente de quem aplica. Além disso, os pesticidas podem ser caros e difíceis de aplicar. O método desenvolvido pelo Projeto Agrossonix é uma alternativa sustentável e econômica para o controle de pragas agrícolas.

A seguir, são apresentados alguns dos principais benefícios do Projeto Agrossonix:

- **Sustentabilidade:** O método não utiliza pesticidas químicos, que podem causar danos ao meio ambiente e à saúde humana.
- **Eficiência:** As ondas ultrassônicas são eficazes no controle de diversas pragas agrícolas.
- **Economia:** O método é uma alternativa econômica ao uso de pesticidas químicos.

O atual Projeto é facilmente replicável podendo ser facilmente introduzido em hortas escolares e na agricultura familiar, ele possui potencial de revolucionar o controle de pragas agrícolas. O método é uma alternativa sustentável e econômica que pode trazer diversos benefícios para a agricultura.

Referências Bibliográficas:

BASF. **Praga do tomateiro.** Disponível em: https://agriculture.basf.com/br/pt/conteudos/cultivos-e-sementes/tomate/praga-tomateiro.html. Acesso em: 02 mai. 2024.
DIAD Campo. Artigos especiais. Disponível em: http://diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=27373&secao=Artigos%20Especiais. Acesso em: 02 mai. 2024.
EMBRAPA. **Tomate:** produção e tecnologias. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/880574/1/2010302.pdf. Acesso em: 02 dez. 2024.
USP. Técnica com ultrassom poderá deixar grãos mais nutritivos. **Jornal da USP**. Disponível em: https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-agrarias/tecnica-com-ultrassom-podera-deixar-graos-mais-nutritivos/. Acesso em: 02 mai. 2024.
REVISTA Cultivar. Aplicações da radiação eletromagnética do infravermelho às ondas de rádio na agricultura. Disponível em: https://revistacultivar.com.br/noticias/artigo-aplicacoes-da-radiacao-eletromagnetica-do-infravermelho-as-ondas-de-radio-na-agricultura-. Acesso em: 02 mai. 2024.
EMBRAPA. **Pragas do tomateiro**. Disponível em: https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Tomate/TomateIndustrial_2ed/pragas.htm. Acesso em: 02 mai. 2024.

FALANDO NISSO...



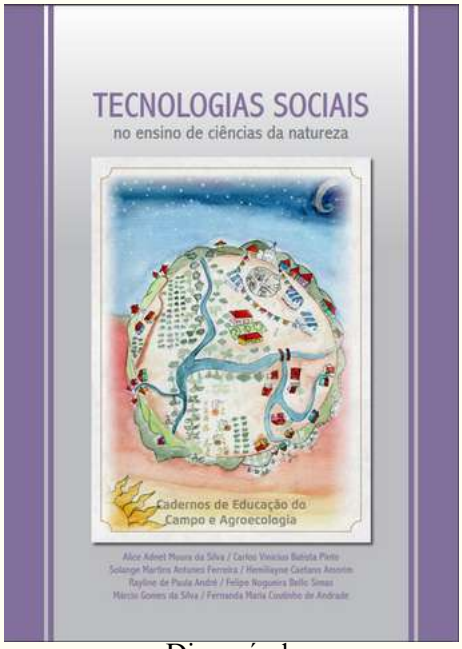
O projeto **"Agrosonix"**, criado pela escola, também foi divulgado na página da Sedu, como se vê na reportagem abaixo. Mostra que o estudo desenvolvido pelos estudantes consiste na criação de um dispositivo de ondas ultrassônicas capaz de afastar pragas de cultivos agrícolas. Eles construíram um aparelho que emite ondas inaudíveis para humanos, mas desconfortáveis para insetos e pragas.



Disponível: https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/estudantes-de-itarana-desenvolvem-dispositivo-por-meio-de-ondas-ultrassonicas

O uso dessas ondas apresentou resultados promissores, com uma redução de até 70% das pragas, como no caso do tomate, oferecendo uma alternativa mais segura e eficaz em comparação aos métodos tradicionais, como o uso de agrotóxicos, para o controle de pragas na agricultura.

A cartilha "**Tecnologias Sociais no Ensino de Ciências da Natureza"** é fruto do projeto de pesquisa "Tecnologias Sociais e Agroecologia", desenvolvido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Com foco na Educação do Campo, ela se destina a educadores da modalidade e tem como objetivo integrar conceitos das Ciências da Natureza, como Física, Química e Biologia, com as Tecnologias Sociais da Agroecologia, promovendo a interdisciplinaridade. Além disso, é uma ferramenta para os sujeitos do Campo, permitindo-lhes se apropriar de conhecimentos que os tornem autônomos em suas práticas, baseadas em suas realidades locais. A cartilha pretende ser um instrumento para processos de ensino-aprendizagem tanto em escolas quanto em outros espaços formativos, promovendo uma educação de qualidade, libertadora e respeitosa com as diversidades e o meio ambiente.



Disponível: https://ctazm.org.br/bibliotecas/tecnologias-sociais-no-ensino-de-ciencias-da-natureza-435.pdf

Tarde Literária

EEPEF
São Benedito
SRE
São Mateus

Maria de Fátima dos Santos Silva

A Escola Estadual Pluridocente de Ensino Fundamental São Benedito foi criada em 1986 com objetivo de atender a educação escolar dos(as) estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental que viviam no recém-criado Assentamento Rio Preto Itaúnas, localizado às margens do referido rio e anteriormente conhecido como Cem Alqueires.

No contexto escolar dos anos iniciais do ensino fundamental, a introdução à literatura deve ser uma experiência rica e envolvente que vai além do simples ato de ler. É essencial criar oportunidades para que as crianças se conectem emocionalmente com os textos, desenvolvam um amor duradouro pela leitura e ampliem sua compreensão do mundo. O projeto "Tarde Literária" surge como uma iniciativa inovadora para transformar a leitura em um momento de descoberta e prazer, alinhando-se a essas necessidades e objetivos.

O projeto "Tarde Literária" foi implementado com o objetivo de promover o prazer pela leitura entre os(as) estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Realizado uma vez por mês, o projeto visa transformar a leitura em uma atividade lúdica e envolvente, desenvolvendo não apenas as habilidades de interpretação textual, mas também estimulando a criatividade e o pensamento crítico das crianças.



Fachada da EEPEF São Benedito Fonte: Arquivo do PPP da escola

EEPEF
São Benedito
SRE
São Mateus

Tema	Tarde Literária
Componente (s) Curricular(es)	Linguagens e suas Tecnologias
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 5° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Leitura; Literatura; Conhecimento; Criatividade
Objetos de Conhecimento:	Gêneros Textuais e Literários - Objetivo: Identificar e explorar diferentes gêneros textuais e literários, como narrativas, contos, poesias e fábulas. Leitura e Interpretação - Objetivo: Desenvolver a compreensão e interpretação de textos, identificando informações explícitas e implícitas. Produção de Textos - Objetivo: Produzir diferentes tipos de textos, respeitando as características dos gêneros e aplicando conhecimentos gramaticais e ortográficos. Fluência de Leitura - Objetivo: Ler com fluência e expressão, compreendendo a estrutura e o conteúdo dos textos. Estratégias de Leitura - Objetivo: Utilizar estratégias de leitura, como inferência e previsão, para melhorar a compreensão do texto.
Tipo de Atividade:	Projeto de leitura realizado uma vez por mês
Habilidades:	**EF15LP01:** "Participar de situações de leitura e escrita, compreendendo e produzindo textos em diferentes gêneros literários." **F15LP02:** "Identificar e explorar as características dos gêneros textuais e literários." **EF15LP04:** "Desenvolver a fluência na leitura, compreendendo o conteúdo e a estrutura dos textos lidos." **EF15LP06**: "Interagir com textos literários e não literários, utilizando estratégias de leitura para compreensão e interpretação." **EF15LP09:** "Produzir textos orais e escritos, respeitando as convenções dos diferentes gêneros literários."

Metodologia:

- Seleção de Textos e Gêneros Literários Textos;
- Interdisciplinariedade;
- Preparação dos Espaços Ambiente;
- Planejamento das Atividades;
- Atividades de Leitura Dramática.



Para a implementação do projeto, a equipe pedagógica realizou um planejamento detalhado que incluiu a seleção de livros diversos, desde contos clássicos a histórias contemporâneas, adaptadas para a faixa etária dos(as) estudantes. Cada sessão foi planejada com uma temática específica, incorporando atividades variadas como leitura em voz alta, dramatização, jogos literários e oficinas de criação.

Houve também integração com outros componentes curriculares. Em História e Geografia, os textos lidos foram relacionados com contextos históricos e culturais, discutindo como os ambientes e épocas influenciam as obras. Artes colaborou com a conexão de literatura com artes visuais e teatro, incentivando a criação de ilustrações baseadas nas leituras ou a representação dramática dos textos. Os saberes culturais e campesinos foram incorporado aos textos e tradições literárias locais, celebrando a riqueza cultural da comunidade e fazendo conexões com as lendas regionais.

O ambiente foi cuidadosamente preparado para criar uma atmosfera acolhedora e estimulante. Espaços foram decorados com elementos que remetiam aos livros escolhidos, e materiais de apoio como fantoches, fantasias e acessórios foram organizados para as dramatizações e atividades interativas.

Sessão 1: Contos e Dramatização

Na primeira "Tarde Literária", os estudantes foram apresentados a contos clássicos, como "A Bela e a Fera" e "Chapeuzinho Vermelho". A leitura em voz alta foi realizada pela professora, seguida de uma dramatização das histórias. As crianças se dividiram em grupos e encenaram cenas dos contos, utilizando fantoches e adereços. Essa atividade não só promoveu a compreensão das histórias, mas também incentivou a expressão criativa e o trabalho em equipe.

Sessão 2: Oficina de Criação Literária

A segunda sessão foi dedicada à criação literária. Após a leitura de uma história inspiradora, os(as) estudantes participaram de uma oficina onde criaram suas próprias histórias e personagens. Utilizando papel, lápis de cor e outros materiais, as crianças desenharam e escreveram sobre suas criações. Ao final, cada estudante teve a oportunidade de compartilhar sua história com os colegas, desenvolvendo habilidades de comunicação e confiança.

Sessão 3: Jogos Literários e Debate

Na terceira sessão, foram realizados jogos literários que desafiavam os(as) estudantes a resolver enigmas e completar histórias. Atividades como "Caça ao Tesouro Literário" e "Quiz dos Contos" proporcionaram uma abordagem divertida para a interpretação de textos. A sessão terminou com um debate em grupo sobre as histórias lidas, onde os(as) estudantes puderam expressar suas opiniões e reflexões, promovendo o pensamento crítico e a troca de ideias.

Problematização:



Um dos desafios enfrentados foi a adaptação das atividades para diferentes níveis de habilidade leitora. Para resolver isso, foram implementadas atividades diferenciadas e grupos de apoio, permitindo que cada estudante participasse de acordo com seu nível de leitura e compreensão.

Outro desafio foi garantir a participação de todos(as) os(as) estudantes, especialmente aqueles com menor interesse inicial. Estratégias como a inclusão de atividades mais interativas e a variação das abordagens ajudaram a engajar os(as) estudantes de maneira mais efetiva.
Os(as) estudantes podem ter dificuldades em ler de forma fluente e expressiva, o que pode impactar sua compreensão e prazer pela leitura. Nesse sentido, introduzir técnicas de leitura fluente; prática regular de leitura, com estratégias para melhorar a entonação e o ritmo; implementar atividades de leitura em voz alta, como a leitura em 1 minuto, são atividades que podem contribuir para melhorar a fluência dos(as) estudantes em leitura.
Outro ponto de observação é que os(as) estudantes podem ter dificuldades em compreender e interpretar textos, especialmente se não forem familiarizados com diferentes gêneros literários. Estratégias de interpretação de texto, vocabulário e compreensão de gêneros literários são práticas que podem ajudar a ampliar a habilidade de compreensão dos(as) estudantes.
Além disso, os(as) estudantes podem não ter uma compreensão clara das características e estruturas dos diferentes gêneros literários. Trabalhar as características de gêneros literários como contos, poesias, fábulas, e suas estruturas típicas; introduzir e explorar diferentes gêneros literários através de leitura e escrita, utilizando atividades práticas para identificar e criar textos de diferentes gêneros também contribuem para a aprendizagem dos(as) estudantes.
Pode haver uma desconexão entre os saberes tradicionais e populares e os conteúdos escolares, resultando em uma experiência de aprendizagem menos relevante e engajadora. Por isso, é importante compreender os saberes tradicionais e populares locais e como eles podem ser integrados com o currículo escolar. Incorporar histórias, lendas e práticas culturais locais no currículo de leitura para conectar os conteúdos escolares com a cultura dos(as) estudantes são estratégias necessárias para construção do conhecimento das crianças.



Considerações Finais:

O projeto "Tarde Literária" foi bem-sucedido em criar um ambiente positivo e estimulante para a leitura, promovendo não apenas o desenvolvimento das habilidades leitoras, mas também a criatividade e o pensamento crítico das crianças. As tardes literárias demonstraram ser uma ferramenta eficaz para despertar o interesse pela leitura e para fortalecer a cultura literária na escola.

Para futuras edições do projeto, recomenda-se a continuidade das práticas bem-sucedidas e a inclusão de novas abordagens que possam atender às necessidades e interesses emergentes dos(as) estudantes. A experiência acumulada com o projeto "Tarde Literária" oferece uma base sólida para o aprimoramento contínuo e para a expansão de iniciativas semelhantes em outras áreas do currículo escolar.

O projeto contribuiu significativamente para a formação de leitores(as) competentes ao introduzir as crianças a diferentes gêneros e estilos literários. As crianças mostraram um aumento na capacidade de interpretar e refletir sobre as histórias, demonstrando uma evolução no seu repertório leitor.

Ao estimular a análise e a interpretação dos textos, o projeto promoveu o desenvolvimento das habilidades críticas e inferenciais das crianças. As discussões e as atividades de leitura ativa facilitaram a construção de conexões entre os textos e a realidade dos(as) estudantes, promovendo um entendimento mais profundo e contextualizado das obras lidas.

Assim, a variedade de estratégias utilizadas no projeto, incluindo a utilização de livros ilustrados, contação de histórias e atividades lúdicas, contribuiu para manter o engajamento e a motivação das crianças. O envolvimento dos(as) estudantes nas atividades sugeridas foi visível, e o retorno positivo recebido demonstra que a abordagem adotada foi bem recebida e apreciada. Para projetos futuros, recomenda-se a inclusão de atividades que promovam a criação de projetos literários pelos(as) próprios(as) estudantes, como escrita de histórias e criação de livros ilustrados.

A reflexão contínua sobre os resultados e desafios encontrados durante o projeto é fundamental para seu aprimoramento. O retorno dos(as) estudantes e dos(as) educadores deve ser considerado para ajustar e melhorar as práticas e abordagens adotadas, garantindo que os projetos de leitura futuros atendam ainda mais às necessidades e interesses dos(as) estudantes.

Em suma, o projeto de leitura para os anos iniciais do ensino fundamental foi bem-sucedido em promover a leitura e a interpretação, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças como leitores e cidadãos críticos. A continuidade de esforços nessa área é essencial para garantir que as crianças mantenham o interesse pela leitura e desenvolvam competências que serão valiosas ao longo de toda a vida.

Referências Bibliográficas:

Cereja, W. & Magalhães, E. **Didática da Leitura e da Produção Textual**. São Paulo: Contexto, 2015.

Zilberman, N. **Leitura e Formação do Leitor:** Estudos e Práticas. Campinas: Pontes, 2006.

Antunes, C. **Ler e Escrever:** Formação de Leitores e Escritores no Ensino Fundamental. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Kramer, S. **A Formação do Leitor:** Processos e Práticas de Leitura na Escola. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Rojo, R. A **Escola e a Leitura:** Práticas e Reflexões. São Paulo: Cortez, 2012.

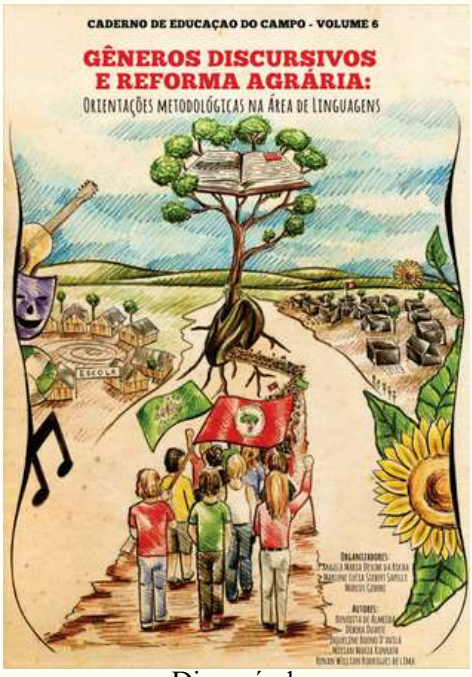
Soares, M. **Letramento e Alfabetização:** Perspectivas e Desafios. São Paulo: Cortez, 2003.

Silva, T. L. **Leitura e Interpretação Textual:** Teoria e Prática para o Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FALANDO NISSO...



O caderno "**Gêneros Discursivos e Reforma Agrária: Orientações Metodológicas na Área de Linguagens**", de Benedita de Almeida e colaboradores(as), da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), tem como objetivo oferecer diretrizes para o ensino de linguagens no contexto da educação do campo, especialmente em relação à reforma agrária.



Disponível: https://sites.unicentro.br/wp/educacaodocampo/files/2018/12/caderno6G%C3%8ANEROS-TEXTUAIS.pdf

O caderno serve como uma ferramenta valiosa para educadores que buscam desenvolver práticas de ensino mais inclusivas e contextualizadas, contribuindo para a formação de estudantes críticos e conscientes de sua realidade social, especialmente em relação às questões agrárias.

Ele é estruturado em várias unidades, cada uma abordando diferentes gêneros textuais e suas implicações na Educação do Campo. A Primeira Unidade introduz conceitos de linguagem e gêneros do discurso, discutindo a luta pela terra, a reforma agrária e a Educação do Campo. A Segunda Unidade explora o gênero notícia, abordando sua finalidade, conteúdo temático e construção composicional, além de oferecer diretrizes para atividades e propostas interdisciplinares, com referências de livros e filmes.

A Terceira Unidade analisa o gênero poema, destacando sua construção e sugerindo atividades práticas, poetas e escritores, e links relevantes. A Quarta Unidade foca no gênero regra de jogo, detalhando sua finalidade e conteúdo, incluindo regras específicas e propostas de leitura. Por fim, a última unidade discute o gênero conto, suas finalidades e construção, sugerindo atividades e referências. O caderno, portanto, oferece orientações práticas para educadores(as) que desejam integrar diferentes gêneros discursivos em suas aulas, promovendo uma educação contextualizada e interdisciplinar que reflete a realidade das comunidades rurais, ao mesmo tempo que estimula a reflexão crítica dos(as) estudantes sobre questões sociais relevantes.

Literatura em 1 Minuto

Glaucia B. Borges
Regina Leal
Jane Ferreira

EEEF Assentamento União
SRE São Mateus

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Assentamento União, localiza-se no Assentamento Pontal do Jundiá, que fica a cerca de 5 quilômetros do distrito de Braço do Rio, município de Conceição da Barra.

A referida escola foi criada em 1986, com objetivo de atender à educação escolar dos(as) estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos do primeiro segmento, defendendo a escolarização na própria comunidade.

O Assentamento União lançou o Projeto Leitura em 1 Minuto com o objetivo de aprimorar a fluência de leitura dos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O projeto foi implementado no início do primeiro semestre letivo e visou oferecer uma abordagem prática e dinâmica para melhorar a velocidade e a precisão da leitura, fortalecendo assim a compreensão dos textos.

A escola enfrenta desafios típicos em termos de desenvolvimento de habilidades de leitura, com uma diversidade de níveis de habilidade entre os(as) estudantes. Observou-se que muitos(as) estudantes apresentavam dificuldades em manter a fluência durante a leitura e, frequentemente, mostravam sinais de frustração ao enfrentar textos mais longos e complexos. Com base nesses desafios, o projeto foi desenvolvido para criar uma prática consistente e encorajadora, usando a leitura em 1 minuto como uma estratégia central.



Fachada da EEEF Assentamento União Fonte: Arquivo do PPP da escola

EEEF
Assentamento
União
SRE
São Mateus

Tema	Literatura em 1 minuto
Componente (s) Curricular(es)	Códigos e Linguagens
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 5° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Literatura; Gênero Literário; Interpretação; Habilidade; Fluência
Objetos de Conhecimento:	Gêneros Textuais e Literários; Leitura e Interpretação; Produção de Textos; Fluência de Leitura; Estratégias de Leitura.
Tipo de Atividade:	Projeto de leitura, ocorrendo uma vez por semana

Habilidades:

EF15LP01: Participar de situações de leitura e escrita, compreendendo e produzindo textos em diferentes gêneros literários.

EF15LP02: Identificar e explorar as características dos gêneros textuais e literários.

EF15LP04: Desenvolver a fluência na leitura, compreendendo o conteúdo e a estrutura dos textos lidos.

EF15LP06: Interagir com textos literários e não literários, utilizando estratégias de leitura para compreensão e interpretação.

EF15LP09: Produzir textos orais e escritos, respeitando as convenções dos diferentes gêneros literários.



Metodologia:

- O desenvolvimento da capacidade de leitura rápida envolve estratégias para aumentar a compreensão e retenção do texto lido;
- Escolher texto curtos e interessantes;
- Durante a atividade, peça aos estudantes que leiam o texto em voz alta por 1 minuto, mantendo um ritmo constante e utilizando um cronômetro para acompanhar o tempo;
- Discuta as ideias principais e detalhes importantes para verificar a compreensão;
- A repetição com diferentes textos permite melhorar a velocidade e a precisão ao longo do tempo;
- A leitura em pares ou grupos pequenos ajuda os estudantes a se apoiarem mutuamente;
- Outras estratégias incluem gravações das leituras para autoavaliação e atividades em grupo para trabalhar a entonação e a expressão.

Para desenvolver a capacidade de leitura rápida, é preciso criar estratégias, tais como, aumentar a compreensão e retenção do texto lido através da identificação de palavras-chave e ideias principais em um curto período.

O primeiro passo é fazer uma seleção dos textos. Eles devem ser curtos e adequados ao nível de leitura dos estudantes. Pode ser um parágrafo, um trecho de um conto, uma fábula ou uma pequena notícia. O texto deve ter entre 100 e 200 palavras para garantir que possa ser lido em 1 minuto.

Antes da atividade, familiarize os(as) estudantes com o texto, discutindo seu conteúdo e vocabulário. Peça aos estudantes que leiam o texto em voz alta por 1 minuto. Utilize um cronômetro para garantir a precisão do tempo. Oriente os(as) estudantes a lerem de forma clara e manterem o ritmo constante.

Após a leitura, faça uma rápida discussão sobre o texto lido. Pergunte aos estudantes sobre as ideias principais, detalhes importantes e o significado das palavras desconhecidas.

Se possível, peça aos estudantes que respondam a algumas perguntas sobre o texto para verificar a compreensão.

Realize a atividade várias vezes com diferentes textos. Importante serem textos que dialogam com a realidade do Campo. Compare o desempenho dos(as) estudantes em diferentes leituras para avaliar o progresso.

Forneça retorno individual ou em grupo sobre a leitura dos(as) estudantes, destacando áreas de melhoria e elogiando os avanços. Faça a leitura em pares ou em pequenos grupos, permitindo que os(as) estudantes leiam alternadamente e ajudem uns aos outros.

Realize a leitura em voz alta com a participação de toda a turma, enfatizando a entonação e a expressão. Peça aos estudantes para gravarem sua leitura e depois ouvir a gravação para autoavaliação.

EEEF
Assentamento
União
SRE
São Mateus

Problematização:

Os(as) estudantes podem enfrentar dificuldades em ler de forma fluente e expressiva, o que afeta a compreensão e o prazer pela leitura, ainda mais se o habito de leitura não fizer parte da comunidade e dos familiares. A cultura do Campo sempre foi mais pela via da oralidade. Portanto, é essencial incentivar práticas regulares de leitura e estratégias para melhorar entonação e ritmo. Além disso, muitos têm dificuldade em interpretar textos por não estarem familiarizados com diferentes gêneros literários. Para superar isso, é necessário discutir características de gêneros como contos, poesias e fábulas, e realizar atividades práticas para explorar suas estruturas.

Também pode haver uma desconexão entre saberes tradicionais e o conteúdo escolar, reduzindo a relevância do aprendizado. Integrar histórias, lendas e práticas culturais locais ao currículo, usando contos e músicas populares, conecta os conteúdos à cultura dos(as) estudantes, valorizando a diversidade e tornando a aprendizagem mais significativa.

A compreensão dos saberes tradicionais e populares locais da realidade campesina e como eles podem ser valorizados pela escola é uma questão relevante. Desse modo, torna o aprendizado mais relevante e significativo para os(as) estudantes, ao conectar o currículo com suas próprias experiências e culturas, e a diversidade cultural.



Considerações Finais:



A leitura em 1 minuto pode melhorar significativamente a fluência dos(as) estudantes, ajudando-os a ler de maneira mais rápida e precisa. A prática regular permite que os estudantes ganhem confiança em sua capacidade de ler com mais velocidade e menor hesitação. Os(as) estudantes se tornam mais confiantes e competentes em leitura, com maior capacidade para enfrentar textos mais desafiadores em menor tempo.

Apesar de seu caráter breve, a leitura em 1 minuto, quando bem conduzida, pode melhorar a capacidade dos(as) estudantes de identificar e compreender as ideias principais e detalhes importantes dos textos.

Atividades de leitura em 1 minuto podem tornar a leitura uma atividade mais envolvente e menos intimidante, especialmente para estudantes que acham a leitura prolongada desafiadora. Obtemos maior engajamento dos(as) estudantes com a leitura, potencialmente levando a um aumento no prazer de ler e na disposição para explorar novos textos e gêneros.

Os(as) estudantes aprendem a aplicar estratégias de leitura, como a identificação de palavras-chave e a leitura seletiva, para maximizar sua eficiência durante a prática de leitura rápida.

Com o aumento da fluência e compreensão, espera-se que os(as) estudantes mostrem melhorias em seu desempenho acadêmico geral, especialmente em atividades que exigem leitura e interpretação de textos.

A prática pode ser adaptada para atender a diferentes níveis de habilidade, oferecendo uma abordagem inclusiva que ajuda a atender às necessidades de todos(as) os(as) estudantes, incluindo aqueles com dificuldades de aprendizagem.

A capacidade de ler rapidamente e compreender informações pode ajudar os(as) estudantes em outras áreas da vida, como na realização de pesquisas, na compreensão de instruções e na participação em discussões informadas.

O progresso visível e a melhoria nas habilidades de leitura podem aumentar a motivação dos(as) estudantes e sua autoestima, criando um ciclo positivo de engajamento e sucesso acadêmico.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, C. **Ler e Escrever:** Formação de Leitores e Escritores no Ensino Fundamental. São Paulo: Parábola Editorial. 2011.

CEREJA, W. & Magalhães, E. **Didática da Leitura e da Produção Textual**. São Paulo: Contexto. 2015.

KRAMER, S. **A Formação do Leitor:** Processos e Práticas de Leitura na Escola. Porto Alegre: Artmed. 2007.

ROJO, R. **A Escola e a Leitura:** Práticas e Reflexões. São Paulo: Cortez. 2012.

SILVA, T. L. **Leitura e Interpretação Textual:** Teoria e Prática para o Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.

SOARES, M. **Letramento e Alfabetização:** Perspectivas e Desafios. São Paulo: Cortez. 2003.

ZILBERMAN, N. **Leitura e Formação do Leitor**: Estudos e Práticas. Campinas: Pontes. 2006.

FALANDO NISSO...



A professora Adriane Lipert Bittencourt, da Escola Baréa, juntamente com o Centro Ecológico, criaram a coleção de livros da *Nina* para trabalhar a alfabetização a partir do tema da agroecologia. Há quase duas décadas as histórias de Nina inspiram práticas animadoras e inovadoras em educação ambiental.



Assim como outros livros da série, "Nina e a Carta da Terra" busca inspirar os leitores a refletirem sobre seu papel no mundo e a adotarem atitudes mais conscientes em relação à preservação do meio ambiente. A obra é uma ferramenta importante para educadores(as), pois contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras que promovem a educação ambiental desde os primeiros anos de escolaridade. A história se baseia na Carta da Terra, um documento internacional que propõe princípios éticos para um futuro mais sustentável, equilibrado e justo, tanto para os seres humanos quanto para o planeta.

Disponível: https://www.centroecologico.org.br/webcontrol/upl/publicacoes/diversos/Nina-e-a-Carta-da-Terra.pdf

Além da obra sobre a Carta da Terra, há outras no site do Centro Ecológico, sobre aquecimento global, compostagem, entre outras. Elas visam transmitir, através da leitura acessível para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, os princípios da Agroecologia de forma lúdica, utilizando a personagem Nina como um guia para introduzir o conceito de responsabilidade socioambiental nas crianças.



Os livros infantis são acompanhados de cadernos pedagógicos para os(as) professores(as) com estratégias didáticas para o ciclo de alfabetização. Os cadernos apresentam dicas de como contar as histórias e trabalhar de forma interdisciplinar. Desse modo, é ideal para os trabalhos nas escolas do Campo.

Pelos olhos de Nina, crianças leem as palavras e o mundo com uma perspectiva mais amorosa e buscam estabelecer relações mais harmônicas entre os seres humanos e natureza. A coleção de livros da Nina foi feito por educadores(as) para educadores(as) comprometidas com os princípios da agroecologia. Ela é ideal para projetos de incentivo à leitura, com estratégias para alfabetização em contexto de letramento para as crianças campesinas.

Disponível: https://www.centroecologico.org.br/webcontrol/upl/publicacoes/diversos/estrategias-pedagogicas-nina-e-sua-turma-numa-historia-de-minhocas.pdf

Projeto Leitura para Todas(os)

Maria Aparecida Pereira da Silva
Celisando Barreto de Jesus
Ronimarcia Martins Lima

EEEFM "Valdício Barbosa dos Santos"
SRE São Mateus

A leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1997).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental "Valdício Barbosa dos Santos" localiza-se no Assentamento Valdício Barbosa dos Santos, que fica a 60 quilômetros da sede do município de Conceição da Barra, norte do estado do Espírito Santo. Recebeu este nome em homenagem ao sindicalista Valdício Barbosa dos Santos. A referida escola foi criada em 1996, com objetivo de atender à educação escolar dos(as) estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos do primeiro segmento, defendendo a escolarização na própria comunidade.

O projeto leitura para todos é um incentivo à leitura para toda comunidade a escolar, despertando o interesse e a curiosidade dos (as) estudantes para as literaturas infanto-juvenis e das coleções étnico-racial e indígena recebidas pela escola, além da valorização da pedagogia de Paulo Freire, que culminará com o batizado da biblioteca da escola com o nome deste grande educador.



Fachada da EEEFM Valdício Barbosa dos Santos Fonte: Arquivo do PPP da escola

EEEFM "Valdício Barbosa dos Santos"
SRE
São Mateus

Tema	Projeto de Leitura
Componente (s) Curricular(es)	Códigos e Linguagens
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Literatura; Gênero Literário; Interpretação; Habilidade; Fluência
Objetos de Conhecimento:	Estratégias de leitura; Estratégias e procedimentos de leituras em textos legais e normativas; Estratégias de leitura: Apreender os sentidos globais do texto; Relação entre gêneros e mídias. Apreciação e réplica. Produção de textos orais e oralização.
Tipo de Atividade:	Projeto realizado entre as datas de 16/05 a 28/11
Habilidades:	Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura; literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação, indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc.; gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de áudiobooks de textos literários diversos (...) tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.); empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinéticos, necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais; bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Metodologia:



- Freiriana, pois é baseada em uma abordagem crítica e dialógica da educação;
- Planejamento inicial com os educadores e definição de duplas para organização e preparação das motivações;
- Estruturação dos locais e horários dos encontros;
- Exposição de livros;
- Apresentação da temática;
- Palestra;
- Leitura e discussão;
- Doação de livros;
- Avalição contínua;
- Semana de leitura como momento final de celebração.

O projeto de leitura semanal visa promover a cultura literária na comunidade escolar, realizando encontros todas as quintas-feiras, das 07h às 08h. Cada encontro será conduzido por duplas de educadores(as), que se responsabilizarão por preparar as motivações e orientações necessárias para a leitura, além de organizar os espaços destinados ao deleite de cada turma.

Os(as) educadores regentes dos Anos Iniciais, juntamente com os acompanhantes das turmas do 6º ao 9º ano, serão responsáveis pela seleção e organização dos livros a serem lidos. Para dar início ao projeto, realizaremos uma abertura especial, com uma exposição de literatura infanto-juvenil e coletâneas que abordam temáticas relacionadas às relações étnico-raciais e aos povos tradicionais, recebidas pela Secretaria de Estado da Educação.

A acolhida contará com uma motivação lúdica, utilizando fantoches, e incluirá a apresentação da história do baobá, com narração e dança, inspirada no livro A Mãe África, de Celso Sistos. Além disso, haverá uma palestra sobre a importância da leitura, ressaltando seu papel fundamental na formação crítica dos(as) estudantes.

Durante o desenvolvimento do projeto, diversas metodologias serão exploradas para incentivar a leitura. Estas incluem: Teatro com fantoches abordando textos literários; Leitura de poesia e outros gêneros textuais; Biografias de autores da literatura; Caracterização de personagens literários; Contação de histórias por meio de fantoches, máscaras, murais, teatro de sombras e dramatizações; Contos e recontos com interpretação; Atividade do "livro perdido" para estimular a leitura lúdica; Doação de livros aos educandos, além do "batizado" da biblioteca com o nome de Paulo Freire.

Com essa metodologia, o projeto busca criar um ambiente de leitura estimulante, onde os(as) estudantes possam se envolver ativamente com a literatura, desenvolvendo não apenas habilidades de leitura, mas também uma consciência crítica e cultural.

EEEFM "Valdício Barbosa dos Santos"
SRE São Mateus

Problematização:

A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da aprendizagem dos(as) estudantes. Dominar a leitura facilita a aquisição de conhecimentos e contribui para um bom desempenho em diversas áreas do saber. Embora a prática da leitura esteja presente na rotina pedagógica da EEEFM Valdício Barbosa dos Santos, identificamos a necessidade de intensificar o interesse dos(as) estudantes e da comunidade escolar em momentos dedicados à leitura. Com esse objetivo, foi elaborado o "Projeto Leitura para Todos(as)", uma ação integrante do Plano de Ação de Nivelamento. O projeto visa motivar a comunidade escolar e criar oportunidades para que estudantes, educadores(as) e demais profissionais da escola se reúnam em grupos ou núcleos para a prática da leitura de obras literárias infanto-juvenis, coleção étnico-racial, entre outras.



Foto da introdução do projeto leitura para todos – Arquivo da EEEFM Valdício Barbosa dos Santos – maio de 2024.

Considerações Finais:

O Projeto Leitura para Todos tem demonstrado sucesso em aumentar o interesse pela leitura entre os(as) participantes e em fomentar a busca por livros na biblioteca escolar. As ações promovidas têm contribuído significativamente para a melhoria da fluência leitora, das habilidades de compreensão e produção textual, bem como para o fortalecimento da acolhida e do respeito mútuo durante as atividades. Esses avanços têm gerado um impacto positivo na aprendizagem dos estudantes, promovendo uma articulação mais eficiente entre as áreas de conhecimento e refletindo na sistematização do saber.

Embora o projeto tenha alcançado resultados positivos, é essencial dar continuidade a essas iniciativas e implementar novas práticas de leitura. É imperativo que educandos(as) e educadores(as) continuem a aprender juntos, em comunhão, como defendido por Paulo Freire. Em suma, enfrentamos um grande desafio, mas o conhecimento adquirido e a esperança de promover mudanças sustentam nossa determinação em formar leitores críticos, capazes de compreender e interpretar o mundo ao seu redor.

Referências Bibliográficas:

ESPÍRITO SANTO. **Currículo do Espírito Santo**. Documento curricular elaborado em parceria com os municípios e baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/. Acesso em: 22 de julho de 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. Português: **Linguagens**. 7. ano. São Paulo: Saraiva, 2024.

SISTO, Celso. **Mãe África:** mitos, lendas, fábulas e contos. São Paulo: Paulus, 2007.

FALANDO NISSO...



Os fanzines, publicações independentes e alternativas, surgiram na década de 1930, mas ganharam popularidade principalmente nas décadas de 1970 e 1980, como uma forma de expressão criativa, pessoal e muitas vezes política. Originados em cenários como movimentos underground e culturais, os fanzines são feitos de forma autônoma, geralmente sem grandes recursos, por pessoas que desejam compartilhar suas ideias, histórias, opiniões, músicas, arte e outros interesses, de uma maneira que foge das convenções comerciais das publicações tradicionais.

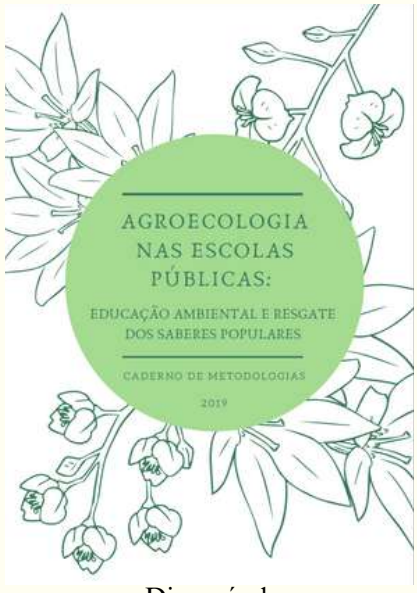


Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=OLKxJtVyTLM

Veja o vídeo ao lado sobre a importância da arte do fanzine inserida na sala de aula de uma escola no Rio Grande do Sul. Os fanzines se apresentam como uma excelente ferramenta de educação popular para estimular a criatividade dos(as) estudantes, além de fomentar a leitura, a escrita e o trabalho colaborativo. Criar fanzines na sala de aula oferece aos estudantes uma maneira dinâmica de se expressar.

Os(as) estudantes desenvolvem habilidades de escrita criativa, exploram diferentes formas de arte e, ainda, compartilham suas histórias e perspectivas com outros. O processo de criação de um fanzine pode envolver pesquisa, escrita, ilustração, diagramação e até mesmo a publicação de forma artesanal ou digital, promovendo uma experiência rica em aprendizado.

Indicamos também o caderno de metodologias "Agroecologia nas escolas públicas: educação ambiental e resgate de saberes populares", produzido pela Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de promover a integração entre os currículos escolares e os elementos culturais do território nos princípios da agroecologia. Entre as metodologias propostas no caderno, estão a produção do Fanzine Agroecológico, o Cantinho da Leitura, Cubos de contar histórias, Baldes das Memórias e Rodas de Abertura e Fechamento. Desse modo, este caderno, trazendo temas relacionados à Agroecologia e resgate de saberes populares, embasados na práxis do período de ação deste projeto. é um apoio metodológico para educadores(as).



Disponível: https://ecokidsecoteens.mpba.mp.br/wp-content/uploads/2021/09/cartilha-metodologias-agroecologia.pdf

A Horta como Espaço de Aprendizagem

Larissa de Lima Botazini

EEEF "Vale da Vitória"
SRE São Mateus

A Escola Estadual Pluridocente de Ensino Fundamental Vale da Vitória localiza-se no Assentamento Georgina, a 41 quilômetros da sede do município de São Mateus, norte do Estado do Espírito Santo. Recebeu este nome em homenagem ao Assentamento Vale da Vitória, conquistado em 23 de dezembro de 1986. Segundo a educadora da época, Neuza Martinho dos Santos, a escola Vale da Vitória foi fundada no dia 24 de fevereiro de 1986.

Sendo a agricultura um dos principais fatores da configuração do espaço geográfico brasileiro e da realidade local, tornam-se imprescindíveis reflexões sobre esta temática, pois, sabendo que o uso adequado do solo é um fator de extrema importância para o sucesso de muitas economias ao redor do mundo, faz-se necessário trazer esta questão para o âmbito escolar, visto que a Escola Vale da Vitória conta com uma área de terreno onde são cultivadas várias culturas.

Desta forma, o projeto "A horta como um espaço de aprendizagem" e de produção coletiva de alimentos saudáveis na escola Vale da Vitória surge no intuito de colaborar tanto para as reflexões e ações sobre o uso sustentável da terra, bem como para observação das práticas utilizadas no desenvolvimento das aulas de Ciências Agropecuárias para serem, posteriormente, aproveitadas nas diversas disciplinas das séries iniciais do ensino fundamental.

É imperativo afirmar que a horta pode ser um laboratório vivo para diferentes atividades didáticas, além de oferecer várias vantagens para a comunidade, dentre elas, proporcionam uma grande variedade de alimentos, baixo custo, melhor qualidade dos alimentos, socialização de sementes e conhecimentos, entre outros. Acredita-se que as reflexões/ações inerentes ao projeto reverberam no cotidiano do(a) estudante, estimulando o cultivo de hortaliças em seus lares e pequenos espaços produtivos, colaborando assim para uma educação ambiental que promova a redução de despesas e prevenção de doenças provocadas pela ingestão de alimentos cultivados com agrotóxicos, sendo esta uma questão socioambiental que sempre está pautada na educação de nossas crianças.



Fachada da EEEF Vale da Vitória Fonte: Arquivo do PPP da escola

EEEF "Vale da Vitória"
SRE São Mateus

Tema	Tema Gerador: Família e Comunidade
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Agropecuária, Ciências Humanas, Códigos e Linguagens
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 5° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Horta; Alimentos Saudáveis; Agricultura
Objetos de Conhecimento:	Exposição oral, pesquisa, fluência de leitura, escuta atenta, compreensão, relato oral e acentuação; Ciclos naturais e a vida cotidiana, relação campo e cidade, trabalho no campo e na cidade; A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças.
Tipo de Atividade:	Seminários em curso durante o ano de 2024

Habilidades:

Códigos e Linguagens:
EF15LP09: Expressar-se, em situações de intercâmbio oral, com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

EF35LP19: Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

Ciências Humanas:
EF04GE07: Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Ciências Agropecuárias:
A importância da agricultura camponesa para a humanidade; Importância das hortaliças; Os tipos de agricultura: camponesa x agronegócio; O papel da matéria orgânica na fertilidade do solo e as técnicas de conservação.

Metodologia:

- Planejamento interdisciplinar;
- Pesquisa de campo;
- Trabalho em grupo;
- Apresentação de Seminário.



Os(as) estudantes foram incentivados a realizar pesquisas sobre a importância da agricultura camponesa e as características do trabalho no campo e na cidade. Após a coleta de informações, eles apresentaram suas descobertas em exposições orais, utilizando técnicas de comunicação eficaz, como tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

Houve também um ciclo de debates sobre as diferenças e semelhanças entre a vida rural e urbana. Os(as) educandos(as) foram divididos em grupos e, após a pesquisa, puderam discutir sobre o papel da agricultura camponesa na sociedade. Essa atividade incentivou a troca de ideias e a construção de conhecimento coletivo, permitindo que os(as) estudantes comparassem as características do trabalho no campo e na cidade.

A horta escolar serviu como um laboratório vivo para que os(as) estudantes aplicassem os conceitos estudados. As atividades incluíram o plantio de hortaliças, o estudo da importância da matéria orgânica para a fertilidade do solo e a discussão sobre técnicas de conservação. Os(as) estudantes vivenciaram a prática da agricultura agroecológica, compreendendo suas contribuições para a alimentação saudável e a sustentabilidade.

Após as atividades práticas, os(as) estudantes foram incentivados a relatar suas experiências. Essa atividade não só promoveu a expressão oral, mas também permitiu a reflexão sobre o que aprenderam. O relato incluiu aspectos como a importância das hortaliças e as diferenças entre o agronegócio e a agricultura camponesa, alinhando-se aos conteúdos abordados nas ciências agropecuárias.

Os(as) educandos(as) também foram convidados(as) a criar cartazes, que sintetizavam suas pesquisas e experiências. Essa atividade integrou a linguagem escrita e a apresentação visual, em seminários, permitindo que os(as) estudantes desenvolvessem habilidades em códigos e linguagens, promovendo uma comunicação clara e efetiva.

Problematização:

EEEF
"Vale da Vitória"
SRE
São Mateus

Durante milhares de anos, os grupos humanos viveram coletando frutos, raízes, folhas, flores e sementes, caçando e pescando. Eram formados de pequenos bandos e, para encontrarem alimentos, se deslocavam por grandes territórios.

Por não terem moradia fixa, estes grupos eram chamados nômades. Enquanto viviam como nômades, tudo que era coletado era dividido entre o grupo, assim não havia propriedade privada, tudo era de todos(as).

Esse modo de vida foi totalmente modificado com a descoberta da germinação das sementes. Ao saber manejar o fogo e as sementes, alguns grupos passaram a fazer a agricultura.

Alguns(mas) historiadores(as) afirmam que a agricultura passou a ser praticada pelos primeiros grupos humanos por volta de 10 mil anos atrás. A maioria dos que alcançaram estes conhecimentos deixaram de ser nômades, construíram suas aldeias, vilas e cidades.

Atualmente a permanência dos(as) camponeses(as) na terra e sua produção social se encontram gravemente ameaçadas pelo modelo tecnológico hegemônico que é, em nível mundial, a base de sustentação do agronegócio. Nesse novo processo de expropriação dos(as) agricultores(as), iniciada com a revolução verde, o objetivo é retirar dos(as) agricultores(as) o controle sobre as sementes e, de maneira mais ampla, sobre a produção no campo, em benefício das grandes corporações elevando o acúmulo de riqueza.

Dessa maneira, a reprodução social dos(as) camponeses(as) passa a exigir uma mudança na forma de produzir, motivando experiência de resistência ao modelo do agronegócio.



Horta de uma escola do Campo. Fonte: Arquivo de Juliana Romano - 2024

Considerações Finais:

A prática com a temática "A horta como um espaço de aprendizagem" de produção coletiva busca instigar uma visão crítica e holística do(a) estudante sobre a utilização e gerenciamento racional dos recursos naturais, inserindo-o(a) como um importante agente ativo de participação e mudança socioambiental. Nesse contexto, a prática no ambiente escolar representa uma rica experiência em um espaço propício para um trabalho interdisciplinar e uma percepção dos pontos a serem aprofundados.

Diante disso, a produção nestas áreas de produção coletivas garante intensificar a conscientização em relação à produção sem o uso de agrotóxicos e oportunizar a aprendizagem de maneira eficaz, fortalecendo os conhecimentos adquiridos em sala nos componentes curriculares de Ciências Naturais, Ciências Agropecuárias, Ciências Humanas, Linguagens e Códigos e Matemática.



Horta de uma escola do Campo. Fonte: Arquivo de Juliana Romano - 2024

Referências Bibliográficas:

MST. **Boletim da Educação**- nº 13. Alimentação saudável: Um direito de todos! Jornada Cultural Nacional. Dezembro 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares 2023. **Currículo**. Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares2023/. Acesso em: 23 maio 2024.

FALANDO NISSO...



A horta escolar desempenha um papel crucial na Educação do Campo, proporcionando uma abordagem interdisciplinar que enriquece o aprendizado dos(as) estudantes. Ao integrar a horta com todos os componentes curriculares, as escolas promovem um ambiente de aprendizado dinâmico e conectado à realidade dos(as) educandos(as).



O programa "Educa Play - SEED Paraná", no episodio "**Possiblidades Pedagógicas da Educação Alimentar e Nutricional",** destaca-se a relevância da educação alimentar e nutricional no ambiente escolar e mostra como a escola pode ser um espaço propício para ações de promoção à saúde.

Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=pXJa-c6d8fI

Além disso, apresenta a integração da horta escolar aos conteúdos de matemática e geografia, mostrando como é possível trabalhar conceitos curriculares de forma prática. Os(as) estudantes compartilham suas experiências, ressaltando os benefícios do aprendizado por meio da prática na horta. Essa metodologia não só enriquece o conteúdo escolar, mas também promove hábitos saudáveis entre os(as) estudantes.

A horta permite que os(as) estudantes compreendam conceitos científicos de forma prática. Nas aulas de ciências da natureza, por exemplo, podem explorar o ciclo de vida das plantas, a fotossíntese e a biodiversidade. Ao observar o crescimento das sementes e as interações entre os organismos, os(as) estudantes desenvolvem um entendimento mais profundo e contextualizado.

Os componentes de linguagens também encontram espaço pedagógico na horta. Os(as) estudantes podem escrever sobre suas experiências, elaborar receitas com os alimentos cultivados ou criar projetos artísticos inspirados na natureza. Essa expressão artística e escrita estimula a criatividade e a comunicação, essenciais no processo educativo.

A prática da horta escolar ainda promove o trabalho em equipe e o desenvolvimento de habilidades sociais. Os(as) educandos(as) aprendem a cooperar, compartilhar responsabilidades e respeitar o trabalho do outro, formando um ambiente de aprendizado colaborativo.

EcologicaMentes

Renato Fernandes Rosa
Luciene da Silva Rangel
Felipe Ney Kramer

EEEFM
Maria da Glória Flores da Silva de Souza
SRE
Vila Velha

A escola chamava-se Escola Singular Rio Claro e era uma casinha de estuque (construções rústicas feitas de pau-a-pique e barro), muito comum no interior dos municípios, e não fora feita para os fins da educação. Rio Claro foi o primeiro bairro contemplado pelo projeto de construção de escolas rurais tipo “Capixaba” do Governo do Estado. No início do ano letivo de 1960, a obra foi inaugurada com a presença do governador Dr. Carlos Lindemberg, do Secretário de Educação e Cultura Dr. Bolivar de Abreu, demais autoridades e comunidade local.

Entretanto, a demanda continuou aumentando e, em 1983, a escola foi ampliada pelo Governo do estado. A escola foi transformada em Escola de 1º e 2º Graus “Rio Claro”, em 08 de março de 1996, pela Portaria E nº 3215. A primeira diretora foi Maria da Glória Flores da Silva de Souza, pioneira na luta por uma educação digna e de qualidade desta comunidade.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Glória Flores da Silva de Souza está situada em uma região rural de Guarapari, onde recebe estudantes de diversas comunidades rurais, caracterizadas por uma grande diversidade cultural e por uma forte ligação com as atividades do campo. A escola oferece o Ensino Fundamental Anos Finais e o Ensino Médio em turno regular. Por ser uma escola do Campo, é essencial integrar as atividades rurais ao contexto educacional e curricular. Com essa especificidade em mente, foi estruturado um projeto que abrange o cotidiano dos estudantes e da comunidade. Esse projeto, denominado "EcologicaMente", promove de maneira sustentável as vivências e a cultura do Campo.



Fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Glória Flores da Silva de Souza
Fonte: Fotografia do arquivo pessoal do próprio autor do projeto

EEEFM Maria da Glória Flores da Silva de Souza
SRE Vila Velha

Tema	Sustentabilidade e Educação Integral
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Agropecuária, Geografia, História
Turma(s)/ Série(s)	6° ao 9° anos do Ensino Fundamental 1° a 3° séries do Ensino Médio
Palavras-chave	Sustentabilidade; Educação do Campo; Formação Integral
Objetos de Conhecimento:	Solo e Água – Recursos Hídricos – Sociedade e Natureza – Biodiversidade. Promover a interação dos estudantes com o meio ambiente a partir de práticas significativas com ênfase nas suas vivências, além de envolver a comunidade escolar no entorno.
Tipo de Atividade:	Projeto de Horta e Composteira. 05/02/2024 a 22/11/2024

Habilidades:

EF02GE11: Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo, considerando a sua fundamental relevância para a manutenção da vida.

EF06GE10: Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares, analisando essas características dentro do território nacional e estadual.

EF06GE11: Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo, fazendo uma reflexão sobre como a sociedade se apropriou da natureza na ocupação das áreas, considerando a escala local para a global.

EF06HI05: Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas no Espírito Santo e na sua comunidade.

Metodologia:



- Em grupo, serão produzidos projetos sustentáveis sobre a construção da horta;
- Coleta de amostra de solo;
- Construção de uma composteira;
- Composição de adubos orgânicos, nitrogênio, fósforo e potássio (NPK) através de fórmula a partir cálculo percentual;
- Produção de canteiros;
- Instalação de irrigação;
- Plantio de repelentes naturais, ervas medicinais e hortaliças.

Em grupo, os(as) estudantes desenvolveram projetos sustentáveis voltados para a construção e manutenção da horta escolar. As atividades propostas têm como objetivo proporcionar uma vivência prática de produção agrícola sustentável e foram organizadas em etapas, conforme descrito a seguir:

A primeira atividade consiste na coleta de amostra de solo, durante a qual os grupos fazem a análise das condições do terreno destinado ao plantio. Esse processo é essencial para verificar a fertilidade do solo e identificar a necessidade de correções, permitindo uma melhor escolha das espécies a serem cultivadas.

Em seguida, realizam a construção de uma composteira para produção de adubos orgânicos a partir de resíduos vegetais e restos de alimentos. Essa estrutura não só irá colaborar para a sustentabilidade do projeto, mas também permitirá que os(as) estudantes compreendam o processo de compostagem e a importância de reciclar nutrientes no ciclo agrícola.

Após a construção da composteira, os grupos se dedicaram à composição de adubos orgânicos, ricos em nitrogênio, fósforo e potássio (NPK). Para isso, foi necessário calcular as proporções corretas dos elementos utilizando uma fórmula específica, garantindo que o solo recebesse os nutrientes essenciais para o desenvolvimento saudável das plantas.

Com o solo preparado, foi iniciada a produção dos canteiros, organizando o espaço de plantio de forma a otimizar a utilização da área e facilitar o manejo das espécies cultivadas. Os canteiros são projetados de acordo com as características do terreno e as necessidades das plantas escolhidas.

A etapa seguinte envolveu a instalação de um sistema de irrigação, que garantirá o fornecimento adequado de água para as culturas, promovendo um crescimento uniforme e eficiente das plantas. Os(as) estudantes aprenderam sobre as diferentes técnicas de irrigação e como selecionar a mais adequada para a realidade da horta.

Por fim, os grupos realizaram o plantio de repelentes naturais, ervas medicinais e hortaliças nos canteiros preparados. A escolha dessas plantas visa promover o controle de pragas de forma natural, evitar o uso de agrotóxicos e oferecer uma diversidade de alimentos saudáveis para a comunidade escolar. Entre as opções de cultivo estão plantas, como o alecrim, manjericão e hortelã, que possuem propriedades repelentes, e hortaliças variadas para consumo na merenda escolar.

Essas atividades práticas, desenvolvidas de maneira coletiva, proporcionaram aos estudantes uma compreensão ampla sobre técnicas de agricultura sustentável e os benefícios de integrar práticas ecológicas na produção de alimentos.

EEEFM
Maria da Glória Flores da Silva de Souza
SRE
Vila Velha

Problematização:

Para conectar teoria e prática e relacionar os conteúdos com o cotidiano dos(as) estudantes, é essencial que a escola compreenda a inter-relação entre comunidade, cultura, sustentabilidade e vivências. Com foco na questão ambiental e no descarte adequado de lixo, o projeto visa à utilização sustentável do solo por meio da criação e manutenção de uma horta com irrigação sustentável, adubação orgânica, ervas medicinais e plantas repelentes, envolvendo ainda caminhadas ecológicas, palestras, rodas de conversa, estudo de campo e práticas regionais com a participação da comunidade escolar.



Foto da prática. Fonte: Arquivo da escola

Diante da necessidade de conectar teoria e prática, quando os(as) estudantes relacionam os conteúdos estudados com seu cotidiano, é essencial que o corpo escolar compreenda a inter-relação entre escola, comunidade, cultura, sustentabilidade e vivências. Considerando a questão ambiental no entorno da escola, especialmente no que diz respeito ao descarte de lixo, é importante o cuidado com o meio ambiente. O uso sustentável do solo para a criação e manutenção de uma horta que envolva processos como irrigação sustentável, adubação orgânica, cultivo de ervas medicinais e plantas que atuem como repelentes naturais, é fundamental. Esse projeto envolve os componentes curriculares de Ciências Humanas, Ciências Agropecuárias e Ciências da Natureza. A ação foi desenvolvida ao longo do ano letivo de 2024, com diversas práticas campesinas e ecológicas, como caminhadas ecológicas, conscientização sobre o descarte correto de lixo, palestras, rodas de conversa, atividades baseadas em resolução de problemas e em trabalhos de pares, pesquisas e estudo de Campo, culminando no cultivo e na manutenção de uma horta sustentável. Sendo uma escola do Campo, os saberes regionais são imprescindíveis para a realização desse projeto, bem como a participação da comunidade no âmbito escolar.

Considerações Finais:



O projeto visou envolver estudantes, docentes e a comunidade escolar no desenvolvimento de práticas sustentáveis que promovam transformações ambientais e consciência crítica, integrando conhecimentos adquiridos em sala de aula e saberes culturais da comunidade. A proposta foi unir pesquisa científica e prática campesina para formar sujeitos críticos e protagonistas na busca de soluções ambientais. O foco está no manejo responsável do solo, cultivos sustentáveis e reutilização de recursos, buscando reduzir o uso de agrotóxicos e promover novos paradigmas no meio rural com menor impacto ambiental.

Compreendendo a necessidade urgente de uma mudança de comportamento consciente e cidadão dos(as) estudantes e comunidade a partir do desenvolvendo sustentável, buscou-se, neste projeto, analisar os possíveis problemas ambientais no entorno, bem como propor soluções significativas para melhoria do ambiente, envolvendo a população local. Além disso, o projeto teve como objetivo promover o contato com o conhecimento científico da pesquisa, paralelamente com a prática campesina, desenvolvendo uma visão crítica sobre a problematização relacionada ao meio ambiente, sobre a formação integral do sujeito, como também a criação de um protagonismo para buscar soluções ambientais. Criar uma consciência para a prática responsável no manejo do solo, nos cultivos agrícolas, bem como o aproveitamento de recursos que possam ser reutilizados de maneira sustentável causando menor impacto ao meio ambiente, foram também propostas desse projeto. Vale ressaltar, ainda, que o projeto pretendeu alcançar novos paradigmas no meio rural diminuindo o uso de agrotóxicos e pesticidas.

Espera-se que os(as) estudantes, juntamente com o corpo docente e a comunidade escolar, possam desenvolver práticas sustentáveis que contribuam com o meio ambiente e causem transformações e consciência a partir dos conhecimentos adquiridos em sala de aula e também por meio de saberes culturais advindos da comunidade, envolvendo trocas de conhecimentos.

Referências Bibliográficas:

KANDLER, Rodrigo. **Educação ambiental:** horta escolar, uma experiência em educação. Ágora: revista de divulgação científica, v. 16, n. 2esp., p. 642-645, 2009.

ARRUDA, Juliana; DE SOUZA, Raphaella Santos. **Horta escolar:** importância no desenvolvimento integral do ser humano. Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)], v. 4, n. 1, 2009.

FALANDO NISSO...



A implementação de hortas em escolas do Campo desempenha um papel crucial na promoção de uma educação integral e transformadora. As hortas escolares servem como espaços pedagógicos que permitem aos estudantes não apenas aprender sobre o cultivo e o cuidado com a terra, mas também experimentar na prática o conceito de sustentabilidade e de produção de alimentos saudáveis. Ao integrar a horta ao currículo, as escolas podem desenvolver projetos interdisciplinares, nos quais componentes curriculares como ciências, matemática, geografia e até mesmo linguagens podem se beneficiar dessa prática concreta, pois a horta deve ser um espaço de todas as disciplinas da escola.

A prática da horta escolar ajuda a valorizar esses saberes, mantendo vivos conhecimentos passados de geração em geração e estimulando a compreensão de métodos sustentáveis de produção de alimentos. Ao aprender sobre cultivo sem uso excessivo de agrotóxicos, manejo adequado do solo e respeito ao meio ambiente, os(as) estudantes podem adotar atitudes mais conscientes em relação ao consumo e à preservação dos recursos naturais.

Assim, a horta escolar é uma ferramenta educativa poderosa para o ensino de valores como a sustentabilidade, o respeito à natureza e a valorização dos alimentos. Sua relevância vai além das escolas do Campo, mostrando-se igualmente essencial em escolas urbanas, ao oferecer uma educação que sensibiliza as novas gerações para a importância de um mundo mais equilibrado e sustentável.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=vAVeR213v5I&t=8s

Um modo importante de iniciar uma horta escolar é buscando parcerias com o poder público. Veja o vídeo ao lado sobre a parceria do Incaper com escolas, prestando apoio técnico na criação e manutenção de hortas para os alunos e professores. Ele mostra alguns impactos positivos que podem ser observados a partir da implementação do projeto.

Conforme a Resolução CEE-ES Nº 6.596/2022, que aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, todas as escolas do Campo devem garantir hortas escolares com o objetivo pedagógico de formação de hábitos alimentares saudáveis e o de complementação da alimentação dos estudantes. Por isso, a Sedu, por meio da Geaciq, produziu este guia ao lado.



Disponível: https://drive.google.com/file/d/1A6e6eS5AqsuN2O8uL5n8BpB86alnDEb2/view?usp=sharing

(Re) Existência: Povos Negros e Originários

Jayne Maria Silva Delacosta Pagio
Mirian Kelly Côco de Paula
Robson Contreiro Miranda
Villiany Lavareze Dela Costa Toneti

EEEFM Fazenda Camporês
SRE Afonso Cláudio

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Fazenda Camporês está localizada na comunidade denominada Rancho Dantas, zona rural do município Brejetuba, Espírito Santo, e encontra-se a uma distância aproximada de 18 km da sede municipal. Segundo informação contida no Projeto Político Pedagógico da escola, os casais Mário Zavarize e Mafalda Merôto Zavarize; e Antônio Camporês e Celina Zocoloto Camporês fizeram a doação do terreno para a construção do prédio escolar, que teve início em 04 de julho de 1968, por autorização do então prefeito do município de Afonso Cláudio, Dr. João Eutrópio. Surgia, então, a Escola Singular Fazenda Camporês.

O projeto a ser desenvolvido durante o primeiro trimestre do ano letivo de 2024, pela área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ressalta a importância de um novo olhar para a questão da equidade racial em nossa escola, assunto que merece ser trabalhado de forma a desconstruir estereótipos e rótulos impostos historicamente pela branquitude sobre pessoas negras e indígenas, por gerações.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana bem como o seu Plano de Implementação evidenciam que um dos principais caminhos para a efetivação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 é a promoção e disponibilização, de maneira sistêmica e regular, de formações continuadas sobre a temática étnico-racial para os quadros funcionais do sistema educacional. Nesse sentido, queremos enriquecer a nossa prática pedagógica em sala de aula, inicialmente, embasados pelos livros que a secretaria de educação disponibilizou para a promulgação dessas leis, pois sabemos que, também na sala de aula, o racismo se expressa, velado ou evidente.

Como já dizia Nelson Mandela: "Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário."

Partindo das palavras de Nelson Mandela, queremos desconstruir a imagem distorcida que os nossos estudantes tem para com os negros e indígenas e, para isso, faremos uso de personalidades negras.



Fachada da EEEFM Fazenda Camporês Fonte: Arquivo do PPP da escola

EEEFM
Fazenda
Camporês
SRE
Afonso Cláudio

Tema	(Re) Existência: Povos Negros e Originários
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas e Itinerários Formativos
Turma(s)/ Série(s)	6° ao 9° anos do Ensino Fundamental 1° a 3° séries do Ensino Médio
Palavras-chave	Povos Indígenas; Racismo; Consciência Negra; Cultura
Objetos de Conhecimento:	A tutela da população indígena, a escravidão dos negros e a tutela dos egressos da escravidão. Brasil: territórios, conflitos e disputas territoriais. Cultura material e imaterial: história e diversidade cultural
Tipo de Atividade:	Atividades em sala de aula. 05/02/2024 a 16/05/2024

Habilidades:

EF08HI14/ES: Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil, no Espírito Santo e seus municípios e nas Américas.

EM13CHS302: Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuária em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

EM13CHS601: Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

EEEFM Fazenda Camporês
SRE
Afonso Cláudio

Metodologia:

- Utilização de estratégias dinâmicas: aulas expositivas e dialogadas, videoaulas e construção de cartazes;
- Estudo de personalidades negras e indígenas de destaque na história, através de pesquisas;
- Desenvolvimento de um calendário negro e indígena: Registro das datas importantes para a cultura negra no calendário civil e exploração da influência da cultura indígena na contagem de tempo atual;
- Proposta de redação: "Desafios da Mulher Negra e Indígena na Sociedade Moderna", abordando lutas, preconceitos e conquistas;
- Criação de uma hemeroteca para pesquisa de reportagens sobre vivências atuais dos povos indígenas;
- Produção de *lapbooks* sobre a cultura indígena;
- Pesquisa, preparação e degustação de alimentos típicos de povos indígenas;
- Elaboração de painel com mapa do Brasil, representando comunidades indígenas presentes no território;
- Estudo sobre cientistas negras que marcaram a história;
- Confecção de painel com a história de lutas e conquistas das cientistas negras.

A metodologia foi inspirada no Caderno Orientador para Educação das Relações Étnico-Raciais e modalidades indígenas e quilombolas e no livro Raízes, bem como no trabalho das leis Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, de maneira dinâmica, através de aula expositiva e dialogada, videoaulas, construção de cartazes e outros. Também será trabalhado, paralelo ao estudo dos livros mencionados, personalidades negras e indígenas que tiveram destaque ao longo da história, através de pesquisas.

Para trabalhar os objetos de conhecimentos citados acima, foi desenvolvido um calendário negro e indígena, inspirado em uma das formas indígenas de contagem do tempo atual, incluindo também datas importantes para esses povos e que estão presentes no calendário civil. Foi desenvolvida, também, uma proposta de redação com o tema “Desafios da Mulher Negra e Indígena na Sociedade Moderna”, mencionando as lutas, preconceitos e conquistas dessas mulheres ao longo da história. Para enfatizar os modos de vida dos povos originários, foi organizada uma hemeroteca em que o propósito era pesquisar reportagens que abordassem vivências dos povos indígenas na atualidade, bem como a produção de *lapbook* sobre a cultura desses povos. E ainda foi produzido um painel com mapa do Brasil, representando as comunidades indígenas presentes no nosso território. Ainda no que tange ao conhecimento dos povos negros e originários, foi confeccionado um painel a partir de pesquisas sobre histórias de lutas e conquistas de mulheres negras cientistas.

EEEFM Fazenda Camporês
SRE Afonso Cláudio

Problematização:

Compreender, a partir do processo histórico, como a desvalorização da população negra e indígena foi construída socialmente pela branquitude, ampliando o conhecimento sobre os saberes e fazeres dos povos originários para refletir sobre os seus direitos, lutas e conquista, bem como desconstruir o racismo que se manifesta a partir de estereótipos sobre o negro e o indígena, garantindo a aplicação das leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08.

Partindo desse pressuposto e do processo histórico de silenciamento cultural negro e indígena, faz-se necessário integrar os(as) estudantes na vivência das culturas desses povos como forma de quebrar as barreiras existentes entre os saberes vivenciados pelos negros e/ou indígenas e a realidade de nosso corpo discente.



Fotos da prática. Fonte: Arquivo da escola

Considerações Finais:



A culminância do projeto foi uma atividade interdisciplinar nas ciências humanas e sociais, reunindo as turmas para apresentações e degustação que exploraram as culturas, vivências e desafios dos povos negros e indígenas do Brasil. O evento, realizado no auditório, contou com apresentações que destacaram a presença da culinária indígena, com a preparação e degustação de alimentos típicos. A atividade encantou os(as) estudantes e abordou problemáticas contemporâneas enfrentadas por esses povos, contribuindo para desmistificar questões raciais e culturais e valorizar suas tradições.

Desse modo, após a apresentação teórica por parte dos estudantes nos corredores da instituição, todos foram encaminhados ao auditório. Nesse ambiente, foi montada uma estrutura com plantas típicas como: bananeiras, flores tropicais, bambu, gramados e objetos que marcam a identidade dos povos originários do nosso país, como cestas, esteiras, pilão e rede. Além disso, o teor principal das apresentações era ressaltar a influência da culinária indígena nos pratos típicos regionais de modo a levar a sensação de pertencimento do corpo discente a essas culturas. Foi possível perceber o encantamento e deslumbramento dos estudantes tanto com as culturas e seus traços marcantes quanto às problemáticas que envolvem esses povos na atualidade, buscando, assim, valorizar tradições e reconhecer a cultura nacional como diretamente ligada a história desses povos.

Referências Bibliográficas:

ESPÍRITO SANTO. **Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU), 2023.

ESPÍRITO SANTO. **Currículo do Espírito Santo.** Documento curricular elaborado em parceria com os municípios e baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/. Acesso em: 20 de julho de 2024.

ESPÍRITO SANTO. **Raízes: E**ducação das relações étnico-raciais . Vitória: Sedu, 2022.

FALANDO NISSO...



De acordo com a filósofa Katiúscia Ribeiro, a ancestralidade é o fio que conecta o povo negro à sua história, à sua essência e ao seu modo de ser e estar no mundo, e está presente em cada detalhe, seja na fisionomia, nos saberes repassados ou no jeito de se expressar. Apesar da colonização ter atuado com o intuito de arrancar do povo negro sua história, eliminando a herança cultural desses povos, a reconexão por meio da ancestralidade torna-se um ato de resistência e um movimento de descolonização do pensamento, que busca recuperar saberes silenciados e confrontar as narrativas impostas pelo colonialismo.

Pratos tradicionais e ingredientes também carregam saberes ancestrais, técnicas culinárias e histórias transmitidas de geração em geração. Nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, os alimentos têm um papel essencial não apenas como sustento físico, mas também como meio de conexão com a comunidade espiritual. Essas tradições religiosas, trazidas ao Brasil pelos povos africanos, preservam elementos fundamentais das cosmovisões africanas, mesmo tendo sido adaptadas ao contexto brasileiro.

Katiúsica Ribeiro explica ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica | O Futuro é Ancestral



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw

Dentro dessas práticas, os alimentos ocupam um papel central, não apenas como parte dos rituais e oferendas, mas também como símbolos de espiritualidade e cultura. Cada prato preparado em homenagem a um orixá carrega significados profundos, reforçando a ligação entre o sagrado e o cotidiano. A culinária afro-brasileira, portanto, transcende o ato de alimentar-se: é um canal de comunicação com o divino e uma maneira de preservar histórias e tradições ancestrais.

Nesse contexto, a culinária afro-brasileira emerge como uma expressão de resistência e criatividade. Pratos como o acarajé, associado a Iansã, o vatapá e a moqueca têm raízes nas práticas alimentares africanas, adaptadas ao Brasil. Durante a escravização, os africanos utilizaram os alimentos disponíveis para recriar receitas de sua terra natal, mantendo vivas suas tradições em um ambiente de opressão. Dessa forma, a comida tornou-se um símbolo de resistência cultural, espiritualidade e afirmação identitária, fortalecendo a conexão com as origens e perpetuando a riqueza cultural das religiões de matrizes africanas.

SER Brasileiro - Histórias do Brasil

Francielly Vieira de Brito
Carmem Helena Gobbi De Lasari
Débora Martins Alves
Lorrâna Miranda Wolfgran
Mayara Vencioneck Manzoli

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

O CEIER "Centro Estadual Integrado de Educação Rural" de Águia Branca foi criado em 1983, na comunidade de São Pedro, município de São Gabriel da Palha, pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura em convênio com o MEC – Ministério da Educação e Cultura e Prefeitura, conforme o Projeto Político Pedagógico da escola.

Com maestria, o projeto SER Brasileiro 2023 conduziu os(as) jovens aprendizes em uma jornada épica pelo passado, presente e futuro do Brasil. Através da exploração profunda da história e da cultura, em suas múltiplas e fascinantes facetas, os estudantes embarcaram em uma aventura de autodescoberta e de pertencimento.

Regiões distintas, etnias plurais, religiões vibrantes e classes sociais diversas entrelaçaram-se nesse caleidoscópio cultural, revelando a riqueza incomensurável do Brasil. Essa imersão em um universo tão vasto e diverso permitiu que os(as) estudantes cultivassem um profundo senso de identidade nacional, reconhecendo-se como parte de um todo pulsante e multicultural.

Ao longo dessa jornada, o projeto SER Brasileiro semeou valores essenciais para a formação de cidadãos conscientes e engajados. O desenvolvimento do senso crítico, a capacidade de reflexão e o respeito pela diversidade floresceram nos corações e nos mentes dos(as) estudantes, impulsionando-os a se tornarem agentes de transformação social.



Fachada da CEIER Águia Branca Fonte: Arquivo GEACIQ

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

Tema	SER Brasileiro - História do Brasil
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas e Ensino Religioso
Turma(s)/ Série(s)	Ensino fundamental e Ensino Médio
Palavras-chave	Educação do Campo; Cultura; Brasil; Aprendizagem
Objetos de Conhecimento:	Princípios e valores éticos; A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação; Cultura, diversidade e multiculturalismo; Orientação.
Tipo de Atividade:	Projeto interdisciplinar no 2° Trimestre de 2023

Habilidades:

EF09ER07: Identificar princípios éticos – familiares, religiosos e culturais – que possam alicerçar a construção de projetos de vida e a influência da religião na constituição dos valores sociais.
EF07HI08/ES: Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências no Brasil e no Espírito Santo, ressaltando a Batalha do Cricaré, em 1558 e na República negra de Guarapari.
EM13CHS102: Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EF06GE08A/ES: Reconhecer a importância da orientação e localização para desenvolver o pensamento geográfico.
EF07HI05/ES: Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

CEIER
Águia Branca
SRE
Barra de São Francisco

Metodologia:

- O projeto explorou o tema "Histórias do Brasil", incentivando os(as) estudantes a conhecerem sua identidade nacional;
- As turmas foram organizadas por professor líder e tema estudado, permitindo um direcionamento específico;
- Apresentação do projeto aos estudantes, na qual foram explicados objetivos, metodologia e atividades desta prática pedagógica;
- Realização de pesquisas em diferentes fontes sobre os temas escolhidos pelos(as) estudantes;
- Apresentações dos trabalhos realizados por cada grupo, promovendo discussões e compartilhamento de descobertas com a mediação do professor líder;
- Preparação e apresentação do estudantes para a feira cultural.

Em meio à vastidão do campo, onde a natureza pulsa em ritmo próprio, floresce o Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca. Mais do que uma instituição de ensino, este é um lar de saberes, um celeiro de mentes inquietas e corações vibrantes, onde a Educação do Campo se enraíza como semente de transformação.

No palco dessa saga educacional, o projeto SER Brasileiro 2023 desabrochou como um girassol em busca da luz do conhecimento. Intitulado "Ser de Social, de Existência e de Resistência", o projeto mergulhou no rico universo das "Histórias do Brasil", convidando os(as) estudantes a desbravarem as trilhas do tempo e a tecer um mosaico vívido da identidade nacional.

O projeto foi desenvolvido em seis momentos durante o segundo trimestre de dois mil e vinte e três. No primeiro momento, as turmas foram organizadas por professor(a) líder e tema estudado. No segundo momento, ocorreu a apresentação do momento, em que os(as) professores(as) apresentaram o projeto para os estudantes, explicando o objetivo, a metodologia e as atividades.

No terceiro momento, os(as) estudantes realizaram pesquisas em diferentes fontes sobre os temas escolhidos. Segue abaixo a imagem mostrando a relação de turma, professor(a) líder e subtema desenvolvido em cada turma.

Imagem 1: Relação turma/ professor líder/ subtema

TURMA	PROFESSOR	SUBTEMA
6º ano I	Mayara	Aqui viviam os indígenas
6º ano II	Carmem	Chegaram os portugueses em 1500
7º ano	Francielly	Capitanias hereditárias
8º ano	Lorrana	França Antártica: Confederação dos Tamoios
9º ano	Francielly	A escravidão negra
1ª série I	Lorrana	Economia canavieira /Pecuária/ Drogas do sertão
1ª série II	Mayara	Bandeirantes/ O ouro
2ª série I	Débora	Tiradentes e outros heróis brasileiros
2ª série II	Débora	A imigração
3ª série	Carmem	A república brasileira

No quarto momento, os grupos apresentaram seus trabalhos para os demais grupos, discutindo os temas estudados e compartilhando suas descobertas com a mediação do(a) professor(a) líder. No quinto, ocorreu a preparação para a feira cultural, momento em que as turmas dedicaram-se à produção das apresentações artísticas. No sexto momento, as turmas executaram suas apresentações artísticas para um público de professores(as) e estudantes da escola.

Problematização:



Dessa forma, para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como também por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados.
Sabe-se que o Brasil é um país que apresenta características culturais diversas e que a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação.

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade étnico cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e, sobretudo, valorizando a trajetória particular dos grupos que formam a sociedade.
A relevância do projeto fundamenta-se no resgate da identidade nacional e no reconhecimento da diversidade, reconhecendo a riqueza da variedade cultural brasileira através da exploração profunda da história e da cultura do Brasil em suas múltiplas e fascinantes facetas. Os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver uma visão mais completa e abrangente sobre o país. A prática também incentivou o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de reflexão: os discentes foram impulsionados a questionar, debater e propor soluções para os desafios do país, tornando-os agentes de transformação social através da análise crítica das histórias e da realidade brasileira.
Essas ações contribuem para a promoção da inclusão e o combate à discriminação, promovendo o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva através da valorização das diferentes culturas, etnias, religiões e classes sociais, por conseguinte, proporcionando a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e tolerante. Dessa forma, a prática enquadra-se como um exemplo inspirador na Educação do Campo, demonstrando seu potencial para a formação integral dos(as) estudantes e para o desenvolvimento das comunidades do Campo.

Considerações Finais:



O projeto "SER Brasileiro – Histórias do Brasil" destacou-se como um marco na construção da identidade e na valorização da cultura brasileira. Através da imersão nas narrativas que moldaram o país, os(as) estudantes embarcaram em uma jornada de aprendizado que despertou o sentimento de orgulho e de pertencimento à nação.

Essa iniciativa, de forma ampla e inclusiva, conectou os(as) jovens à sua história, tecendo laços entre o passado, o presente e o futuro. O projeto fomentou o trabalho em equipe e a colaboração, pilares para o desenvolvimento do senso de comunidade e da responsabilidade social. Juntos, os(as) estudantes desbravaram os conhecimentos, tecendo laços de solidariedade e compromisso com o processo de ensino e aprendizagem.

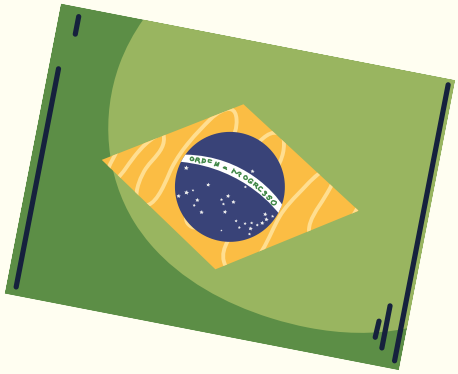
A feira cultural, apogeu dessa jornada, propiciou aos participantes um momento para representar as diversas culturas do nosso país através de apresentações artísticas, tornando a escola um palco para o compartilhamento de saberes, habilidades e reflexões sobre a importância da cultura e das histórias que formam o Brasil.

Em suma, o projeto se consolidou como transformador, semeando nas novas gerações as raízes da identidade nacional e o compromisso com a construção de um futuro promissor. Como afirmado por Freire (2000, p. 46) “Não sou apenas objeto da História, mas sou sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”. Completo, mencionando que o Projeto SER Brasileiro, mais do que um simples projeto educacional, foi um hino à brasilidade, um convite à celebração da rica herança cultural e um chamado para a construção de um futuro mais justo e inclusivo. Em cada sorriso, em cada olhar ávido por conhecimento, ecoava a promessa de um amanhã mais próspero e fraterno, onde a Educação do Campo se ergue como farol a iluminar o caminho de novas gerações.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FALANDO NISSO...



O mito da mestiçagem no Brasil refere-se à ideia de que a mistura de diferentes etnias - principalmente indígenas, africanos e europeus - teria gerado uma sociedade harmônica e sem conflitos raciais. Esse conceito foi amplamente promovido no século XX, especialmente por intelectuais e artistas que celebravam a diversidade cultural do país.

No entanto, esse mito esconde realidades complexas, como a desigualdade social, o racismo estrutural e a exclusão histórica de grupos afro-brasileiros e indígenas.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=RS7OGC8fZBo

No vídeo **"Teorias do Branqueamento no Passado e no Presente",** a antropóloga Lilia Schwarcz analisa as ideologias de branqueamento que permeiam a sociedade brasileira ao longo da história. Ela investiga como essas teorias, que promovem a ideia de que a mistura racial levaria a uma "superioridade" branca, influenciaram as políticas sociais, a cultura e a identidade nacional. Ela provoca uma reflexão crítica sobre as heranças coloniais e o racismo estrutural persistente no Brasil, desafiando a visão romântica da mestiçagem como um ideal de harmonia racial.

A websérie **"Raízes"** segue a jornada de Vasco, que, ao descobrir um álbum de família trazido por uma tia avó durante o Natal, depara-se com suas origens no Espírito Santo. Ele descobre que sua família é composta por diversas etnias, incluindo descendentes de africanos, de imigrantes italianos e de portugueses, além de indígenas. Vasco também explora a história do estado desde a colonização, destacando Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro capitão donatário da Capitania do Espírito Santo, que chegou em 1535. A série, através de histórias envolventes, conecta o passado da família de Vasco com a rica história do Espírito Santo, trabalhando aspectos da identidade capixaba.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=2U6boXUxOIA&list=PLzR7WcAql-ZYL0UwRjHC4LhQpUCYUt5Un

Horta Escolar: Um espaço pedagógico interdisciplinar

Alex Sander Mendes Tavares / Luciana Alves Lima
Wanderson Francisco Alves / Nadiny de Aguiar Ribeiro
Milton Rodrigues dos Santos / Uilzinete Jesus de Oliveira
Clévio Souza Aguiar / Bruna Pinheiro Zava Guiomar
Felipe de Jesus Dias

EEEFM Saturnino Ribeiro dos Santos
SRE Nova Venécia

A Escola Estadual Pluridocente de Ensino Fundamental "Saturnino Ribeiro dos Santos" foi criada a partir da demanda da comunidade do assentamento Olinda II, em parceria com o Setor de Educação do MST, para atender as crianças assentadas (PPP, 2023, p.5). Em 1997, a comunidade improvisou um espaço escolar, mobilizando recursos e materiais. Oficialmente estabelecida em 2000, a escola homenageia um ativista camponês assassinado durante uma luta por terra. Atende filhos(as) de trabalhadores(as) rurais com diferentes perfis socioculturais, cuja renda varia conforme as safras agrícolas. Dessa forma, está presente a Pedagogia do Movimento, que se baseia nas lutas sociais e na luta pela reforma agrária popular.



Fachada da EEEFM Saturnino Ribeiro dos Santos. Fonte: Arquivo da Escola.

Partindo dessa realidade, este projeto, por meio da interdisciplinaridade, objetiva relacionar as vivências com os conteúdos curriculares, visto que os povos camponeses carregam consigo uma bagagem de conhecimento, que não pode ser desvalorizado e sim aprimorado na práxis pedagógica, mediante a metodologia de ensino da Educação do Campo, valorizando os saberes camponeses passados de geração em geração.

EEEFM
Saturnino Ribeiro dos Santos
SRE
Nova Venécia

Tema	Horta Escolar: Um espaço pedagógico interdisciplinar
Componente (s) Curricular(es)	Interdisciplinar em todas Áreas do Conhecimento
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Trabalho; Vivência; Interdisciplinaridade
Objetos de Conhecimento:	LINGUAGENS: Desenho - origem, conceito, instrumento e funções (croqui, modelo vivo, cego, memória, observação e criativo); Gêneros textuais: texto descritivo, narrativo e poético; Concordância Verbal e Nominal; Foods (verduras, legumes, frutas, industrialização, expressões: I like, I don't like, I hate, I prefer etc.); MATEMÁTICA: Frações: significados (parte/todo, quociente), equivalência, comparação, adição e subtração; cálculo; da fração de um número natural; adição e subtração de frações. Coleta de dados, organização e registro; Construção de diferentes tipos de gráficos para representá-los e interpretação das informações; Problemas sobre medidas envolvendo grandezas como comprimento, massa, tempo, temperatura, área, capacidades e volume; -Plantas baixas e vistas aéreas. NATUREZA: Níveis de organização dos seres vivos; Tipos de solo e influência no cultivo das plantas; Desequilíbrio ambiental com o uso de produtos convencionais. HUMANAS: Denominação do espaço familiar (moradia); identificação de ambientes públicos e suas localidades; Espaço e tempo: espaço geográfico, lugar e paisagem; Identidade sociocultural; Relações de poder e relações sociais; Conceito de trabalho. CIÊNCIAS AGROPECÚARIAS: A agricultura; O uso da terra; Tempo e clima; Técnicas de manejo e produção de hortaliças
Tipo de Atividade:	Projeto de Horta escolar realizado de Março a Dezembro

Habilidades:

EF69AR07-06/ES: Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais, aprofundando a poética pessoal e ampliando o vocabulário próprio.
EF06LI14ES: Organizar ideias, selecionando-as em função da estrutura e do objetivo do texto, considerando o gênero textual que será produzido.
EF06MA07: Compreender, comparar e ordenar frações associadas às ideias de partes de inteiro e resultado de divisão, identificando frações equivalentes.
EF06MA32: Interpretar e resolver situações que envolvam dados de pesquisas sobre contextos ambientais, sustentabilidade, trânsito, consumo responsável, entre outros, apresentadas pela mídia em tabelas e em diferentes tipos de gráficos de redigir textos escritos com o objetivo de sintetizar conclusões.
EF06MA24: Resolver e elaborar problemas que envolvam as grandezas comprimento, massa, tempo, temperatura, área (triângulo e retângulos), capacidade e volume (sólidos formados por blocos retangulares), sem uso de fórmulas, inseridos, sempre que possível, em contextos oriundos de situações reais e/ou relacionadas às outras áreas do conhecimento.
EF06HI05: Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.
EF06HI02: Identificar a gêneses da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

EEEFM
Saturnino Ribeiro dos Santos
SRE
Nova Venécia

Metodologia:

- Métodos de coleta de dados, complementando o ensino teórico em sala de aula, com o objetivo de aprimorar técnicas de manejo baseadas na agroecologia;
- Aulas teóricas e práticas foram realizadas para a preparação e adubação dos canteiros, adequando os espaçamentos necessários para o cultivo das hortaliças;
- A colheita das hortaliças é feita com enfoque na coletividade. A produção é compartilhada entre educandos, educadores e famílias da comunidade, trabalhando os conceitos de soberania alimentar e economia solidária;
- Oficinas foram realizadas para a confecção de embornais utilizando materiais recicláveis, para a distribuição dos alimentos.



O Projeto está sendo desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Saturnino Ribeiro dos Santos" localizada no Assentamento Olinda II- no distrito de São João do Sobrado, município de Pinheiros/ES, com as turmas do 1o ao 9o ano do Ensino Fundamental, a partir da interdisciplinaridade do Plano de Estudo e as demais áreas de conhecimento.

Utilizamos atividades práticas como um dos métodos de coleta de dados, aprimorando o ensino teórico na sala de aula. O trabalho vem sendo desenvolvido do mês de março a dezembro, com o intuito de mediar o saber para aprimorarmos as técnicas de manejo baseadas na agroecologia, evidenciando por meio da práxis, o aprender fazendo, trabalhando as necessidades e as especificidades da realidade, na qual estão inseridos. As etapas de março a julho foram planejadas e desenvolvidas da seguinte forma: Primeiramente, realizamos a limpeza da área, delimitando o território a ser cultivado. Essa etapa contou com os(as) educadores(as) para executar a tarefa, sendo de suma importância para o andamento do projeto. Logo depois, aulas teóricas e práticas para realizarmos a preparação e a adubação dos canteiros juntamente com os(as) educandos(as), a partir das medidas necessárias para o cultivo de cada hortaliça, adequando os espaçamentos ao plantio de rabanete, cenoura, rúcula, salsa, coentro, cebolinha, beterraba, alface, ervas medicinais, pepino. Além disso, confeccionamos placas, identificando as hortaliças com o nome popular e o nome científico, e a colheita das hortaliças, visando sempre a coletividade. Assim sendo, a produção é compartilhada entre educandos(as), educadores(as) e famílias da comunidade. Para além da atividade agrícola, por meio de oficinas, temos a confecção dos embornais para a distribuição dos alimentos utilizando materiais recicláveis. Nas etapas de julho a dezembro, promovemos a continuidade da prática de manejo com as hortaliças, dando ênfase à rotação de culturas, à cobertura do solo, ao replantio de ervas medicinais, às experiências e às oficinas práticas.

Problematização:



A Escola, em sua modalidade Educação do Campo, assume a concepção de currículo integrado, compreendido como um processo que articula os saberes científicos aos saberes populares, portanto, um diálogo de diferentes ciências entre si e dessas com os saberes dos sujeitos. Nesse movimento de mão dupla, trabalhamos com a ciência e com a realidade do educando(a), objetivando como meta a produção de novos saberes.

Neste sentido, o trabalho educacional desenvolvido nesta escola está fundamentado nos seguintes valores: o trabalho como princípio educativo; respeito ao meio ambiente; reconhecimento e incentivo à cultura camponesa; comprometimento com a formação integral dos sujeitos do campo, promovendo seu protagonismo; Ética, responsabilidade e solidariedade e sentimento de pertença pelo campo e seus valores.

Busca a formação humana integral, tendo o trabalho e a pesquisa como princípios educativos, com vistas ao desenvolvimento autônomo e criativo do educando(a), com a sua inserção na realidade com vista à transformação da realidade. Antes de ser uma proposta pré-definida, o currículo orienta-se pelo diálogo constante com o contexto histórico, na interação dos sujeitos com a comunidade, estruturando-se em questões desencadeadoras que articulam os conhecimentos a partir da realidade prática dos(as) educandos(as).
Na prática educacional algumas questões precisam ser resolvidas e constituem-se como fragilidades:
• Elevar a compreensão das famílias de que o trabalho realizado nas aulas práticas tem o princípio educativo, que, pelo trabalho, o(a) educando(a) produz conhecimento, desenvolvendo habilidades e formando sua consciência. O trabalho tem uma potencialidade pedagógica e a escola deve se apropriar do seu caráter educativo, ajudando os sujeitos a perceberem o seu vínculo com as demais dimensões da vida: sua cultura e seus valores. Por isso, nos desafiamos a estar vinculados ao mundo do trabalho e a educar-se para e pelo trabalho.
• Avançar no trabalho interdisciplinar e potencializar a relação teoria e prática.
• Garantir maior inclusão dos estudantes especiais nas aulas práticas do setor agrícola.



Considerações Finais:

Almejamos que o projeto interdisciplinar motive os(as) educandos(as) a aprender, contribuindo para o bom desempenho escolar e proporcionando o desenvolvimento do sentimento de pertença da realidade. Esse sentimento também deve se entender à Educação do Campo, por meio dos estudos e dos experimentos na área agrícola. Destacamos que as potencialidades do trabalho educativo são visíveis. Há um engajamento de toda equipe escolar (educandos(as), educadores(as), famílias). Os(as) estudantes desenvolvem o amor pela terra, pelo meio ambiente, relacionam teoria e prática e cuidam do seu território.

As considerações finais deste projeto interdisciplinar destacam que sua principal finalidade é motivar os(as) educandos(as), contribuindo para o aprendizado e o bom desempenho escolar dos(as) estudantes, além de fomentar um sentimento de pertencimento à realidade local. A iniciativa ressalta a importância da Educação do Campo, proporcionando oportunidades de estudos e experimentos na área agrícola, fundamentais para a formação discente.

As potencialidades do trabalho educativo são claramente evidentes, com o engajamento de toda a equipe escolar, incluindo educandos(as), educadores(as) e famílias, que participam ativamente das atividades propostas. Através desse projeto, os(as) estudantes desenvolvem um amor pela terra e pelo meio ambiente, integrando teoria e prática, assumindo a responsabilidade pelo cuidado de seu território.

Essa experiência enriquecedora propicia a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade, reforçando a relevância da educação contextualizada na formação integral dos(as) educandos(as).

Referências Bibliográficas:

ESPÍRITO SANTO. **Currículo do Espírito Santo**. Documento curricular elaborado em parceria com os municípios e baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/. Acesso em: 20 de julho de 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Caderno de Formação nº 08:** Setor de Educação. 1986.

FALANDO NISSO...



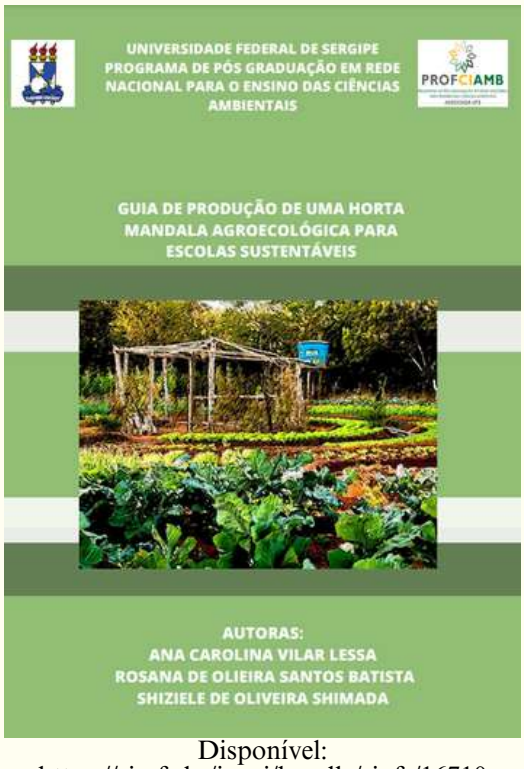
Você conhece a Horta Mandala? Ela representa uma abordagem integrada e consciente para a agricultura, promovendo a sustentabilidade, a educação e o fortalecimento comunitário.

Cultivar esse tipo de horta, não apenas produz alimentos, mas também constrói um ambiente mais saudável e colaborativo.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=XBs81iYjOG0

Elas são excelentes ferramentas educativas, pois permitem que estudantes e comunidades aprendam sobre o ciclo da vida, o funcionamento dos ecossistemas e a importância da agricultura sustentável. Essa conexão com a natureza ajuda a cultivar uma consciência ambiental. O vídeo **Horta do tipo Mandala** mostra a implantação desse tipo de horta por acadêmicos do curso de Bacharelado em Engenharia Agronômica do IFMT Campus Sorriso na Fazenda Experimental da instituição de ensino.



Disponível: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16710

O **Guia de Produção de uma Horta Mandala Agroecológica para Escolas Sustentáveis** é uma ferramenta didática que explora como criar e manter hortas mandala agroecológicas, destacando seus muitos benefícios. A horta mandala é uma técnica que permite cultivar hortaliças, ervas aromáticas e medicinais e pode ser um importante recurso na Educação Ambiental crítica em escolas sustentáveis.

O ebook não só orienta sobre o cultivo, mas também estimula a reflexão sobre a importância da sustentabilidade e da conexão com a natureza nas escolas.

Relatos das Memórias Culturais

EEEFM

Itamira

SRE

Nova Venécia

Ádina Ribeiro da Silva
Auzilene Rodrigues Santos Pereira
Rejane de Jesus Rocha
Raphael Barbosa Rodrigues
Glaucia Maria Gouveia
Thiago de Souza

A EEEFM Itamira, localizada no Bairro Itamira, em Ponto Belo, é uma escola que atende tanto estudantes do distrito quanto de cidades circunvizinhas, advindos dos Assentamento Octaviano de Carvalho, Estrela do Norte e Dalmásio. Com um forte vínculo com a comunidade, a instituição promove um ambiente acolhedor onde todos(as) se conhecem, compartilhando histórias e experiências que fortalecem o sentimento de pertencimento ao território. A diversidade social é respeitada, pois muitos estudantes vêm do campo, contribuindo com suas vivências e saberes, o que enriquece a proposta educativa e valoriza a cultura local.

O Tema Relatos das Memórias Culturais despertou nos estudantes o desejo de conhecer um pouco mais das histórias do Distrito de Itamira, das suas culturas e costumes antigos. O projeto pressupõe o esclarecimento do(a) estudante sobre o histórico de seu município e a importância da valorização do idoso desenvolvendo a cidadania, além da integração entre escola e comunidade.



Conhecendo a antiga casa da moradora Maria de Lurdes

EEEFM Itamira
SRE Nova Venécia

Tema	Relatos das Memórias Culturais
Componente (s) Curricular(es)	Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes, Inglês, Matemática.
Turma(s)/ Série(s)	5ª etapa, 6ª etapa, 7ª etapa, 8ª etapa, 1ª etapa, 2ª etapa, 3ª etapa e 4ª etapa
Palavras-chave	Memórias Culturais; Educação do Campo; Comunidade
Objetos de Conhecimento:	Língua Portuguesa: Técnicas de Entrevista/Produção de textos narrativos e descritivos sobre experiências culturais. História: Processos históricos locais e suas representações culturais. Geografia: Localidade e identidade /Cultura e paisagem /Patrimônio cultural e histórico /Cartografia afetiva. Arte: Funções da arte, Matrizes estéticas e culturais e patrimônio cultural./Processo de criação, matrizes estéticas e culturais. Matemática: Cultura e Memória Local Geometria Plana (área e perímetro).
Tipo de Atividade:	Projeto realizado entre 05/08/2024 à 13/08/2024



Entrevista na casa de Dona Ana Cirilo, moradora de Itamira há 20 anos

Habilidades:

EF67LP10: Planejar e conduzir entrevistas com diferentes objetivos, registrando informações relevantes para a compreensão e análise do conteúdo coletado.
EF67LP13: Produzir textos a partir de entrevistas, organizando as informações em narrativas coerentes que preservem a voz dos entrevistados.
EF67LP15: Analisar e interpretar relatos orais e escritos para compreender diferentes perspectivas sobre o passado e a cultura local.

EFCICLO1AR03/ES/EJA: Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a local, inclusive aqueles de matrizes indígenas e africanas, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
EFCICLO1AR01/ES/EJA: Reconhecer as diversas formas de manifestações da arte em vivências e contextos cotidianos.
EFCICLO1AR02/ES/EJA: Compreender as diversas funções da arte, tais como entreter, sensibilizar, comunicar/expressar, emocionar, informar, educar, além da função social, por meio das quais o ser humano pode se desenvolver física, emocional e intelectualmente.

EF07MA10: Explorar e aplicar conceitos matemáticos para interpretar e resolver problemas relacionados ao contexto cultural e histórico da comunidade.
EF07MA13: Relacionar áreas e perímetros de figuras planas com situações reais presentes no patrimônio cultural da comunidade.
EF07MA17: Utilizar representações matemáticas para registrar e comunicar informações relacionadas à cultura local.

GEO01: Analisar as relações entre sociedade e natureza, considerando as diferentes paisagens e territórios.
GEO02: Compreender a dinâmica dos espaços geográficos em diferentes escalas e temporalidades.
GEO03: Reconhecer e valorizar a diversidade cultural e ambiental dos territórios locais e regionais.

Metodologia:

- Interdisciplinaridade;
- História Oral;
- Pesquisa e Intervenção;
- Produção de materiais.

Os(as) estudantes serão orientados a pesquisar a história local e a planejar entrevistas com antigos(as) moradores(as) do município, desenvolvendo perguntas que explorem as memórias culturais da comunidade:

EEEFM
Itamira
SRE
Nova Venécia

- Condução das Entrevistas: Em grupos, os(as) estudantes realizarão entrevistas com os(as) moradores(as), registrando as informações em áudios, vídeos ou anotações.
- Transcrição e Análise: Após as entrevistas, os(as) estudantes transcreverão as falas e analisarão o conteúdo, identificando temas e histórias significativas.
- Produção de Textos: Com base nas entrevistas, os(as) estudantes produzirão textos narrativos ou descritivos que reflitam as memórias compartilhadas pelos(as) entrevistados(as), respeitando suas vozes e contextos.
- Apresentação e Discussão: Os textos produzidos serão compartilhados com a turma e, se possível, com a comunidade, promovendo uma discussão sobre a importância da preservação da memória cultural. Essa prática permite que os(as) estudantes desenvolvam habilidades de comunicação oral e escrita, ao mesmo tempo em que se conectam com a história e cultura local, valorizando as vivências dos(as) moradores(as) do município.
- Análise e Reflexão: Estudo das memórias culturais coletadas e sua importância para a identidade local.
- Produção de Materiais: Criação de textos, exposições ou apresentações baseadas nas memórias culturais.
- Integração com a Comunidade: Envolvimento dos(as) estudantes e da comunidade em atividades de registro e celebração das memórias culturais.

A metodologia será baseada em atividades interdisciplinares que integram conceitos matemáticos com a cultura local. Os(as) estudantes realizarão pesquisas sobre as tradições, histórias e patrimônio cultural da comunidade, e usarão esses dados para resolver problemas matemáticos contextualizados, como o cálculo das áreas e dos perímetros de monumentos locais ou a interpretação de padrões geométricos em artesanato local.



Entrevista na casa de Maria Alves de Jesus Cruz, moradora de Itamira há 52 anos

EEEFM Itamira
SRE Nova Venécia

Problematização:

Com o objetivo de resgatar as histórias dos(as) moradores(as) antigos(as), os(as) educadores(as) reuniram os(as) estudantes(as), que foram divididos em grupos. Juntos, preparam os questionários e foram às ruas, conheceram o território, vivenciaram as culturas e os costumes por meio dos relatos dos(as) moradores(as) antigos(as). A partir das informações obtidas por meio dessa interação, desenvolveram outras formas de atividades interdisciplinares.

A falta de conhecimento sobre os costumes antigos e a cultura local tem levado à perda de tradições, que não são mais transmitidas de geração em geração. É crucial que os indivíduos conheçam sua história. Ao planejar atividades em sala de aula, é importante considerar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes, possibilitando que esses conhecimentos sejam transformados e aprofundados por meio do ensino.
A colaboração em projetos culturais que envolvem entrevistas e produção de textos a partir de relatos orais é uma estratégia eficaz. Incorporar histórias, tradições e práticas de manejo ambiental dos habitantes locais nos projetos de aula, torna o ensino mais significativo e conectado à realidade dos(as) estudantes, promovendo uma aprendizagem mais profunda e integrada.

Diante da falta de conhecimento dos costumes antigos e da cultura local, que muitas vezes não vem sendo transmitida de geração em geração, muitos costumes vem se perdendo. É de suma importância que o sujeito conheça sua história . Ao planejar questões e situações para a sala de aula, é fundamental considerar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes e como eles podem ser transformados e aprofundados por meio do ensino, por meio de atividades conjuntas em projetos culturais que envolvam entrevistas e a produção de textos baseados em relatos orais. A cultura local pode ser disseminada através de histórias, tradições e práticas de manejo ambiental.
Ao abordar as questões e situações a serem resolvidas com essa estrutura, o ensino se torna mais significativo e conectado à realidade dos(as) estudantes, promovendo uma aprendizagem mais profunda e integrada.



Entrevista na casa da Maria de Lurdes, moradora de Itamira há 20 anos

Considerações Finais:



Concluímos nosso projeto com novas expectativas, pois, com as entrevistas, despertaram também nos(as) antigos(as) moradores(as), o desejo de reviver alguns costumes antigos que haviam sidos perdidos, como por exemplo, o desejo de reintegrar o grupo de Folia de Reis, algo que fazia parte dos costumes da comunidade. Os(as) educandos foram bem recebidos nas residências dos(as) moradores(as), e se sentiram acolhidos. As entrevistas oportunizaram, aos estudantes, a oportunidade de conhecer suas origens.

Assim, nosso projeto proporcionou uma renovação no sentimento em relação à cultura local. As entrevistas realizadas com os(as) antigos(as) moradores(as) não apenas trouxeram à tona histórias e tradições esquecidas, mas também despertaram neles o desejo de reviver alguns costumes que haviam sido perdidos ao longo do tempo.

Os(as) educandos(as) foram calorosamente recebidos nas residências dos(as) moradores(as), onde encontraram um ambiente acolhedor e receptivo. Essa interação não apenas facilitou o processo de coleta de informações, mas também criou laços afetivos entre as gerações. As entrevistas se tornaram uma oportunidade valiosa para os(as) estudantes conhecerem suas origens, entenderem a importância das tradições e, assim, fortalecerem sua identidade cultural.

Além disso, o projeto possibilitou um aprendizado significativo e contextualizado, por meio do qual os(as) estudantes puderam perceber a relevância de preservar e de valorizar a cultura local. Ao se engajarem em diálogos com os(as) moradores(as), os(as) estudantes não apenas adquiriram conhecimentos sobre práticas e costumes antigos, mas também desenvolveram um senso de pertencimento e respeito por sua herança cultural.

Dessa forma, encerramos o projeto com a certeza de que a educação pode ser um agente transformador, capaz de unir passado e presente, promovendo o resgate de tradições e a valorização da cultura local, que são fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e engajados na preservação de sua identidade.

Referências Bibliográficas:

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares 2023. **Currículo.** Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares2023/. Acesso em: 23 maio 2024.

FALANDO NISSO...



Na Educação do Campo é imprescindível valorizar as tradições e as culturas das comunidades campesinas, promovendo um aprendizado contextualizado e significativo. Ao integrar a cultura local no processo educativo, os(as) estudantes desenvolvem uma identidade maior com o seu território, aperfeiçoando o senso de pertencimento.

Nesse contexto, o "**Atlas do Folclore Capixaba**" destaca-se como uma ferramenta essencial para a Educação do Campo no Espírito Santo. Esse livro reúne uma rica coleção de histórias, expressões culturais e grupos folclóricos do estado, proporcionando um panorama da diversidade cultural capixaba. Ao estudar e explorar essas narrativas, os(as) estudantes têm a oportunidade de conhecer melhor as suas raízes e a história de seu povo.

Além de promover o reconhecimento das tradições locais, o atlas contribui para a construção de uma consciência crítica e reflexiva, estimulando os estudantes a valorizar e a preservar o folclore como patrimônio cultural. Assim, a Educação do Campo, aliada a obras como o "Atlas do Folclore Capixaba", não apenas enriquece o currículo escolar, mas também fortalece os laços entre os(as) estudantes e suas comunidades, assegurando que a cultura local seja respeitada e transmitida para as futuras gerações.

O livro pode ser utilizado de forma interdisciplinar, principalmente na área de linguagens e humanas.



Disponível: https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Publicacoes/Livros/Atlas%20do%20Folclore%20Capixaba.pdf

5. Práticas Relacionadas as Povos e Comunidades Tradicionais

5. 1. Povos e Comunidades Tradicionais na Educação do Campo da Rede Estadual do Espírito Santo

Jorcy Foerste Jacob
Juliana Romano

É tão maravilhoso podermos fazer jardins de nós mesmos. Eu tenho experimentado esse sentimento de que nós conseguimos florescer.
Ailton Krenak

A Educação do Campo é representada por um "girassol", pois da mesma forma que a flor, o trabalhador do Campo orienta-se pelo sol e por suas culturas locais. Por isso, para a modalidade, a cultura é entendida no plural, em sua diversidade de ser e de viver, de saber e de fazer e em seus processos de significação simbólica, lutas, resistências, inovações e cosmologias que traduzem autoimagens, valores e linguagens próprias da população do Campo. Nessa perspectiva, um projeto intercultural de educação deve ser um dos pilares pedagógicos das escolas do Campo, pois a valorização da singularidade se fortalece na medida em que a comunidade escolar valoriza os saberes e identidades do contexto local. (Foerste; Schutz Foerste, 2007).

Em razão disso, é preciso considerar a cultura camponesa em sua pluralidade, conforme as interações e as peculiaridades de cada lugar. Existem, por exemplo, os ribeirinhos, situados às margens do rios; os extrativistas, que habitam áreas próximas aos recursos naturais que coletam; a agricultura familiar, com as pequenas propriedades. Há também o meeiro, o parceiro, o boia fria, o sem-terra; entre tantos outros tipos de povos do Campo. Logo, se a identidade da escola do Campo é definida pelo modo de vida de suas comunidades e se elas forjam-se a partir de diversas territorialidades, não existe somente uma forma de organização escolar do Campo.

Na rede estadual do Espírito Santo, há escolas oriundas dos movimentos sociais, tais como as dos assentamentos do Movimento Sem Terra (MST), há escolas indígena e quilombola, os Centros Estaduais Integrados de Educação Rural (CEIER) no norte do estado, escolas que atendem, majoritariamente, camponeses pomeranos, extrativistas, ribeirinhos, entre outras diversidades. Mesmo tendo aspectos comuns, essas escolas têm características específicas que precisam ser levadas em consideração na sua organização e na construção do Projeto Político Pedagógico. Afinal, a Educação do Campo, diferentemente da educação no meio rural, defende que o povo tem direito de ser educado no lugar onde vive e a ter uma escola pensada desde o seu lugar e com a sua participação.

Nesse contexto, abordar o conceito de Povos e Comunidades Tradicionais é fundamental para entender a heterogeneidade dos modos de fazer a Educação do Campo. Conforme o inciso I Art. 3º Decreto 6.040 de 2007, Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.



No Espírito Santo, os principais grupos caracterizados como Povos e Comunidades Tradicionais são indígenas, quilombolas, pomeranos, pescadores artesanais, ciganos e povos de terreiros. Durante o I Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo, realizado em março de 2012, representantes destes povos e comunidades tradicionais elaboraram uma carta, na qual se delineiam diretrizes estratégicas visando a promoção da diversidade cultural e a implementação de políticas públicas para os diversos grupos participantes. As principais propostas enfatizaram a necessidade de estabelecer programas governamentais com dotação orçamentária específica, o fortalecimento das ações intersetoriais e a criação de mecanismos de representatividade no Conselho Estadual de Cultura e Educação. A carta também aborda a regularização de territórios quilombolas, a valorização da educação básica e técnica para essas comunidades e a promoção de eventos culturais que reflitam suas práticas e tradições. Por fim, enfatiza a urgência de combater a discriminação e garantir a proteção dos direitos humanos fundamentais, propondo um compromisso contínuo do governo estadual com a salvaguarda e promoção das identidades culturais e sociais dos povos tradicionais do Espírito Santo.

Com o Decreto n° 3248-R, de 11 de março de 2013, foi criada a Comissão Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais com representação e com direito a voto dos ciganos; indígenas; pescadores artesanais; pomeranos; quilombolas; comunidades de terreiros; Secretaria de Estado da Cultura (SECULT); Subsecretaria de Direitos Humanos; Subsecretaria de Movimentos Sociais; Secretaria de Estado da Educação (SEDU); Secretaria de Estado da Saúde (SESA); e Instituto Estadual de Meio Ambiente. A partir deste contexto, tivemos avanços nas legislações educativas estaduais.

Na Resolução CEE nº 3.777/2014, que estabelece as Normas para a Educação no Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo, temos o capítulo terceiro dedicado à Educação do Campo, o quarto à Educação Escolar Indígena e o quinto a Educação Escolar Quilombola. O artigo 297 determina que a Educação do Campo compreende à educação básica, garantindo a universalização do acesso, da permanência e do sucesso escolar aos agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas e outros. Sobre a educação escolar indígena, o documento decreta que ela deve ser intercultural e diferenciada, promovendo a valorização cultural e a afirmação das identidades étnicas e linguísticas dos povos indígenas, garantindo a recuperação de suas memórias históricas, o fortalecimento de suas línguas e práticas culturais e a autonomia das comunidades indígenas. Sobre a educação escolar quilombola, o capítulo quinto, estabelece as finalidades e os objetivos dessa modalidade educacional, com foco na promoção da educação básica em diversas etapas e modalidades para as comunidades quilombolas, garantindo o direito ao ensino em escolas localizadas em seus territórios, respeitando suas práticas culturais e seus conhecimentos tradicionais, combatendo o racismo e promovendo o fortalecimento de suas identidades.

O Plano Estadual de Educação do Espirito Santo, aprovado pela Lei nº 10.382, em sua meta 7, que trata de fomentar a qualidade da Educação Básica, em suas ações específicas também trata sobre os povos e as comunidades tradicionais, garantindo a articulação entre o âmbito escolar e o comunitário, o fortalecimento da identidade cultural, a sustentabilidade de seus territórios e a oferta bilíngue (em língua materna e em língua portuguesa), principalmente para indígenas, quilombolas e pomeranos.



Nesta perspectiva, a Resolução CEE-ES nº. 6.596/2022, que aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, estabelece que a base curricular comum e a parte diversificada dos currículos devem estar organicamente integradas e compreendidas como uma totalidade, com o propósito de assegurar a contextualização dos conhecimentos escolares em face das diferentes realidades camponesas, para expressar seus valores, suas relações cotidianas entre os sujeitos e entre eles e a natureza, mediadas pelos seus modos de viver, fazer e produzir. Também assegura às comunidades indígenas, quilombolas, pomeranas e demais povos e comunidades tradicionais a utilização de suas línguas maternas e dos processos próprios de aprendizagem nas escolas do Campo de Educação Básica.

Atualmente, a educação escolar quilombola é representada pela Escola Estadual de Ensino Fundamental "Graúna", em Itapemirim, com oferta de Ensino Fundamental com Organizações Curriculares diferenciadas, visando garantir as especificidades dos(as) estudantes quilombolas a fim de construir uma identidade escolar que reflita a realidade da comunidade, tais como Agricultura Quilombola, Oralidade Africana e Afrodiaspórica. A escola dialoga com a modalidade da Educação do Campo e com a de Jovens e Adultos.

A Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Aldeia Caieiras Velha iniciou suas atividades no ano letivo de 2020 na rede estadual, no município de Aracruz, ofertando o Ensino Médio regular, além das etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Localizada na aldeia Caieiras Velha, território indígena tupinikim, a escola foi criada para atender os dois povos que vivem em Território Indígena (TI) do Espírito Santo: Tupinikim e Guarani. A escola, na perspectiva da modalidade da Educação Escolar Indígena, atende, exclusivamente, ao público indígena, garantindo um currículo integrado ao contexto cultural das comunidades, tais como Matemática e Conhecimentos Tradicionais; História e Historiografia Indígena; Língua Portuguesa, Literatura e Literaturas Indígenas, Língua Indígena, entre outros .

A partir das prerrogativas do Plano Estadual de Educação do Espírito Santo, período 2015-2025, a Língua Pomerana passou a integrar a rede estadual de ensino do Espírito Santo no ano letivo de 2022 por meio da Portaria n° 279-R, de 06 de dezembro de 2021, estabelecendo que as escolas estaduais localizadas em comunidades pomeranas e/ou que atendam estudantes pomeranos podem ofertar na parte diversificada da grade curricular o componente Língua Pomerana. Atualmente são oitos escolas que aderiram ao ensino da língua pomerana. A adesão é feita pela gestão escolar em consulta à comunidade escolar.

A efetiva participação comunitária e dos movimentos sociais, com seus saberes ancestrais, é um princípio da Educação do Campo, conforme o Decreto n° 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Desse modo, a modalidade trabalha a questão da territorialidade em que a terra é mais do que meramente um bem material, mas condição de vida, espaço identitário e que comporta uma relação diferenciada com a natureza. As ameaças aos territórios são uma ameaça à própria existência dos povos e comunidades tradicionais. Por isso, o reconhecimento desses espaços é um dos eixos mais centrais e conflituosos.



Outro conceito fundamental ao abordar tanto a Educação do Campo, quanto os Povos e Comunidades Tradicionais é o de desenvolvimento sustentável, que se caracteriza como "o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras" (Brasil, 2007). Segundo Dieter Gawora (2011), as crises climáticas, econômicas e de produção relacionadas ao esgotamento do petróleo necessitam de um mudança de paradigma para uma economia sustentável, praticada pelos Povos e Comunidades Tradicionais. Nesse sentido, eles tem as muitas respostas para estas grandes crises que se aproximam. Portanto, a luta deles não deve ser apenas pelo próprio território, mas tem a necessidade de influenciar a economia geral e a política do país. Os Povos e Comunidades Tradicionais, juntamente com a Educação do Campo deveriam ser os guias nessa mudança de paradigma para um mundo mais sustentável.
Em vários grupos guaranis, o surgimento do divino é descrito como "o desabrochar de uma flor", que desdobra-se e abre-se em flor, pois o Ser Criador surge e cresce mamando na flor, no seio, de Jasuka. Esta representa a fertilidade, o princípio ativo da vida que através do fluido das águas, traz vida ao vazio, ao seco.

> Há uma relação profunda de pertença entre as pessoas e seus nomes. Os indígenas a explicam fazendo uma analogia entre o ser humano e a flor e entre o nome das pessoas e o "orvalho" e a "neblina", representados no ritual pela água de cedro e pela fumaça. Esses elementos "enfeitam" a "flor" e, enquanto símbolos de Jasuka, vinculam as pessoas aspergidas ao Princípio Ativo do Universo e, sendo uma das suas virtudes o de poder vivificar, renova e reanima nas pessoas seu próprio ser. Para melhor compreender essas metáforas é necessário levar em conta que tanto o termo "flor" quanto a expressão "enfeitar-se" os indígenas usam para se referirem ao ser, ao âmago, que consubstancia as pessoas (CHAMORRO, 2008, p. 273).

A Educação do Campo, enquanto conjunto de pedagogias emancipatórias e agroecológicas, e os Povos e Comunidades Tradicionais, enquanto sujeitos coletivos disseminadores de saberes ancestrais, na contemporaneidade, devem ser a representação da Jasuka. Como crítica e resistência ao capitalismo como única forma de desenvolvimento viável, ambos, Educação e Comunidades, fazem parte do princípio ativo do cuidado com todas as formas de vidas. Logo, podem ser os(as) responsáveis por fazer florescer nas políticas governamentais os fortes vínculos e a interdependência entre todos os seres e por nos lembrar sobre a importância de cultivar modos de vida que ampliem a ética do cuidado e da reciprocidade, respeitando todas as diversas flores que formam os jardins.



Referenciais

BRASIL. **Decreto n° 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

_____. Decreto n. 7.352, de 04 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União, Brasília: 2010.

_____. **Decreto n° 8.750, de 09 de maio de 2016.** Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT).

CHAMORRO, Graciela. **Terra madura, yvy araguyje** : fundamento da palavra guarani. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

ESPÍRITO SANTO. **Decreto n° 3.248-R, de 11 de março de 2013.** Cria a Comissão Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo.

_____. **Lei n° 10.382, de 24 de junho de 2015**. Aprova o Plano Estadual de Educação do Espírito Santo (PEE/ES), período 2015-2015.

_____. **Portaria n° 279-R, de 06 de dezembro de 2021**. Define procedimentos e diretrizes para implementação das organizações curriculares na Rede Escolar Pública Estadual, e demais providências.

FOERSTE, Erineu; SCHUTZ-FOERSTE, Gerda Margit. A construção do Projeto Político Pedagógico Escolar: um desafio ao coletivo da comunidade escolar. In: FOERSTE, Erineu; SCHUTZ-FOERSTE, Gerda Margit; LINS, Andréia Chiari (orgs.). **Caderno de formação de professores do campo** - Projeto Político Pedagógico: interculturalidade e campesinato em processos educativos. Vitória: Ufes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

GAWORA, Dirter. Povos e Comunidades Tradicionais como sujeitos da mudança. In: GAWORA, Dirter; IDE, Maria Helena de Souza; BARBOSA, Rômulo Soares (Org.). **Povos e comunidades tradicionais no Brasil.** Montes Claros: Unimentes, 2011.



Educação e Sustentabilidade: o papel das plantas medicinais na cultura e identidade dos povos originários com foco nas leis 11.645 e 10.639

Suzani Maria Gomes de Paula

EEEFM
Padre Josimo
SRE
Nova Venécia

A escola EEEFM "Padre Josimo" localiza-se no assentamento "Pip-Nuk", no interior de Nova Venécia. A Escola Padre Josimo foi fundada em 1987, inicialmente como uma escola comunitária para acomodar estudantes do ensino regular da primeira à quarta série, fruto da mobilização das famílias estabelecidas e do setor educacional do MST. Em 1992, foi construído um novo prédio e, atualmente, a escola abriga turmas de educação infantil, de ensino fundamental I e duas turmas de EJA, formadas por filhos e netos de assentados e pequenos agricultores da região. A modalidade de Educação da escola é Educação do Campo, atendendo predominantemente os sujeitos camponeses do assentamento e de seu entorno. A escola recebeu esse nome em homenagem ao Padre Josimo, líder religioso morto na década de 1980, conhecido por sua luta pela distribuição de terras.

O termo "Pip-Nuk" está relacionado aos povos indígenas que habitavam a região de Nova Venécia, conhecidos como Botocudos. O modo de vida desses povos originários era profundamente ligado à preservação do meio ambiente e estreitamente conectado a natureza. Neste sentido, os indígenas da região do Pip Nuck - NV faziam o uso de plantas medicinais de diversas formas, principalmente pelos xamãs (curandeiros). Eles extraíam os princípios ativos das plantas por meio de chás e de infusões. É importante destacar que o uso dessas plantas ia além do aspecto terapêutico; elas também estavam inseridas em rituais e em práticas de cura, conectando os indivíduos espiritualmente com a natureza. Infelizmente, ao longo do tempo, a rica cultura desses povos foi se perdendo.



Fachada da EEEFM Padre Josimo. Fonte: Google maps 2024

EEEFM
Padre Josimo
SRE
Nova Venécia

Tema	Educação e Sustentabilidade: O papel das plantas medicinais na cultura dos povos originários com foco nas leis 11.645 e 10.639
Componente (s) Curricular(es)	Ciências da Natureza, Ética e Meio Ambiente
Turma(s)/ Série(s)	5ª, 6ª, 7ª, 8ª e 3ª etapa da EJA
Palavras-chave	Educação do Campo, Identidade, Cultura.
Objetos de Conhecimento:	Ciência, tecnologia, saberes populares e problemas sociais; Vida cotidiana e culturas; Uso de instrumentos/ferramentas/estratégias tradicionais para o cultivo de plantações e criações de animais.
Tipo de Atividade:	Projeto realizado entre 19/04/24 a 28/06/24
Habilidades:	**EFCICLO02CN01/ES/EJA:** Compreender e selecionar métodos próprios das ciências naturais, de forma a interpretar, avaliar e planejar intervenções científico-tecnológicas, relacionando-os aos processos históricos e às transformações na natureza. **EFCICLO03CN03/ES/EJA:** Relacionar as culturas e os modos de apropriação e transformação da natureza. **EF09CI13:** Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações sustentáveis bem sucedidas. **EF06GE11/ES:** Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo, fazendo uma reflexão sobre como a sociedade se apropriou da natureza na ocupação das áreas, considerando a escala local para a global. **EF06HI05/ES:** Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas no Espírito Santo e na sua comunidade.

Metodologia:

EEEFM
Padre Josimo
SRE
Nova Venécia

- O projeto foi baseado na observação participante e na pesquisa-ação;
- Três etapas: Motivação, Pesquisa Teórica e Desenvolvimento da Prática e Intervenção;
- A motivação foi a comemoração ao Dia dos Povos Indígenas;
- Pesquisa teórica sobre plantas medicinais, refletindo sobre as espécies encontradas ao redor de suas casas e selecionando duas plantas para a pesquisa;
- Desenvolvimento da Prática e Intervenção na implantação da horta medicinal no espaço educativo.

O projeto tem seu ponto de partida na observação participante e na pesquisa-ação, subdividido em três etapas: Motivação, pesquisa teórica e desenvolvimento da prática na implantação da horta medicinal no espaço educativo. Inicialmente, houve um momento de motivação para instigar os educandos a participarem e se envolverem no projeto em questão. Ele aconteceu no dia 19 de abril, dia dos Povos Indígenas. Durante a motivação, apresentamos o modo de vida indígena e as suas relações com a natureza, dando enfoque no uso de plantas medicinais. Posteriormente, durante os meses de maio e junho, os educandos desenvolveram a pesquisa teórica acerca da temática, na qual, cada educando refletiu sobre as plantas medicinais encontradas ao redor de suas casas e selecionou duas para compor sua pesquisa. O estudo propõe um recorte que investiga o nome popular, o nome científico, as propriedades terapêuticas e como utilizar determinada planta. Vale ressaltar que com as informações da pesquisa, organizou-se um inventário das plantas medicinais para ficar à disposição da escola. Em sequência, ao final do mês de junho, os(as) educandos(as) foram convidados a trazerem as mudas das plantas pesquisadas para a escola e assim realizarmos o plantio dessas mudas em meio ao espaço da horta escolar.



Foto da prática. Fonte: Arquivo da escola - 2024.

Problematização:

EEEFM
Padre Josimo
SRE
Nova Venécia

Paulo Freire, durante suas contribuições, mostrou-nos a necessidade de relacionar a teoria/prática, a relevância da pesquisa participante e, relacionar principalmente, a valorização e o reconhecimento dos saberes populares (Romão; Gadotti, 2007). Desta forma, percebemos a importância de compreender os espaços populares como fonte de vida, cultura e conhecimento para que os sujeitos do campo despertem o sentimento de pertença por suas comunidades. Nas palavras de Freire (1982, p. 81):

> O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra.

Neste sentido, com foco na relação entre as plantas medicinais e os povos originários, este projeto buscou explorar a importância do conhecimento tradicional no contexto das leis 11.645 e 10.639. A proposta foi proporcionar a integração dos saberes indígenas e afro-brasileiros e como estes podem contribuir para a compreensão das plantas medicinais dentro do Ensino de Ciências da Natureza e Ética Ambiental na EEEFM "Padre Josimo". Abrangendo o projeto de plantas medicinais e sua relação com os povos originários, com enfoque na lei 11.645 e 10.639, é fundamental compreender a importância dessas plantas na cultura dos povos originários. Elas desempenham um papel crucial na medicina tradicional indígena e afro-brasileira, sendo fundamentais para a preservação da saúde e do bem-estar dessas comunidades ao longo dos séculos. O uso tradicional das plantas medicinais pelos povos originários é baseado em conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração. Essas práticas estão intrinsecamente ligadas à história, espiritualidade e cosmovisão dessas comunidades: "O saber é, pois, uma cosmovisão que garante a cada um de nós, além da capacidade de agir tecnicamente, a condição que busca assegurar a marcha e permanecer justo em todo instante e dono absoluto de si mesmo" (Souza, 2007, p. 73).



Foto da pesquisa. Fonte: Arquivo da escola - 2024.

Considerações Finais:



O projeto destacou a importância da integração dos saberes tradicionais dos povos originários sobre plantas medicinais, alinhando-se às Leis 11.645 e 10.639, que promovem o reconhecimento e valorização desses conhecimentos. A inclusão desses saberes no ensino contribui para a educação da diversidade cultural e da sustentabilidade ambiental, ao incentivar práticas ecológicas. Além de promover o uso e o cultivo das plantas medicinais, o projeto fortaleceu a identidade cultural e memória das comunidades tradicionais, ajudando a desconstruir estereótipos e preconceitos, criando um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

Diante do exposto e do projeto desenvolvido, fica evidente a importância da integração dos saberes tradicionais dos povos originários em relação às plantas medicinais. A legislação brasileira, representada pelas Leis 11.645 e 10.639, busca promover o reconhecimento, a valorização e a preservação desses conhecimentos ancestrais, visando a promoção da diversidade cultural e o respeito às tradições. A inclusão dos saberes tradicionais no ensino de plantas medicinais proporciona a educação para a diversidade e o respeito às culturas. A integração do conhecimento tradicional no ensino também contribui para a promoção da sustentabilidade ambiental ao incentivar práticas ecológicas de colheita e de uso das plantas medicinais. A integração dos saberes tradicionais no ensino de plantas medicinais traz benefícios significativos, pois permite aos educandos(as) o acesso a conhecimentos ancestrais e práticos sobre o uso e o cultivo dessas plantas. A valorização do saber tradicional promove a preservação da cultura dos povos originários, fortalecendo a identidade e a memória dessas comunidades. Desta forma, os educandos(as) tiveram a oportunidade de aprender sobre os usos e as práticas das plantas medicinais, promovendo a compreensão da pluralidade cultural e a valorização da diversidade étnica. Além disso, a integração dos saberes tradicionais no currículo escolar contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação popular: ??quê??: uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasilei**ro. Recife: Bagaço, 2007.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos:** cenários, perspectivas e formação de educadores. Brasília, DF: Liber/Instituto. Paulo Freire, 2007.

FALANDO NISSO...



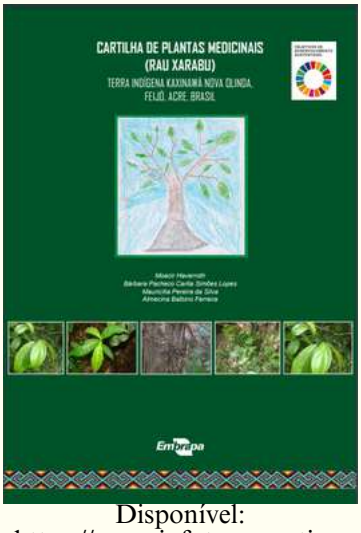


Disponível: https://www.greenpeace.org/brasil/blog/saude-que-vem-da-floresta-o-conhecimento-dos-povos-indigenas/

O "**Manual dos Remédios Tradicionais Yanomami"** é um projeto colaborativo que visa preservar e fortalecer os conhecimentos sobre plantas medicinais na comunidade Yanomami.

A iniciativa capacita a comunidade, capacitando seus membros na continuidade de suas tradições. Além de ser uma alternativa a indústria farmacêutica.

Desenvolvido por jovens pesquisadores, o manual dialoga com saberes indígenas e não indígenas, inspirando-se na pesquisa de Bruce Albert e William Milliken, que documentou a utilização de diversas plantas medicinais pelos Yanomami.



Disponível: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1124578/1/27019.pdf

"Cartilha de Plantas Medicinais (Rau Xarabu)"é um importante projeto colaborativo que visa documentar e revitalizar os conhecimentos sobre a medicina tradicional Kaxinawá na Terra Indígena Kaxinawá Nova Olinda, no Acre. A cartilha tem como objetivo principal incentivar os jovens das aldeias a se reconectarem com a medicina ancestral, destacando a relevância das plantas medicinais na cultura e na cura tradicional. Além de revalorizar a cultura Kaxinawá, o material reconhece e valoriza a sabedoria dos pajés, parteiras e anciãos, que detêm vasto conhecimento sobre a flora medicinal e a língua Hãtxa Kuĩ. Desenvolvida por meio de metodologias participativas, a cartilha não apenas serve como um recurso educativo, mas também estimula novas pesquisas entre os jovens, promovendo o fortalecimento da identidade cultural e da cosmologia do povo Huni Kuĩ.



PORU POSANGA 'YBA SUÍ TUPINAKYÎA REKÓ-PE (O uso medicinal das plantas na cultura Tupinikim) foi produzido por professores(as) indígenas juntamente com seus(suas) estudantes em atividades desenvolvidas nas escolas indígenas municipais de Aracruz-ES.

Disponível: https://drive.google.com/file/d/1ueiWPQryfXm_jBnXHa8fYsWqp4EDsYU6/view

O caderno compila informações sobre tratamentos tradicionais dos Tupinikim das aldeias de Aracruz, ES. Valorizando a pesquisa indígena, aborda temas como Terra, Biodiversidade, Auto-sustentação, Pluralidade Cultural, Saúde e Educação. O objetivo é organizar conhecimentos dispersos para facilitar seu uso no dia a dia e promover o diálogo entre a educação escolar e a sabedoria ancestral.

Rosa dos Ventos Quilombola

Lucas da Silva Machado

EEEF Graúna
SRE
Cachoeiro de Itapemirim

A EEEF "Graúna" está localizada na Comunidade Quilombola de Graúna, zona rural do Município de Itapemirim. Foi criada, oficialmente, em julho de 1970, por meio da publicação da portaria n°329 no Diário Oficial do Espírito Santo desse mesmo ano. Entretanto, segundo moradores da comunidade, suas origens remontam aos anos de 1955, quando o senhor Manoel José da Silva concedeu um cômodo para o funcionamento da escola.

A primeira professora teria sido a senhora Geni Bahiense da Silva, que lecionou no colégio entre os anos de 1955 e 1963, atuando nos turnos matutino e vespertino. Esses(as) moradores(as) relatam que no ano de 1967, na administração do prefeito Tomé de Souza Machado, a escola passou a se chamar Escola Reunidas de Graúna (todas essas informações constam no Plano Político Pedagógico - PPP - da Escola).

No ano de 2010, Graúna recebeu da Fundação Palmares, órgão do Ministério da Cultura, a Certificação de Comunidade Quilombola. O objetivo da Fundação Palmares é contribuir para a valorização das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais. Assim, essa fundação emite certificações para comunidades quilombolas, reconhecendo os direitos dessas comunidades e possibilitando seu acesso aos programas sociais do Governo Federal. A titulação de Comunidade Quilombola, recebida no ano de 2010, fez com que a Escola Estadual de Ensino Fundamental "Graúna" mudasse o olhar para a questão quilombola, mais precisamente em 2011, quando o professor Bruno Duarte Sobrosa assume a direção da instituição.

Nesse sentido, a escola iniciou um trabalho que visava fortalecer o entendimento sobre o que é a identidade quilombola, incentivando seus/suas professores(as) a planejarem suas aulas seguindo as orientações contidas na Resolução 08/2012 da CNE/CEB, que implementa as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, considerando que deve ser realizada de acordo com a memória coletiva, as línguas remanescentes, os marcos civilizatórios, as práticas culturais, as tecnologias e formas de produção do trabalho, os acervos e os repertórios orais, os festejos, as tradições e demais elementos que formam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país e na territorialidade. Assim, a Secretária de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu), em parceria com a Escola Estadual de Ensino Fundamental "Graúna", elaborou a Organização Curricular Quilombola (OC) para a educação capixaba para o Ensino Fundamental Anos Finais, além da renovação de credenciamento pela Resolução CEE-ES N° 5.418/2020 (DOES 25/08/2020), oficializando a modalidade de Educação Escolar Quilombola para a escola.



Fachada da escola. Fonte: Arquivo da Geaciq - 2024.

EEEF Graúna
SRE Cachoeiro de Itapemirim

Tema	Rosa dos Ventos Quilombola
Componente (s) Curricular(es)	Geografia e Território Quilombola
Turma(s)/ Série(s)	6° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Rosa dos Ventos; Geografia; Territorialidade; Quilombola
Objetos de Conhecimento:	Orientação; Representação das cidades e do espaço urbano; Localização, orientação e representação espacial.
Tipo de Atividade:	Atividade de sala de aula e produção. Fevereiro a Abril de 2023
Habilidades:	**EF06GE01/ES:** Reconhecer a importância da orientação e localização para desenvolver o pensamento geográfico. **EF05GE09:** Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas. **EF02GE10:** Aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais, como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola.

EEEF Graúna
SRE Cachoeiro de Itapemirim

Metodologia:

- Explicar sobre o conteúdos das Coordenadas Geográficas da Rosa dos Ventos: Pontos Cardeais e colaterais;
- Importância orientação e localização espacial;
- Pontos de Referências: importâncias e principais pontos da comunidade;
- Identificar os Pontos de Referências de acordo com os Pontos Cardeais (norte, sul, leste, oeste, entre outras);
- Projetar, com auxílio do datashow, uma rosa dos ventos e substituir os nomes tradicionais dos pontos cardeais e colaterais pelos nomes dos pontos de referência e locais sugeridos pelos(as) estudantes, possibilitando, assim, a construção de uma Rosa dos Ventos da Comunidade Quilombola Graúna - a minha "rosa dos ventos quilombola".

Para o desenvolvimento desta atividade, iniciei apresentando aos(às) estudantes a rosa dos ventos tradicional, explicando detalhadamente cada ponto cardeal e colateral e sua relevância no contexto de orientação e localização em estudos geográficos. Destacamos como o conhecimento sobre a direção ajuda na compreensão espacial e no reconhecimento do território, algo essencial para o entendimento geográfico de seu ambiente.

Após a introdução, passei a dialogar com os(as) estudantes sobre os pontos de referência mais marcantes da Comunidade Quilombola de Graúna, incentivando-os(as) a pensar em lugares significativos para eles(as) que estivessem associados a memórias e vivências cotidianas. Assim, pedi que identificassem esses locais em diferentes direções, como norte, sul, leste e oeste, considerando suas experiências, e o que cada lugar representava em suas rotinas.

Utilizando o quadro e o datashow, projetei uma imagem ampliada da rosa dos ventos e, à medida que os(as) estudantes sugeriam novos pontos de referência, fomos substituindo os nomes tradicionais dos pontos cardeais e colaterais pelos locais indicados. Assim, construímos uma "rosa dos ventos quilombola," refletindo o mapeamento cultural da própria comunidade. Essa abordagem não apenas facilitou o entendimento dos conceitos geográficos, mas também valorizou o conhecimento local e o senso de pertencimento dos(as) estudantes, que puderam ver sua comunidade representada em um instrumento de aprendizado.

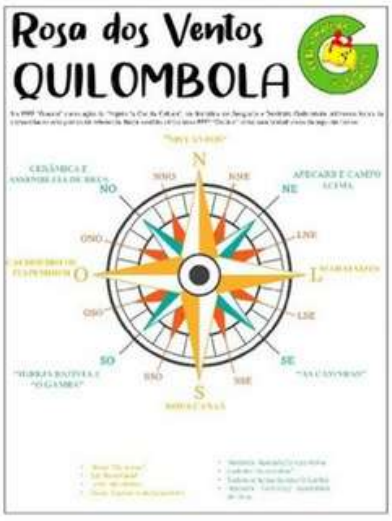


Ilustração da Rosa dos Ventos Quilombola.
Fonte: Arquivo da escola - 2024

Problematização:



Como vimos, seguindo as orientações contidas na Resolução 08/2012 da CNE/CEB, que implementa as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, destacamos esta prática, que será detalhada a seguir, baseada na territorialidade. Nesse sentido, as OC-63 e OC-70 buscam adequar os componentes curriculares da EEEF "Graúna" à legislação vigente. Esses componentes curriculares passam a ter uma nomenclatura especial para atender às demandas da modalidade quilombola e, dentre as diversas especificidades, destaco a disciplina de Geografia e Território Quilombola.

No ano de 2023, iniciei o período letivo escolar como professor na disciplina de Geografia e Território Quilombola. Logo, esta nomenclatura fez com que surgisse a seguinte questão: "como irei desenvolver os estudos sobre o território quilombola, tendo em vista que o material didático disponível não abrange tal questão e o currículo disponibilizado pela Sedu também não atende a estas especificidades?". A solução foi adaptar os objetos de conhecimento ministrados em sala de aula aos conteúdos específicos da modalidade quilombola. Neste sentido, na turma do 6° ano, ao trabalhar o componente curricular "Orientação", em busca de desenvolver a habilidade de reconhecer a importância da orientação e localização para desenvolver o pensamento geográfico (EF06GE01/ES), busquei inserir os estudantes na construção dessas aulas, trazendo questões que remetiam à Comunidade Quilombola de Graúna. Ao abordar a rosa dos ventos, uma representação utilizada por geógrafos para orientação do espaço geográfico, incentivei os discentes a responderem com nome dos pontos de referência de seu conhecimento nas direções que os pontos cardeais e colaterais da rosa apontavam. Doravante, ao direcionar os estudantes para o norte, que para eles corresponde à direção dos "Cantos", ou para o sudeste, que segundo eles representa o rumo das "casinhas", o conhecimento construiu-se dialogicamente, com a explicação do professor sobre os nomes que a geografia tradicional dá para essas direções. Assim nasceu a "rosa dos ventos quilombola". A "rosa dos ventos quilombola" apresenta os pontos cardeais e colaterais para os estudantes seguindo os pontos de referências da comunidade. Neste sentido, o Norte aponta para "Os cantos"; o Sul para Nova Canaã; o Leste para Marataízes; o Oeste para Cachoeiro de Itapemirim; o Nordeste para Apecarb e Campo Acima; o Sudeste para "As casinhas" o Sudoeste para a Igreja Batista e "O Gambá" e o Noroeste para Cerâmica e Assembleia de Deus. A "rosa dos ventos quilombola" foi tão bem aceita pela comunidade escolar que passou a ser utilizada em diversas outras séries e atividades, abrangendo outros componentes curriculares, como o do 5°ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, no conteúdo "Representação das cidades e do espaço urbano", que busca desenvolver a habilidade (EF05GE09) de estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas, ou mesmo no 2°ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais "Localização, orientação e representação espacial" para promover a habilidade de aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais, como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola (EF02GE10).

Considerações Finais:

A prática relatada destaca a importância de adaptar o currículo escolar às especificidades culturais e territoriais da Comunidade Quilombola de Graúna bem como de qualquer outra comunidade tradicional. A implementação da "rosa dos ventos quilombola" exemplifica como a educação pode ser simples e eficaz quando se baseia no contexto e no conhecimento local dos(as) estudantes. Essa abordagem não apenas fortaleceu a disciplina de Geografia e Território Quilombola, mas também resgatou o sentimento de pertencimento e identidade dos(as) estudantes em relação à sua territorialidade. A aceitação e a expansão dessa prática para outras séries mostram sua eficácia, ressaltando a necessidade de uma educação que valorize e incorpore as vivências e saberes quilombolas, conforme as diretrizes contidas na Resolução 08/2012 da CNE/CEB. Assim, o desenvolvimento de uma educação escolar quilombola contextualizada mostra-se essencial para promover um aprendizado significativo e inclusivo.

Além dos aspectos mencionados, a prática da "rosa dos ventos quilombola" permite ampliar a discussão sobre como o uso de metodologias contextualizadas pode enriquecer o currículo e fortalecer a relação entre o estudante e seu território. Ao valorizar os pontos de referência locais, a atividade contribui para a preservação e a transmissão dos saberes tradicionais, algo essencial para as futuras gerações da comunidade quilombola.

Por fim, a prática incentiva o desenvolvimento de uma educação voltada para a equidade e a valorização das diferenças culturais, o que se alinha aos princípios da Educação para as Relações Étnico-Raciais e da Lei 10.639/03. Ao incluir o conhecimento tradicional na rotina escolar, a atividade legitima a cultura quilombola dentro do espaço acadêmico e contribui para uma educação antirracista, que valoriza as raízes e o saber local e promove um ambiente mais acolhedor e representativo para todos(as) os(as) estudantes.

Referências Bibliográficas:

BRAIL. Ministério da Educação Lei n° 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 27/04/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB n° 08, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28, 12, 2023.

ESPÍRITO SANTO. Secretária de Educação. Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo/Gerência de Educação do Campo Indígena e Quilombola (GECIQ) da Secretaria de Estado da Educação. Vitória, 2023.p.48.

GOMES, Flávio. MOTTA, Márcia. Terras e territórios da liberdade: Notas de pesquisas sobre Posseiros, Camponeses negros e Remanescentes de quilombos. IN: CAMPOS, Adriana Pereira. SILVA, Gilvan Ventura da. ORG. Da África ao Brasil: Itinerários históricos da cultura negra. Vitória. Flor e Cultura, 2007. p.159.

MACHADO, Lucas da Silva. Educação Quilombola: O Papel da Escola na Formação da Identidade: O Caso de Graúna. 2017. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Direitos Humanos - Especialização EAD) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MACHADO, Lucas da Silva. No caminho das águas: a trajetória histórica da Vila de Itapemirim e de seu porto (1800-1850). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

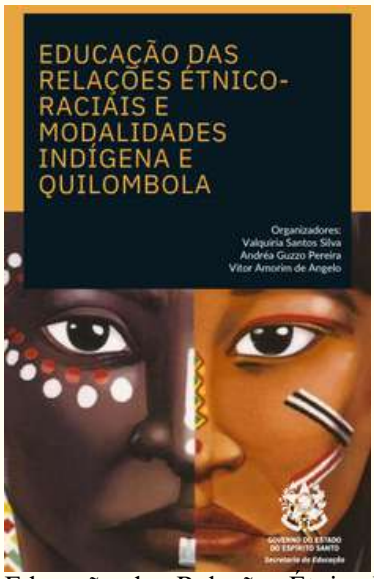
MACHADO, Laryssa da Silva. Retratos da escravidão em Itapemirim: uma análise das famílias escravas entre 1831-1888. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SILVA, Graciela Brandão da. A percepção da escola sobre a construção da identidade quilombola: um estudo de caso. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidad Columbia del Paraguay, Assunção, 2021.

SILVA, Bethânia Cypriano da. Religião e educação física numa escola quilombola em Itapemirim, Espírito Santo. 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022.

FALANDO NISSO...





O e-book **"Educação para as Relações Étnico-Raciais e Modalidades Indígena e Quilombola"** foi produzido pela SEDU, por meio da GEACIQ, CEAFRO, gerência destinada à implementação, à consolidação e à institucionalização das Leis n.º 10.639/03 e n.º 11.645/08 no âmbito da Rede Pública Estadual de ensino do Espírito Santo e para o fortalecimento das modalidades da Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola. O livro discute a desconstrução do racismo, enfatizando a importância de combatê-lo, além de focar nas questões do currículo escolar e das comunidades quilombolas e indígenas do Espírito Santo. O material visa integrar os saberes tradicionais com as necessidades educacionais atuais, promovendo a identidade e a autonomia dos povos indígenas e quilombolas.

Educação das Relações Étnico-Raciais e Modalidades Indígenas e Quilombolas. O material produzido pela GEACIQ sobre ERER está disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/relacoesetnicoraciais/

No vídeo **Disque Quilombola,** as crianças do Espírito Santo conversam de um jeito divertido sobre como é a vida em uma comunidade quilombola e em um morro na cidade de Vitória. Por meio de uma genuína brincadeira infantil, os dois grupos falam de suas raízes e desvelam o quanto a infância tem mais semelhanças do que diferenças



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=ig3DT_rfvHI



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU

O vídeo **Identidade, Resistência e Educação Escolar Quilombola** apresenta um prática escolar de pesquisa e fortalecimento da identidade quilombola dos(as) estudantes, valorização da cultura e pertencimento.

Vivência para a Sustentabilidade com estudantes de uma comunidade pomerana

Fernando Ott
Ivan Ribeiro
Josivani Gering

EEEM
Mata Fria
SRE
Afonso Cláudio

A EEEM Mata Fria, localizada na zona rural do município de Afonso Cláudio/ES, é composta, em sua maioria, por estudantes pomeranos(as). Os imigrantes pomeranos(as) chegaram no Brasil em meados do século XIX, provenientes da Pomerânia Oriental, território margeado pelo mar Báltico no norte da Europa. Trouxeram consigo elementos de sua cultura como língua, religião, música, dança, culinária, arquitetura, que ainda estão presentes entre os seus descendentes, compondo o mosaico multicultural do Espírito Santo. Concentrados em área campesina, os pomeranos mantêm o uso do bilinguismo, com predominância de sua língua materna pomerana junto à língua portuguesa. Considerando a relação do povo pomerano com a terra, bem como a crescente preocupação com as alterações climáticas e a sustentabilidade global, temas que permeiam a educação do campo, a EEEM Mata Fria deliberou tais abordagens a serem desenvolvidas em aulas temáticas, corroborando com os objetos de conhecimento preconizados nos componentes curriculares, cujas metodologias oportunizam vivências estudantis com práticas diversificadas e interdisciplinares.

Com aprendizagens voltadas à realidade de estudantes inseridos no contexto campesino, o objetivo do mapa de ações foi identificar e propor estratégias de intervenção, com proposição de alternativas para a resolução de problemas de natureza socioculturais e ambientais.

Para desfecho e culminância do projeto, foram realizadas visitas ao Instituto Terra (RPPN - Reserva Particular de Patrimônio Natural) e ao Parque Botânico, localizados em Aimorés/MG, que oferecem aos visitantes, especialmente estudantes, a oportunidade de aprender sobre reflorestamento de áreas degradadas, preservação ambiental e sustentabilidade.



Fachada da EEEM Mata Fria Fonte: Google maps 2024

EEEM
Mata Fria
SRE
Afonso Cláudio

Tema	Vivência para Sustentabilidade
Componente (s) Curricular(es)	Geografia; Biologia; Física e Matrizes Energéticas
Turma(s)/ Série(s)	1ª, 2ª e 3ª Série Ensino Médio
Palavras-chave	Reflorestamento; Ecossistema ; Sustentabilidade
Objetos de Conhecimento:	Fontes e matrizes energéticas e seus impactos ambientais e sociais: avaliando seus custos e benefícios; Aspectos éticos relacionados a biotecnologia e sustentabilidade; Exploração e uso de recursos naturais; Mudanças climáticas; Efeito estufa; Desmatamento; Erosão; Conservação e recuperação de ecossistemas; Conservação da biodiversidade; Aspectos biológicos do desenvolvimento sustentável; Estrutura geológica; relevo; solos.
Tipo de Atividade:	Projeto realizado entre os dias 05/08/24 a 09/08/24
Habilidades:	**EMIFCNT07:** Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais relacionados a fenômenos físicos, químicos e/ou biológicos. **EMIFCNT09:** Propor e testar estratégias de mediação e intervenção para resolver problemas de natureza sociocultural e de natureza ambiental relacionados às Ciências da Natureza. **EMIFCG09:** Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou ambientais em nível local, regional, nacional e/ou global cor responsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum. **EM13CHS306:** Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Metodologia:

- Abordagem a partir dos estudos de geossistemas de Georges Bertrand e dos conceitos de Educação Ambiental;
- Aulas interdisciplinares com temas centrais sobre clima, estrutura geológica, relevo, solos, mudanças climáticas, conservação dos recursos naturais, preservação ambiental e polinização por abelhas;
- Culminância do projeto com a elaboração de uma viagem educativa ao Patrimônio Natural (RPPN) Instituto Terra e ao Parque Botânico em Aimorés/MG;
- A avaliação foi feita a partir de rodas de conversas e de confecção de painéis e relatórios, documentando as experiências e os conhecimentos obtidos durante a visita.

EEEM Mata Fria
SRE Afonso Cláudio

A contextualização da temática ocorre a partir da aulas que passaram a ser desenvolvidas na EEEM Mata Fria desde o início do ano letivo de 2024, com as turmas da 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio sobre temáticas como clima, estrutura geológica, relevo, solos, mudanças climáticas, conservação dos recursos naturais, preservação ambiental e polinização por abelhas. Nesses momentos, é incentivada a comparação entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais e práticas da comunidade pomerana em relação à sustentabilidade.

Para culminância dos conhecimentos aprendidos, foi elaborado um projeto de viagem com roteiro de visita ao Patrimônio Natural (RPPN) Instituto Terra e Parque Botânico em Aimorés/MG. Após a autorização da Gestão e Supervisão Escolar, bem como dos pais ou responsáveis legais, ocorreu a contratação de serviço de transporte via PROGEFE para visitação *in loco* / aula de campo.

No Instituto Terra e Parque Botânico, os estudantes participaram de aulas de campo sobre a importância da preservação das matas e florestas e de palestras sobre a vida das abelhas, a polinização e a conservação dos recursos naturais. Os(as) estudantes também participaram de trilhas na mata, conhecendo árvores e animais presentes após o reflorestamento e recuperação do bioma.

De volta à escola, a avaliação foi feita a partir diálogos reflexivos sobre o aprendizado adquirido, conectando-o aos saberes tradicionais da comunidade pomerana e às práticas hegemônicas na agricultura atual. Os(as) estudantes também confeccionaram painéis e relatórios, documentando as experiências e conhecimentos obtidos durante a visita.

Problematização:

EEEM
Mata Fria
SRE
Afonso Cláudio

A cultura campesina pomerana está enraizada em tradições e práticas de produção agrícola transmitidas por gerações, determinando um papel crucial à gestão sustentável do uso da terra. Porém, mesmo com seu profundo conhecimento do solo, do clima e dos ciclos naturais, devido às pressões desde a Revolução Verde, são desenvolvidas técnicas agrícolas que não se alinham com a preservação ambiental, como por exemplo a utilização de agrotóxicos e de queimadas que degradam a biodiversidade das paisagens rurais.



Chegada dos estudantes ao Instituto Terra. Fonte: Arquivo da escola.

Entende-se a necessidade da geração de alimentos, mas também é imprescindível a integridade dos ecossistemas, a conservação da biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. A pressão pelo aumento da produção agrícola, na lógica capitalista neoliberal, tem levado à transformação de muitas áreas tradicionais em terras de cultivo intensivo. Esse processo, além de ameaçar a cultura campesina, resulta em degradação ambiental, perda de biodiversidade, diminuição da captação de carbono e dos recursos hídricos, com elevação do efeito estufa, agravando as mudanças climáticas.

Considerando essa realidade, os professores da EEEM Mata Fria elaboraram um projeto oportunizando a vivência de práticas diversificadas e interdisciplinares relacionadas ao meio ambiente. Integradas aos componentes curriculares da área de Ciências da Natureza, a proposta visou aprendizagens sobre a saúde do solo, com redução da dependência de pesticidas e fertilizantes artificiais, o reflorestamento e a sustentabilidade, a fim de minimizar o impacto ambiental.

O projeto representou uma “simbiose” entre os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares. Valorizar a cultura campesina é essencial para promover um uso da terra socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente sustentável. As práticas tradicionais, integradas com inovações sustentáveis, puderam servir como modelo para uma agricultura capaz de equilibrar produção e conservação ambiental, garantindo segurança alimentar e proteção dos recursos naturais para as futuras gerações.

Considerações Finais:

EEEM
Mata Fria
SRE
Afonso Cláudio

O conhecimento teórico com vivências práticas proporcionaram uma rica oportunidade para compreender a interconexão entre a preservação das matas e florestas, a vida das abelhas e a importância da polinização, além da necessidade de conservação dos recursos naturais. Durante as visitas, as palestras e trilhas, os(as) estudantes destacaram o papel crucial das florestas como reguladoras do clima e dos habitats de biodiversidade.





Palestras in loco no Instituto Terra. Fonte: Arquivo da escola - 2024.

A degradação ambiental e a perda de espécies foram abordadas como problemas a serem mitigados por meio da educação ambiental e de práticas sustentáveis. A experiência reforçou a responsabilidade coletiva e individual nas ações de preservação e promoção da sustentabilidade. A aula de campo ressaltou ainda a importância de reconhecer e valorizar a complexidade dos ecossistemas e a necessidade de ações concretas para preservá-los, cabendo a cada um a realização de ações práticas para a promoção da sustentabilidade.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global:** um esboço metodológico. Revista IGEOG/USP, São Paulo: USP, n. 13. Caderno de ciências da terra. Tradução: Olga Cruz. 1972.

BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Tradução: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Massoni, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Formação sócio-espacial e questão ambiental no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio et al. (Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasi**l. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC (Coleção Geografia: Teoria e Realidade), 1995. p. 309-333.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO (SEDU). **Orientações Curriculares.** 2024. Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares/>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.

FALANDO NISSO...





Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=dVqhqjRWhM4

O documentário "**A Terra Ensina"**, do capixaba Ricardo Salles de Sá apresenta agricultores(as) pomeranos(as) de Santa Maria do Jetibá - ES que praticam a agricultura orgânica. Ora utilizando a língua pomerana, ora utilizando a língua portuguesa, os campesinos contam como utilizam práticas guiadas pelos próprias saberes ancestrais, mas também por técnicas agroecológicas para respeitar a natureza.



"Oos Luur, Oos Land: Pomeranos nos Pontões Capixabas", de Helmar Spamer, é um estudo sobre a presença e a cultura dos imigrantes pomeranos no Espírito Santo, especialmente nas regiões conhecidas como Pontões. O autor analisa a importância da identidade cultural pomerana na luta pela preservação do ambiente natural e na regulamentação do monumento natural. Ele discute como a territorialidade se entrelaça com a identidade cultural, enfatizando o papel dos(as) pomeranos(as) na conservação dos recursos naturais e na valorização de suas tradições. A pesquisa evidencia os desafios enfrentados pela comunidade, como a necessidade de conciliar a proteção ambiental com o reconhecimento de seus direitos culturais e territoriais.

Soletrando Quilombola

Eliane Petersen Gambarin

EEEF Graúna
SRE Cachoeiro de Itapemirim

A EEEF "Graúna", situada na Comunidade Quilombola de Graúna, zona rural do Município de Itapemirim, sul do Espírito Santo, está localizada em uma das comunidades mais antigas desta cidade. Especula-se que sua origem teve início em meados do século XIX. Grande parte do atual território de Graúna, pertenceu à antiga fazenda Santo Antônio do Muqui, que teve como um de seus principais proprietários Joaquim Marcelino da Silva Lima, o Barão de Itapemirim, uma das pessoas mais influentes na política capixaba. A sede desta fazenda chegou a possuir, no auge de seu poder econômico, 303 escravizados, como registrou Lucas da Silva Machado.

A origem da comunidade é cercada por diversas hipóteses, uma delas, por exemplo, é a luta pela terra, e outra, ainda, considera a doação do território. Tais questões são levantadas tendo em vista que, no local onde se formou a vila e atual município de Itapemirim, desde o século XVIII, mais precisamente em 1710, e ao longo do século XIX, foram registradas muitas fugas de escravizados das fazendas, o que resultou na formação de quilombos, os quais enfrentaram forte repressão do governo provincial da época. Este último registro abrange a região de Graúna, tendo em vista que a comunidade formou-se às margens do rio Muqui. Entretanto, a hipótese mais aceita entre historiadores, memorialistas e moradores locais é que essa comunidade surgiu por meio de doação de terras com base em um documento de registro do Cartório Amphiloquio – 1° Ofício de Reg. de Imóveis – Itapemirim/ES, datado do dia 6 de novembro de 1968, no qual consta que, em 5 de novembro de 1851, dona Antônia Francisca da Silva doa quatrocentas braças de terras ao sul do Rio Muqui para trabalhadores alforriados.

Na formação de Graúna, as famílias estabeleceram-se às margens do rio Muqui e, por muito tempo, viveram nesse território desenvolvendo pequenas agriculturas e criações de animais. Já no início do século XX, o Governo do Estado do Espírito Santo construiu uma Usina de produção de açúcar na localidade de Paineiras, bem próxima à Graúna, atraindo outras famílias para as proximidades, iniciando assim o processo de casamentos mistos entre brancos e pretos na comunidade, tendo em vista que a dinâmica de trabalho industrial na produção de açúcar foi um grande atraente para diversos trabalhadores(as), tanto de Graúna quanto de imigrantes europeus e de outras regiões do país.

Já no fim da década de 1960, com as mudanças na dinâmica local, a população de Graúna migra das margens do rio Muqui para as margens da recém-criada estrada principal, a Rodovia ES 490, que liga o município de Itapemirim ao Município de Cachoeiro de Itapemirim, configurando-se no formato que é encontrada atualmente. No ano de 2010, Graúna recebeu da Fundação Palmares, órgão do Ministério da Cultura, a Certificação de Comunidade Quilombola. Alguns anos depois, a EEEF "Graúna" passou a trabalhar com uma visão voltada para a Educação Escolar Quilombola, tendo a oficialização desta modalidade de ensino por meio das Organizações Curriculares de número 63 e 70.



Tema	Soletrando Quilombola
Componente (s) Curricular(es)	Língua Portuguesa e Narrativas Quilombola
Turma(s)/ Série(s)	6° ao 9° ano do Ensino Fundamental
Palavras-chave	Soletrando; Quilombola; Língua Portuguesa
Objetos de Conhecimento:	Léxico/morfologia Fono-ortografia Variação linguística
Tipo de Atividade:	Projeto soletrando entre 01/07/2023 a 25/08/2023

Habilidades:

EF08LP04: Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominais e verbais, modos e tempos verbais, pontuação etc.

EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

EF69LP56: Fazer uso consciente e reflexivo de regras e da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

EF08LP05: Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas.

Metodologia:



- Condução da atividade na disciplina de Língua Portuguesa e Narrativas Quilombolas;
- Distribuição de uma lista de palavras para cada estudante, incluindo palavras complexas, palavras do cotidiano e termos da cultura afro-brasileira;
- Estímulo aos(às) estudantes para que estudem as palavras em casa, visando a apropriação e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita;
- Promoção de uma competição saudável em sala de aula, em que cada turma seleciona um representante para participar de um "soletrando final" entre as turmas do ensino fundamental nos anos finais;
- Estímulo do espírito de competição saudável, promoção do trabalho em equipe e fortalecimento da união entre os(as) estudantes em uma atividade divertida e envolvente.

A atividade "O Soletrando Quilombola", realizada pela professora Eliane Petersen Gambarini, do componente curricular de Língua Portuguesa e Narrativas Quilombolas, é um exemplo dinâmico de como a educação pode valorizar a cultura afro-brasileira e, ao mesmo tempo, incentivar o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Ao selecionar palavras que abrangem desde o vocabulário cotidiano até termos mais complexos e representativos da cultura afro-brasileira, a atividade promove uma conexão entre os(as) estudantes e o patrimônio cultural de matrizes africanas.

O incentivo para estudar as palavras em casa não só reforça a autonomia e a responsabilidade dos(as) estudantes com seu aprendizado, como também contribui para que eles(as) se familiarizem com palavras que, muitas vezes, estão ausentes dos currículos tradicionais. Ao trazer o universo cultural afro-brasileiro para o contexto escolar, a atividade estimula o reconhecimento e o orgulho por essa herança, tornando a aprendizagem mais significativa.

A competição em sala de aula entre turmas promove um ambiente saudável de disputa, onde os(as) estudantes têm a oportunidade de se expressarem, mostrarem suas habilidades e, ao mesmo tempo, aprenderem a trabalhar em equipe. A escolha de representantes para o “soletrando final” entre turmas do ensino fundamental dos anos finais reforça a coletividade e a importância de cada estudante no grupo. Essa prática valoriza a união e o espírito colaborativo, pois todos(as) contribuem e torcem pelo sucesso do representante escolhido, tornando o aprendizado uma experiência divertida e envolvente.

Assim, "O Soletrando Quilombola" vai além de uma competição de soletração, é uma iniciativa que combina cultura, educação e cooperação, criando um ambiente escolar que reconhece e celebra a diversidade cultural.

Problematização:



O "Soletrando Quilombola" é uma prática que integra o aprendizado linguístico com a valorização cultural, fortalecendo a autoestima e o pertencimento identitário dos(as) estudantes quilombolas. Ao incluir palavras de origem afro-brasileira e trabalhar a consciência linguística, a atividade contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes da diversidade cultural e linguística do Brasil.

A prática pedagógica "Soletrando Quilombola," realizada na EEEF "Graúna," na disciplina de Língua Portuguesa e Narrativas Quilombolas, busca valorizar e promover a cultura afro-brasileira entre os(as) estudantes.

A atividade "Soletrando Quilombola" suscita reflexões importantes sobre o papel da educação em reconhecer e valorizar a diversidade cultural e linguística presente nas escolas e comunidades quilombolas. Em um país marcado por uma rica herança cultural afro-brasileira como o Brasil, a ausência de práticas educacionais que promovam o reconhecimento dessa diversidade pode reforçar a invisibilidade e o apagamento das identidades quilombolas e afrodescendentes. Nesse contexto, até que ponto as práticas escolares comuns têm contribuído para o fortalecimento da autoestima e do pertencimento identitário desses(as) estudantes?

Outro aspecto a ser problematizado é o impacto que atividades como essa têm na formação cidadã dos(as) jovens quilombolas. A prática de inclusão de termos e expressões afro-brasileiras no vocabulário escolar não apenas amplia o repertório linguístico dos(as) estudantes, mas também os conecta a uma história e cultura que foram historicamente marginalizadas. Esse vínculo com o patrimônio cultural e a linguagem afro-brasileira proporciona não só uma educação mais representativa e sensível à diversidade, mas também levanta a questão sobre o alcance real desse impacto: em que medida, práticas como "Soletrando Quilombola" podem inspirar outras escolas e instituições a adotarem abordagens semelhantes, promovendo uma educação que valorize verdadeiramente as identidades afro-brasileiras e quilombolas?

Finalmente, é relevante considerar a interação entre o desenvolvimento linguístico e o senso de pertencimento cultural dos(as) estudantes. Como a escola pode expandir essa prática para que o aprendizado linguístico não se limite à sala de aula, mas que se torne um agente ativo de transformação social e de valorização cultural na comunidade?

Fotos da escika - Fonte: Arquivo da escola -2024.











Considerações Finais:

O "Soletrando Quilombola" busca estimular o prazer pela leitura e o conhecimento da cultura afro-brasileira, além de desenvolver habilidades de escrita e pronúncia das palavras, com atenção aos aspectos fonéticos. Os(as) estudantes aprendem os significados das palavras, sua classificação, definição e aplicação em frases. Também são incentivados a desenvolver habilidades de pesquisa em dicionários, aprimorar a capacidade de estudo, concentração e memorização, e a ler em voz alta, com ritmo e entonação adequados ao conteúdo do texto.

O "Soletrando Quilombola" se destaca como uma atividade significativa que não apenas estimula o prazer pela leitura, mas também promove uma maior compreensão e valorização da cultura afro-brasileira. A atividade contribui para o desenvolvimento das habilidades de escrita e de pronúncia dos(as) estudantes, com um foco especial nos aspectos fonéticos, fundamentais para uma comunicação eficaz.

Os(as) estudantes têm a oportunidade de aprender os significados das palavras, sua classificação e definição, além de praticar a aplicação dessas palavras em frases, enriquecendo assim seu vocabulário e compreensão da língua. A atividade incentiva a pesquisa em dicionários, uma habilidade essencial para a autonomia no aprendizado, além de aprimorar a capacidade de estudo, concentração e memorização dos(as) estudantes.

A leitura em voz alta, com ênfase no ritmo e na entonação adequados, proporciona uma experiência mais rica e dinâmica, favorecendo a expressividade e a interpretação de textos. Em suma, o "Soletrando Quilombola" representa uma abordagem inovadora e envolvente para a educação, promovendo o aprendizado significativo e a valorização da diversidade cultural, além de preparar os(as) estudantes para se tornarem leitores(as) e escritores(as) mais confiantes em seus próprios saberes.

Referências Bibliográficas:

BRAIL. Ministério da Educação **Lei n° 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 27/04/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 08, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28, 12, 2023

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação. **Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais** no Espírito Santo/Gerência de Educação do Campo Indígena e Quilombola (Geciq) da Secretária de Estado da Educação. Vitória, 2023.p.48.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO (Sedu). **Currículo do Ensino Médio do ES**: Ciências Humanas. Vitória: SEDU, s.d. Disponível em: https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curriculo_ES_Ciencias_Humanas.pdf. Acesso em: 10 mai. 2024.

GOMES, Flávio. MOTTA, Márcia. **Terras e territórios da liberdade**: Notas de pesquisas sobre Posseiros, Camponeses negros e Remanescentes de quilombos. IN: CAMPOS, Adriana Pereira. SILVA, Gilvan Ventura da. ORG. Da África ao Brasil: Itinerários históricos da cultura negra. Vitória. Flor e Cultura, 2007. p.159.

MACHADO, Lucas da Silva. **Educação Quilombola**: O Papel da Escola na Formação da Identidade: O Caso de Graúna. 2017. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Direitos Humanos - Especialização EAD) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MACHADO, Lucas da Silva. **No caminho das águas**: a trajetória histórica da Vila de Itapemirim e de seu porto (1800-1850). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

MACHADO, Laryssa da Silva. **Retratos da escravidão em Itapemirim**: uma análise das famílias escravas entre 1831-1888. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SILVA, Graciela Brandão da. **A percepção da escola sobre a construção da identidade quilombola**: um estudo de caso. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidad Columbia del Paraguay, Assunção, 2021.

SILVA, Bethânia Cypriano da. **Religião e educação física numa escola quilombola em Itapemirim, Espírito Santo**. 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022.

FALANDO NISSO...



Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo, enfatiza a linguagem como um instrumento de dominação colonial, pois cada idioma reflete uma forma de pensar e de se relacionar com o mundo. A imposição de uma língua estrangeira traz consigo uma cosmovisão que reforça a subordinação do colonizado ao colonizador, uma vez que a linguagem está ligada à construção da identidade e aos processos de subjetivação. No contexto do racismo, expressões linguísticas desempenham um papel crucial na manutenção de estereótipos, refletindo preconceitos que marginalizam e desumanizam grupos racializados.

Por outro lado, o resgate e a valorização das expressões linguísticas de comunidades historicamente oprimidas funcionam como um ato de resistência e afirmação de identidade. Essa valorização enriquece a compreensão das realidades sociais e culturais, tornando a relação entre linguagem e cosmovisão fundamental na luta contra o racismo.

Algumas indicações de textos e artigos que abordam práticas educacionais voltadas para povos e comunidades tradicionais:

Livros e Textos

1.**"Educação Escolar Quilombola no Espírito Santo: avanços e desafios contemporâneos".** Autores:

Aldione Santos Gonçalves, Gustavo Henrique Araújo Forde.

- Descrição: O artigo faz reflexões sobre a educação quilombola no Espírito Santo: onde estão e quantos são os territórios quilombolas no Espírito Santo? Quais os principais avanços e desafios no âmbito da educação escolar quilombola?

2.**"Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas"**. Autora: Ilka Boaventura Leite.

- Descrição: Uma das referências em estudos sobre quilombos no Brasil, Ilka Boaventura discute nesse artigo o conceito de quilombo.

3.SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

- Nesse livro, Nego Bispo, importante liderança quilombola, resgata saberes orais sobre temas como agroecologia, urbanização, alimentação e, ainda, promove o que ele chama "guerra das denominações", questionando expressões e narrativas colonizadoras, propondo o enfraquecimento delas e a ressignificação de palavras que fortaleçam a diversidade de ecossistemas, culturas e saberes.

Líderes do movimento negro e historiadores afro-brasileiros discutem o racismo estrutural a partir da questão agrária, que envolve o direito negados às comunidades negras rurais. Para saber mais, veja o documentário ao lado.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=CNhqvWJjGII

A prática etnográfica na (re)construção social dos/as educandos/as: imersão nos processos organizativos comunitários de um território quilombola como ação didática

Larisa de Albuquerque Silva
Amarilson de Oliveira Candido
Marcel Merlo Mendes

CEIER Boa Esperança
SRE
Nova Venécia

Ao acreditar no exercício antropológico como uma prática educacional que colabora com as experiências interculturais nos contextos de diversidade cultural, na medida que se aproxima sobre as compreensões das dinâmicas da territorialidade pesquisada, é notório o quanto os modos de cultivo, colheita, extração do óleo de dendê bem como a culinária dos quilombolas da localidade, são sinais que permeiam os processos organizativos da vida comunitária e que carregam elementos substanciais no combate às discriminações e preconceitos. No caso da Comunidade Quilombola Santa Luzia, a casa de Dona Laurinha, sobretudo a sua cozinha, é a demarcação diante do enfrentamento às desigualdades econômicas, religiosas e étnico-raciais e a promoção de um estilo de vida não calcado na vertente capitalista, mas sim, em uma dinâmica particular complexa e pautada na ancestralidade africana.

A presente ação didática teve como objetivo central o envolvimento do grupo de educandos(as) da segunda série do Ensino Médio Integrado do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Boa Esperança (CEIER/BE), que está situado no meio rural da região Nordeste do estado do Espírito Santo. A atividade que subsidiou a referida ação foi proporcionada pelo Tema Gerador, cujo tema central foi “Sociedade e Agricultura”.

Ao trazer esse contexto para o universo curricular da SEDU, a presente prática didática atendeu as Orientações Curriculares (ano 2024), no que tange ao componente curricular Sociologia, que, apesar de não ser ofertado para a série dos(as) educandos(as) contemplados pela ação, foi uma forma de retomar o conteúdo do ano anterior e subsidiar as reflexões para os encontros de Projeto de Vida. Ademais, sobretudo pelo fato de apresentar transversalidade com as propostas das Diretrizes Curriculares e Operacionais de Projeto de Vida, a presente prática didática promoveu uma interdisciplinaridade com outros componentes curriculares da base, como Biologia, e com o curso técnico profissional integrado que a unidade escolar oferece. Essa dimensão participativa com abrangência de leituras e de parceria de outras áreas da ciência proporcionou o entendimento sobre os conteúdos curriculares que dialogam entre si e promoveu uma pluralidade de visões reflexivas de análise sobre um só objeto de estudo, na medida em que construiu estudantes autônomos, questionadores e contextualizadores.



Fachada da escola. Fonte: Arquivo Geaciq - 2024t

CEIER Boa Esperança
SRE
Nova Venécia

Tema	Tema Gerador: Sociedade e Agricultura
Componente (s) Curricular(es)	Sociologia, Biologia, Projeto de Vida e Ferramentas de Gestão
Turma(s)/ Série(s)	2ª série do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária
Palavras-chave	Identidade; Territorialidade; Produção do óleo de dendê; Quilombo
Objetos de Conhecimento:	Pesquisa Social; Cultura, diversidade e Multiculturalismo; Formação social e cultural brasileira e capixaba; Patrimônio cultural: material e imaterial; Estratificação e desigualdades sociais, raciais e de gênero; e Democracia, cidadania e direitos humanos; Valorização da Diversidade Étnica e Cultural; Explorar como a eugenia foi usada como base para políticas discriminatórias e como essas ideias ainda persistem; O uso inadequado de interpretações científicas para justificar hierarquias raciais, como o poligenismo e teorias pseudocientíficas, perpetuou a discriminação racial; Gestão de Pessoas e Aspectos Sociais.
Tipo de Atividade:	Projeto soletrando. Fevereiro a Outubro de 2024
Habilidades:	**EM13CHS101SOC/ES:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias sociológicas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, interpretando e analisando conceitos sociológicos acerca de senso comum, conhecimento científico, entendendo a sociedade e seu espaço, analisando o meio urbano e campesino para compreender a segregação social e seus impactos no meio ambiente. **EM13CHS108SOC/ES:** Possibilitar a construção do pensamento sociológico para refletir e transformar a prática social dos estudantes, bem como estudar a dinâmica das mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais do estado do Espírito Santo, incentivando as pesquisas sociológicas e suas implicações interventivas. **EM13CNT305:** Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade. **EM13CNT303:** Interpretar textos de divulgação científica que tratem de temáticas das Ciências da Natureza, disponíveis em diferentes mídias, considerando a apresentação dos dados, tanto na forma de textos como em equações, gráficos e/ou tabelas, a consistência dos argumentos e a coerência das conclusões, visando construir estratégias de seleção de fontes confiáveis de informações. **Ferramentas de Gestão:** Desenvolver entendimento profundo da realidade histórica, social e econômica das comunidades quilombolas, para identificar suas necessidades e desafios específicos. Fortalecimento da capacidade de gestão da comunidade, permitindo maior autonomia e resiliência diante de crises ou mudanças externas. Promover o reconhecimento e a valorização da cultura quilombola nas esferas social, política e econômica, garantindo que o patrimônio cultural seja preservado e respeitado.

Metodologia:

- Método de Pesquisa - Etnografia;
- Visitas de Campo;
- Observação da Organização Quilombola;
- Aplicação do Tema Gerador como Ferramenta Pedagógica;
- Desconstrução de Estigmas e Preconceitos.



Propomos a prática etnográfica como método de pesquisa, com foco na análise das formas de articulação dos quilombolas e seus processos organizativos em torno da produção do óleo de dendê. Os agentes sociais da pesquisa são membros da Comunidade Quilombola Santa Luzia, localidade situada na junção entre os estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia (Brasil).

Foram realizadas quatro visitas entre os meses de Julho e Setembro de 2024 e foi observada pelos educandos durante essas visitas uma ampla rede de conhecimentos sobre saberes agroecológicos ligada à prática da agricultura familiar e à fabricação do azeite de dendê . Ao escolherem uma territorialidade quilombola rural como *locus* de observação e de experimentação, além dos estudantes aplicarem o método etnográfico como um instrumento de pesquisa, foi possível observarem aspectos tais como: a complexidade da organização política e social da Comunidade Quilombola Santa Luzia, a construção de categorias e entendimentos dessa comunidade que reforçam sua identidade étnica e seus pertencimentos em contextos de interação, bem como a percepção de que determinadas recriações são dinâmicas que permeiam todo esse labor.

A dimensão do curso profissional integrado às práticas didáticas ocorre dentro do método de ensino-aprendizagem, promovendo uma conciliação entre as atividades práticas e o Tema Gerador. O Tema Gerador é um importante mecanismo de problematização, pois aponta para “uma realidade que mesmo marcada por opressões e injustiças, continua reivindicando alterações sociais, profundas e imediatas, no campo brasileiro” (BICALHO; SILVA, 2016, p. 137). Essa conciliação é uma ferramenta que possibilita uma extensão entre escola e comunidades, isto é, um diálogo que promove a aproximação dos(as) educandos(as) com suas histórias de vida, seus discursos e seu conhecimento científico. Por fim, o método etnográfico como um instrumento didático no âmbito da educação de nível médio, propiciou não somente a coleta de dados substanciais para uma pesquisa e um modo de escrita, mas também a imersão dos(as) educandos(as) em uma realidade social diferente da sua. Esse movimento resultou em uma ressignificação de seus modos de olhar e de compreender não somente suas vidas, mas as relações sociais que vivenciam e, sobretudo, a necessidade de reverter muitos estigmas e formas discursivas preconceituosas e discriminatórias, que são pautadas por desconhecimentos e alienações.

CEIER Boa Esperança
SRE
Nova Venécia

Problematização:

A presente experiência está alinhada com os contextos educacionais do meio urbano e rural, mediante a necessidade de um direcionamento epistemológico abrangente e crítico, cujos desdobramentos alcancem reversões de estigmas, combatam o racismo e promovam condições analíticas centrais sobre a luta pela terra, principalmente pelas comunidades quilombolas. Nesse caminho conceitual, a educação é entendida como cultura, visto que os conhecimentos, saberes, fazeres, por exemplo, não podem ser entendidos de modo distanciado dos seus contextos sociais, históricos, biográficos, ou seja, deslocados de suas territorialidades.

Diante da diversidade cultural, contexto no qual cada um possui dinâmicas e processos sociais diferenciados, é fundamental reconhecer que toda articulação social é tecida por meio do contato com o "outro" e seus diferentes modos de (re)criações, estratégias, agenciamentos, ações e organizações de seus modos de vida. Ou seja, é na interação com o "diferente" que a identidade e a cultura são reafirmadas, haja vista que, na construção dos signos diacríticos, permeados pelo sentimento de pertença, e no contato com o "outro", são moldadas as fronteiras étnicas (BARTH, 2000).

É nesse direcionamento que mora a centralidade do diálogo intercultural, posto que as culturas precisam da diferença para reforçarem suas identidades, seus modos de vida e seus conhecimentos e, nesse entrelaçamento, a educação funciona como uma engrenagem preciosa para trazer esse debate de modo reflexivo. Os(as) educandos(as), ao ouvir e compreender as histórias de vida dos agentes sociais daquele território, percebem que as memórias e as narrativas refletem contextos históricos e condições sociais além de romperem com discursos do senso comum e estereotipados. Essa prática posiciona os(as) estudantes em um processo de reconstrução de pensamento e de opiniões e forma promotores de engajamento em um discurso de luta em defesa dos Direitos Humanos e da diversidade étnico-racial. Os(as) educandos(as) perceberam-se enquanto jovens pretos e se viram pertencentes à uma identidade étnico-racial que carrega em sua pele uma história de luta, de participação no processo de desenvolvimento do país e, mais, enquanto integrantes de uma jornada de reparação histórica.

Sob o olhar dos agentes sociais quilombolas de Santa Luzia, o ensejo de afirmar a autonomia quilombola durante todo o processo reflete em seus protagonismos diante de uma estrutura de poder e de direitos. A conscientização em torno de suas identidades étnicas enquanto quilombolas, campesinos, produtores rurais e comerciantes se consolida, ampliando o entendimento sobre sua própria territorialidade, sobre suas atividades desde o cultivo até a comercialização de produtos, o que subsidia as análises conceituais e os processos de organização desse lugar em torno da produção agrícola.



Roda de conversa "Contação de Histórias" durante a visita do dia 24 de Agosto de 2024 entre os educandos e os quilombolas. Comunidade Quilombola Santa Luzia, Montanha (ES). Fonte: Amarilson de Oliveira Candido.



Considerações Finais:

É notório o quanto os modos de cultivo, a colheita, a extração do óleo de dendê bem como a culinária dos quilombolas da localidade, são sinais que permeiam os processos organizativos da vida comunitária e que carregam elementos substanciais no combate às discriminações e preconceitos. Na Comunidade Quilombola Santa Luzia, a casa de Dona Laurinha, sobretudo a sua cozinha, é um marco do enfrentamento às desigualdades econômicas, religiosas e étnico-raciais e da promoção de um estilo de vida não calcado na vertente capitalista, mas sim, numa dinâmica particular complexa e pautada na ancestralidade africana. Ao acreditar no exercício antropológico como uma prática educacional que colabora com as experiências interculturais nos contextos de diversidade cultural, na medida em que se aproxima das compreensões das dinâmicas da territorialidade pesquisada, as visitas oportunizaram os educandos a conhecerem uma nova estrutura de territorialidade étnica, bem como, primordialmente, reconhecer a dimensão das lutas pelo direito à terra, pelo direito à autoidentificação enquanto quilombolas e como todos esses campos de reconhecimento reluzem sobre saberes e conhecimentos acerca da produção agrícola na comunidade quilombola Santa Luzia.

Os processos de organização comunitária contemplam traços diacríticos da identidade dos agentes étnicos em um circuito de negociações políticas e de agenciamentos dos modos de cultivo e venda de seus produtos. Nesse âmbito, conhecer essa outra maneira de cosmovisão de vida comunitária, que é bem diferente da realidade dos(as) educandos(as) e não quilombolas, é uma oportunidade para ampliar os olhares de vida e de percepção de o quanto a nossa sociedade é diversa, plural e permeada por relações dinâmicas de alteridade.

Nos momentos das visitas e na rememoração por meio da exposição dos dados e das experiências etnográficas desempenhadas pelos(as) estudantes, é perceptível que seus discursos valorizavam os saberes e fazeres tradicionais dos interlocutores quilombolas, ao qual exploram articulações comunitárias que conheceram, principalmente em torno do cultivo, produção e venda de seus produtos agrícolas.

Por fim, apresentaram, também, um cenário de realidade social em que engajaram sobre uma ressignificação de olhar de mundo dos(as) educandos(as) pesquisadores(as) no âmbito do ensino médio, bem como dos demais da unidade escolar, em que construiu uma cultura de valorização do conhecimento da diversidade cultural de nosso estado.

Referências Bibliográficas:

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2000.

BICALHO, R; SILVA, M. A. **Políticas públicas em educação do campo**: Pronera, Procampo e Pronacampo. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 135-144, 2016.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES – SOCIOLOGIA. Ensino Médio, 1º e 2º Trimestre, 2024. Disponível em: <Inserir um subtítulocurriculo/orientacoescurriculares/#ORIENTA%C3%87%C3%95ES-CURRICULARES-2024>.

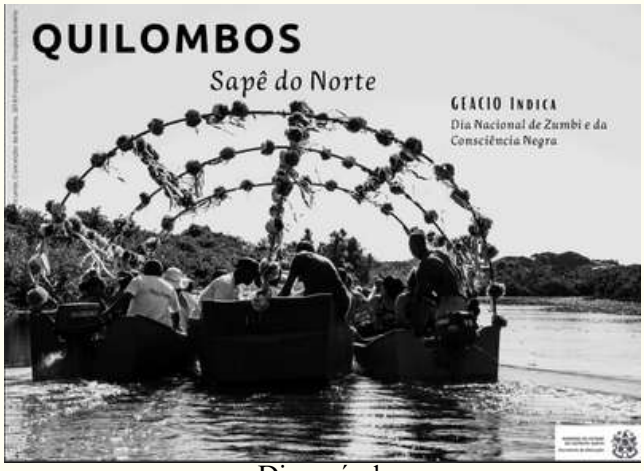
FALANDO NISSO...



A região do Sapê do Norte, localizada em porções que se estendem nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, abriga histórias de luta e resistência por parte de quilombolas que atuaram e ainda permanecem no local. Segundo dados do Koinonia, até a década de 1970, a região acolhia cerca de 100 comunidades quilombolas. Atualmente, são 35 comunidades certificadas que ali residem. O território do Sapê surge durante o regime escravagista na região do Vale do São Mateus, antiga sesmaria de um fazendeiro português, e abriga a memória de heróis negros que lutaram pela liberdade, bem como a de protagonistas contemporâneos que lutam pelo direito de ali permanecerem. Convém ressaltar que a própria terminologia que define a região é parte simbólica dessa história, já que, originalmente, a vegetação que havia em abundância na região, ou seja, o "sapê", sempre voltava a nascer por maiores que fossem as tentativas de retirá-la.

Tal como a vegetação que a denomina, a região, que assistiu ao intenso processo escravagista desde os tempos coloniais, é, então, caracterizada por essa mesma persistência na luta da população negra pela sobrevivência de seus modos de vida. Trata-se, ainda do berço de histórias como a da líder quilombola Zacimba Gaba, comumente rememorada em ações pedagógicas das escolas capixabas e cujo reconhecimento se dá para além do Espírito Santo, e como a de Negro Rugério, que inspirou a resistência dos quilombolas na região e os encorajou a persistir até os dias atuais.

Para saber mais, sugerimos o Geaciq Indica denominado Quilombos: Sapê do Norte. Além da pesquisa de Juliana Romano: RE-LEITURA DA PAISAGEM NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO SOB A ÓTICA DA TEORIA DA PERCEPÇÃO: período entre a chegada do eucalipto e o ano de 2005.



Disponível: https://drive.google.com/drive/folders/160zR2iL7nlgQ8Nsm8k3Zsmlj625pEvGV



Disponível: https://geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/m_juliana.pdf

Meliponicultura

Glauciomar Buss

EEEFM

Frederico Boldt

SRE

Afonso Cláudio

A EEEFM Frederico Boldt está localizada na comunidade Caramuru e recebe, em sua maioria, estudantes do interior da cidade de Santa Maria de Jetibá. A Vila surgiu da ocupação de pomeranos que lidam com a agricultura. Logo, os(as) estudantes são em sua maioria descendentes de pomeranos(as) e, por isso, a organização curricular é contemplada com o componente curricular Língua Pomerana. Este direito é garantido pelas Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, na Resolução CEE-ES nº. 6.596/2022, que assegura às comunidades pomeranas e demais povos e comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, a utilização de suas línguas maternas e dos processos próprios de aprendizagem nas escolas do Campo de Educação Básica

Grande parte dos(as) estudantes são filhos(as) de proprietários rurais, o que faz com que os(as) estudantes tenham forte vínculo com atividades agrícolas e de criação de animais, visto que são práticas comuns em pequenas propriedades de terra nas quais mais da metade da mão de obra é formada por membros de um mesmo grupo familiar. Essas famílias são as responsáveis pela gestão de seus próprios estabelecimentos e, além disso, parte de suas rendas advém das atividades ali desenvolvidas.

Nesse contexto, destacamos a Meliponicultura, visto que as abelhas estão presentes em nosso cotidiano e afetam a nossa vida diariamente. Além de produzirem o mel, elas são responsáveis pela polinização de inúmeros alimentos, como as frutas, os legumes e os grãos, garantindo a segurança alimentar de toda a humanidade. Isso porque o ato de fazer a polinização é essencial não só para alimentar a colmeia, mas para ajudar na fertilização das plantas. Estima-se que 2% das abelhas são responsáveis pela polinização de 80% das culturas do planeta. Desta forma, elas têm um papel crucial para a sobrevivência das espécies do nosso planeta.



EEEFM Frederico Bold. Fonte: Google Maps - 2024t

EEEFM
Frederico Boldt
SRE
Afonso Cláudio

Tema	Meliponicultura
Componente (s) Curricular(es)	Eletiva
Turma(s)/ Série(s)	1° ao 3° série do Ensino Médio
Palavras-chave	Projeto. Preservação; Conhecimento; Abelhas
Objetos de Conhecimento:	Uso de organismos vivos, sistemas biológicos e derivados para desenvolver ou criar produtos ou tecnologias que beneficiam a sociedade; Evolução biológica; Classificação dos Seres Vivos; Ciclo de Vida de uma Espécie: Sequência de estágios que um organismo passa desde o nascimento até a reprodução.
Tipo de Atividade:	Projeto desenvolvido durante o Ano letivo de 2024
Habilidades:	**M13CNT302:** Comunicar, para públicos variados, em diversos contextos, resultados de análises, pesquisas e/ou experimentos, elaborando e/ou interpretando textos, gráficos, tabelas, símbolos, códigos, sistemas de classificação e equações, por meio de diferentes linguagens, mídias, tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), de modo a participar e/ou promover debates em torno de temas científicos e/ou tecnológicos de relevância sociocultural e ambiental. **EF06GE11/ES:** Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo, fazendo uma reflexão sobre como a sociedade se apropriou da natureza na ocupação das áreas, considerando a escala local para a global. **EM13CHS302:** Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais- entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidade.

Metodologia:

- Educação Ambiental;
- Pesquisa;
- Debates;
- Aprofundamento Teórico;
- Aplicação Prática em oficinas;
- Divulgação dos Resultados.



O desenvolvimento do projeto sobre abelhas foi estruturado em diversas etapas que visam integrar teoria e prática, promovendo um aprendizado significativo e contextualizado para os(as) estudantes.

As atividades de pesquisa foram a primeira etapa, na qual os(as) estudantes realizaram buscas em sites confiáveis, investigando informações sobre diferentes espécies de abelhas. Essa atividade não apenas estimulou a curiosidade, mas também permitiu que os(as) estudantes se familiarizassem com o tema de forma autônoma, construindo um conhecimento prévio que seria fundamental para as próximas etapas do projeto.

Em seguida, promovemos debates sobre as espécies conhecidas pelos(as) estudantes, incentivando a troca de experiências e de conhecimentos. Essa abordagem colaborativa favoreceu a construção de um ambiente de aprendizado dinâmico, em que puderam contribuir com suas vivências e informações, enriquecendo a discussão e ampliando a compreensão sobre a diversidade das abelhas.

Para aprofundar a parte teórica, realizamos conversas e apresentações em slides que abordaram a temática das abelhas, destacando sua importância ecológica, suas características e os desafios que enfrentam atualmente. Esse momento foi essencial para consolidar o conhecimento adquirido durante as pesquisas e os debates, proporcionando uma base teórica sólida para os(as) estudantes.

A partir da teoria, passamos para a aplicação prática dos conhecimentos, envolvendo o manejo das espécies de abelhas. Os(as) estudantes tiveram a oportunidade de aplicar o que aprenderam em atividades de campo, nas quais puderam observar e interagir com o ambiente das abelhas de forma segura e consciente.

Uma das atividades práticas foi a oficina de montagem de iscas para a captura de espécies nativas de abelhas. Durante essa oficina, os(as) estudantes aprenderam técnicas de captura e identificação, promovendo uma experiência prática que reforçou o aprendizado teórico e desenvolveu habilidades manuais e de trabalho em equipe.

Para divulgar os resultados da pesquisa na comunidade escolar, foram realizadas diversas ações. Exposições dos trabalhos elaborados pelos(as) estudantes permitiram que eles compartilhassem suas descobertas e aprendizagens com colegas e professores(as). Além disso, a produção de vídeos e folhetos informativos serviu como ferramenta de comunicação para disseminar informações sobre as abelhas e a importância da sua preservação. Esses materiais contribuíram para a conscientização da comunidade escolar, destacando a relevância das abelhas para o meio ambiente e a necessidade de proteção dessas espécies.

Ao final do projeto, os(as) estudantes não apenas ampliaram seus conhecimentos sobre as abelhas, mas também desenvolveram habilidades de pesquisa, debate, trabalho em equipe e comunicação, refletindo a importância de uma educação integrada e contextualizada.

EEEFM
Frederico Boldt
SRE
Afonso Cláudio

Problematização:

A Escola Frederico Boldt, por ser uma escola do Campo, com mais de 90% de estudantes campesinos, tem a responsabilidade de ensinar novas práticas agrícolas que priorizem a preservação ambiental. Observando o interesse dos(as) estudantes em explorar a Meliponicultura como uma alternativa de renda, a escola desenvolveu uma eletiva focada na introdução e no aprofundamento dos conhecimentos necessários para que a criação e a produção de mel se tornem uma realidade nas propriedades rurais de suas famílias.

Essa eletiva destaca a importância das abelhas nativas, concentrando-se nas espécies de abelhas sem ferrão do estado do Espírito Santo, especialmente em Santa Maria de Jetibá. O objetivo é apresentar aos estudantes e à comunidade as espécies nativas, suas características e o potencial que elas oferecem para a produção agrícola e alimentar. Como essas abelhas não possuem ferrão funcional, seu manejo é seguro, tornando-se uma alternativa viável para aumentar a renda dos(as) estudantes em suas propriedades.



Abelhas Uruçu Amarela do meliponário da EEEFM Frederico Boldt

Considerações Finais:



Através do desenvolvimento desse projeto na disciplina eletiva espera-se que a Meliponicultura se torne uma realidade na comunidade e uma futura fonte de renda para as famílias dos(as) nossos(as) estudantes.
A implementação desta prática não apenas proporcionará uma alternativa econômica viável, mas também contribuirá para a preservação da biodiversidade local, promovendo o manejo sustentável das abelhas nativas sem ferrão.

Ao capacitar os(as) estudantes com conhecimentos teóricos e práticos, estamos fomentando a autonomia e a capacidade empreendedora, além de fortalecer a conexão entre a comunidade pomerana e suas tradições agrícolas. Acreditamos que, ao estimular o interesse pela Meliponicultura, estaremos não apenas valorizando a cultura local, mas também criando oportunidades que beneficiarão a todos(as), promovendo uma agricultura mais sustentável e integrada à preservação ambiental.

Referências Bibliográficas:

AEGRO. I**mportância das abelhas na agricultura.** Disponível em: https://blog.aegro.com.br/importancia-das-abelhas-na-agricultura/. Acesso em: 23 julho 2024.

SEBRAE. **Produtos das abelhas**: características, benefícios e por que utilizar. Disponível em: https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/artigos/produtos-das-abelhas-caracteristicas-beneficios-e-porque-utilizar,782724c2f6fb8810VgnVCM1000001b00320aRCRD. Acesso em: 23 julho 2024.

BIOLOGIANET. **Abelhas**. Disponível em: https://www.biologianet.com/biodiversidade/abelhas.htm. Acesso em: 23 julho 2024.

INCAPER. **Apicultura**. Disponível em: https://incaper.es.gov.br/apicultura. Acesso em: 23 julho 2024.

FALANDO NISSO...



Que tal promover o conhecimento sobre abelhas, integrando a língua pomerana ao aprendizado sobre a importância desses insetos para o meio ambiente e a cultura local?

- Comece uma roda de conversa sobre a importância das abelhas (Im) no ecossistema.
- Apresente informações sobre as abelhas meliponídeas (hoinigm), destacando a figura da rainha (imaköinig) e suas funções na colmeia (imnest).
- Peça aos estudantes para realizarem uma entrevista oral relacionada a abelhas com seus familiares ou vizinhos de descendência pomerana. Além disso, peça para os entrevistados relatarem sobre a importância das abelhas para eles.
- No retorno à escola, faça com os educandos uma lista. No quadro de termos em pomeranos, apresente o que eles descobriram nas entrevistas, tais como:

-Abelhas: im - Rainha: imaköinig -Colmeia: imnest -Caixote de abelhas: imakasta
-Abelha-africana: afrikanischim -Abelha-de-cachorro**:** hárbrusuer arapuá,
-Marimbondo-chapéu: nachtim

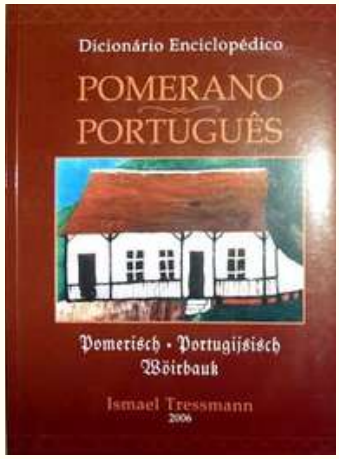
- Depois, faça uma lista relacionada a importância das abelhas para os entrevistados:

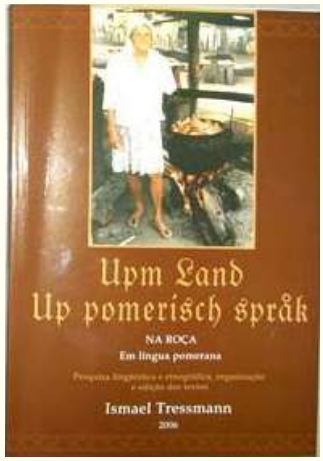
-Mel: Hoinig -Polinizar: Berfrugte -Remédio: Melissijn

A partir das listas criadas, convide os(as) educandos(as) a criar folhetos informativos em pomerano sobre as abelhas e a importância delas, incluindo ilustrações e informações coletadas. Pode ser um momento, a partir das Ciências Naturais, para os estudantes conhecerem produtos feitos com mel, como Própolis. Se existir na região produtores de medicamentos naturais ou de produtos com mel, pode ser uma oportunidade de uma visita técnica e de fomentar uma parceria entre escola e os(as) produtores(as). É importante ressaltar que os pomeranos têm uma rica tradição cultural que valoriza a medicina natural e os remédios caseiros. Muitas práticas de cura utilizadas por essa comunidade são baseadas em conhecimentos ancestrais e na utilização de plantas medicinais.

Ao lado, indicação para o uso das obras de autoria do etnolinguista especializado em línguas indígenas brasileiras e língua pomerana, professor Ismael Tressmann.







O Som que Somos

Angelo de Sousa Zanoni

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

A EEIEFM Aldeia Caieiras Velha foi criada em 2015 por meio da Portaria N° 155-R, de 30 de setembro de 2014, mas seu funcionamento oficial iniciou em 2021 (período pandêmico). Ela compõe a rede estadual de ensino do Espírito Santo e está jurisdicionada à Superintendência Regional de Educação de Linhares e à Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (Geaciq) na Sedu Central. A escola oferta o Ensino Médio regular, além das etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e está em funcionamento nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

Localizada na aldeia Caieiras Velha, território indígena tupinikim, a escola foi criada para atender os dois povos que vivem em Território Indígena (TI) do Espírito Santo: Tupinikim e Guarani. Nas TIs em Aracruz há 12 aldeias: seis do povo Tupinikim, cinco do povo Guarani e uma aldeia mista.

A escola, na perspectiva da modalidade da Educação Escolar Indígena, atende exclusivamente ao público indígena e, ao mesmo tempo em que garante o desenvolvimento das competências e habilidades estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo do Estado do Espírito Santo, também busca promover o diálogo de saberes com a cultura e os conhecimentos indígenas locais no intuito de desenvolver uma educação intercultural indígena (ESPÍRITO SANTO, 2014). Nessa perspectiva, a escola dispõe de uma grade curricular diferenciada em atendimento às comunidades indígenas e às diretrizes estabelecidas para a modalidade da Educação Escolar Indígena em âmbito da educação nacional (Resolução Nº 5, de 22 de junho de 2012).



Fachada da Escola EEIEFM Aldeia Caieiras Velha



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

O projeto "O Som que Somos" surge como uma iniciativa fundamental para fortalecer a identidade cultural indígena dos(as) estudantes da EEIEFM Aldeia Caieiras Velha, por meio do estudo e da confecção do instrumento kasaka. Este instrumento não é apenas um objeto musical, ele representa um elo vital entre as gerações, carregando consigo histórias, tradições e saberes que foram transmitidos ao longo do tempo pelos povos Tupinikim.

Assim, a kasaka tupinikim serviu de ponto de partida para os dialogarmos com os(as) estudantes indígenas, tupinikim e guarani, efetivamente sobre as suas histórias, sobre as memórias enraizadas no processo de ancestralidade e, principalmente, sobre a importância da manutenção e preservação dos seus costumes e tradições.

Integrando saberes tradicionais ao currículo acadêmico, a prática visa aproximar os(as) jovens das raízes culturais e artísticas das comunidades tupinikim, promovendo um espaço de aprendizado ativo que resgata aspectos significativos de heranças. Ao estudar a kasaka, os(as) estudantes têm a oportunidade de explorar não apenas a história do instrumento, mas também o processo de fabricação da kasaka tupinikim, que perpassam pelo explorar tanto os aspectos técnicos e materiais quanto os elementos culturais, históricos e simbólicos associados às suas cosmologias. Essa experiência proporciona uma compreensão mais profunda da relação entre os povos indígenas e os seus ambientes, enfatizando a importância da sustentabilidade e da conservação dos recursos naturais.

Além disso, "O Som que Somos" promove a troca de saberes entre as gerações, reunindo jovens e mestres kasaqueiros que compartilham suas experiências e conhecimentos sobre a confecção e o uso da kasaka em diferentes contextos. Essa interação não só valoriza a sabedoria dos(as) mais velhos(as), mas também permite que os(as) jovens desenvolvam um senso de pertencimento e de responsabilidade em relação às suas culturas. Ao aprenderem diretamente com os guardiões do saber, os(as) estudantes se tornam agentes ativos na preservação de suas tradições, entendendo que são parte de uma continuidade cultural. "O Som que Somos" reafirma a relevância da cultura indígena e destaca a necessidade de espaços educacionais que celebrem e integrem essa diversidade.

Por meio da confecção da kasaka, os(as) estudantes não apenas desenvolvem habilidades práticas e artísticas, mas também constroem uma consciência crítica sobre sua identidade cultural. Aprendem a valorizar suas origens, a respeitar os saberes tradicionais e a reconhecer o valor das expressões culturais de seu povo. Assim, "O Som que Somos" configura-se como uma prática educativa transformadora, que não apenas reforça a identidade cultural dos(as) estudantes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e plural, na qual as vozes indígenas são ouvidas e respeitadas.




Foto da prática. Fonte: arquivo da escola




Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Tema	O Som que Somos
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas e Códigos e Linguagem
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Médio
Palavras-chave	Cultura Indígena; Kasaka; Educação Escolar Indígena
Objetos de Conhecimento:	Aspectos históricos do instrumento kasaka; História e Cultura; A paisagem e o território Questão ambiental Geografia Cultural; Sociologia ambiental
Tipo de Atividade:	Projeto
Habilidades:	Promover a integração dos(as) jovens estudantes com um instrumento que é originário de seu povo indígena; Promover a troca de saberes com pessoas de maior idade detentoras do conhecimento sobre a kasaka e seu entorno; Estimular os(as) jovens a promover a manutenção dos aspectos culturais e artísticos da comunidade indígena na qual vivem.

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Metodologia:

- Trabalho em grupo;
- Aulas de campo com registro de informações e fotografias;
- Produção textual;
- Leitura de materiais variados como livros, revistas, textos sobre as diferentes culturas que formam o nosso povo e suas contribuições;
- Artesanato;
- Materiais de mídia: som, computador, tv, cabo de mídia;
- Materiais fotográficos: celular;
- Materiais de confecção de kasaka: lixa, prego, martelo, facão, lima, formão, canivete, etc.

Considerando os aspectos culturais, sociais e artísticos presentes na comunidade indígena onde a escola se insere, a eletiva "O Som que Somos" propõe o aprofundamento de um estudo teórico e prático sobre o instrumento kasaka, oficializado como primeiro patrimônio imaterial do Espírito Santo. Dessa forma, organizamos nosso momento em dois blocos:

BLOCO I - Pesquisa sobre o instrumento kasaka por meio de exploração de conteúdos vivenciados e trazidos pelos(as) próprios(as) estudantes, através de pesquisa pela internet e, especialmente, por meio de diálogo com mestres kasaqueiros e do congo moradores(as) da comunidade, com objetivo de averiguar a origem, as mudanças e a importância deste instrumento musical, bem como as matérias-primas utilizadas para sua confecção;

BLOCO II - Confecção de kasaka e todo o procedimento que envolve tal produção, isto é, extração da matéria-prima na comunidade através de uma atividade de campo guiada, preparação de materiais e ferramentas e feitura do instrumento.

Pretende-se assim, promover a aproximação dos(as) jovens estudantes com um instrumento que é originário de seu povo indígena, promover a troca de saberes com pessoas de maior idade detentoras do conhecimento sobre a kasaka e seu entorno; estimular os(as) jovens a promover a manutenção dos aspectos culturais e artísticos da comunidade indígena na qual vivem.



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

Problematização:



Esta prática promove uma educação que respeita, valoriza e fortalece a identidade cultural indígena, integrando os(as) estudantes ao universo artístico da kasaka. A kasaka, como instrumento musical tradicional, é um símbolo da rica herança cultural indígena e, ao ser estudada e confeccionada, oferece aos jovens uma oportunidade de se reconectar com suas raízes e compreender a importância de sua tradição. A prática não se limita apenas à habilidade de tocar um instrumento; ela abrange a história, o contexto social e as significações culturais que envolvem a kasaka, proporcionando um aprendizado integral que vai além do acadêmico.

A prática "O Som que Somos" propõe-se a valorizar o instrumento kasaka como um elemento essencial da identidade cultural indígena, favorecendo a conexão dos jovens estudantes com a sua herança. No entanto, ao considerar a importância dessa atividade, surgem várias questões sobre as quais devemos refletir:

Como garantir que o compartilhar de saberes tradicionais ocorra de forma respeitosa e autêntica? A presença de mestres casaqueiros é fundamental para a troca de conhecimentos, mas é preciso questionar como esses saberes são dialogados e se os(as) jovens realmente sentem-se à vontade para expressar suas próprias interpretações e inovações a partir do aprendizado. A atividade pode se transformar em um espaço de valorização mútua, no qual a tradição e a modernidade se encontram, mas isso requer sensibilidade e abertura de ambas as partes.

Qual o papel da escola na preservação e na valorização da cultura indígena? A prática educativa deve ir além da mera transmissão de informações; é crucial que a escola comprometa-se com a promoção de uma educação que respeite e integre as especificidades culturais da comunidade. Como a escola pode ser um agente ativo na luta contra a marginalização das vozes indígenas e garantir que a cultura local seja reconhecida e celebrada no currículo? De que maneira a confecção da kasaka pode ser uma ferramenta de resistência cultural?

O ato de produzir um instrumento musical tradicional não é apenas uma atividade prática, é uma afirmação de identidade e de pertencimento. No entanto, é importante refletir sobre como essa prática pode ser utilizada como uma forma de resistência contra a homogeneização cultural e o apagamento das tradições indígenas em um mundo globalizado.

Como os(as) jovens percebem sua própria identidade cultural ao se envolverem na confecção da kasaka? A prática propõe uma reaproximação dos estudantes com suas raízes, mas é fundamental questionar se essa experiência é realmente transformadora para sua percepção de identidade e pertencimento. Os(as) jovens se sentem conectados à sua cultura e à sua comunidade? Como essa conexão afeta na sua autoestima e no seu papel na sociedade?

Essas questões desafiam educadores(as) e membros(as) da comunidade a repensar o papel da educação na promoção da diversidade cultural e na formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e preservar suas tradições enquanto se inserem e dialogam com outros contextos. A prática "O Som que Somos" é uma oportunidade de reflexão e de ação, um espaço no qual a cultura indígena pode florescer e ser ressignificada.

Considerações Finais:

Ao valorizar o saber dos mestres casaqueiros, a prática garante que as experiências e o conhecimento dos mais velhos sejam ensinados para as novas gerações. Esses compartilhamentos são vitais, pois os mestres não apenas compartilham técnicas de confecção, mas também narram histórias e significados que cercam a kasaka e seu uso nas comunidades. Esse contato direto com a tradição proporciona um espaço de diálogo e de respeito, no qual os jovens podem fazer perguntas, expressar suas curiosidades e, assim, aprofundar seu entendimento sobre a cultura indígena.

Esse envolvimento direto com a cultura ancestral contribui significativamente para o fortalecimento do senso de pertencimento e da autoestima dos(as) jovens. Ao se reconhecerem como parte integrante de uma tradição rica e vibrante, os estudantes desenvolvem uma autoimagem positiva e um orgulho por sua herança cultural. Isso é especialmente relevante em um mundo onde a identidade indígena, por vezes, é marginalizada e/ou estereotipada. A prática "O Som que Somos" ajuda a desmistificar essas representações e a reafirmar a importância das tradições indígenas, capacitando os(as) jovens a se posicionarem como defensores de suas culturas.

Além disso, garantir que as tradições indígenas continuem vivas e presentes nas próximas gerações é um passo crucial para a preservação cultural. A prática não só estimula o interesse dos(as) jovens pela música e pelas tradições de seu povo, mas também os incentiva a serem agentes de mudança dentro de suas comunidades. Isso pode resultar em um ciclo de valorização da cultura, em que os jovens se tornam defensores ativos de suas tradições e promovem iniciativas que celebram e preservam a cultura indígena, assegurando que a riqueza de sua herança seja transmitida adiante.

Agradecemos a participação efetiva dos(as) estudantes, em especial a contribuição dos estudantes Noberty Conceição Lopes e Welton Ramos da Conceição durante a nossa disciplina eletiva. O empenho, a dedicação e o entusiasmo demonstrados por ambos enriqueceram ainda mais nosso aprendizado. Que esse espírito colaborativo continue sempre presente em suas trajetórias.

Referências Bibliográficas:

ATLAS histórico-geográfico do Espírito Santo. Vitória, ES: SEDU/IJSN, 2011. BEZERRA, Sandra Vasconcelos. SEDU, 2009. – (Currículo Básico Escola Estadual) Livro Vila Velha - Onde Começou o Espírito Santo; Jair Santos, Vila Velha, 1999;

SALETTO, Nara. Sobre a Composição Étnica da População Capixaba. Revista Dimensões, vol. 11, 2000, pp. 99-10

LOUREIRO, Klítia. A instalação da empresa Aracruz Celulose S/A e a "moderna" ocupação das terras indígenas Tupiniquim e Guarani Mbya. Revista Ágora, Vitória, n.3, 2006, p. 1-32.

Carvalho, Enaile F. Redes mercantis: a participação do Espírito Santo no complexo econômico colonial (1790–1821). Vitória: Secult, 2010.

Santos, Estilaque Ferreira dos. "Vias de comunicação, conquista territorial e colonização estrangeira no Espírito Santo do século XIX: a gênese do pensamento político capixaba." Revista Dimensões, vol. 17, 2005.

Dean, Warren. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Wied–Neuwied, Maximiliano, Príncipe de. Viagem ao Brasil [1815–1817]. Belo Horizonte: Itatitaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

Moreira, Vânia Maria L. A produção histórica dos "vazios demográficos": guerra e chacinas no vale do rio Doce (1800–1830). Revista Dimensões, n° 9, 1999

Bittencourt, Gabriel. A imigração no Espírito Santo. In: BITTENCOURT, G. e RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (orgs). Espírito Santo um painel da nossa história II. Vitória: Secult, 2012.

Borgo, Ivan; ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga; PACHECO, Renato José Costa. Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e Povoamento (1810–1960). Vitória: Edufes, 1996

FALANDO NISSO...



A pesquisa "**A Etnomatemática presente em artesanatos e adereços produzidos por uma comunidade indígena Guarani do oeste do Paraná**", apresenta uma análise rica e profunda sobre o saber/fazer matemático dos povos originários, com foco nos Guarani da comunidade Tekoha Ocoy. A tese, defendida no Doutorado em Educação para Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Maringá, busca compreender como esses saberes são integrados aos processos culturais e artesanais da comunidade, especialmente na confecção de artesanatos e adereços.



Disponível: http://www.pcm.uem.br/uploads/rhuan-guilherme-tardo-ribeiro_1676662742.pdf

Com uma abordagem etnográfica, o autor investiga como os conhecimentos etnomatemáticos manifestam-se na organização, na representação e no valor dos produtos artesanais, considerando as necessidades socioculturais dos Guarani. A obra se torna uma importante contribuição para a compreensão da diversidade dos sistemas matemáticos, abordando questões de alteridade, respeito e interculturalidade. Ao focar na transmissão de saberes de geração em geração, a pesquisa revela como esses conhecimentos possibilitam a integração dos Guarani na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que fortalecem sua cultura e identidade.

No Espírito Santo, o pesquisador Alexandre Maia Ferreira pesquisa o processo de fabricação da casaca tupinikim como recurso didático para a produção de significados etnomatemáticos na Educação Básica, com artigo publicado.

Outra obra importante sobre o tema é **Matemática e Prática Cultural Indígena**. Ela demonstra com uma série de artigos como o ensino da matemática pode ser significativo ao trabalhar as questões do cotidiano e do território. O livro apresenta capítulos sobre a pesca, a agricultura, a contagem, as moradias, os conhecimentos celestes e artísticos dos indígenas em diálogos com geometria, operações aritméticas, estimativas, unidades de medidas, entre outros conhecimentos escolares da matemática.



Disponível: https://www.google.com.br/books/edition/Matem%C3%A1tica_e_Pr%C3%A1tica_Cultural_Ind%C3%ADgen/ec7SDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PT7&printsec=frontcover

Artes Nato

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Angelo de Sousa Zanoni
Thierris Boloni Bandeira

A EEIEFM Aldeia Caieiras Velha foi instituída em 2015 por meio da Portaria Nº 155-R, de 30 de setembro de 2014, mas iniciou suas atividades oficialmente em 2021, durante o período da pandemia. A unidade integra a rede estadual de ensino do Espírito Santo, estando vinculada à Superintendência Regional de Educação de Linhares e à Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (GEACIQ) na Sedu Central. A escola oferece o Ensino Médio regular, bem como as etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando em três turnos: manhã, tarde e noite.

Localizada na aldeia Caieiras Velha, no território indígena tupinikim, a escola foi criada para atender as populações indígenas que vivem nos Territórios Indígenas (TI) do Espírito Santo, incluindo os povos Tupinikim e Guarani. Os TIs em Aracruz abrangem 12 aldeias: seis pertencentes ao povo Tupinikim, cinco ao povo Guarani e uma aldeia mista.

Sob a perspectiva da Educação Escolar Indígena, a escola atende exclusivamente estudantes indígenas, garantindo o desenvolvimento das competências e das habilidades definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo do Estado do Espírito Santo. Simultaneamente, promove o diálogo entre saberes, valorizando a cultura e os conhecimentos indígenas locais, com o objetivo de construir uma educação intercultural indígena (ESPÍRITO SANTO, 2014). Para isso, a escola conta com uma matriz curricular adaptada às necessidades das comunidades indígenas, alinhada às diretrizes da Educação Escolar Indígena no âmbito nacional (Resolução Nº 5, de 22 de junho de 2012).



Fachada da Escola EEIEFM Aldeia Caieiras Velha


Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

Acesse para assistir um pouco de como foi a eletiva!

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

A eletiva "Artes Nato" representa uma proposta inovadora e transformadora da EEIEFM Aldeia Caieiras Velha, voltada para a valorização e o aprofundamento dos artesanatos confeccionados pelas comunidades indígenas, Guarani e Tupinikim. Por meio dessa prática educacional, buscamos não apenas ensinar habilidades manuais, mas também conectar os jovens estudantes com suas raízes culturais, promovendo um aprendizado significativo que vai além do conteúdo acadêmico tradicional através da confecção de artesanatos, que refletem a identidade e a tradição de seu povo. Assim, "Artes Nato" permite que os(as) estudantes vivenciem as culturas indígenas de maneira prática e interativa.

Cada peça artesanal traz consigo histórias, simbolismos e significados que são fundamentais para a construção da identidade cultural dos(as) jovens. Essa experiência não apenas valoriza o saber/fazer dos mestres artesãos, mas também instiga os(as) estudantes a explorarem suas próprias narrativas culturais, reconhecendo a importância das suas heranças na formação de suas identidades. Ao envolver membros da comunidade indígena como colaboradores(as) e mentores(as) no processo de confecção dos artesanatos, a prática fomenta a troca de saberes entre gerações. Essa interação enriquece o ambiente escolar e fortalece os laços entre a escola e as comunidades indígenas atendidas por ela, criando um espaço onde as tradições são valorizadas e perpetuadas. Ao equipar a escola com materiais e artefatos culturais, não apenas garantimos a preservação das tradições, mas também proporcionamos um espaço no qual as manifestações artísticas podem ser celebradas e valorizadas.

Por fim, a eletiva também aborda a importância da sustentabilidade cultural e ecológica. A prática de resgatar e valorizar os artesanatos contribui para a preservação das técnicas, do saber/fazer, que são ameaçados pela modernização globalizante. Ao incentivar a produção artesanal local, "Artes Nato" reafirma a importância de um uso ecológico sustentável, uma vez que grande parte dos materiais utilizados para fabricação de brincos, colares, pulseiras, arcos e flechas, tanga e bustiê são extraídos dentro da comunidade. Dessa forma, os(as) estudantes compreendem de forma prática a importância de preservação do meio ecológico para a manutenção das práticas culturais e artísticas.

Em resumo, a eletiva "Artes Nato" representa uma rica oportunidade para que os(as) jovens estudantes da EEIEFM Aldeia Caieiras Velha reconectem-se com suas raízes culturais, fortaleçam laços com a comunidade e contribuam para a preservação de suas identidades. Através dessa prática educacional, buscamos não apenas formar indivíduos mais conscientes de suas origens, mas também cidadãos comprometidos com a valorização e a continuidade de suas tradições culturais.




Foto da prática. Fonte: arquivo da escola




Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Tema	Artes Nato
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas e Códigos e Linguagem
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Médio
Palavras-chave	Cultura Indígena; Artesanato; Prática Cultural
Objetos de Conhecimento:	Aspectos históricos dos artesanatos nas aldeias ; História e Cultura; A paisagem e o território; Questão ambiental; Geografia Cultural; Sociologia ambiental
Tipo de Atividade:	Projeto
Habilidades:	Promover a integração entre os(as) jovens estudantes e o artesanato que é originário de seus povos; Compreender a importância do uso ecológico sustentável para a manutenção das práticas culturais e artísticas dos povos indígenas; Promover o compartilhamento de saberes dos mestres guardiões, detentores do conhecimento sobre os artesanatos e seu entorno, com os mais jovens; Estimular os(as) jovens a empreender a manutenção dos aspectos culturais e artísticos da comunidade indígena na qual vivem.

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Metodologia:

- Trabalho em grupo;
- Aulas de campo com registro de informações e fotografias;
- Produção textual;
- Leitura de materiais variados como livros, revistas, textos sobre as diferentes culturas que formam o nosso povo e suas contribuições;
- Artesanatos Guarani e Tupinikim;
- Materiais de mídia: som, computador, tv, cabo de mídia;
- Materiais fotográficos: celular;
- Materiais de confecção: lixa, prego, martelo, facão, lima, formão, canivete, trena, taboa, madeira.

Considerando os aspectos culturais, sociais e artísticos presentes nas comunidades indígenas atendidas pela EEIEFM Aldeia Caieiras Velha, a eletiva "ARTES NATO" propõe o aprofundamento sobre os principais artesanatos confeccionados nas aldeias. Dessa forma, organizamos nosso momento da seguinte forma:

- Identificação de estudantes que praticam a confecção de artesanatos, quais artesanatos e com quem aprendeu;
- Distinção de quais foram os materiais mais utilizados pelas duas etnias para a confecção do seu artesanato;
- Definição dos artesanatos que serão confeccionados;
- Convite a pessoas da comunidade indicada pelos(as) estudantes para auxiliá-los na confecção dos artesanatos;
- Extração e colheita das matérias-primas;
- Confecção dos artesanatos.

Soma-se a esta justificativa a intenção de equipar a escola com materiais e artefatos culturais para uso em momentos apropriados, como apresentações e gincanas culturais, jogos indígenas e mostra dos artesanatos para visitantes.

A eletiva também promove o diálogo entre os(as) estudantes e as comunidades do entorno, que ajudam no processo de desenvolvimento da disciplina.



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

EEIEFM Aldeia Caieiras Velha
SRE Linhares

Problematização:

A prática "Artes Nato", voltada para a valorização e o aprendizado de artesanatos indígenas, levanta questões essenciais sobre a relação entre educação, cultura e identidade. Ao considerar os aspectos culturais, sociais e artísticos presentes nas comunidades indígenas atendidas pela EEIEFM Aldeia Caieiras Velha, é fundamental refletir sobre os seguintes pontos:

- Como a escola pode integrar, de maneira efetiva, o conhecimento tradicional, frequentemente considerado como não acadêmico, ao currículo formal? A prática "Artes Nato" propõe uma abordagem que questiona os limites do que é ensinado nas escolas e como o saber dos(as) mestres(as) artesãos pode ser legitimado e respeitado dentro do ambiente escolar.
- De que forma o contato direto com os artesanatos e os(as) mestres(as) artesãos podem impactar as identidades culturais dos(as) jovens estudantes? A prática busca fortalecer a autoestima e o pertencimento, mas é necessário investigar se esse processo realmente se concretiza e quais são os desafios enfrentados por jovens que, por vezes, veem a escola distante de suas tradições.
- Como garantir que essas práticas sejam realizadas de forma responsável, promovendo a conservação dos recursos naturais e evitando a exploração excessiva? A extração e a coleta de materiais para a confecção dos artesanatos levantam questões sobre sustentabilidade e respeito ao meio ambiente.
- Quais são os desafios e as oportunidades que surgem nessa interação? Como garantir que esse compartilhar de conhecimentos ocorra de forma respeitosa e eficaz, considerando as mudanças sociais e culturais que afetam as comunidades? A prática de envolver indígenas mais velhos(as), guardiões do conhecimento sobre artesanato indígena, promove o compartilhar de saberes de forma interligada à comunidade.
- Como evitar que essa prática se torne uma mera atividade estética, sem um engajamento profundo com as realidades e necessidades das comunidades indígenas envolvidas? A proposta de equipar a escola com materiais e artefatos culturais e promover o diálogo entre os(as) estudantes e as comunidades destaca a importância da educação contextualizada.
- Como a escola pode se posicionar como um espaço de resistência e promoção da cultura indígena, contribuindo para a afirmação dos direitos e do reconhecimento das tradições de seus povos? A prática "Artes Nato" também se insere em uma discussão mais ampla sobre os direitos culturais dos povos indígenas.

Essas problematizações visam instigar um debate crítico e reflexivo sobre a prática "Artes Nato", promovendo um espaço de aprendizado significativo e transformador que respeite e valorize a riqueza cultural dos povos indígenas.



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola



Foto da prática. Fonte: arquivo da escola

Considerações Finais:

A prática "Artes Nato" vai além da simples valorização dos saberes ancestrais e das técnicas de artesanato, ela atua como um poderoso meio de promoção da autoestima e do senso de pertencimento entre os jovens estudantes. Ao se envolverem ativamente no processo de criação artesanal, os alunos não apenas desenvolvem habilidades manuais, mas também se conectam profundamente com suas raízes culturais e históricas, reforçando a importância de sua identidade indígena. Essa relação íntima com a cultura de seus antepassados contribui para o fortalecimento de sua autoconfiança e de seu orgulho, essenciais para o desenvolvimento integral dos(as) jovens.

A interação com mestres(as) artesãos e membros da comunidade ao redor é fundamental nesse processo, pois cria um ambiente de respeito mútuo e de valorização cultural. Nesse espaço de aprendizado, os(as) estudantes têm a oportunidade de ouvir histórias, aprender técnicas tradicionais e entender o significado dos artesanatos, promovendo um intercâmbio de saberes que enriquece não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a formação pessoal e social dos(as) jovens guarani e tupinikim.

Além disso, "Artes Nato" se compromete a integrar esses conhecimentos no cotidiano escolar, e, ao fazer isso, garantimos que a cultura indígena não seja apenas uma parte da história, mas uma vivência ativa e presente nas experiências diárias dos estudantes. Essa abordagem pedagógica visa cultivar um ambiente onde as culturas indígenas são celebradas e respeitadas, permitindo que as tradições se mantenham vivas e relevantes para as novas gerações.

Com essa proposta, "Artes Nato" transforma-se em um importante espaço de aprendizagem, diálogo e resistência cultural. Com ela, os(as) estudantes se tornam defensores(as) de sua cultura, contribuindo para a continuidade das tradições e a promoção da diversidade cultural em um contexto escolar inclusivo e representativo.

Referências Bibliográficas:

ATLAS histórico-geográfico do Espírito Santo. Vitória, ES: SEDU/IJSN, 2011. BEZERRA, Sandra Vasconcelos. SEDU, 2009. – (Currículo Básico Escola Estadual) Livro Vila Velha - Onde Começou o Espírito Santo; Jair Santos, Vila Velha, 1999;

SALETTO, Nara. Sobre a Composição Étnica da População Capixaba. Revista Dimensões, vol. 11, 2000, pp. 99-10

LOUREIRO, Klítia. A instalação da empresa Aracruz Celulose S/A e a "moderna" ocupação das terras indígenas Tupiniquim e Guarani Mbya. Revista Ágora, Vitória, n.3, 2006, p. 1-32.

Borgo, Ivan; ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga; PACHECO, Renato José Costa. Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e Povoamento (1810–1960). Vitória: Edufes, 1996.

Carvalho, Enaile F. Redes mercantis: a participação do Espírito Santo no complexo econômico colonial (1790–1821). Vitória: Secult, 2010.

Santos, Estilaque Ferreira dos. "Vias de comunicação, conquista territorial e colonização estrangeira no Espírito Santo do século XIX: a gênese do pensamento político capixaba." Revista Dimensões, vol. 17, 2005.

Dean, Warren. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Wied–Neuwied, Maximiliano, Príncipe de. Viagem ao Brasil [1815–1817]. Belo Horizonte: Itatitaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

Moreira, Vânia Maria L. A produção histórica dos "vazios demográficos": guerra e chacinas no vale do rio Doce (1800–1830). Revista Dimensões, n° 9, 1999

Bittencourt, Gabriel. A imigração no Espírito Santo. In: BITTENCOURT, G. e RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (orgs). Espírito Santo um painel da nossa história II. Vitória: Secult, 2012.

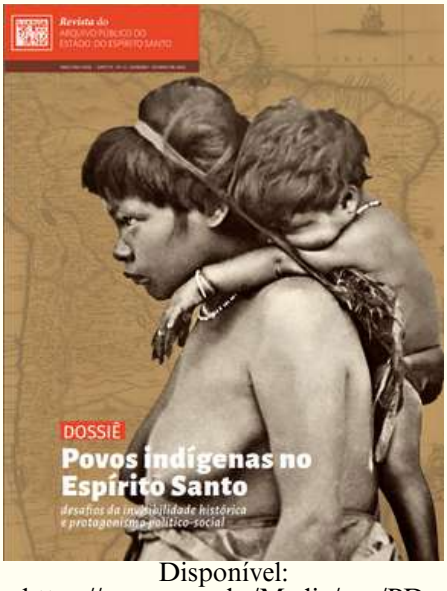
Bittencourt, Gabriel. História Geral e Econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril-portuário. Vitória: Multiplicidade, 2006.

Borgo, Ivan; ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga; PACHECO, Renato José Costa. Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e Povoamento (1810–1960). Vitória: Edufes, 1996.

FALANDO NISSO...



Indicamos o dossiê da revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo que aborda o tema **"Povos indígenas no Espírito Santo: desafios da invisibilidade histórica e protagonismo político-social"**. O objetivo é destacar a importância da presença e da contribuição dos povos indígenas na formação da identidade capixaba e brasileira, resgatando uma história frequentemente apagada das narrativas oficiais. Ao longo dos séculos, os povos indígenas sofreram com a invisibilização, o que perpetuou estereótipos e preconceitos que ainda prejudicam sua inserção na sociedade. A edição reúne artigos que discutem temas como a história dos povos Tupiniquim e Guarani no Espírito Santo, as lutas pela demarcação de terras e a presença indígena na literatura capixaba.



Disponível: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_11_ISSN2763535X.pdf

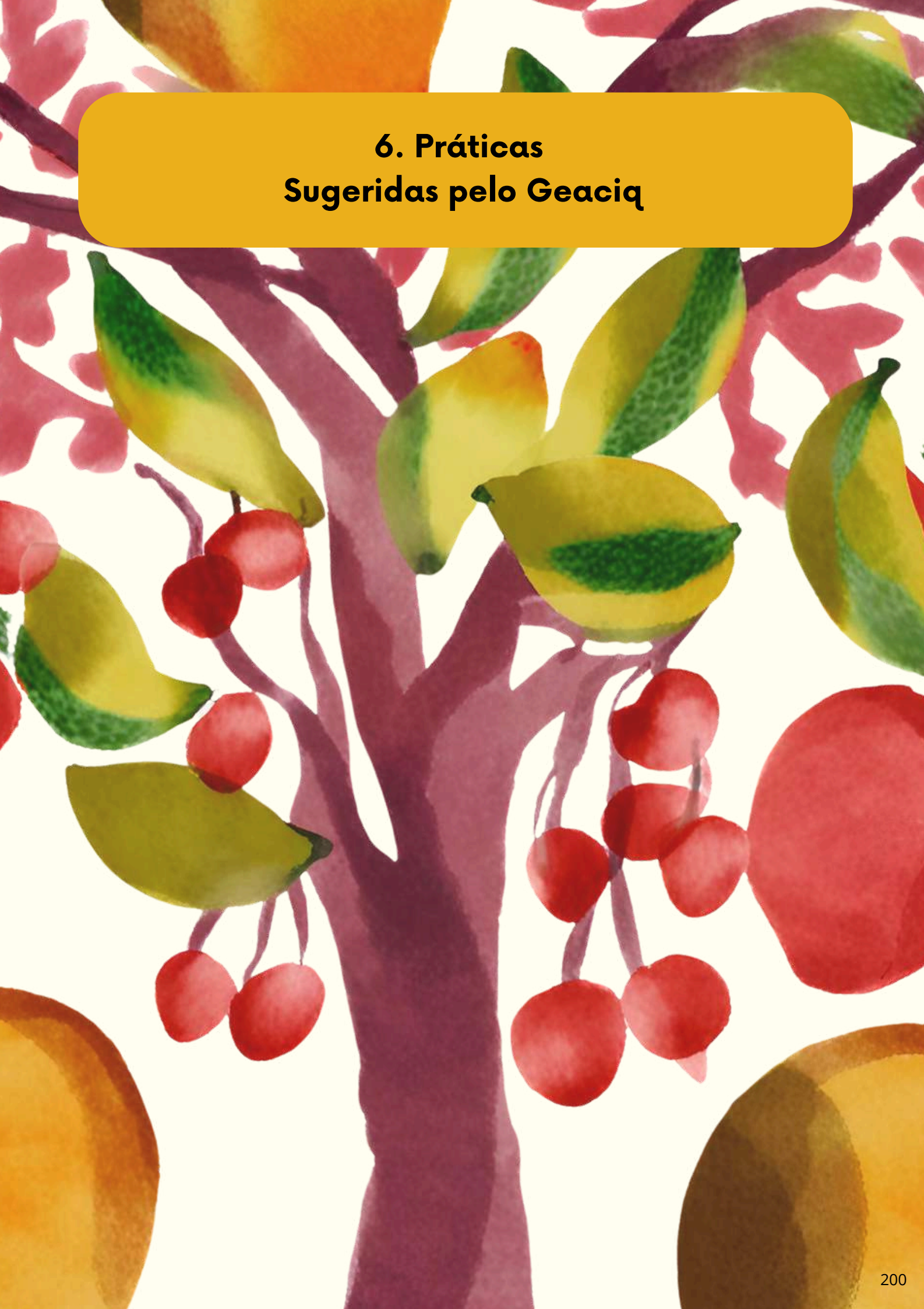
O dossiê também foca no protagonismo político e social dos povos indígenas, mostrando como esses grupos têm lutado por seus direitos, organizando-se em movimentos sociais e estabelecendo parcerias com outras organizações nacionais e internacionais. Apesar de avanços nos últimos anos, a invisibilidade histórica dos indígenas ainda persiste, especialmente no Espírito Santo, o que torna necessária uma valorização contínua de suas culturas e direitos. A publicação reforça a importância de superar a invisibilidade histórica dos povos indígenas e construir uma sociedade mais justa e igualitária, por meio do reconhecimento e respeito à diversidade cultural.

Sugerimos também o vídeo de Ailton Krenak sobre botocudos a partir do norte do Rio Doce. Ele ressalta documentos históricos do período colonial que definiam o extermínio dos botocudos e fala sobre a devastação da Mata Atlântica devido a lógica eurocêntrica.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=LZfuv-wFCtg

6. Práticas Sugeridas pelo Geaciq



6. 1 Práticas Sugeridas pela Geaciq



Os frutos que colhemos na construção deste Caderno de Práticas da Educação do Campo carregam sementes para novas plantações e colheitas. A GEACIQ (Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola), criada em 14 de julho de 2014 pelo Decreto nº 3.616-R, reafirma seu compromisso com o reconhecimento das especificidades que devem ser contempladas na formulação e na implementação de políticas e de ações educativas que respeitam as particularidades e os saberes dos territórios atendidos.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas desempenham um papel central na construção de uma educação significativa e transformadora, especialmente no que diz respeito à Educação do Campo, uma vez que estabelecem conexão entre o conhecimento escolar e as realidades vividas pelos(as) estudantes, reconhecendo suas experiências, saberes tradicionais e o contexto sociocultural em que estão inseridos. Na Educação do Campo, na qual o vínculo com o território, com a cultura local e com as práticas comunitárias são aspectos essenciais, a pedagogia deve ser pensada de forma a valorizar essas especificidades e permitir que o processo de ensino-aprendizagem faça sentido para os(as) estudantes e suas famílias.

A importância dessas práticas pedagógicas reside, primeiramente, em sua capacidade de tornar o ensino relevante para a vida cotidiana. Ao integrar o conhecimento científico com os saberes locais, os(as) professores(as) possibilitam que os(as) estudantes compreendam melhor sua realidade e, ao mesmo tempo, desenvolvam um olhar crítico sobre ela. Esse aspecto é vital no Campo, onde muitas vezes as práticas agrícolas, a preservação ambiental e os modos de vida comunitários estão em risco diante das pressões do agronegócio e de modelos hegemônicos de desenvolvimento. Nesse sentido, as práticas pedagógicas podem contribuir para a valorização e a manutenção das tradições camponesas, ao mesmo tempo em que introduzem inovações que respeitem o meio ambiente e promovam a sustentabilidade.

Além disso, as práticas pedagógicas na Educação do Campo promovem autonomia e emancipação dos sujeitos por meio de metodologias que valorizam o diálogo, a reflexão e a participação ativa dos(as) estudantes. Os(as) professores(as) atuam como mediadores(as) de um processo educacional que visa não apenas a transmissão de conteúdos, mas a formação crítica e cidadã. Inspiradas em educadores como Paulo Freire, essas práticas formam sujeitos críticos, fortalecendo o protagonismo dos(as) estudantes camponeses em sua luta pela permanência no Campo, pela defesa da terra e por condições de vida mais dignas.

Essa abordagem amplia as possibilidades de aprendizagem, tornando o processo educativo mais dinâmico e conectado à realidade, fortalecendo os laços entre escola e comunidade por meio de práticas coletivas, como projetos comunitários e atividades de campo.

Em suma, a importância das práticas pedagógicas na Educação do Campo está em sua capacidade de transformar a escola em um espaço de resistência, diálogo e emancipação. Elas promovem uma educação que não apenas respeita as especificidades dos sujeitos do Campo, mas também os prepara para enfrentar os desafios sociais, econômicos, políticos e ambientais que cercam suas vidas, fortalecendo a luta pela justiça social e pela valorização dos saberes e modos de vida camponeses.



Forhexa (Enfeitiçar, Embruxar):
Reencantando mundos através das mulheres pomeranas

Jorcy Foerst Jacob
Liliane Tesch

SEDU
GEACIQ

Todos temos um dever de amor a cumprir, uma história a fazer nascer
uma meta a alcançar.
Não escolhemos o momento para vir ao mundo:
Agora podemos fazer o mundo
em que nascerá e crescerá
a semente que trouxemos conosco.

Gioconda Belli

O livro Malleus Maleficarum foi lançado em 1487 no contexto da Reforma Religiosa. Durante os dois séculos que se seguiram, foi o segundo escrito mais vendido, ficando atrás apenas da Bíblia. Esta obra é um tratado de criminologia, que ensina técnicas de torturas para obter confissões de heresias relacionadas a feitiçarias. Após a publicação, autoridades católicas e protestantes passaram a usá-lo na Inquisição para acusações de bruxaria, perseguindo e assassinando milhares de mulheres, principalmente queimando-as nas fogueiras. Segundo Silvia Federici (2019), este extermínio e controle sistemático sobre o corpo feminino, que foi desmesurado nos séculos XVI e XVII, tem relação com a formação do mundo capitalista. Há uma relação direta entre vários casos de caça às bruxas e o processo dos "cercamentos" das terras de origem feudais, como demonstram a composição social dos grupos acusados, com uma caracterização comum da bruxa, como mulher pobre, idosa, sozinha e que dependia dessas áreas agrícolas comunais. Há também muitas acusadas por transgressões sexuais e crimes reprodutivos (como cometer infanticídio e causar impotência masculina) por terem alguma importância na comunidade ou por serem curandeiras tradicionais e parteiras.

> Na figura da bruxa as autoridades puniam, ao mesmo tempo, a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social, a propagação de crenças mágicas, que pressupunham a presença de poderes que não podiam controlar, e o desvio da norma sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual e a procriação sob domínio do Estado. [...] Nesse sentido, temos de pensar nos cercamentos como um fenômeno mais amplo que a simples separação da terra por cercas. Devemos pensar em um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza (Federici, 2019, p. 53 e 55).

As mulheres descendentes de pomeranos também foram cerceadas em seus conhecimento pela sociedade patriarcal, representada na figura do pastor, do pai ou do marido. Fugindo da pobreza e das guerras de unificação da Alemanha, os imigrantes pomeranos chegaram ao Espírito Santo no período entre 1859 a 1879, constituindo a parte principal dos protestantes no estado. A única religião aceita no Brasil durante o império era a Católica. Desse modo, as mulheres, como principais transmissoras da cultura pomerana, tiveram que reinventar suas crenças religiosas e modos de falar pomerano, saberes de cura e de se relacionar com a natureza ao educar seus(suas) filhos(as). Com a República, a liberdade de culto foi permitida. Desse modo, as instituições luteranas puderam ser constituídas no país, com a construção dos templos e a vinda de pastores da Alemanha. Conforme Rölke (2019, p. 370) "em 1897, o primeiro pastor pôde iniciar as suas atividades no Brasil". No Espírito Santo, no ano de 1904, muitos destes pastores, que pregavam em alemão, vão deslegitimar a língua pomerana e as crenças e conhecimentos dessas mulheres.

Assim, a esfera religiosa institucionalizada entrou em conflito com as práticas mágicas, principalmente representada pelas benzedeiras, curandeiras e parteiras. Bahia (2011, p.132) afirma que: “Simpatias, benzeções e acusações de bruxaria povoam o imaginário dos pomeranos e sua relação com o mundo, especialmente a partir da reinterpretação dos símbolos religiosos e étnicos apreendidos na sua socialização no interior da Igreja Luterana”. Dessa maneira, estas práticas das mulheres foram transformadas em feitiçaria e demonizadas pelos pastores.

A língua pomerana, ensinada pela matriarcas da família, também passou a ser reprimida, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, pois os descendentes de pomeranos eram confundidos com alemães nazistas. Houve a partir de 1938, na Era Vargas, a determinação da nacionalização do ensino, por isso escolas comunitárias luteranas foram fechadas ou obrigadas apenas a ensinar na Língua Portuguesa.

Percebemos assim que as mulheres pomeranas foram silenciadas de diversas formas, como sujeitos de saberes, e ofuscadas em suas trajetórias pelos cuidados com a família, não podendo estudar e nem receber heranças (*ärbschaft*). Por conseguinte, além da violência patrimonial, muitas sofreram violências físicas e psicológicas, advindas do machismo e dos altos índices de alcoolismo entre os homens pomeranos (Siller et al, 2019).

Desta forma, questionar o sistema capitalista e a maneira como a função reprodutiva, o trabalho doméstico e os cuidados são entendidos é um dever das escolas do Campo ao tratar as questões de desigualdade, violências de gênero e movimentos feministas. Por isso, neste projeto, propomos resgatar a importância das mulheres camponesas pomeranas, as primeiras guardiãs da cultura pomerana. Através da pesquisa oral, intentamos valorizar as mulheres que tem conhecimentos sobre língua, ritos, curas, ervas medicinais, agroecologia, benzeduras, entre outros importantes saberes para a identidade deste povo tradicional. Assim sendo, pretende-se evidenciar a cultura camponesa e pomerana construída a partir das vivências e das experiências de mulheres do Campo e a luta dos movimentos dos quais fazem parte, ressaltando que constroem formas de viver na sociedade que priorizam a sustentabilidade e a ética do cuidado com todos os seres.

> Quando sistematizamos as experiências de agroecologia, percebemos que são protagonizadas por mulheres, que na maioria das vezes, as iniciativas para a conversão de produções convencionais ao modelo agroecológico vêm delas, a partir de uma preocupação com a alimentação da família. Nesse papel de gênero que fica a cargo das mulheres, a alimentação, fica a preocupação com os alimentos, com o que os filhos comem, com o meio ambiente, com os cuidados gerais e a saúde. Inicia-se com uma hortinha, às vezes a hortinha começa a dar bons lucros, e outras expectativas. Elas começam a dominar as técnicas e as tecnologias de produção orgânica, os vizinhos passam a comprar pelos mesmos motivos, a partir dali elas entram em uma rede de comercialização. Quando isso funciona os maridos veem a possibilidade de conseguir vender os produtos agroecológicos, e convertem toda a propriedade, assim percebemos que em geral as iniciativas vêm delas. Acreditamos que sem feminismo não há agroecologia, pensamos no feminismo também em relação à maneira como se olha o trabalho, sem valorizar o trabalho das mulheres do campo, seja produtivo ou reprodutivo, não desenvolveremos o respeito que os é de direito. (TESCH; MORETO, 2022, p. 60).

SEDU
GEACIQ

Tema	TI 16 /ES. Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade; TI 17 /ES. Povos e Comunidades Tradicionais.
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Ensino Religioso, Língua Pomerana, Ciências Agropecuária e Ciências da Natureza.
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Ensino Médio
Palavras-chave	Cultura Pomerana; Ensino Bilíngue; Mulheres.
Objetos de Conhecimento:	Formação do território Capixaba; Formação do mundo capitalista; Reforma Religiosa e Inquisição; Imigração europeia e formação da população brasileira; Identidades e diversidades religiosas capixabas; Questões de desigualdade de gênero; Movimentos camponeses e de mulheres; Hortas Medicinais e Agroecológicas.
Tipo de Atividade:	Projeto Mulheres Pomeranas
Habilidades:	**EF02CI04:** Descrever características de plantas e animais (tamanho, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem. **EF07HI10/ES:** Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial, evidenciando o papel das mulheres, hierarquizado conforme sua origem étnica, no projeto colonizador **EF09HI08/ES:** Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil e no Espírito Santo durante o século XX e início do século XXI e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema, através de lutas e mobilizações sociais, tais como o movimento feminista e as reinvindicações que se materializam em políticas públicas e marcos legal (combate a violência, acesso à educação, mercado de trabalho). **EF07ER02:** Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos, anseios pessoais e familiares e morte) **EM13CHS201GEO/ES:** Analisar e caracterizar as dinâmicas migratórias e demográficas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. **EM13CHS210GEO/ES:** Localizar e desenvolver hipóteses a respeito dos conflitos e as dicotomias territoriais e socioambientais (rural e urbano, povos tradicionais e desenvolvimento econômico) no Brasil e no Espírito Santo. **M13CHS503HISb/ES:** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), sobretudo em relação a grupos minoritários (povos indígenas, afrodescendentes, camponeses, mulheres), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. **EM13CNT307**: Analisar as propriedades dos materiais para avaliar a adequação de seu uso em diferentes aplicações e/ ou propor soluções seguras e sustentáveis considerando seu contexto local e cotidiano.

Metodologia:

- Contextualização do conhecimento: Levantamentos bibliográficos e aulas dialogadas sobre os objetos de conhecimento;
- História oral para resgatar relatos e experiências das mulheres pomeranas idosas da comunidade;
- Documentação e Divulgação: Produção de vídeos; Produção de livretos bilíngues;
- Oficinas com as Mestras dos Saberes;
- Criação de uma Horta Medicinal Escolar;
- Estudo e Pesquisa Científica sobre as plantas cultivadas.



Para iniciar a prática, é necessário contextualizar os objetos de conhecimentos nas aulas, conforme o currículo previsto para cada série, e de forma interdisciplinar, fazer um levantamento bibliográfico e lexical sobre a questão das mulheres pomeranas, desde sua origem enquanto wendes (sórbios) até a imigração para o Brasil, com a reinterpretação de saberes a partir das vivências no Espírito Santo, tais como simpatias e encantos, práticas fitoterápicas, produção do *brote,* os ritos do casamento, de batismo, a arquitetura das casas, entre outros (Jacob, 2010).

Em seguida, este levantamento histórico-cultural deve continuar através de entrevistas com moradoras mais idosas para coletar relatos sobre a história da imigração pomerana, seus desafios e adaptações ao Brasil. A metodologia da história oral, para Thompson (2002, p. 44):

> Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

No caso das mulheres, houve na historiografia uma invisibilização das suas contribuições e experiências, devido à marginalização sob a qual é vista nos espaços de poder e a falta de registros. Nesse sentido, a história oral "devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também, a caminhar para um futuro construído por elas mesmas (THOMPSON, 2002, p. 337). Por isso, a importância de documentar as entrevistas também em vídeos e a produção de livretos bilíngues com os conhecimentos tradicionais resgatados para apresentar a toda comunidade escolar. No âmbito desta prática educacional, também é interessante convidar as mestras dos saberes para oficinas, principalmente para que transmitam seus conhecimentos sobre o plantio agroecológico de ervas medicinais, a homeopatia, a alimentação saudável, entre outros.

A partir desta pesquisa, os(as) estudantes podem plantar uma horta medicinal na escola e fazer um estudo botânico e de rastreabilidade de espécies vegetais de interesse medicinal a fim de favorecer o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e de fitoterápicos, fomentando o uso sustentável da biodiversidade. Para o planejamento da horta, recomendamos o guia do Ministério da Saúde, Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e Nosso Caderno de Plantas Medicinais. Também é desejável estimular a elaboração de Livros digitais por meio do uso de plataformas gratuitas para criação, edição e publicação de livretos eletrônicos, tendo como objetivo a divulgação das pesquisas propostas por essa prática educacional.

Problematização:

Uma prática educacional que atenda às necessidades das comunidades pomeranas deve ser pensada dentro do contexto da Educação do Campo, considerando a realidade sociocultural dos(as) estudantes dessas comunidades, como o fato de muitos deles terem a língua pomerana como língua materna. Por isso, além dos desafios de conciliar a vida campesina com os estudos, advindos muitas vezes da ideologia urbanocêntrica dos currículos, há dificuldades com a língua portuguesa, o que leva a serem ainda mais subjugados com estereótipos como o do personagem "Jeca Tatu" e lidos como como atrasados, rústicos e ignorantes, sendo que seus sotaques e pronúncias tem mais haver com a origem da sua língua materna do que com questões da ruralidade.

Nesse sentido, é fundamental que as escolas que atendem à comunidade pomerana reafirmem o direito ao ensino intercultural e bilíngue em uma perspectiva interdisciplinar, não apenas nas aulas do componente curricular da Língua Pomerana. Dentro de uma perspectiva da globalização, os(as) estudantes precisam entender que falar mais de uma língua é uma vantagem, pois permite o contato com culturas diversas e pode facilitar a aprendizagem do inglês e do alemão, por exemplo, ao mesmo tempo em que falar a língua materna colabora para o fortalecimento da identidade local e as conexões com a ancestralidade.

Dessa forma, a problematização da prática educacional sobre comunidades pomeranas visa sensibilizar os(as) estudantes para as tensões entre tradição e modernidade, entre a preservação cultural e os impactos das transformações sociais no Campo, incentivando-os(as) a refletirem sobre o seu papel na valorização e na continuidade da herança cultural pomerana. Além disso, para que identifiquem soluções e alternativas que fortaleçam a cultura de suas comunidades, tais como a valorização dos saberes locais das mulheres pomeranas e a superação de costumes que promovem a desigualdade de gênero, como a tradição em que a terra/*land* é um bem herdado apenas pelos homens.

As mulheres precisam ser valorizadas como as principais perpetuadoras das tradições agroecológicas e da cultura pomerana, inclusive da língua. Nas famílias em que a mãe é falante de pomerano, ocorre maior possibilidade de aprendizagem da língua materna e demais costumes, como os atos de benzedeira e de plantio ético e sustentável.

Conforme Joana Bahia (2015), os atributos mágicos que marcam cada momento do desenvolvimento dos descendentes de pomerano constituem parte da tradição oral transmitida de geração em geração pelas mulheres da família. Trabalho, comércio e cotidiano são os temas preferidos dos homens. Cuidado com as crianças e a religião, por sua vez, são considerados como assuntos de mulher. A transmissão do saber mágico das mulheres é mais do que uma transmissão de técnicas, pois envolve valores, construção de papéis e manutenção das identidades étnica e social, ou seja, identidade pomerana e camponesa. Neste sentido, nos ritos de passagem que marcam a transformação da criança em adulto, na cultura pomerana, é a mãe a principal responsável por essas tradições. A circularidade dos homens em mercados locais e nacionais o fizeram adotar com mais facilidade a língua portuguesa e os modos de produção agroexportadores. Por isso, as pomeranas, enquanto guardiãs da cultura, são importantes para o grupo repensar a sua reprodução étnica e social ligada à sustentação da mãe natureza.

Assim, a cultura pomerana sob o olhar das mulheres pomeranas possibilita desenvolver o melhor dessa sociedade, quebrando os preconceitos e o machismo que essa cultura patriarcal também carregou e através do qual silenciou as mulheres durante tanto tempo.

Considerações Finais:



Este projeto buscou valorizar as mulheres pomeranas ao ressaltar o senso de responsabilidade delas não só com a transmissão da cultura pomerana, mas também com a sustentabilidade da comunidade. Elas ensinam a ética do cuidado como fundamental para fazer frente ao modelo dominante na ética ocidental que atua mais voltada para a correção de danos, no lugar de cuidar da prevenção de situações que promovem a destruição ambiental .

Valorizar os saberes dessas mulheres permite novas leituras, novas interpretações e novos modos de ser pomerano, além de permitir, perpetuar e recriar a cultura tradicional, questionando violências de gênero, representada na condenação de seus saberes como bruxaria e na desigualdade patrimonial. As mulheres pomeranas têm total condições de herdarem a *land,* pois entendem esta não como uma mercadoria, mas como território que constitui o modo de vida de toda a família e cultura.

A valorização cultural dentro do ambiente educativo ajuda a combater a invisibilização e a marginalização que, historicamente, as comunidades do Campo e grupos tradicionais sofreram. Para muitos(as) jovens pomeranos(as), o fato de verem a língua pomerana e os saberes tradicionais sendo respeitados e estudados na escola faz com que desenvolvam um sentimento de orgulho e pertencimento, fortalecendo sua identidade e seu senso de comunidade. Em suma, ao promover uma educação que dialoga com a realidade do Campo e com as tradições locais, a prática educacional aqui proposta contribui para a formação integral do(a) estudante.

Referências Bibliográficas:

BAHIA, Joana. **O Tiro da Bruxa:** Identidade, Magia e Religião Entre Imigrantes Alemães. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

BÉRGAMO, Swami Cordeiro. **Identidade pomerana:** uma viagem formativa desvelando conflitos soterrados / Swami Cordeiro Bérgamo. 2018.

FEDERICI, Silva. **Mulheres e caça às bruxa**s. São Paulo: Boitempo. 2019.

JACOB, Jorcy Foerste. **A Pomerânia Brasileira:** uma eterna migração. Vila Pavão: S/E, 2010.

KOELER, Edineia; FOERSTE, Erineu; MERLER, Alberto. Pedagogia da alternância em comunidade pomerana de Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação do Campo**, 2019, 4: e7129-e7129.

RÖLKER, Helmar. **Raízes da migração Alemã:** história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

ROSENDO, Daniela; OLIVEIRA, Fabio A. G.; CARVALHO, Príscila; KUHNEN, Tânia A. (Org.). **Ecofeminismos:** fundamentos teóricos e práxis interseccionais. Rio de Janeiro: Ape'Ku 2019.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Leticia. A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo) autóctone. In: **Working Papers em Linguística**, 2017, 18.1: 6-22.

SILLER, Rosali Rauta et al. **Mulheres pomeranas:** vozes silenciadas. São Carlos: Pedro & João, 2019.

TESCH, Liliane. **Semeando feminismo do campo** [recurso eletrônico] / Liliane Tesch, Charles Moreto. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.

FALANDO NISSO...



Você sabe por que os pomeranos, a partir do Decreto 6.040/2007 (Brasil, 2007), foram caracterizados como um povo tradicional? Esta história começou em 2002, com a criação do Parque Nacional dos Pontões, em Pancas, sem a consulta prévia a comunidade pomerana que ali vivia e deveria ser desapropriada do local. Desse modo, a comunidade se organizou e criou a Associação Pomerana de Pancas. Como parte dessa luta por se manter no território, Patricia Stuhr, da comunidade de Córrego Palmital, transformou o dia do seu casamento em um protesto, resgatando a tradição das pomeranas de se casarem com o vestido de preto. Há várias explicações para o uso da cor. Uma delas faz referência ao contexto da Idade Média, na diferença entre o senhor feudal e o camponês. Aquele, como dono do feudo, tinha direito a Primeira Noite com a noiva do servo. Por isso, as mulheres pomeranas se casavam de preto, como uma forma de protesto contra essa violação sobre o corpo delas.

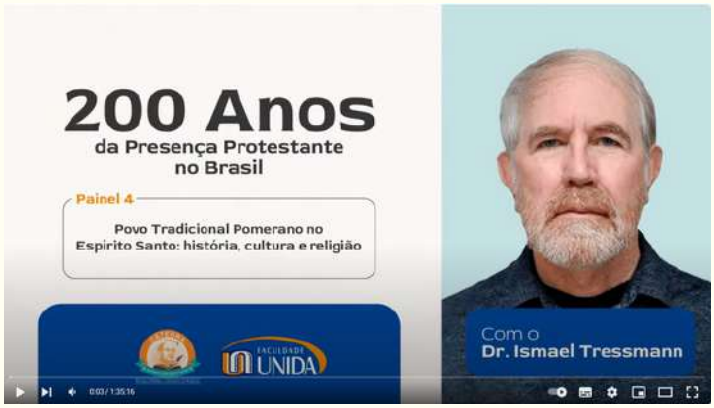


Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=zl_l9MrF6rw

Veja a a série Ser Mulher, sobre como Patrícia transformou o seu casamento em um motivo para denunciar a ameaça de desapropriação, resgatando a antiga tradição pomerana dos vestidos pretos de casamento, com uma faixa verde na cintura. Por conta de sua luta por território, ela foi chamada para representar os pomeranos na comissão dos Povos e Comunidades Tradicionais, em 2005, em Brasília.

Em 2008, uma nova lei transformou o parque nacional no Monumento Natural (Mona) Pontões Capixabas. A nova categoria, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc), também é de proteção integral, mas não exige desapropriação de terras, objetivando preservar os atributos naturais e também culturais do povo pomerano.

Para entender como o ensino da língua pomerana pelas mulheres foi fundamental para a perpetuação da identidade pomerana veja o vídeo com o professor Ismael Tressamnn. Ele também descreve os elementos fantásticos das narrativas orais e as práticas mágicas. Os camponeses repensam os dogmas mais refinados da Igreja de acordo com seu cotidiano e os utilizam como elementos importantes nas representações de sua identidade.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=zl_l9MrF6rw

Educação do Campo na valorização da Agricultura Familiar

Liliane Tesch
Jorcy Foerst Jacob

SEDU
GEACIQ

A agricultura familiar desempenha um papel importante na produção de alimentos, na preservação da biodiversidade e na manutenção das tradições culturais das comunidades do Campo. No Brasil, essa modalidade de agricultura é responsável por uma parte significativa dos alimentos consumidos no país. Além de fornecer alimentos frescos e de qualidade, ela também promove a diversidade de cultivos, preservando espécies nativas, tradicionais e uma variedade que são essenciais para a resiliência dos sistemas agroalimentares.

> Agricultura camponesa é o modo de fazer agricultura e de viver das famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio da produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação. (COSTA; MARTINS apud CALDART, 2012, p. 26).

Essa forma de agricultura está intimamente ligada à economia local e ao desenvolvimento do Campo, às pequenas propriedades, muitas vezes geridas por famílias, que contribuem para fixar as populações no Campo e a mitigar o êxodo rural. Ao contrário dos grandes sistemas de monocultura, a agricultura familiar tende a priorizar o manejo sustentável dos recursos naturais, o que contribui diretamente para a preservação ambiental. Práticas como a rotação de culturas e o uso de técnicas tradicionais e agroecológicas de cultivo ajudam a preservar a fertilidade do solo, a conservar a água e a manter um equilíbrio entre a produção e o meio ambiente.

Além disso, a agricultura familiar está profundamente conectada com as tradições culturais das comunidades do Campo, aos saberes acumulados por gerações, transmitidos culturalmente, incluem as práticas agrícolas, o conhecimento sobre o meio ambiente, as tradições culinárias e os modos de vida locais, esse conjunto de práticas reforça a identidade das comunidades e preserva a herança cultural e social.

Percebe-se, por exemplo, que um saber tradicional sobre preservação do solo envolve o plantio em camadas, de acordo com níveis do relevo. Atualmente, com o uso de tratores compactos, esta prática antiga tem sido desconsiderada, arando o terreno no sentido vertical e causando erosão, perda de substratos mais leves e desgastes profundo do solo. Dessa forma, um conhecimento ancestral e acessível, transmitido por gerações, é negligenciado.

A valorização da agricultura familiar é essencial para garantir a segurança alimentar, e para promover a sustentabilidade e a inclusão social, principalmente associado a agroecologia. Ela tem a capacidade de produzir alimentos de maneira sustentável, com menor uso de insumos químicos e menor impacto ambiental em comparação à agricultura industrial.

Ao incorporar o estudo da agricultura familiar no currículo, as escolas podem incentivar os(as) estudantes a reconhecer os conhecimentos dos pequenos agricultores, promovendo a preservação desse modo de vida em sustentabilidade com o meio ambiente. Os(as) estudantes podem ser estimulados a desenvolver projetos práticos que contribuam para o fortalecimento da agricultura familiar.

SEDU GEACIQ

Tema	Cultura da Agricultura Familiar em destaque
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Códigos e Linguagem, Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Agricultura Familiar; Cultura Camponesa; Agroecologia
Objetos de Conhecimento:	Formação do território Capixaba; Imigração europeia e formação da população brasileira; Identidades e diversidades capixabas; Movimentos camponeses e de mulheres; Agroecológicas; Culturas e Territorialidades.
Tipo de Atividade:	Projeto Valorização da Agricultura Familiar
Habilidades:	**EF07HI10/ES:** Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial, evidenciando o papel das mulheres, hierarquizado conforme sua origem étnica, no projeto colonizador **EM13CHS201GEO/ES:** Analisar e caracterizar as dinâmicas migratórias e demográficas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. **EM13CHS102:** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. **EM13CHS206FIL/ES:** Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos e modos de pensar daí derivados, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para raciocínio geográfico e filosófico. **EM13CHS101:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. **EM13CHS2016GEO/ES:** Relacionar o desenvolvimento territorial com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.

Metodologia:

- Diagnóstico Local: Entrevistas com agricultores(as) para identificar cultivos, práticas (convencionais/agroecológicas), dificuldades e importância da produção;
- Pesquisa Teórica: Estudo sobre agricultura familiar, soberania alimentar, agroecologia e comparação com o agronegócio;
- Visita Técnica: Visita a propriedades ou cooperativas com práticas sustentáveis, com registros de práticas agrícolas e organização familiar;
- Vivência Prática: Horta Agroecológica - Planejamento e implementação na escola ou comunidade; Feira da Agricultura Familiar: Exposição de produtos, apresentação da horta e rodas de conversa;
- Resultados: Compreensão crítica da agricultura familiar, incentivo ao protagonismo jovem e fortalecimento da identidade camponesa.



Promover a valorização da agricultura familiar e a compreensão de sua importância para a soberania alimentar, sustentabilidade e permanência das famílias no Campo.

Abertura com Mística: Realizar uma roda de conversa com os(as) estudantes, trazendo reflexões sobre o papel da agricultura familiar na comunidade; utilizar músicas, poemas ou histórias relacionadas à vida no campo e à produção familiar.

Diagnóstico da Realidade Local: Levantamento da realidade agrícola local; ação de entrevistas, os(as) estudantes entrevistarão agricultores(as) familiares da comunidade para identificar alguns pontos em destaque (tipos de cultivos predominantes; práticas utilizadas - convencionais ou agroecológicas; dificuldades enfrentadas - acesso a crédito, escoamento da produção, uso de agrotóxicos, etc.; importância da produção para a alimentação da família, para a comunidade e para a sociedade de modo geral).

Pesquisa e Estudos Teóricos: Estudo em sala de aula sobre os seguintes temas: Agricultura familiar e sua definição (Lei nº 11.326/2006); Importância para a soberania e segurança alimentar; Comparação entre agricultura familiar e o modelo hegemônico do agronegócio; Agroecologia como alternativa sustentável.

Visita Técnica: Conhecer experiências bem-sucedidas de agricultura familiar: Organizar uma visita a uma propriedade familiar ou cooperativa local que adote práticas sustentáveis (como agroecologia, produção orgânica ou policultivo). Durante a visita, os(as) estudantes realizarão registros (anotações, fotos, entrevistas) sobre práticas agrícolas, organização familiar e comercialização.

Vivência Prática: Criação de Hortas Agroecológicas - aplicar os conhecimentos adquiridos na prática, para planejamento e implementação de uma horta agroecológica na escola ou na comunidade. Produção de uma Feira da Agricultura Familiar para promover a valorização e a comercialização da produção familiar local. Organização de uma feira na escola ou na comunidade com: exposição de produtos oriundos da agricultura familiar local; apresentação da horta escolar e distribuição dos alimentos colhidos; realização de rodas de conversa sobre a importância da agricultura familiar, entre outras possibilidades.

A prática proporcionará aos(às) estudantes uma compreensão crítica sobre a agricultura familiar, destacando sua relevância econômica, social e ambiental. Além disso, incentivará o protagonismo dos(as) jovens na valorização das práticas sustentáveis no campo, fortalecendo a identidade camponesa e a permanência das famílias em suas terras.

Problematização:

A problematização da prática educacional sobre a valorização da agricultura familiar está diretamente ligada à complexidade das dinâmicas socioeconômicas e ambientais que envolvem essa modalidade de produção no contexto atual. No Brasil, a agricultura familiar desempenha um papel central na produção de alimentos, sendo responsável por grande parte dos alimentos consumidos no país. No entanto, ela enfrenta desafios significativos, como a concorrência com o agronegócio, a marginalização das populações do Campo, o crescimento do uso de agrotóxicos e de manejos que prejudicam o solo e o meio ambiente. Soma-se a isso crescente urbanização que afasta as novas gerações do Campo, no sentido de busca de uma vida idealizada, que constrói um polo de atração dos(as) jovens, cria-se uma ilusão de uma vida urbana mais moderna, contrapondo a sua vida no Campo. Inclusive uma contradição em termos, pois atualmente discute-se que a qualidade de vida se estabelece muito mais no Campo.

No ambiente escolar, especialmente nas escolas do Campo, o distanciamento dos(as) estudantes em relação à realidade agrícola familiar é um ponto de atenção. Muitos(as) jovens têm uma percepção negativa ou simplificada da agricultura, muitas vezes associando-a a atividades ultrapassadas e pouco promissoras economicamente. Isso gera um desinteresse em relação ao modo de vida no Campo e, consequentemente, em relação à continuidade da agricultura familiar, afetando diretamente a permanência das famílias nas áreas rurais e o desenvolvimento de práticas sustentáveis.

Outro ponto crítico é a falta de reconhecimento do papel essencial que a agricultura familiar desempenha na segurança alimentar, tanto local quanto nacional. A crescente dependência de alimentos produzidos em larga escala pelo agronegócio, frequentemente monoculturas que utilizam agrotóxicos, ameaça a biodiversidade e coloca em risco a saúde da população e a sustentabilidade dos recursos naturais, visto que essas monoculturas não são suficientes para suprir as demandas das comunidades.

Além disso, o avanço de tecnologias agrícolas que favorecem grandes produtores gera uma desvalorização do conhecimento tradicional e dos saberes acumulados ao longo de gerações por agricultores familiares. A mecanização e o uso de biotecnologias avançadas, benéficos quando aplicados em contextos específicos, podem alienar as práticas e os saberes locais, tornando-se fatores de exclusão para as pequenas propriedades que têm menos acesso a esses recursos. Isso, por sua vez, enfraquece a agricultura familiar e ameaça a transmissão cultural, já que o conhecimento sobre técnicas agrícolas sustentáveis, sementes crioulas e manejo do solo, por exemplo, tende a ser substituído por práticas padronizadas.

Nesse sentido, a problematização levantada por esta prática educacional concentra-se em identificar essas tensões e buscar formas de integrá-las ao processo educativo. A proposta é que, por meio da valorização da agricultura familiar, os(as) estudantes possam refletir sobre as condições nas quais essa atividade é desenvolvida, questionando os modelos econômicos e sociais que têm sido adotados nas áreas rurais. É importante problematizar o conceito de "progresso" atrelado ao agronegócio em contraste com a noção de "desenvolvimento sustentável" promovida pela agricultura familiar.

Essa problematização visa, portanto, uma compreensão teórica dos desafios da agricultura familiar, a criação de um espaço de discussão e de ação crítica para que os(as) estudantes possam interagir diretamente com as questões sociais, econômicas e ambientais que afetam o Campo e, consequentemente, suas vidas.

Considerações Finais:



A prática educacional proposta tem como objetivo central promover a valorização da Agricultura Familiar, integrando essa temática ao processo de ensino-aprendizagem de maneira significativa e contextualizada. Ao envolver os(as) estudantes diretamente nas discussões e atividades relacionadas à agricultura familiar, a prática busca formar sujeitos críticos e conscientes acerca da importância dessa modalidade de produção, tanto do ponto de vista da segurança alimentar quanto da sustentabilidade socioambiental.

A educação contextualizada valoriza os saberes tradicionais e a relação histórica das comunidades camponesas com a terra, fortalecendo a identidade cultural e social dessas comunidades. Reconhecer e valorizar essa identidade é essencial para garantir que as novas gerações compreendam o significado de pertencer a uma comunidade que resiste e se adapta às transformações, sem perder de vista seus princípios e valores.

A agricultura familiar, com sua diversidade de cultivos e suas técnicas tradicionais, apresenta-se como uma alternativa viável frente ao agronegócio intensivo, que muitas vezes degrada o solo, contamina a água e prejudica a biodiversidade. Ao fomentar essa discussão no ambiente escolar, a prática educacional encoraja os(as) estudantes a refletirem sobre soluções para os desafios ambientais e sociais que a humanidade enfrenta, promovendo uma agricultura ecológica, solidária e responsável.

Outro aspecto relevante é que essa prática se alinha com os princípios da Educação do Campo, uma perspectiva pedagógica que reconhece o Campo como um espaço vivo, dinâmico e de múltiplas potencialidades. A Educação do Campo propõe um currículo que dialogue com as necessidades e os interesses das comunidades do Campo, respeitando suas especificidades e promovendo a formação integral dos(as) estudantes. Nesse contexto, a agricultura familiar é vista como um elemento para o desenvolvimento local, pois movimenta a economia e, acima de tudo, contribui para a segurança alimentar.

Incorporar a agricultura familiar na prática educacional é também uma forma de fortalecer a autonomia e a dignidade dos povos do Campo, promovendo uma educação que se preocupa em formar cidadãos e cidadãs capazes de transformar sua realidade.

Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Letícia Fátima de, et al. **SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS:** uma análise do modo de apropriação da natureza pelos pecuaristas familiares da Serra do Sudeste/RS. 2013.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GOMES, Laura Barroso. **Medicina tradicional:** saberes e práticas ancestrais na região metropolitana de Belo Horizonte. Cadernos de Agroecologia, 2020, 15.3.

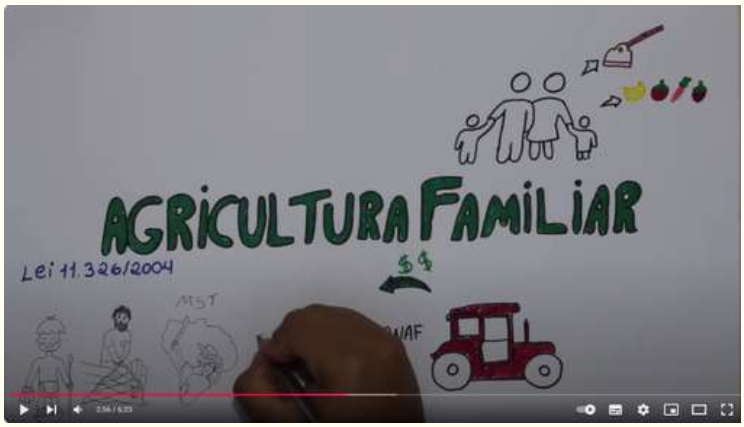
MENASCHE, Renata. **A agricultura familiar à mesa:** saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. UFRGS, 2007.

SANTILLI, Juliana. O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial. **Demetra:** alimentação, nutrição & saúde, 2015, 10.3: 585-606.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista de Educação Pública,** 2015, 24.56: 405-428.

FALANDO NISSO...





Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=kq7-mPkmaWs

A agricultura familiar é um dos pilares da produção agrícola no Espírito Santo, responsável por grande parte dos alimentos que abastecem os mercados locais e garantem a segurança alimentar. Caracterizada pelo trabalho predominantemente realizado pela família em pequenas propriedades rurais, essa forma de produção alia práticas sustentáveis, diversificação de culturas e a valorização das tradições locais.

No Espírito Santo, a agricultura familiar é marcada pela forte influência dos imigrantes europeus, especialmente italianos, alemães e pomeranos, que introduziram práticas agrícolas adaptadas ao clima e solo capixabas. Essa herança cultural se reflete em cultivos como o café, hortaliças, frutas, milho, feijão e produtos derivados da agroindústria artesanal, como queijos, doces e embutidos. Além disso, comunidades quilombolas, indígenas e pescadores artesanais também contribuem para a diversidade e riqueza da agricultura familiar no estado.

De acordo com o Censo Agropecuário do IBGE, a agricultura familiar representa cerca de 70% dos estabelecimentos rurais no Espírito Santo, desempenhando um papel central na economia do campo, na geração de emprego e renda, e na fixação das famílias em suas terras. Diferentemente do agronegócio, que prioriza monoculturas em larga escala, a agricultura familiar promove a diversificação produtiva, o uso sustentável dos recursos naturais e a produção de alimentos saudáveis para o consumo local.

A agricultura familiar no Espírito Santo é um componente essencial para a soberania alimentar, a preservação ambiental e a valorização das culturas tradicionais. Investir nesse modelo significa promover um desenvolvimento rural mais justo, sustentável e alinhado às necessidades das comunidades do Campo.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=0bL-DPSMhPw

Prática Educacional sobre Reflorestamento Ciliar

Liliane Tesch
Juliana Romano

SEDU
GEACIQ

As florestas desempenham um papel essencial na conservação da biodiversidade, servindo como abrigos vitais para uma variedade de plantas e de animais. Elas sustentam sistemas ecológicos complexos ao fornecer habitats seguros e recursos essenciais para diferentes espécies. Além disso, as árvores são fundamentais para a manutenção da qualidade do solo, ajudando a preservar a fertilidade ao prevenir a erosão e contribuir para a formação de solos ricos em nutrientes. Elas também desempenham um papel crucial na gestão da água, filtrando e regulando os fluxos hídricos, mantendo os rios limpos e protegendo as bacias hidrográficas. A exploração intensiva de madeira, impulsionada pelo sistema de mercado, ignora os custos ambientais e resulta na perda de habitats naturais, contribuindo para a extinção de espécies, as mudanças climáticas e a degradação ambiental. O desmatamento também gera impactos negativos para as comunidades locais que dependem diretamente das florestas para subsistência, cultura e práticas tradicionais.

Na cosmovisão guarani, a natureza não é vista como um recurso a ser explorado, mas como uma rede viva e interconectada, na qual cada elemento natural possui um espírito guardião, os *ijá*, criados por *Nhanderu*. Essa concepção enxerga a natureza como sagrada, conferindo-lhe direitos e protegendo-a dentro de um sistema de reciprocidade e de respeito. Segundo os "ensinamentos da generosidade", "...se a natureza dá água, se a natureza dá remédio, se a natureza dá alimento, então o mínimo que podemos fazer, tendo ou não alguma crença, é respeitá-la"(Guarani, 2023, p.25).

Diante do cenário atual de crescente degradação ambiental e da crise climática global, o reflorestamento destaca-se como uma ação essencial e inadiável para restaurar o equilíbrio ecológico e mitigar os impactos das atividades humanas. Trata-se de uma ação de recuperação de áreas degradadas e de preservação dos ecossistemas, especialmente em um contexto de crise climática e de destruição ambiental acelerada.

O reflorestamento ciliar é fundamental para a vitalidade e a restauração de nascentes - dois pontos importantes para as comunidades do campo, em suas propriedades e em seus territórios - que são cruciais para a regeneração dos recursos hídricos e para a manutenção do ciclo hidrológico, além de ajudar no controle da erosão do solo, a qual é uma das principais consequências do assoreamento e da degradação ambiental.

O envolvimento de estudantes em projetos de reflorestamento é uma estratégia eficaz para ampliar sua compreensão sobre questões ambientais e fortalecer sua responsabilidade socioambiental. Ao participar ativamente dessas iniciativas, os(as) estudantes têm a oportunidade de ver na prática os resultados de suas ações, experimentando o impacto positivo que podem ter em seu ambiente e se sentindo parte dessa construção coletiva para o bem como, desenvolvendo uma consciência ecológica.

A escola desempenha um papel essencial ao estimular os(as) estudantes a agir de forma consciente quando aborda temas tais como a preservação ambiental, os impactos da degradação ecológica e as práticas de recuperação de áreas devastadas. É responsabilidade da instituição educacional contribuir para a formação de crianças e jovens, preparando-os para serem cidadãos informados e engajados. Esses futuros agentes transformadores(as) devem atuar ativamente na busca por soluções para problemas ambientais e na promoção de ações que defendam a vida humana e o equilíbrio do planeta.

SEDU
GEACIQ

Tema	Reflorestamento Mata Ciliar
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas e Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Reflorestamento; Nascentes; Preservação Ambiental
Objetos de Conhecimento:	Reflorestamento; Preservação Ambiental; Mata Ciliar; Meio Ambiente; Ciclo Hidrológico; Domínios Morfoclimáticos.
Tipo de Atividade:	Projeto Reflorestamento
Habilidades:	**EF06GE02/ES:** Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários, apresentando situações geográficas que caracterizam as diferenças produzidas e percebidas pelo homem em diferentes lugares: cidades, zona rural, lavouras, áreas de natureza intocada, lugares turísticos, reservas indígenas, bacias hidrográficas e outros. **EF06GE06/ES:** Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, relacionando trabalho humano à dinamização do processo de exploração dos recursos naturais nos contextos das revoluções industriais (surgimento de novas máquinas e equipamentos agrícolas, exploração da matéria prima da natureza e o aumento do consumo). **EF07GE01/ES:** Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil, dando destaque para as questões histórico geográficas. **EM13CHS306:** Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Metodologia:

- Aulas e Debates: Discussões sobre a importância das florestas, o desmatamento, o ciclo do carbono e as políticas de reflorestamento;
- Oficinas Práticas: Preparo de mudas, compostagem e técnicas de plantio;
- Leituras e discussões de autores indígenas e quilombolas em busca de diferentes perspectivas na relação com a natureza e nos modos de existência;
- Visitas de Campo: Observação de áreas reflorestadas para destacar recuperação ambiental;
- Plantio Coletivo: Dia dedicado ao plantio, com participação ativa da comunidade escolar;
- Monitoramento: Registro periódico do crescimento das árvores e das mudanças no ecossistema;
- Produção de Materiais: Criação de cartazes, vídeos e campanhas educativas;
- Parcerias: Apoio de ONGs, órgãos ambientais e viveiros para doação de mudas e suporte técnico.



A metodologia será participativa e interdisciplinar, promovendo o envolvimento dos estudantes em todas as etapas do projeto. As principais atividades incluem:

- Aulas Teóricas e Debates: Discussões sobre a importância das florestas, as consequências do desmatamento e as políticas públicas de reflorestamento. Estudos sobre o ciclo do carbono e a função das árvores na captura de CO2.
- Oficinas Práticas: Oficinas de preparo de mudas, compostagem e técnicas de plantio, incentivando a prática de reflorestamento em diferentes contextos.
- Visitas a Áreas Reflorestadas: Visitas de campo a áreas que foram reflorestadas para observar os efeitos positivos dessas ações e destacar a recuperação de nascentes e a biodiversidade.
- Plantio Coletivo: O ponto culminante será a realização de um dia de plantio em que os(as) estudantes e a comunidade escolar participarão ativamente do reflorestamento, registrando cada etapa do processo.
- Monitoramento do Crescimento: Acompanhamento periódico do desenvolvimento das árvores plantadas, com os(as) estudantes registrando dados sobre crescimento, cuidados necessários e mudanças no ecossistema.
- Produção de materiais: Elaboração de cartazes, vídeos e campanhas de conscientização na escola e na comunidade.
- Parcerias: Contato com ONGs, órgãos ambientais e viveiros para doação de mudas e apoio técnico.

Problematização:



O reflorestamento envolve a compreensão das complexas questões ambientais que impactam o equilíbrio ecológico, particularmente em tempos de crise climática e degradação ambiental acelerada. A problematização pretendida por essa prática educacional recai sobre o desmatamento, a perda da biodiversidade, o esgotamento dos recursos naturais e o agravamento das mudanças climáticas, fenômenos interligados que resultam em consequências devastadoras para o planeta, com efeitos que atingem diretamente tanto as áreas urbanas quanto rurais. Nesse contexto, o reflorestamento surge como uma resposta, mas a prática precisa ser discutida em uma perspectiva crítica e educativa para que seja eficaz e compreendida em sua totalidade.

Em muitas regiões, os(as) estudantes podem estar alheios(as) aos impactos do desmatamento, principalmente se não vivenciarem diretamente suas consequências, como a perda de nascentes de água, a erosão do solo ou o aumento das temperaturas locais. Essa desconexão é um dos principais desafios da educação ambiental, pois torna abstratas as questões relacionadas à degradação ecológica. Assim, um dos problemas centrais a ser abordado na prática de reflorestamento é a falta de sensibilização e de entendimento sobre a relação entre a degradação ambiental e os impactos no cotidiano das comunidades e do planeta.

Além disso, o reflorestamento não pode ser visto apenas como o plantio de árvores, e sim como uma ação integrada de recuperação de ecossistemas, que deve considerar a diversidade biológica, as condições climáticas e a interação com as comunidades humanas. É comum que as iniciativas de reflorestamento sejam realizadas de forma pontual, sem continuidade ou monitoramento, o que limita seu impacto a longo prazo. Portanto, a prática educativa deve problematizar a questão da sustentabilidade das ações de reflorestamento e envolver os(as) estudantes em um processo contínuo de cuidados e de acompanhamento das áreas reflorestadas.

Pode ser abordado de forma interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento e conectando o tema com questões como a mudança climática, a preservação da água, a biodiversidade e até aspectos culturais e históricos relacionados ao uso da terra.

Outro ponto central para a problematização é o engajamento comunitário, essa atividade não precisa ser isolada da comunidade escolar, pelo contrário, é desejável que haja envolvimento das famílias e da comunidade local, de forma que os(as) estudantes percebam a importância de mobilizar esforços coletivos, reafirmando o compromisso dos estudantes com a comunidade.

Por fim, a prática de reflorestamento precisa ser vista como um processo educativo transformador, no qual os(as) estudantes aprendem sobre a importância da preservação ambiental e se tornam agentes de mudança em suas comunidades. Nesse sentido, a problematização proposta por esta prática educacional pode, portanto, focar na conscientização sobre as responsabilidades individuais e coletivas na luta contra a degradação ambiental, e no papel que cada um(a) pode desempenhar na construção de um futuro mais sustentável.

Considerações Finais:

Essa prática educacional visa contribuir diretamente para a recuperação ambiental, e despertar nos(as) estudantes o interesse pelas questões sobre meio ambiente e a importância da sua preservação. Ao se envolverem em um projeto de reflorestamento, os(as) estudantes são convidados a refletir sobre suas responsabilidades como cidadãos e sobre o impacto de suas ações no planeta. Entender o momento histórico em que vivem e na sociedade de consumo que está construídos.

O projeto de reflorestamento fortalece o vínculo entre os(as) estudantes e o território, permitindo que eles(as) desenvolvam uma conexão mais profunda com o espaço que habitam. Esse vínculo constrói uma identidade que valoriza a natureza e as suas conexões, bem como reconhece a importância dos ecossistemas locais.

As ações de reflorestamento podem se estender ao longo do tempo, sendo monitoradas por outras turmas e garantindo a continuidade do projeto como um todo. Isso promove a sustentabilidade da iniciativa e oferece uma oportunidade para manter os estudantes nessa prática, além da possibilidade de incluir novos estudantes que se envolvam e aprendam com as experiências anteriores. A permanência e a rotatividade de turmas asseguram que a prática não se torne um evento isolado, mas sim parte de uma tradição escolar que valoriza a educação ambiental e a responsabilidade socioambiental.

Além disso, esse acompanhamento contínuo pode incluir atividades de sensibilização e formação, por meio das quais os(as) estudantes mais novos(as) aprendem com os(as) mais experientes, fortalecendo o conhecimento coletivo e promovendo uma cultura de aprendizado que valoriza a troca de saberes. Por fim, ao transformar o reflorestamento em uma prática educacional contínua, a escola se posiciona como um agente ativo na luta pela preservação ambiental, podendo ser um ponto focal para esse olhar da comunidade.

Referências Bibliográficas:

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia e Sistemas Agroflorestais:** Produção de Alimentos Sustentáveis. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia, Agricultura Camponesa e Soberania Alimentar. Versão online disponível em: https://doi.org/10.47946/rnera.v0i16.1362. **Revista Nera**, v. 16, 2012.

DUBOIS, J.C. L. Agroflorestas: uma alternativa para o desenvolvimento rural sustentado. Informativo Agroflorestal, **REBRAF**, VOL 1, N. 4, P. 1-7, 1989.

ENGEL, Vera Lex. Sistemas Agroflorestais: Conceitos e Aplicações. Versão online disponível em: https://www.academia.edu/6347163/Sistemas_Agroflorestais_Conceitos_e_Aplica%C3%A7%C3%B5es_1. **Cadernos de Agroecologia**, 2024.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *In:* PISEGRAMA. **Terra:** antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora, 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NEVES. Pedro Dias Mangolini. Sistemas Agroflorestais como Fomento para a Segurança Alimentar e Nutricional. Versão online disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/42020. **Portal de Periódicos. Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)**, 2014.

SANT'ANA, Rafael Costa, et al. Evolução da recuperação de um trecho de mata ciliar do Rio Santa Maria do Rio Doce com potencial uso agroecológico. **Cadernos de Agroecologia** [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)], 2015.

FALANDO NISSO...



Como seria se os indígenas realizassem um estudo antropológico da cultura ocidental? Observando nosso cotidiano, eles poderiam analisar nossas rotinas, o que comemos, como usamos o tempo livre e de que modo trabalhamos. No século XIX, o evolucionismo cultural rotulou povos indígenas como "selvagens", associando-os ao atraso e ignorando a complexidade de suas culturas, enquanto o conceito de "civilização" era vinculado ao modelo europeu, justificando práticas colonialistas. Jerá Guarani, liderança Guarani Mbya, ressignifica o termo "selvagem" em seu artigo “Tornar-se Selvagem”, convidando-nos a repensar nossas práticas e nos inspirar em modos de vida mais harmoniosos com a natureza e com a coletividade.
Segundo ela, se os juruá — termo que corresponde à ideia de "homem branco" — refletissem sobre suas práticas, perceberiam que as ações das chamadas sociedades civilizadas têm contribuído para a destruição do planeta. Essa reflexão poderia levar muitos a reconsiderarem seus valores e, quem sabe, a se inspirarem nos modos de vida dos povos originários.

É difícil para os indígenas compreenderem, por exemplo, por que os juruá sentem a necessidade de cobrir o rio com cimento para utilizá-lo, quando, na verdade, a canalização dos rios acarreta na redução da qualidade da água, na alteração do ciclo hidrológico além de vários outros impactos na biodiversidade e nos solos.



https://www.youtube.com/watch?v=Cbk0V6dRUSk

Da mesma forma, na cosmovisão indígena, não se pode falar em direitos humanos sem considerar, por exemplo, a crueldade contra os elefantes, que são deixados agonizando após terem partes de seus corpos extraídas para comércio.
O líder indígena Ailton Krenak critica a lógica da civilização ocidental, que, impulsionada pela obsessão em produzir mercadorias para o entretenimento, acaba por impor uma existência padronizada e triste. Para ele, essa lógica é aprendida desde a infância, reduzindo a existência a uma coreografia utilitária, distante da verdadeira essência da vida. "A vida não é para ser útil", afirma Krenak. "A vida é fruição, uma dança cósmica."
Ailton Krenak enfatiza a importância de ter coragem para viver de forma plena, rejeitando a redução da existência à simples busca pela sobrevivência. Ele ressalta que os povos originários permanecem no mundo não por terem sido excluídos, mas por resistirem e escaparem das imposições de um sistema utilitarista. Essa resistência está profundamente conectada à defesa dos elementos da natureza, que para eles são sagrados e essenciais à vida. Ao se recusarem a adotar a lógica que explora e destrói o meio ambiente, esses povos preservam modos de vida que transcendem a visão opressora e limitada do mundo ocidental, cultivando uma relação de respeito e harmonia com a Terra e seus ciclos.

Prática Educacional sobre Criação de uma Economia Solidária

Alex Sandro Zorzal Vargas
Jorcy Foerste Jacob
Liliane Tesch

SEDU
GEACIQ

A Economia Solidária surge como uma alternativa inovadora e viável frente aos modelos econômicos tradicionais, que são muitas vezes baseados na competição desenfreada, na concentração de renda e de riqueza e na exclusão social. Ao promover a cooperação, a autogestão, a auto-organização e a justiça social, a economia solidária busca criar novas formas de organização econômica e social que priorizam o bem comum e a sustentabilidade, podendo fortalecer os laços entre os membros da comunidade. Como nos mostra Henrique Novaes no Dicionário de Agroecologia e educação "A economia solidária é o conjunto das formas de produção e comercialização baseadas no cooperativismo e associativismo de trabalhadores". (NOVAES, 2021, p.335).

Esse modelo propõe um sistema em que a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços sejam orientados pela solidariedade, pela igualdade de oportunidades, pelo respeito ao meio ambiente, ao meio social e ao meio econômico, oferecendo uma solução prática para os desafios impostos pelo sistema capitalista hegemônico.

A criação de um projeto de trocas, com a implementação de uma moeda própria e uma logística adequada, é construída localmente de acordo com as especificidades e as questões locais. Pode ter o potencial de transformar as dinâmicas econômicas dentro das comunidades, proporcionando uma alternativa ao uso do dinheiro convencional e ao mercado tradicional. Com uma moeda social que circula exclusivamente na comunidade, o projeto fortalece a economia local, incentiva a autonomia e possibilita que bens e serviços sejam trocados de forma justa, sem que os valores sejam determinados unicamente pelo mercado. A troca pode ser inclusive de trabalhos e de serviços. Já a moeda deve ser pensada para poder representar o trabalho e a produção local de maneira mais equitativa, ao mesmo tempo em que garante o acesso aos produtos e aos serviços que, de outra forma, poderiam ser inacessíveis para muitos. Essa iniciativa pode promover a preocupação com o meio ambiente, oferecendo alternativamente um "selo de preservação ambiental".

Assim a logística própria do projeto deve permitir a criação de redes de trocas locais que valorizam os saberes tradicionais, os recursos endógenos e as práticas sustentáveis, fomentando a sustentabilidade econômica e ambiental da comunidade. A troca de produtos, de saberes e de serviços entre os membros da comunidade, sem depender de grandes cadeias de distribuição, reduz o impacto ambiental ao mesmo tempo em que estimula o consumo consciente. Esse tipo de organização contribui diretamente para a preservação desses conhecimentos locais, já que o valor econômico passa a ser atribuído não apenas a produtos industrializados, mas também a saberes e técnicas tradicionais, fortalecendo a identidade cultural e a diversidade produtiva da região.

A prática educacional proposta visa transmitir conhecimento teórico e capacitar os(as) estudantes a participarem ativamente na criação, construção e manutenção de uma economia solidária em sua própria comunidade, com uma criação de moeda própria e de um sistema de trocas como um exercício de fortalecimento comunitário, que reforça a autonomia das populações. Dessa forma, a prática educacional proposta tem o potencial de transformar a realidade local, promovendo a inclusão econômica e social, gerando impactos positivos tanto para a comunidade quanto para o meio ambiente.

SEDU
GEACIQ

Tema	Construção de um Economia Solidária
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Códigos e Linguagem, Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Economia Solidária; Auto-organização; Transformação Social
Objetos de Conhecimento:	Sistemas Socioeconômicos; Economia Social; Alternativas Econômicas e Sociais; Sustentabilidade; Solidariedade; Construções Sociais justa; Ecologia.
Tipo de Atividade:	Projeto construção de uma Economia Solidária
Habilidades:	**EM13CHS103:** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). **EM13CHS301:** Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável. **EM13CHS306:** Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros). **EM13CHS302:** Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais- entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais – suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

Metodologia:



- Oficinas Temáticas: Discussões sobre economia solidária e sua aplicação na comunidade;
- Criação da Moeda: Desenvolvimento de uma moeda local com nome, design e regras, incluindo incentivos para práticas agroecológicas;
- Simulações de Trocas: Prática do sistema de trocas com a moeda criada, incluindo serviços e produtos, adaptando à realidade da comunidade;
- Planejamento Logístico: Grupos definem locais, horários e estratégias de divulgação para implementar o sistema de trocas.

A prática educacional pode ser estruturada em torno do conceito de Economia Solidária com a apresentação de seus princípios e de suas práticas, discutindo a importância da colaboração, da justiça social e do respeito ao meio ambiente. É possível o desenvolvimento de um projeto prático no qual os(as) estudantes criem um sistema de trocas para a escola ou até mesmo para a comunidade local, definindo produtos e serviços que podem ser oferecidos para esse público alvo específico. Este projeto incluirá a elaboração de uma moeda própria, que poderá ser utilizada nas trocas. É importante que haja a análise com reflexões sobre a viabilidade dessas práticas, levando em conta o contexto em que a comunidade está inserida.

A metodologia adotada será participativa e colaborativa, utilizando a aprendizagem baseada em projetos (ABP) para envolver os(as) estudantes em todas as etapas do processo. As atividades incluirão:

- Oficinas Temáticas: Realização de oficinas sobre economia solidária, pelas quais os(as) estudantes poderão discutir e refletir sobre como esse modelo pode ser implementado em sua comunidade.
- Criação da Moeda: Os(as) estudantes serão desafiados a criar uma moeda própria, definindo seu nome, design e regras de uso. Essa moeda será utilizada nas trocas durante as atividades do projeto. Pode ser estimulada a oferta de bônus em moedas quando houver a aplicação de práticas agroecológicas.
- Simulações de Trocas: Realização de simulações práticas de trocas com a utilização da moeda criada, permitindo que os(as) estudantes vivenciem o funcionamento do sistema e de suas implicações. Pode ser criado um portal virtual para trocas de serviços prestados,
- Planejamento Logístico: Os(as) estudantes trabalharão em grupos para elaborar um plano logístico que defina os locais, horários e métodos de divulgação do sistema de trocas.

Ao integrar a Economia Solidária, as instituições de ensino têm a oportunidade de preparar os(as) estudantes para se tornarem agentes de transformação social, capazes de desenvolver soluções econômicas que respeitem o meio ambiente e promovam a equidade social. Além disso, por meio de discussões, é importante a abordagem acerca os principais pontos de questionamentos do modelo econômico em que vivemos. Com isso, os(as) estudantes poderão comparar e compreender melhor as vantagens desse modelo econômico alternativo com o convencional e estimular o desenvolvimento das habilidades necessárias para sua implementação, como o trabalho coletivo, a gestão democrática e o uso consciente dos recursos.



Problematização:

A problematização da prática educacional sobre a criação de uma Economia Solidária deve começar pela compreensão dos desafios e das limitações do modelo econômico dominante, que muitas vezes é marcado pela concentração de renda e de riqueza, pela exploração de recursos naturais e pela exclusão social. O sistema capitalista, ao priorizar o lucro acima das necessidades humanas e ambientais, gera profundas desigualdades socioeconômicas e precariza a vida de muitas comunidades, especialmente no campo e em áreas urbanas periféricas. Nesse contexto, a economia solidária surge como uma alternativa que visa romper com essas lógicas de exploração, promovendo valores como a cooperação, a autogestão e a justiça social. Porém, como esse sistema é historicamente dominante e muito consolidado culturalmente, a introdução de novas noções de práticas econômicas torna-se desafiadora.

O sistema educacional tradicional tende a formar indivíduos para se inserirem em um mercado de trabalho competitivo, sem que compreendam as dinâmicas econômicas ou tenham a oportunidade de questionar suas estruturas e propor alternativas. Nesse sentido, é fundamental que seja oferecida aos estudantes a oportunidade de refletir sobre o papel que desempenham como produtores(as) e consumidores(as) na sociedade, compreendendo as relações de poder e de desigualdade que permeiam o sistema econômico vigente atual, propondo a cooperação e a coletividade.

A proposta de uma economia solidária, que inclui a criação de uma moeda própria e de um sistema de trocas, questiona diretamente as bases do consumo capitalista, propondo uma visão diferente de riqueza e desenvolvimento. Nesse sentido, a prática educacional deve problematizar as seguintes questões: O que significa consumir conscientemente? Essa prática de Consumo Consciente é possível? Como a economia pode ser usada para promover o bem comum? Quais são as implicações de se criar um sistema econômico local que valorize saberes, práticas, serviços e produções da comunidade? Essas perguntas podem ajudar os(as) estudantes a perceber que o dinheiro e as transações econômicas não precisam estar vinculados a uma lógica de exploração, mas podem servir para promover a solidariedade e a equidade, além de estabelecer um pensamento mais ecológico.

Outro ponto importante para a discussão é a cultura do individualismo e do consumismo, que está profundamente enraizada na sociedade contemporânea, sendo essa a base para várias discussões acerca da nossa sociedade. Os(as) estudantes precisam refletir sobre como essa cultura afeta suas percepções sobre trabalho, consumo, riqueza, desenvolvimento e como a economia solidária propõe uma ruptura com práticas que provocam a desigualdade.

Promover o consumo consciente e a valorização dos bens e serviços locais requer uma mudança de mentalidade, que muitas vezes enfrenta resistência por parte de indivíduos que estão acostumados com um sistema econômico baseado na competição e na acumulação.

Por fim, a educação pode trazer essa construção da consciência crítica dos(as) estudantes em relação à economia solidária. É por meio dela que se pode promover uma mudança de paradigma, mostrando que existem alternativas ao modelo econômico hegemônico e que essas alternativas são viáveis e necessárias para promover uma sociedade mais justa, sustentável e viável.

Assim essa prática educacional deve incentivar o protagonismo dos(as) estudantes, mostrando que eles(as) podem ser agentes de transformação em suas comunidades, participando ativamente da construção de uma economia que priorize o bem-estar coletivo, o respeito ao meio ambiente e a valorização dos saberes e das práticas locais.

Considerações Finais:



A prática educacional busca instigar uma transformação profunda na maneira como os(as) estudantes percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor em relação ao sistema vigente. Ao promover valores fundamentais como a cooperação, a solidariedade e o respeito, tanto ao próximo quanto ao meio ambiente, essa prática visa formar indivíduos mais conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A proposta educacional permite a exploração de temas contemporâneos e críticos como: sociedade de consumo, o consumismo desenfreado, a produção de lixo e a poluição, entre outras. Essas questões afetam diretamente a qualidade de vida das comunidades e do planeta, incentivando os(as) estudantes a refletirem sobre suas próprias práticas de consumo e sobre o impacto de suas escolhas no meio ambiente e na sociedade.
A capacitação dos(as) estudantes para criar e implementar um sistema de trocas com moeda própria não é apenas um exercício econômico, mas um fortalecimento do senso de comunidade. Ao estabelecer um sistema no qual o valor é atribuído de maneira mais justa e equitativa, os(as) estudantes aprendem a valorizar a interdependência entre os membros da comunidade, reconhecendo que suas ações individuais têm um efeito coletivo. Essa dinâmica fomenta um ambiente de colaboração, em que cada membro se torna parte ativa do todo.

Referências Bibliográficas:

ADAMS, Telmo. **Educação na economia solidária: d**esafios e perspectivas. Educação. Santa Maria, 2014, 577-588.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: P**ráticas e Perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

DE QUEIROZ, João Batista Pereira. A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo. **Revista Nera,** 2012, 18: 37-46.

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **Agricultura Familiar e Economia Solidária:** Uma Abordagem para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília: FAO, 2018. Disponível em: https://www.fao.org.

MONTEIRO, Maria de Lurdes. **A sustentabilidade da economia solidária:** contribuições multidisciplinares / Sinival Osório Pitaguari, Líria Maria Bettiol Lanza, Sandra Maria Almeida Cordeiro (organizadores). – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

NASCIMENTO, Claudio. **Educação como elemento estruturante da Economia Solidária.** Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: INEP, 2005, 57-63.

RAMPI, Ana Paula. **Economia Solidária e Educação do Campo para o Desenvolvimento do Campo na Serra Catarinense.** 2013.

RODRIGUES, José Wilton Ferreira, et al. A **economia solidária no contexto da educação popular no campo: a ausência de uma práxis libertadora.** 2013.

SGUAREZI, Sandro Benedito. **Autogestão e economia solidária:** limites e possibilidades - Digital 2. Ed. [e-book] / Sandro Benedito Sguarezi. – Cáceres: Unemat Editora, 2020.

FALANDO NISSO...





Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=exYLDcjx5uw

A economia solidária é um modelo socioeconômico que promove a cooperação, a autogestão e a sustentabilidade, priorizando a justiça social e a valorização do ser humano acima do lucro. Fundamenta-se em princípios como a autogestão, em que as decisões são tomadas de forma democrática e coletiva, garantindo a participação igualitária de todos(as) os(as) envolvidos(as).

A cooperação é central, incentivando a colaboração entre membros e entre diferentes formatos e mecanismo de estruturas, fortalecendo redes solidárias e a economia local. A sustentabilidade também é essencial, com práticas que respeitam o meio ambiente e promovem o uso responsável dos recursos naturais. Além disso, valoriza o trabalho, combatendo a exploração e priorizando o bem-estar dos(as) trabalhadores(as), enquanto promove a inclusão social, especialmente de grupos historicamente excluídos, como mulheres, jovens, indígenas e quilombolas. O comércio justo é outro pilar, assegurando relações econômicas éticas e preços justos para produtores(as) e consumidores(as), bem como as trocas de serviços. Por fim, a economia solidária busca a redistribuição de renda, reduzindo desigualdades sociais e fortalecendo a economia local, configurando-se como uma alternativa ao modelo capitalista tradicional, com foco em uma sociedade mais equitativa e sustentável.

- Autogestão: Os empreendimentos são geridos coletivamente, com decisões tomadas de forma democrática, garantindo a participação igualitária de todos(as) os(as) envolvidos(as).
- Cooperação: Prioriza a colaboração entre os membros do grupo e entre diferentes empreendimentos, promovendo redes solidárias e fortalecendo a economia local.
- Sustentabilidade: Busca práticas que respeitem o meio ambiente e promovam o uso responsável dos recursos naturais, alinhando-se com os objetivos do desenvolvimento sustentável.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=F0ogpkQaTjI

- Valorização do Trabalho: O trabalho é reconhecido como um valor central, priorizando o bem-estar dos(as) trabalhadores(as) e combatendo a exploração e a precarização.
- Inclusão Social: Promove a inserção de grupos historicamente excluídos, como mulheres, jovens, indígenas, quilombolas e pessoas em situação de vulnerabilidade.
- Comércio Justo: Estimula relações econômicas transparentes e éticas, garantindo preços justos para produtores(as) e consumidores(as).
- Redistribuição de Renda: Busca reduzir desigualdades sociais por meio da partilha equitativa dos resultados e do fortalecimento da economia local.

Prática Educacional sobre Pescadores Artesanais e Ribeirinhos

Juliana Romano
Liliane Tesch
Jorcy Foerste Jacob

SEDU
GEACIQ

A pesca artesanal é uma atividade ancestral que carrega um profundo significado cultural, social e econômico para diversas comunidades ao longo dos rios e dos litorais brasileiros. Passada de geração a geração, ela representa uma forma de vida, sendo também um elo na construção e na manutenção de identidades culturais, de organização social e de modo de vida. Essa atividade garante a subsistência de muitas famílias, gerando emprego e renda para essas comunidades, além de desempenhar um papel essencial na preservação dos ecossistemas dos rios e dos mares. Ainda, a pesca artesanal promove a segurança alimentar, ao fornecer peixes e frutos do mar de forma acessível para a população local.

Vale ressaltar que sob a perspectiva dos Povos e Comunidades Tradicionais acerca da defesa, da luta e da construção do território, foram os seringueiros que iniciaram essa ofensiva de defesa, como traz Dieter Gawora, no artigo Povos e Comunidades Tradicionais como sujeitos da mudança:

> O debate sobre os direitos territoriais das primeiras comunidades tradicionais surgiu na década de 1980. Foram os seringueiros do Acre que levantaram a questão. Com eles, o debate sobre o território foi ampliado. Os seringueiros não queriam somente terras demarcadas. Lutaram, também, para uma economia sustentável na região, ou seja, procuram influenciar a política econômica regional na Amazônia. (GAWORA, 2011, p. 27)

A pesca artesanal pode contribuir diretamente para a manutenção da biodiversidade aquática, uma vez que se utiliza técnicas menos invasivas, respeitando os ciclos de reprodução dos peixes e preservando os habitats aquáticos marinho, lacustre e manguezal. Além disso, essa forma de pesca está intrinsecamente ligada ao uso sustentável dos recursos naturais, ao contrário da pesca industrial, que com frequência degrada o ambiente marinho e resulta em impactos irreversíveis para os ecossistemas. Essa luta das comunidades ribeirinhas é antiga e no Amazonas grandes conquistas já foram alcançadas, como nos mostra Gawora:

> Em seguida, surgiram outras comunidades tradicionais que também propagaram uma economia sustentável para o território definido e com relações com a sociedade regional. No Amazonas, os ribeirinhos lutaram, com sucesso, em prol de uma pesca sustentável para os seus lagos. Hoje, são decretados lagos de preservação, pelas leis municipais, entre 3000 e 5000 lagos na Amazônia, sob controle das comunidades. (GAWORA, 2011, p. 28)

Com o avanço da pesca industrial, o aumento da poluição dos mares, a exploração excessiva dos recursos e as mudanças climáticas, os pescadores artesanais têm enfrentado uma série de desafios crescentes para manter suas atividades, como a diminuição dos estoques pesqueiros, a competição desigual com grandes empresas, a poluição e a degradação do meio natural, principalmente quanto aos desastres ambientais, muitas vezes provocados por grandes empresas.

Ao discutir a pesca artesanal, os(as) estudantes podem compreender o valor dessa prática tradicional, sua relação com o meio ambiente, suas técnicas e a importância da preservação dos recursos naturais para o futuro das comunidades litorâneas e ribeirinhas, além de compreenderem a valorização da sua própria atividade para a sociedade como um todo.

SEDU
GEACIQ

Tema	Valorização da Cultura Pescadores
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Códigos e Linguagem e Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Cultura Pescadores; Pesca Artesanal; Identidades Culturais
Objetos de Conhecimento:	Povos e Comunidades Tradicionais; Segurança Alimentar; Pesca Artesanal; Manutenção da Biodiversidade
Tipo de Atividade:	Projeto de Identidade Cultural: Pescadores e Ribeirinhos
Habilidades:	**EM13CHS102:** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. **EM13CHS206FIL/ES:** Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos e modos de pensar daí derivados, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para raciocínio geográfico e filosófico. **EM13CHS101:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. **EM13CHS306:** Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros). **EM13CHS2016GEO/ES:** Relacionar o desenvolvimento territorial com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.

Metodologia:

- Pesquisa Inicial e Mapeamento Local: Os(as) estudantes investigarão a pesca artesanal na região, entrevistando pescadores(as) para identificar desafios e técnicas tradicionais;
- Visitas de Campo: Serão realizadas visitas às comunidades pesqueiras para que os(as) estudantes possam observar e vivenciar as técnicas de pesca artesanal, além de aprender sobre biodiversidade e sustentabilidade;
- Estudo Teórico e Análise Crítica: Pesquisas, estudos e debates abordarão os impactos da pesca industrial e políticas públicas;
- Projetos de Intervenção: A partir das informações coletadas, os(as) estudantes criarão projetos para apoiar a pesca artesanal, como campanhas de conscientização e propostas de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade;
- Produção de Trabalhos Finais: Os(as) estudantes produzirão relatórios, vídeos ou painéis para sintetizar as aprendizagens e propor soluções para os desafios identificados.

SEDU
GEACIQ

Pesquisa Inicial e Mapeamento Local: Os(as) estudantes realizarão uma pesquisa sobre a pesca artesanal na região, entrevistando pescadores locais, identificando os principais desafios e coletando informações sobre as técnicas utilizadas.

Visitas de Campo: Serão organizadas visitas às suas próprias comunidades e/ou a comunidades pesqueiras, para quem não pertence a essas comunidades, para que os(as) estudantes possam vivenciar a realidade dos(as) pescadores(as), observar as técnicas artesanais e aprender sobre a biodiversidade dos rios, lagos e mar e a sustentabilidade da atividade.

Estudo Teórico e Análise Crítica: A prática será complementada por estudos teóricos sobre ecossistemas marinhos, lacustre e de rios e sobre a importância da pesca sustentável e as legislações vigentes. Serão incentivados debates em sala de aula sobre o impacto da pesca industrial e o papel das políticas públicas.

Projetos de Intervenção: Com base nas informações coletadas, os(as) estudantes desenvolverão projetos que visem fortalecer a pesca artesanal local, seja por meio de campanhas de conscientização, intervenções ambientais, intervenções sociais ou propostas para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a pesca sustentável.

Produção de Trabalhos Finais: Ao final da prática, os(as) estudantes irão produzir relatórios, vídeos ou painéis que sintetizem as aprendizagens, propondo soluções para os problemas levantados ao longo do projeto ou elaborarão um produto final construído através das discussões levantadas.

A prática educacional sobre pescadores(as) artesanais envolve o estudo da atividade pesqueira no contexto local, suas técnicas, desafios e a relevância da sustentabilidade ambiental. Serão abordados temas como a biodiversidade do manguezal, marinha, ribeirinha e lacustre, os impactos da pesca predatória, as técnicas sustentáveis de pesca e a importância da organização comunitária dos(as) pescadores(as). Além disso, será analisada a relação entre o trabalho dos(as) pescadores(as) artesanais e a cadeia produtiva de alimentos, bem como o papel das legislações e das políticas públicas no incentivo à pesca sustentável.

Os(as) estudantes poderão participar de atividades práticas com pescadores locais, como visitas e pesquisa sobre técnicas artesanais e preservação dos recursos naturais. O objetivo é incentivar uma reflexão sobre o papel da juventude na preservação do conhecimento tradicional e na busca por soluções para os desafios dos pescadores locais.

Problematização:



A pesca artesanal é uma atividade tradicional e importante para a preservação dos ecossistemas aquáticos e para a segurança alimentar de milhares de famílias em comunidades ribeirinhas e litorâneas brasileiras, que tem sido ameaçada por múltiplos fatores, enfrentando muitas dificuldades. Porém, sua cultura e suas sabedorias orais permanecem vivas e são transmitidas de geração para geração.

Um fator central dessa ameaça é o avanço desenfreado da pesca industrial, que utiliza técnicas de grande escala e com maior impacto ambiental, e tem levado os recursos naturais ao esgotamento, colocando em risco os estoques pesqueiros e prejudicando diretamente as comunidades que dependem da pesca artesanal para sua subsistência.

Outro fator de risco é a degradação ambiental, resultante da poluição dos mares e dos rios, do uso indiscriminado de plásticos, da destruição de habitats marinhos e dos impactos das mudanças climáticas. Isso agrava ainda mais as condições de trabalho e de sustentabilidade da prática de pesca artesanal. A sociedade que vivemos produz e reproduz muito lixo, acúmulo e gasto de materiais imensos, os quais acarretam em um despejo enorme de resíduos e esses muitas vezes despejados no mar e nos rios. O microplástico é uma realidade dos oceanos atuais que ainda não sabemos ao certo como lidar e o que poderá causar a todos seres vivos. A poluição dos oceanos e dos rios é um dos maiores desafios ambientais da atualidade, agravada por esse descarte inadequado de resíduos sólidos. Plásticos descartados acabam fragmentados em microplásticos, partículas minúsculas que contaminam a água, entram na cadeia alimentar e ameaçam a vida marinha e a saúde humana. Além disso, o acúmulo de resíduos em correntes oceânicas forma as chamadas "ilhas de lixo", como a do Pacífico, que já ultrapassa o tamanho de países inteiros. Esses problemas evidenciam a urgência de repensar o consumo, melhorar a gestão de resíduos e adotar práticas sustentáveis para proteger os ecossistemas aquáticos e garantir um futuro saudável para o planeta. Pesquisar sobre esse assunto também faz parte da problematização das discussões dessa prática.

Um fator crítico é a grande quantidade de impactos ambientais causados por empresas responsáveis por barragens de água, que recentemente levaram a uma degradação enorme os ecossistemas, afetando diretamente na vida das populações que dependem da pesca artesanal, degradação essa que ainda perdurará por muitos anos.

Dessa forma, os(as) estudantes são convidados a refletir sobre as implicações socioambientais desse cenário local e mundial, propondo alternativas viáveis para garantir a continuidade e a sustentabilidade desse modo de vida e para o fortalecimento das comunidades tradicionais. Ao promover essa discussão, espera-se também fortalecer a identidade cultural dos(as) estudantes e sua conexão com o território, incentivando-os(as) a atuar como agentes de transformação social e ambiental em suas próprias comunidades.

Considerações Finais:

As considerações finais da prática educacional sobre pescadores(as) artesanais reforçam o papel transformador da educação ao trazer à tona temas que conectam cultura, economia e meio ambiente, que estruturam a realidade das comunidades ribeirinhas e costeiras.

Através desse processo, os(as) estudantes são incentivados(as) a valorizar o conhecimento tradicional dos(as) pescadores(as), reconhecendo que essas práticas, passadas de geração em geração, não apenas asseguram a sobrevivência das famílias ribeirinhas e litorâneas, mas também desempenham um papel vital na proteção dos ecossistemas aquáticos.
Mais do que transmitir informações, a prática busca fomentar um sentimento de pertencimento e de responsabilidade socioambiental. Ao se conectar com as dinâmicas locais da pesca artesanal, os(as) estudantes podem se tornar agentes de transformação em suas próprias comunidades, defendendo práticas mais inclusivas e sustentáveis.
Além disso, ao trabalhar temas relacionados à pesca artesanal, o projeto educativo fortalece o vínculo entre escola e comunidade, promovendo uma troca de saberes que enriquece tanto o ambiente escolar quanto o cotidiano das famílias envolvidas. Essa prática, ao ser replicada e adaptada em outros contextos, pode se tornar uma ferramenta para a conscientização ambiental e para a construção de soluções coletivas em prol da preservação dos recursos naturais e do fortalecimento das economias locais. Dessa forma, a prática educacional cumpre um papel essencial na formação de cidadãos críticos, comprometidos com a sustentabilidade e com o respeito às tradições culturais, ampliando o olhar dos(as) estudantes para as interconexões entre o humano e o meio ambiente.

Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Letícia Fátima de, et al. **SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS:** uma análise do modo de apropriação da natureza pelos pecuaristas familiares da Serra do Sudeste/RS. 2013.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; BRUNO, Ana Carla dos Santos. **Povos e comunidades tradicionais:** das áreas protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva[1]. Ambiente & sociedade, 2014, 17: 115-134.

CARDOSO, Olívia Gonçalves; RIBEIRO, Joyce Otania Seixas. Cultura, Identidade e Educação: marcas do território ribeirinho. In: **Anais do 10º CONINTER -** CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. Niterói(RJ) Programa de Pós-Graduação em, 2021. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/xc22021/437214-CULTURA-IDENTIDADE-E-EDUCACAO--MARCAS-DO-TERRITORIO-RIBEIRINHO. Acesso em: 13/12/2024

GAWORA, Dirter; IDE, Maria Helena de Souza; BARBOSA, Rômulo Soares (Org.). **Povos e comunidades tradicionais no Brasil**. Montes Claros: Unimentes, 2011.

LIMA, Maria de Nazaré Teles de. **Educação Ribeirinha:** desafios e perspectivas. Revista Científica Fesa, v.3, n.18, 2024

SANTILLI, Juliana. O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial. **Demetra:** alimentação, nutrição & saúde, 2015, 10.3: 585-606.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista de Educação Pública,** 2015, 24.56: 405-428.

FALANDO NISSO...





Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=EuvoaJsYy0s

O Caboclo Bernardo, nascido Bernardo José dos Santos, é uma figura lendária e herói nacional cuja história se entrelaça com as águas da foz do Rio Doce, em Regência, Espírito Santo. Filho de mãe indígena e pai negro, Bernardo viveu no século XIX, em um contexto de marginalização social, mas tornou-se um símbolo de coragem, solidariedade e humanidade. Seu ato heroico mais célebre ocorreu em 1887, quando salvou 128 náufragos do navio Imperial Marinheiro, que naufragou próximo à costa de Regência durante uma tempestade.

Conhecido por sua habilidade como pescador e canoeiro, Bernardo enfrentou as águas revoltas em sua pequena canoa, desafiando ondas gigantescas e correntes traiçoeiras para resgatar, um a um, os tripulantes e os passageiros em condições quase impossíveis.

Apesar de seu heroísmo, Bernardo enfrentou os preconceitos de sua época e viveu uma vida simples, marcada pela luta diária como pescador. Foi reconhecido pelo governo imperial com uma medalha de honra, mas o maior legado de seu ato foi a inspiração que deixou para as gerações futuras. Em Regência, ele é celebrado como um símbolo de coragem, solidariedade e conexão com a natureza. Sua memória é preservada em monumentos, histórias orais e na cultura local, sendo visto como um protetor das águas e das vidas que delas dependem.

A figura do Caboclo Bernardo transcende seu ato heroico, tornando-se um símbolo de resistência e esperança, especialmente em momentos de crise, como o desastre ambiental de 2015 que devastou o Rio Doce. Ele é lembrado como um guardião espiritual e um exemplo de altruísmo, força e amor ao próximo, inspirando a luta por justiça social, igualdade e sustentabilidade. A história de Bernardo não é apenas um marco local, mas um patrimônio imaterial do Brasil, representando o que há de mais nobre na humanidade.



Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=YLbMKecWrLs

Prática Educacional sobre Povos Indígenas

Juliana Romano
Liliane Tesch

SEDU
GEACIQ

Os Povos Originários no Brasil possuem uma rica diversidade de heranças culturais, expressa na variedade linguística, de tradições, de modos de vida e de saberes ancestrais, que contribui de forma inestimável para a construção da identidade nacional e para a preservação dos ecossistemas naturais. Esses saberes indígenas são fundamentais para a sustentabilidade, especialmente por suas práticas de convivência harmônica com a natureza e por suas contribuições para a preservação da biodiversidade. As formas de manejo sustentável da terra, das florestas, suas cosmovisões e o profundo respeito aos elementos da natureza demonstram uma conexão íntima entre os povos indígenas, natureza e o meio ambiente, algo que a sociedade como um todo deve reconhecer, reconectar e aprender.

No entanto, ao longo da história, os povos indígenas foram sistematicamente marginalizados, enfrentando o genocídio cultural e físico desde o período colonial até os dias de hoje. Eles sofrem com a perda de seus territórios, desmatamento, apropriação indevida de suas terras por interesses econômicos (como o agronegócio, os desmatamentos, a mineração e outros empreendimentos de grande escala) e são frequentemente alvos de discriminação racial e social.

A constante ameaça às tradições, ao modo de vida e à própria existência dos povos originários configura um dos mais graves desafios aos direitos humanos no Brasil. O reconhecimento da importância desses povos e a defesa de seus direitos territoriais, culturais e ambientais não são apenas questões de justiça social e de reparação histórica, mas também pilares essenciais para a preservação da riqueza cultural e ambiental que sustenta a biodiversidade e o equilíbrio ecológico do país. Além disso, suas cosmovisões e modos de vida oferecem uma perspectiva única e mais harmoniosa de relação com o planeta, fundamental para repensar as condições de convivência e de sustentabilidade globais.

Dessa forma, a inclusão da temática indígena no contexto escolar é fundamental para desconstruir narrativas hegemônicas que invisibilizam ou distorcem a história dos povos indígenas, frequentemente retratados como uma cultura homogênea, desconsiderando sua diversidade e suas contribuições históricas e culturais. Trazer esse tema para a sala de aula visa promover entre os(as) estudantes uma compreensão mais ampla das lutas, da resistência e da estruturação de outras formas de organização social desses povos, reconhecendo-os como protagonistas de suas próprias histórias e defensores dos biomas brasileiros.

Este projeto educativo valoriza os saberes indígenas, destacando sua relevância cultural, ecológica e social no mundo contemporâneo. Ao sensibilizar os(as) estudantes para a riqueza das culturas indígenas e promover uma visão crítica da história do Brasil, essa proposta contribui para formar cidadãos conscientes, comprometidos com os direitos indígenas e a sustentabilidade. Além disso, reforça a importância dos povos originários como aliados no combate às mudanças climáticas e à degradação ambiental, evidenciando a preservação dos biomas como uma questão ecológica e cultural. A inclusão desses conhecimentos no currículo é essencial para um futuro mais justo e sustentável.

SEDU
GEACIQ

Tema	Cultura dos Povos Indígenas
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Códigos e Linguagem e Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Cultura dos Povos Indígenas; Ancestralidade; Identidade Cultural
Objetos de Conhecimento:	Aspectos históricos do das Comunidades Indígenas; História e Cultura; A paisagem e o território; Questão ambiental Geografia Cultural; Sociologia ambiental Aspectos históricos dos artesanatos nas aldeias.
Tipo de Atividade:	Projeto Étnico cultural dos Povos Indígenas
Habilidades:	**EM13CHS101SOC/ES:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias sociológicas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, interpretando e analisando conceitos sociológicos acerca de senso comum, conhecimento científico, entendendo a sociedade e seu espaço, analisando o meio urbano e campesino para compreender a segregação social e seus impactos no meio ambiente. **EM13CHS2016GEO/ES:** Relacionar o desenvolvimento territorial com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos. Promover a integração dos(as) jovens estudantes à cultura que é originária de seus povos. Compreender a importância do uso ecológico sustentável para a manutenção das práticas culturais e artísticas do povo indígena. Promover o compartilhar de saberes com mestres guardiões dos conhecimentos ancestrais e seu entorno. Estimular os(as) jovens à manutenção dos aspectos culturais e artísticos da comunidade indígena na qual vivem. Promover a integração dos(as) jovens estudantes a um instrumento que é originário de seu povo indígena.

Metodologia:

- Leitura e interpretação de textos e vídeos sobre a história, cultura e resistência indígena;
- Uso de podcasts, redes sociais e influenciadores indígenas para explorar questões atuais;
- Reflexão sobre saberes ancestrais e suas contribuições à ciência e à sustentabilidade;
- Produções artísticas baseadas em tradições indígenas, como grafismos.
- Discussão sobre direitos indígenas, demarcação de terras e impacto da colonização;
- Projetos interdisciplinares sobre práticas sustentáveis indígenas e preservação ambiental;
- Visitas a aldeias ou palestras com representantes indígenas para enriquecer o aprendizado.



Esta prática pedagógica busca romper com o silenciamento histórico dos povos originários no ambiente escolar, destacando suas narrativas, saberes e modos de vida. A prática educacional será desenvolvida de forma participativa e interdisciplinar, envolvendo diferentes componentes curriculares. Serão utilizadas metodologias ativas como rodas de conversa, trabalhos em grupo, oficinas práticas e a análise de materiais audiovisuais. A participação de representantes indígenas, sempre que possível, será estimulada para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

- Leitura e interpretação de textos que tratam da história e da atualidade dos povos indígenas.

-Podcasts, instagram e demais influenciadores indígenas que estão vinculados à rede de comunicação digital.

-Saberes e conhecimentos ancestrais indígenas: contribuições à ciência

- Produção artística com base nas tradições e estéticas indígenas, como grafismos.

- Debates críticos sobre as políticas públicas, direitos indígenas e o impacto da colonização nos territórios indígenas.

- Projeto interdisciplinar que relacione as contribuições indígenas à preservação ambiental, trazendo exemplos de suas práticas sustentáveis.

A prática educacional será desenvolvida por meio de atividades interdisciplinares que conectam os conhecimentos indígenas com as áreas do currículo escolar, tais como Códigos e Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza. O objetivo é explorar as contribuições indígenas para a sociedade, sua relação com a natureza e a preservação do meio ambiente, além de problematizar as questões políticas e sociais que envolvem a luta pelos direitos territoriais e culturais.

As atividades podem incluir:-

- Leitura de textos e análise de vídeos sobre a história e a realidade dos povos indígenas no Brasil, abordando temas como diversidade cultural, organização social, relação com o território e resistência política.

- Debates e discussões sobre os direitos indígenas, a importância da demarcação de terras e o impacto das políticas públicas no cotidiano desses povos, bem como os diferentes modos sociais construídos, além da discussão sobre a contribuição dos povos indígenas para a preservação da biodiversidade.

- Visita a aldeias indígenas locais ou palestras com representantes indígenas, sempre que possível, para promover o contato direto dos(as) estudantes com as realidades e saberes tradicionais.

Problematização:

Apesar de sua importância cultural, social e histórica, os povos indígenas continuam enfrentando uma série de desafios que ameaçam sua existência e seu modo de vida. O avanço de grandes projetos de desenvolvimento, como a mineração, o agronegócio e a exploração dos elementos naturais, geram impactos devastadores sobre os seus territórios, levando à perda de terras ancestrais, à degradação ambiental e à destruição de ecossistemas que são fundamentais para a sua subsistência e cultura. Essas ações comprometem não apenas a integridade territorial, mas também desencadeiam conflitos violentos, violações dos direitos humanos e um profundo desrespeito à ancestralidade indígena.



Além da luta pelos seus direitos territoriais, os povos indígenas enfrentam diariamente preconceitos, estereótipos e discriminações. Frequentemente, são retratados de maneira pejorativa na mídia e em discursos públicos, o que contribui para a marginalização e a invisibilidade dessas comunidades.

É urgente, portanto, discutir o papel da sociedade na preservação dos direitos indígenas e como as instituições de ensino podem contribuir para a construção de uma visão crítica sobre as questões que envolvem esses povos. Além disso, ampliar a percepção que outras cosmovisões são igualmente importantes para pensarmos o mundo, principalmente quando consideramos o futuro da espécie humana.

A escola, como espaço de reflexão e de socialização, desempenha um papel essencial na promoção de uma educação emancipadora que aborda as realidades indígenas de forma respeitosa, informativa e contextualizada socialmente. A educação pode ser uma ferramenta poderosa para combater preconceitos, promover o respeito à diversidade e incentivar o protagonismo indígena na sociedade. Integrar a história e as culturas indígenas no currículo escolar oferece aos(às) estudantes a oportunidade de aprender sobre as ricas tradições, modos de vida e lutas desses povos. Essa abordagem amplia a compreensão da pluralidade cultural do Brasil e permite explorar outras formas de viver, ao mesmo tempo que ajuda a desmistificar ideias hegemônicas sobre os povos indígenas.

Além disso, é essencial que a educação fomente um espaço de diálogo no qual os saberes indígenas sejam valorizados e respeitados. Os(as) estudantes devem ser incentivados a ouvir e aprender diretamente com as comunidades indígenas, reconhecendo-as como fontes legítimas de conhecimento. Essa interação pode ser realizada por meio de visitas a comunidades, palestras com lideranças indígenas e projetos colaborativos que envolvam as vozes dos povos originários.

Incorporar essas práticas educacionais promove não apenas a sensibilização dos(as) estudantes, mas também instiga uma reflexão crítica sobre as injustiças históricas e contemporâneas enfrentadas pelos povos indígenas. Ao desenvolver a empatia e o compromisso com a defesa dos direitos humanos, a educação pode fortalecer novas gerações a se tornarem defensoras ativas da diversidade cultural, dos direitos dos povos indígenas e da valorização da sua própria cultura.

Portanto, a construção de uma sociedade mais justa e plural exige um esforço coletivo em que a educação desempenhe um papel central. Somente através da conscientização e da valorização dos povos indígenas será possível promover uma convivência respeitosa e harmoniosa entre diferentes culturas, assegurando que suas vozes e tradições não sejam apenas preservadas, mas celebradas como parte integrante da identidade brasileira.

Considerações Finais:



Esta prática educacional visa fortalecer o respeito e a valorização dos povos indígenas, promovendo uma educação que reconheça a importância de suas contribuições para a preservação ambiental, para a construção de outros olhares sociais, a diversidade cultural e a identidade nacional. Ao integrar a cultura e os saberes indígenas no currículo escolar, a proposta não só enriquece o conhecimento dos(as) estudantes, mas também destaca a relevância dessas comunidades na conservação dos ecossistemas e na promoção de práticas sustentáveis. Os povos indígenas, com sua relação intrínseca com a terra e seus conhecimentos tradicionais, desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade e no uso sustentável dos recursos naturais.

A escola tem, portanto, um papel transformador na erradicação de preconceitos históricos que têm sido perpetuados ao longo do tempo. É essencial que a educação estimule o diálogo intercultural, permitindo que os povos indígenas tenham suas diversidades contempladas e seus modos de existência respeitados.

Ao proporcionar um espaço onde os(as) estudantes possam exercitar a escuta dos protagonistas indígenas e, dessa forma, aprender sobre a cultura, as tradições e as lutas desses povos, a prática educacional contribui para a formação de uma consciência crítica que desafia estereótipos e promove o respeito à diversidade. Essa abordagem ajuda a cultivar um ambiente escolar que valoriza a pluralidade, reconhecendo a importância das diferentes identidades que compõem a sociedade.

Ao implementar a Lei 11.645/2008, fomentando o conhecimento indígena no currículo, busca-se formar estudantes mais críticos, conscientes e respeitosos, capazes de compreender as complexidades das relações sociais, políticas e ambientais que cercam a vida dos povos indígenas. Esses(as) estudantes são incentivados(as) a se tornarem defensores(as) dos direitos indígenas, sensibilizando-se para as injustiças enfrentadas por essas comunidades e desenvolvendo um compromisso com a equidade e a justiça social. A educação torna-se, assim, um espaço de fortalecimento, por meio do qual as novas gerações tornam-se preparadas para lutar por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por fim, o projeto também abre espaço para que as novas gerações se tornem aliadas na preservação dos biomas, do modo de vida social e na luta pelos direitos indígenas. Ao conectarem o saber escolar ao compromisso com a justiça social e ambiental, os(as) estudantes se tornam agentes de mudança em suas comunidades. A prática educacional não apenas fornece informações, mas também incentiva a ação, motivando os(as) estudantes a participar ativamente de iniciativas que visam proteger o meio ambiente e promover os direitos dos povos indígenas.

Referências Bibliográficas:

BABAU, Cacique. **Retomada.** CARNEVALLI, F; REGALDO, F; LOBATO, P; MARQUEZ, R; CANÇADO, W. **Terra: Antologia Afro-indígena**. SP/BH: Ubu Editora. PISEGRAMA, 2003.

DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Estilaque Ferreira dos. “Vias de comunicação, conquista territorial e colonização estrangeira no Espírito Santo do século XIX: a gênese do pensamento político capixaba.” Revista Dimensões, vol. 17, 2005.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das letras, 2019.

FALANDO NISSO...





https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w&rco=1

'O documentário "Índios Somos Nós" é uma produção da TV Brasil realizada durante a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas na cidade de Palmas. Ele revela a realidade de alguns povos que vivem no Brasil, a partir da perspectiva dos próprios indígenas; o que mudou nas suas culturas e tradições ao longo dos anos e como essa população pensa os não-indígenas.

A denominação "índio" surgiu com a chegada dos europeus às Américas, que, por pensarem que haviam aportado nas Índias, acabaram por chamar a região, inicialmente, de Índias Ocidentais. A expressão generalista acabou denominando de forma superficial grupos humanos tão distintos entre si. O título do filme remete o telespectador a um questionamento sobre o uso pejorativo da palavra índio, que muitas vezes faz referência àquilo que é ultrapassado e sem civilidade, passando a ser um contraponto ao que é revelado nas entrevistas que integram o documentário. Mas, afinal, quem é o "índio"? Na época da chegada dos colonizadores ao Brasil, estima-se que mais de mil povos já ocupavam as terras que viriam a formar o território brasileiro e como não se sabe de onde essa população veio, ela hoje é classificada como "nativa" ou "originária". Hoje, esses povos são minoria. Mesmo restando tão poucos povos originários espalhados em lugares remotos de um país continental como o Brasil e vivendo tão distantes entre si, os povos indígenas têm em comum o fato de se identificarem com uma coletividade e também de estarem inseridos em uma estrutura social maior com a qual não se identificam integralmente, mas convivem muito bem. E é a partir de conflitos e de construções dessas relações que eles lançam seus olhares e dão lições de respeito às outras culturas.

Os tempos mudaram, e com eles, os povos indígenas também. A adoção de hábitos considerados "brancos", como o uso de roupas ou tecnologia, não diminui a sua identidade indígena. Eles continuam comprometidos com a luta para preservar sua cultura e modos de existência, trazendo uma cultura riquíssima que muito tem a nos ensinar sobretudo sobre a preservação desse planeta.



https://www.youtube.com/watch?v=uuzTSTmIaUc

Prática Educacional sobre as Comunidades Quilombolas

Márcia Helena do Nascimento
Juliana Romano
Liliane Tesch



As comunidades quilombolas no Brasil representam um patrimônio cultural e histórico de enorme relevância, sendo símbolo de resistência e de preservação das tradições africanas e afro-brasileiras. Podemos defini-las como originárias dos antigos quilombos (comunidades formadas por negros que fugiram do sistema escravista em busca de liberdade e dignidade), assim como na configuração atual dos quilombos e aquilombamentos urbanos nas periferias de resistência cultural. Essas populações mantêm vivos os costumes, os saberes e as práticas ancestrais que carregam em si profundas marcas de luta, resiliência e conexão com a terra e com o meio em que vivem.

Os quilombos possuem uma grande diversidade de práticas e saberes que inclui aspectos como a oralidade, culinária, músicas, danças, festas, religiosidade e sistemas de organização social, compondo um mosaico de tradições transmitidas de geração em geração. No entanto, essas comunidades ainda enfrentam desafios significativos para manter suas tradições, especialmente diante da luta pelo direito à terra, discriminação racial e a invisibilidade que muitas vezes sofrem no cenário nacional. A inserção dessa temática e das discussões sobre Educação das Relações Étnico Raciais (ERER) no contexto educacional, portanto, é importante para promover o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, para despertar nos(as) estudantes um olhar mais crítico e inclusivo sobre a história e a importância das comunidades negras que formaram nosso país, no combate ao racismo estrutural e institucional, e na luta antirracista nas escolas.

Ao conhecerem mais profundamente sobre os quilombos e sobre os povos que vieram de diversas regiões do continente africano na diáspora a partir de uma perspectiva decolonial da história, os(as) estudantes têm a oportunidade de desconstruir estereótipos e preconceitos, entendendo a importância das contribuições das comunidades quilombolas e dos povos africanos para a formação do Brasil em suas dimensões social, política, cultural, ancestral e ambiental.

Assim, a educação sobre essas comunidades e a história da herança negra criam uma base para que se tornem agentes na luta contra o racismo, valorizando a cultura negra, na defesa de uma sociedade mais justa, na qual os quilombos e aquilombados possam ser reconhecidos e respeitados. Essa prática educacional busca, portanto, ampliar os conhecimentos dos(as) estudantes sobre a herança cultural afro-brasileira, incentivando a inclusão e o combate ao racismo, além de estimular o respeito, a empatia e o reconhecimento dos direitos dessas comunidades tradicionais, aprendizados essenciais para uma convivência mais justa e democrática.

SEDU
GEACIQ

Tema	Culturas Quilombolas em destaque
Componente (s) Curricular(es)	Ciências Humanas, Códigos e Linguagem e Ciências da Natureza e Matemática
Turma(s)/ Série(s)	Ensino Fundamental e Médio
Palavras-chave	Cultura Quilombola; Diversidade Étnico Cultural; Antirracista.
Objetos de Conhecimento:	Cultura, diversidade e Multiculturalismo; Formação populacional, social e cultural brasileira e capixaba; Pesquisa Social; Saberes dos povos africanos expressos na cultura material e imaterial; Patrimônio cultural: material e imaterial; Estratificação e desigualdades sociais, raciais e de gênero; Democracia, cidadania e direitos humanos; Valorização da Diversidade Étnica e Cultural.
Tipo de Atividade:	Projeto Comunidades Quilombolas
Habilidades:	**EF07HI03/ES:** Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas, dando evidência às diversas etnias indígenas que habitavam o Espírito Santo e percebendo que cada sociedade pode estar vivenciando um período distinto da história. **EM13CHS108SOC:** Possibilitar a construção do pensamento sociológico para refletir e transformar a prática social dos estudantes, bem como estudar a dinâmica das mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais do estado do Espírito Santo, incentivando as pesquisas sociológicas e suas implicações interventivas. **EM13CNT305:** Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade. **EF06HI02:** Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registros em sociedades e épocas distintas, compreendendo que as variadas fontes históricas assumem um papel fundamental para análises de comportamento e organização social em distintas temporalidades. **EF69AR21-06:** Explorar e analisar fontes e materiais sonoros em práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, reconhecendo timbres e características de instrumentos musicais diversos característicos da cultura brasileira.

Metodologia:



- Estudo da História dos Quilombos e da Diáspora Africana: Aulas com textos, vídeos e documentários;
- Rodas de Conversa e Visitas: Diálogo com líderes quilombolas e, se possível, visitas a comunidades;
- Oficinas Culturais: Exploração de dança, música, culinária e artesanato quilombola;
- Projetos de Pesquisa: Grupos estudam temas como lutas por direitos e influências africanas na cultura brasileira;
- Produção de Materiais Culturais: Criação de textos, cartazes, documentários, e-books e apresentações para a Mostra Cultural.

A prática será desenvolvida ao longo de várias atividades interdisciplinares, promovendo uma compreensão abrangente sobre a história e a cultura das comunidades quilombolas e dos povos negros. As atividades incluem:

- Estudo da História dos Quilombos: Com apoio de textos, vídeos e documentários, os(as) estudantes terão uma introdução à história dos quilombos no Brasil e à formação das comunidades quilombolas.

- Estudo da História das diáspora africana: Com apoio de textos, vídeos e documentários, os(as) estudantes terão outros entendimentos acerca da história brasileira sob a perspectiva da construção negra da História.

- Roda de Conversa e Visita: Realização de uma roda de conversa com líderes quilombolas locais ou convidados que possam compartilhar suas vivências, desafios e conquistas. Se possível, planejar uma visita a uma comunidade quilombola para vivenciar as tradições e os modos de vida.

- Oficina de Expressões Culturais: Organização de oficinas temáticas que explorem a dança, a música, a culinária e o artesanato típicos das comunidades quilombolas.

- Projeto de Pesquisa: Dividir a turma em grupos para que pesquisem temas relacionados às comunidades quilombolas, como lutas por direitos, preservação cultural, influências africanas na cultura brasileira, entre outros.

- Produção de Materiais Culturais: Os(as) estudantes produzirão textos, cartazes, documentários a partir das visitações e das aulas de campo, bem como e-books com as histórias narradas pelos mestres e mestras do saber. Ainda, também é possível desenvolver apresentações ou outros materiais sobre as contribuições das comunidades quilombolas para a sociedade brasileira, que serão divulgados na escola em uma Mostra Cultural.

-Interdisciplinaridade: Integrar os diversos componentes curriculares nas atividades, proporcionando uma visão ampla e contextualizada.

- Aprendizagem Ativa: Utilizar metodologias ativas, como rodas de conversa, debates, oficinas e visitas, que incentivem a participação ativa dos(as) estudantes.

-Aprendizagem Significativa: Promover atividades que conectem o conteúdo à realidade dos(as) estudantes, para que possam relacionar a cultura quilombola e negra ao contexto local e nacional.

Problematização:



Apesar de sua importância cultural e histórica, as comunidades quilombolas no Brasil enfrentam inúmeros desafios que ameaçam sua permanência e continuidade. A luta pela terra e pelo meio em que vivem são questões centrais, uma vez que o território representa para essas comunidades não apenas um meio de subsistência e de vivência, mas também um espaço de resistência e identidade cultural.

São muitas as dificuldades encontradas para a promoção e a valorização dessas comunidades, desde a demora nos processos de regularização fundiária e as pressões de grandes empreendimentos, como a mineração e o agronegócio, que comprometem a segurança e o direito à terra quilombola, até a identificação e o entendimento dos espaços aquilombados e, principalmente, o acesso às tramitações burocráticas. Além disso, essas comunidades enfrentam a discriminação racial e o racismo estrutural que dificultam seu acesso a direitos básicos, como saúde, educação, saneamento e infraestrutura climática, que contribuem para a invisibilidade social de suas demandas e de suas tradições.

A influência de estereótipos, muitas vezes reforçados por uma narrativa histórica hegemônica, também afeta a valorização e o reconhecimento das contribuições quilombolas na construção da sociedade brasileira. Esses estereótipos, somados ao desconhecimento sobre a verdadeira riqueza das tradições e saberes quilombolas, resultam em preconceitos que afastam a sociedade de uma compreensão mais inclusiva e justa. O pensador quilombola Nego Bispo nos mostra que “Precisamos de uma educação que respeite nossos saberes, nossas histórias e nossas formas de viver”. Ele reflete sobre o assunto e questiona determinadas formas de perceber a construção da história e o envolvimento dessas comunidades:

> Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar. Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre compreende a necessidade de existirem as outras pessoas (Santos, 2018).

Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental, impondo questionamentos sobre: como a escola pode contribuir para o reconhecimento e a valorização dessas comunidades? Como a educação pode desconstruir preconceitos e ampliar o entendimento sobre o papel crucial das comunidades quilombolas na formação da sociedade brasileira?

A prática educativa proposta busca ir além da simples transmissão de conteúdo, promovendo uma abordagem que permita aos(às) estudantes refletirem sobre a resistência quilombola e os desafios enfrentados por essas comunidades, incentivando uma conscientização crítica e sensível. Por meio de atividades que explorem a história, a cultura e a importância da luta quilombola, com ênfase nas diásporas africanas e seus modos de vida e resistência, os(as) estudantes terão a oportunidade de desenvolver empatia, respeito e reconhecimento pelas contribuições dos quilombolas e dos povos africanos na diversidade e na riqueza cultural do país. A prática educativa, ao valorizar o conhecimento quilombola, visa fortalecer o compromisso com uma sociedade que respeite os direitos humanos e promova a equidade racial.

Considerações Finais:

A prática educacional sobre as comunidades quilombolas busca despertar nos(as) estudantes uma compreensão mais profunda e sensível acerca da riqueza cultural e da relevância histórica dessas comunidades para a identidade nacional brasileira, promovendo uma educação inclusiva e comprometida com valores antirracistas.

Ao desenvolverem uma visão crítica sobre a diversidade cultural e os desafios enfrentados pelas populações quilombolas e negra no Brasil, os(as) estudantes não apenas ampliam seu entendimento sobre a história do país, mas também se tornam agentes de transformação, conscientes da importância de uma sociedade que valorize a pluralidade e que respeite as contribuições essenciais dos povos tradicionais para o desenvolvimento social, político, cultural e ambiental do Brasil.

Além disso, essa prática educacional fortalece o compromisso da escola com a justiça social, combatendo ativamente o preconceito e a discriminação racial, que ainda afetam e marginalizam essas comunidades. Ao trazer à tona a memória, os saberes e as práticas quilombolas, a partir da perspectiva decolonial, a escola desempenha um papel central na preservação e valorização dessas tradições, ampliando a compreensão dos(as) estudantes acerca da importância da preservação e da ressignificação dessas heranças, possibilitando a perenidade desses saberes para as novas gerações. Assim como nos traz Nego Bispo “Mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimam os significados. Mesmo que queimem os corpos, não queimam a ancestralidade”(Santos, 2018).

Em suma, essa prática educacional proposta também incentiva a empatia e o respeito mútuo, promovendo o entendimento de que a riqueza cultural quilombola e negra é uma parte indispensável do que constitui o Brasil enquanto nação plural. Em última análise, ao construir pontes de diálogo e de conhecimento, a prática educativa contribui para a formação de uma cidadania mais justa, crítica e solidária.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 21/11/2024

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 16 de agosto de 2023. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de agosto de 2023, Seção 1, pp. 41-42.

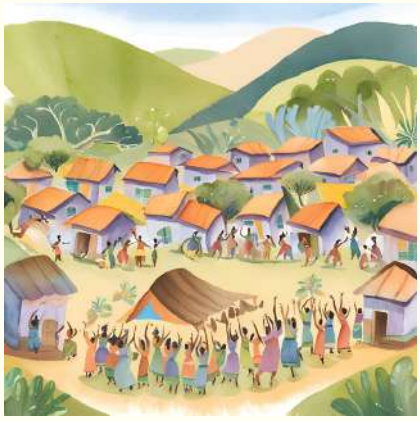
ESPÍRITO SANTO. Resolução CEE-ES nº. 6.596/2022. Aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, e dá outras providências. Diário Oficial do Espírito Santo, Vitória, 2022.

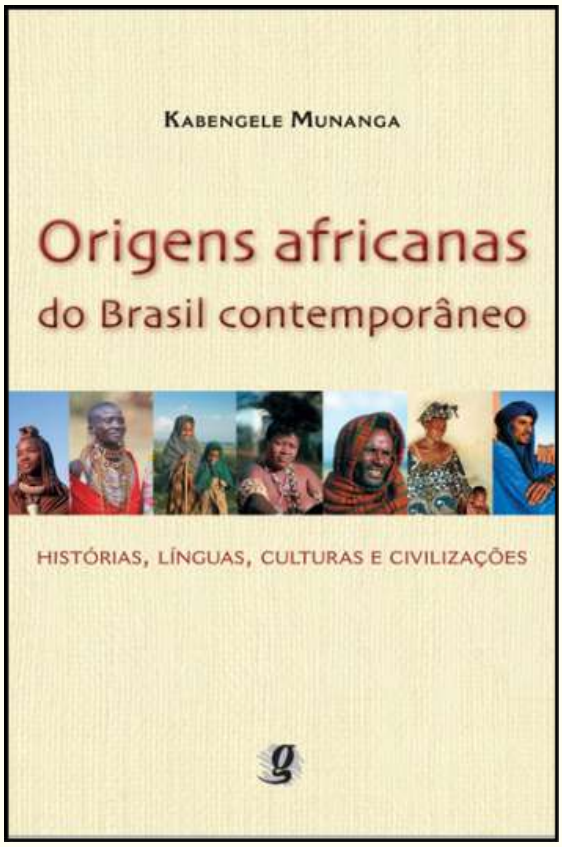
LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Revista Etnográfica, v. IV (2), 2000.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. In: Revista USP, n. 28, São Paulo, 1996.

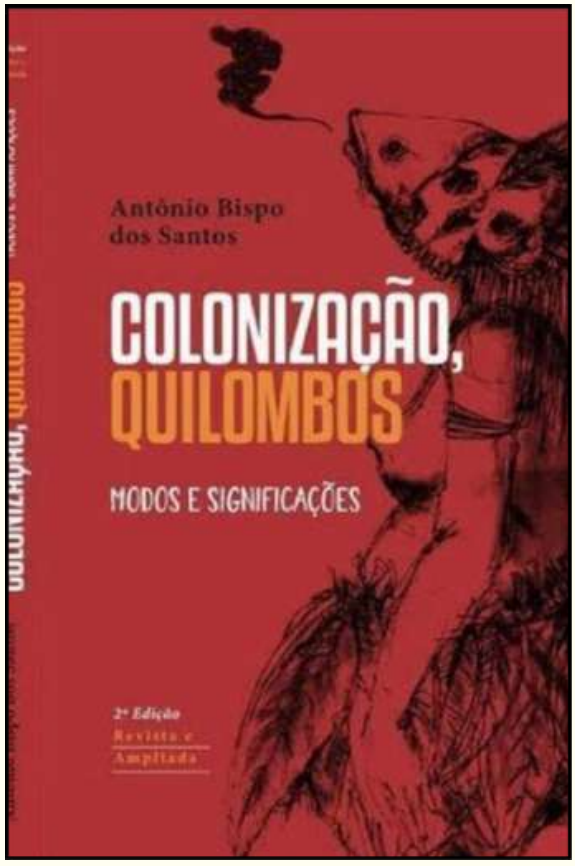
SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

FALANDO NISSO...





O livro Origens africanas do Brasil contemporâneo busca recuperar a história e a riqueza cultural da África antes do período de exploração e dominação que justificaram a colonização do continente. Por meio de textos e de fotografias, o autor propõe a desconstrução da visão distorcida e impositiva sobre os povos e as culturas africanas, desmentindo a imagem de um continente selvagem e desprovido de humanidade), apresentando uma África vibrante, humanizada e cheia de beleza. Além disso, o autor descreve as contribuições dos africanos, que foram trazidos forçadamente para o Brasil no processo da colonização, como culinária, linguagens, religiosidade.



No livro Colonização, Quilombos modos e significações, nas palavras do Nego Bispo, “optei por uma análise de caráter resolutivo no refazimento do percurso do início da colonização às atuais recolonizações das populações tradicionais contemporâneas [...] apresentar algumas possibilidades de convivência mais harmoniosa entre os diversos povos, a partir da confluência e da interlocução entre a perspectiva desenvolvimentista e as experiências da biointeração”(Santos, 2015, p. 20-21).